



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ - UFPI
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO - PRPG
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS - CCHL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DO BRASIL – PPGHB

CAMILA DE MACÊDO NOGUEIRA E MARTINS OLIVEIRA

**AS REPRESENTAÇÕES FEMININAS NA LITERATURA DE CLODOALDO
FREITAS**

TERESINA-PI
2019

CAMILA DE MACÊDO NOGUEIRA E MARTINS OLIVEIRA

**AS REPRESENTAÇÕES FEMININAS NA LITERATURA DE CLODOALDO
FREITAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Brasil, do Centro de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal do Piauí, para obtenção do grau de mestrado em História do Brasil.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Elizangela Barbosa Cardoso.

TERESINA-PI
2019

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas e Letras
Serviço de Processamento Técnico

O48r Oliveira, Camila de Macêdo Nogueira e Martins
As representações femininas na literatura de Clodoaldo
Freitas / Camila de Macêdo Nogueira e Martins Oliveira
– 2019.
215 f. : il.

Dissertação (Programa de Pós-Graduação em História do Brasil) –
Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2019.
“Orientação: Prof^a. Dr^a. Elizangela Barbosa Cardoso”.

1. Mulher - Literatura. 2. Representações Femininas. 3.
Clodoaldo Freitas. 4. Gênero. I. Título.

CDD: 869.09

CAMILA DE MACÊDO NOGUEIRA E MARTINS OLIVEIRA

**AS REPRESENTAÇÕES FEMININAS NA LITERATURA DE CLODOALDO
FREITAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Brasil, do Centro de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal do Piauí, para obtenção do grau de mestrado em História do Brasil.

Aprovada em ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a. Dr.^a. Elizangela Barbosa Cardoso - UFPI
Orientadora

Prof.^a. Dr.^a. Elizabeth Sousa Abrantes - UEMA
Examinadora Externa

Prof.^a. Dr.^a. Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz - UFPI
Examinadora Interna

Prof. Dr. Pedro Vilarinho Castelo Branco - UFPI
Suplente

À Hyaponira, que irradia amor e
alegria para todo o meu ser.

AGRADECIMENTO

Agradeço à minha esposa, que foi a minha primeira incentivadora para tentar a seleção de mestrado quando este sonho parecia não ser possível. Obrigada por ter estado ao meu lado e ter aguentado me ouvir falando sem parar sobre as minhas descobertas ao longo da pesquisa. Por acreditar nas minhas capacidades mesmo quando nem eu acreditava. Por ser um exemplo de responsabilidade, de paciência e de força para mim. Por cuidar de mim, por me fazer relaxar com uma piada boba nos momentos mais tensos. Por sentir orgulho de mim. Por saber me encher de confiança com um olhar ou por me lembrar do que eu parecia esquecer. Por ser tão perceptiva, conseguindo diminuir a dor das minhas angústias e exaltar as minhas conquistas. Obrigada por todos os dias estar ao meu lado e me fazer sentir tão amada e feliz.

Agradeço aos meus pais e ao meu irmão que me apoiaram e suportaram os períodos de ausência.

Agradeço ao Honácio, meu amigo de uma década, que me ajudou e me ensinou a corrigir o meu texto dissertativo com uma enorme solicitude, demonstrando por mim grandioso apreço.

Agradeço aos meus amigos Natasha, Rafael e João Batista que me inspiraram e me apoiaram a seguir o caminho da pós-graduação.

Obrigada ao Cláudio, por ter corrigido meu resumo e abstract.

Agradeço à minha professora e orientadora Elizangela Barbosa Cardoso, que com sua erudição tornava as aulas e orientações profundamente ricas em conceitos, leituras e chaves interpretativas. E por ter confiado no meu trabalho de pesquisa e nas aulas ministradas durante o estágio de prática docência.

Agradeço aos professores Johny Santana de Araújo, pelo apoio afetivo, Fábio Leonardo Castelo Branco Brito, pela disponibilidade, Pedro Vilarinho Castelo Branco, pelas contribuições com as aulas e na qualificação.

Agradeço ao coordenador do Programa, professor Francisco de Assis de Sousa Nascimento, pelo dedicado trabalho na coordenação e por ser muito amável e atencioso com as nossas necessidades como pós-graduandos.

Agradeço à Rairana Moreira Moita e à Dona Eliete que sempre foram muito prestativas na Coordenação do Programa.

Agradeço aos demais professores do programa, com os quais tive maior contato durante as reuniões do colegiado, por contribuírem para o desenvolvimento das pesquisas em nossa área.

Agradeço, com muito carinho e saudade, aos meus alunos do estágio docente, da disciplina História da Infância e da Juventude, no primeiro semestre de 2018. Vocês me proporcionaram uma experiência maravilhosa na docência, colaborando com o desenvolvimento das aulas por meio de excelentes discussões e interessantes questionamentos. Sintam-se abraçados e agradecidos nominalmente.

Agradeço aos meus colegas de turma, por terem contribuído para as aulas serem mais proveitosas, por terem contribuído para o aprimoramento da minha pesquisa.

Agradeço à Fernanda, amiga e colega da pós-graduação que me acompanhou nessa caminhada, trocando experiências e me reconfortando nas angústias e receios.

Agradeço ao Marcus, amigo e colega da pós-graduação que sempre foi muito solícito e paciente, apoiando-me e colaborando para o meu crescimento intelectual.

Agradeço à Stéfany, colega do mestrado, que me ensina a ser mais tolerante mesmo quando parece me ensinar o oposto.

Agradeço ao João, que numa solicitude sem fim leu para mim documentos que compunham uma das minhas fontes para a execução desta pesquisa.

Agradeço ao Cássio por ter seguido comigo e me auxiliado na representação discente.

Agradeço à Alessandra, pela disponibilidade em sempre ajudar.

Agradeço à professora Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz por, gentilmente, ter cedido parte das fontes utilizadas neste trabalho e por ter feito contribuições importantes para a minha pesquisa.

Agradeço ao Nino Dourado por sua solicitude ao disponibilizar material para a minha pesquisa.

Agradeço aos funcionários da Biblioteca Pública Benedito Leite, por terem providenciado material para minha pesquisa com uma inestimável presteza.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) por ter financiado a pesquisa.

RESUMO

Entre a segunda metade do século XIX e as primeiras décadas do século XX, os destinos das mulheres passaram a ser questionados devido às mudanças advindas do mundo moderno com o desenvolvimento do capitalismo. Tem-se, então, dessa época, uma representação abundante de figuras femininas nos textos literários, nas artes em geral, nos tratados médicos e religiosos, sejam eles de autoria masculina ou feminina. Partindo disso, esses autores buscaram compor uma taxonomia feminina com o intuito de definir o que era a mulher naquela sociedade, para, em última instância, manter a ordem do gênero. Com este objetivo, Clodoaldo Freitas (1855-1924), bacharel em direito, livre-pensador, jornalista e literato piauiense, escreveu sua prosa ficcional no início do século XX, centralizada, em grande medida, na figura feminina em aspectos concernentes ao amor, o casamento, a família burguesa, a maternidade e a religião. Esta pesquisa analisou como Clodoaldo Freitas representa as mulheres em parte de sua literatura. Para tanto, é necessário apresentar a trajetória de vida do literato a partir de sua família, sua formação educacional, sua atuação como bacharel, como jornalista, como literato, como marido e pai. Ao apresentar o literato e a sociedade de seu tempo, buscou-se compreender o que motivou sua escrita, para, após, deter-se por sobre as representações femininas na sua literatura. Para compor a análise dessas representações articuladas com a sociedade, foram criadas categorias de mulheres a partir das relações que essas exercem com as figuras masculinas dentro das narrativas, tais quais as de solteiras, amásias, casadas, adúlteras, entre outras, finalizando com uma reflexão a respeito da relação entre gênero, literatura e sociedade. O conjunto de fontes utilizadas nesta pesquisa foi composto por jornais, um processo de divórcio, textos literários de Clodoaldo Freitas, junto com bibliografia pertinente ao período e à temática. O referencial teórico que instrumentaliza a análise são os conceitos de representação (CHARTIER, 1991), gênero (JOAN SCOTT, 1990) e prática escriturística (CERTEAU, 1998).

PALAVRAS-CHAVE: Literatura; Representações Femininas; Clodoaldo Freitas; Gênero.

ABSTRACT

One started to question the fate of women between the latter half of the 19th century and the earlier decades of the 20th century due to changes that the modern world had been through with the development of capitalism. An abundant depiction of feminine figures was presented during that period by its literary texts, the arts in general, medical and religious treatises, being them either from male and female authorship. Such authors aimed at portraying a feminine taxonomy to define what women were in their society with the ultimate agenda of keeping the gender order. Therefore, in the early 20th century, Clodoaldo Freitas (1855-1924), a bachelor in Law, freethinker, journalist, and Piauiense literate, centered his fictional prose, to a great extent, on aspects of the feminine figure concerning love, marriage, the bourgeois family, motherhood, and religion. This research analyzed how Freitas represents women in part of his own literature. For that, one needed to present the writer's life trajectory from his family upbringing, his education, his professional performance as a man of laws, a journalist, and a literate, as well as his role as a husband and a father. By presenting the literate and the society of his time, one sought to understand what drove his writing to, then, focus on the female representations within Freitas' literature. In order to compose the analysis of such articulated representations with society, one created categories of women from their relationships with the male characters in the narratives, such as the singles ones, the mistresses, the married ones, the adulteresses, etc., finishing it with a reflection on the relations among gender, literature, and society. The set of sources used throughout this research covered newspapers, divorce proceedings, Clodoaldo Freitas' literary texts, as well as specific bibliography regarding the period and subject matter. The theoretical framework that conducted the analysis was based on the concepts of representation (CHARTIER, 1991), gender (JOAN SCOTT, 1990), and scriptural practice (CERTEAU, 1998).

KEYWORDS: Literature; Female Representations; Clodoaldo Freitas; Gender.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 CLODOALDO FREITAS: UMA TRAJETÓRIA DE VIDA.....	17
2.1 A família de Clodoaldo Freitas.....	17
2.2 A formação educacional de Clodoaldo.....	31
2.3 O Doutor Clodoaldo Freitas.....	41
2.4 Jornalismo e Política.....	46
2.5 Crônicas e Prosa Ficcional.....	57
2.6 Clodoaldo Freitas: O marido e o pai.....	76
3. REPRESENTAÇÕES FEMININAS NA LITERATURA DE CLODOALDO FREITAS.....	83
3.1 As solteiras.....	85
3.2 As preceptoras.....	95
3.3 Belas e civilizadas.....	101
3.4 As casadouras.....	107
3.5 As esposas.....	116
3.6 As ciumentas, as adúlteras e as assassinas.....	125
3.8 As mães.....	136
3.9 As beatas.....	147
3.10 As sáficas.....	156
3.11 As incestuosas.....	160
3.12 As escritoras.....	165
3.13 As feministas.....	178
3.14 A morte da mulher na literatura.....	190
3.15 Literatura e gênero.....	195
CONCLUSÃO.....	202
REFERÊNCIAS.....	204
FONTES.....	212

1 INTRODUÇÃO

O século XIX apresenta um momento histórico no qual aparecem novas perspectivas para a vida das mulheres. As mudanças advindas com a modernidade, como a afirmação do indivíduo e as profundas transformações culturais, sociais, econômicas e políticas deslocaram as mulheres na sociedade e provocaram novas configurações de gênero. Assim, as mulheres que transgrediram o espaço privado do lar produziram uma “nova mulher”, que foi longamente observada, teorizada e representada na literatura, nos tratados, nas artes e na sociedade em geral. E foram simbolizadas na figura de Nora de Ibsen, eternizada nos palcos dos teatros em todo o mundo Ocidental.¹

Não foi à toa que a personagem criada por Ibsen provocou um alvoroço na sociedade oitocentista ao representar a mulher deixando o lar, o marido e os filhos. A sociedade burguesa, com sua família moderna, demandava uma outra forma de mulher, voltada para a maternidade dedicada e amorosa, para o lar harmônico, onde na privacidade doméstica seria encontrada a felicidade conjugal. E o prenúncio de uma conquista de poder por parte das mulheres desestabilizava grande parte da sociedade ocidental da segunda metade dos oitocentos, incluindo também o literato piauiense Clodoaldo Freitas (1855-1924). A saída da mulher do recinto do lar representava o grande pesadelo de Clodoaldo Freitas e de muitos de seus contemporâneos.

Clodoaldo foi um bacharel piauiense no final do Império que se envolveu intensamente, também por meio da literatura, nas questões políticas, econômicas, sociais e culturais de seu tempo. Esse engajamento foi subsidiado, em grande medida, por sua formação na Faculdade de Direito de Recife – mais através do contato com as leituras extraclasse que traziam as novas ideias filosóficas e científicas que agitavam esse meio intelectual do que por meio das discussões e leituras curriculares² –, da qual se derivou parte da geração de Clodoaldo,

¹ HOBBSAWM, Eric. A nova mulher. In: HOBBSAWM, Eric. *A era dos impérios: 1875-1914*. 8.ed. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 2003. p. 271-306.

² QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República*. Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2011, p. 96-97. CHAVES, Monsenhor. Teresina: Apontamentos Biográficos e Outros. In: CHAVES, Monsenhor. *Obra completa*. Teresina: Fundação Municipal de Cultura Mons. Chaves, 2013. p. 415-639, p. 552.

composta por literatos-políticos³, os quais tomavam o papel em branco como terreno para a sua prática política via escrita, pautando a sociedade com o objetivo de mudá-la.⁴

Nos idos de novembro de 1904, Clodoaldo Freitas, em crônica sobre a Proclamação da República⁵, questiona-se sobre qual o papel que melhor lhe cabe, o de sentenciador da história ou o de simples cronista teatral⁶. A dúvida, recheada de sarcasmo, expressa o envolvimento do cronista, com os dramas políticos de seu tempo por meio da palavra escrita. Mediante a qual travou, principalmente por meio da imprensa política, intensas batalhas com seus opositores.

Contudo, não se ateuve apenas à política partidária ou à alta política⁷, como costumavam afirmar. Clodoaldo Freitas constituiu-se como um literato também preocupado com o cotidiano e com a nova família⁸ que se erguia, inclinando-se veementemente na busca por entender e construir o feminino. Portanto, o tema da pesquisa aqui apresentada consiste nas representações femininas na literatura. Este tema tem como recorte as representações femininas na literatura de Clodoaldo Freitas do início do século XX.

O problema que norteia a pesquisa é como o literato Clodoaldo Freitas representa as mulheres em sua literatura. Ou seja, como Clodoaldo constrói, pensa e lê as mulheres de sua sociedade. Quer dizer, como ele as classifica e delimita. Como as representações femininas em sua literatura traduzem as suas posições e interesses. Como as representações femininas na literatura de Clodoaldo descrevem o que ele pensa da sociedade e/ou como ele gostaria que ela se apresentasse.

O primeiro contato com a literatura de Clodoaldo Freitas me levou a observar as representações femininas em sua prosa ficcional. E, por conseguinte, a examinar quais tipos de mulheres possivelmente reais o literato dava a ver por meio de seu olhar sobre sua realidade, os quais informavam sua escrita. Essas indagações levaram a outras, que me aproximaram cada vez mais da teoria de representações de Chartier (1991) e da teoria de gênero de Scott (1990),

³ QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República*. Clodoaldo Freitas, Higinio Cunha e as tiranias do tempo. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2011, p. 166. SEVCENKO, Nicolau. O exercício intelectual como atitude política: os escritores cidadãos. In: SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1999. p. 78-118; FREYRE, Gilberto. Ascensão do bacharel e do mulato. In: FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos*. 15. ed. São Paulo: Global, 2004. p. 711-775.

⁴ CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 3. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998, p. 224-226.

⁵ FREITAS, Clodoaldo. A data nacional. In: FREITAS, Clodoaldo. *Em roda dos fatos*. Teresina: Senado Federal/APL, 2011. p. 83-87.

⁶ FREITAS, Clodoaldo. A data nacional. In: FREITAS, Clodoaldo. *Em roda dos fatos*. Teresina: Senado Federal/APL, 2011. p. 87.

⁷ SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 5-22, jul./dez. 1990, p. 8.

⁸ CASTELO BRANCO, Pedro. *Famílias e escritas: a prática dos literatos e as relações familiares em Teresina nas primeiras décadas do século XX*. 2005. Tese (Doutorado em História) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005a.

segundo a qual “temos que nos perguntar mais frequentemente como as coisas aconteceram para descobrir por que elas aconteceram”.⁹ Portanto, fez com que eu me distanciasse das buscas pelas origens únicas e tentasse analisar os processos.

Para entender como Clodoaldo Freitas elabora as mulheres em sua literatura, partiu-se da tríade circular elaborada por Chartier de representação, prática e apropriação, na qual a representação possibilitaria, na minha entrada para a pesquisa, adensar a tensão entre ausência e presença das mulheres na história do Brasil de final do século XIX e início do século XX.

Amoldando os conceitos de Chartier para o desenvolvimento da minha pesquisa, utilizei as definições de práticas como fundamentos para a apresentação e análise do modo como Clodoaldo Freitas se impôs no mundo. A prática da escrita de Clodoaldo Freitas o colocava como uma autoridade sobre o mundo, legitimava seu projeto reformador e justificava suas escolhas e condutas.¹⁰ Esse entendimento me direcionou para Michel de Certeau e sua discussão sobre a economia escriturística. A prática da escrita ou a prática escriturística, para me deter ao léxico certeauriano, apresentava-se na modernidade com um valor sagrado, que exerce um poder sobre a realidade da qual foi previamente distanciada.¹¹ A prática da escrita remete-se à realidade, da qual não tem como se apartar, com o intuito de mudá-la. Essa prática tem como função agir sobre o meio tanto pelo ato de categorizá-lo quanto pela imposição de regras e modelos elaborados textualmente.

Fechando o círculo de Chartier, a apropriação refere-se à forma como Clodoaldo Freitas assimila sua realidade, a partir de seu lugar no mundo, de sua formação, de suas leituras e de suas experiências. Portanto, a prática da escrita que constrói as representações femininas em sua prosa ficcional interfere na sociedade, e essas representações são também mediadas pela apropriação¹² que se faz das mulheres reais, compondo um círculo que não cessa de se formar. A apropriação, nesta pesquisa, se deteve mais na forma como o literato se apropriou de outras literaturas e como lia o seu mundo do que na recepção de sua literatura, devido à falta de fontes que subsidiassem uma análise mais rigorosa da apropriação de seus textos, sobretudo por parte das mulheres.

Apoiada nas teorias de Chartier e Certeau, a pesquisa se encaminhou para as definições de gênero. Embora seja um termo polissêmico, neste trabalho, gênero é um elemento que

⁹ SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 5-22, jul./dez. 1990, p. 20.

¹⁰ CHARTIER, Roger. *História cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 2002, p. 17.

¹¹ CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 3. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998, p. 224-225.

¹² CHARTIER, Roger. *História cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 2002, p. 24.

compõe as relações sociais, as quais são baseadas nas diferenças percebidas entre os sujeitos sexuados e constitui-se como base da organização da sociedade.¹³ Ou seja, as construções das relações sociais são alicerçadas nas diferenças que a sociedade percebe entre os sujeitos a partir das características sexuais, primárias e/ou secundárias. O gênero é, portanto, o elemento intrínseco dessas relações, as quais são hierárquicas em seu âmago.

Para o recorte temporal da pesquisa – definido pelo conjunto de fontes analisadas, que vão de meados do século XIX até a década de 1920 –, as relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sujeitos sexuados (portanto, o gênero) são definidas em torno das categorias homem e mulher, as quais, em nenhum momento, são fixas ou estáveis. O ser homem e o ser mulher, ou outras possíveis categorias sexuadas que englobem o gênero, estão em constante movimento, e era também esse movimento nas expressões e definições do gênero que provocava a prática escriturística de Clodoaldo Freitas, o qual intentava se impor sobre o seu mundo, disputando instâncias de poder.

O termo gênero refere-se ao modo como a coletividade se organiza a partir das diferenças que percebe entre os sujeitos sexuados. As sociedades ocidentais dos séculos XVIII e XIX se organizavam a partir de duas categorias pautadas nas diferenças sexuais percebidas: homens e mulheres – embora a própria percepção da diferença já fosse marcada pelo gênero.¹⁴ Impregnadas pela visão Aristotélica das funções opostas de homens e mulheres, ainda que sob outras fundamentações epistemológicas, as duas categorias eram definidas a partir da percepção da natureza sexual humana, ou seja, por meio das diferenças da anatomia sexual entre macho e fêmea. O sexo masculino formaria o homem, definido como o sexo forte, e o sexo feminino formaria a mulher, definida como o sexo fraco. Cada um com funções opostas, mas voltadas para um objetivo em comum.¹⁵

A um sexo fê-lo mais forte e ao outro mais débil, para que o receio levasse este a ser mais cauteloso e a coragem desse àquele a força para repelir os ataques; para que um buscasse o sustento fora de casa e o outro zelasse pelo que existe no seu interior. Quanto ao trabalho, tornou um sexo mais propenso à vida sedentária e sem força para as tarefas ao ar livre; ao outro, fê-lo menos apto para a quietude, mas bem constituído para atividades agitadas. E quanto à descendência, ambos participam na procriação, mas cada um lhes presta uma função própria: a elas compete a alimentação, a eles a educação.¹⁶

¹³ SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 5-22, jul./dez. 1990, p. 21

¹⁴ LAQUEUR, Thomas. *Inventando o sexo: Corpo e gênero dos gregos à Freud*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001, p. 189-240.

¹⁵ LAQUEUR, Thomas. *Inventando o sexo: Corpo e gênero dos gregos à Freud*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001, p. 44-45.

¹⁶ ARISTÓTELES. *Os econômicos*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2004, p. 39.

Contudo, as transformações culturais das sociedades ocidentais, tanto nas regiões centrais quanto nas periféricas, nesses dois séculos, foram sentidas, inevitavelmente, também quanto ao gênero. E, ao passo que os papéis tradicionais passavam a ser reformulados, também voltavam a ganhar força na reconfiguração da sociedade em traços modernos. As funções das mulheres nas sociedades modernas passavam a ganhar importância e elevavam o *status* delas na sociedade, entretanto, ainda vinculadas aos encargos tradicionais a elas destinados desde os primórdios das sociedades patriarcais, entre eles a função abnegada da maternidade, que nesse período reitera-se em bases científicas.

O objetivo do trabalho é analisar as representações femininas na literatura ficcional de Clodoaldo Freitas. Isto é, analisar como esse literato define as mulheres e constrói o gênero por meio de sua escrita. Para elaborar uma análise da literatura de Clodoaldo é necessário compreender quem ele era e qual seu contexto de vida, que o possibilitou e o motivou a escrever seus textos de determinado modo.¹⁷ Para tanto, enuncia-se uma trajetória de vida do literato com o intuito de: situá-lo em sua família, elemento fundamental para sua formação de escritor e homem moderno; inserir sua formação educacional e parte do seu modo de enxergar o mundo e representá-lo; demonstrar seus percursos profissionais; apresentar sua escrita nos jornais, articulada com a política institucional; identificar o seu envolvimento literário e sua produção de crônicas e prosa ficcional; e apresentar sua experiência como marido e pai também a partir da escrita. Após essa enunciação da trajetória de vida do autor, parte-se, propriamente, para as análises de sua literatura.

Para compor as análises das representações femininas na literatura de Clodoaldo Freitas, produzidas, sobretudo, no início do século XX, foram criadas categorias analíticas dessas figuras femininas, definidas com base nas relações que mantêm com as figuras masculinas dentro das narrativas por meio do amor, da instituição do casamento, das relações conjugais, da família, da maternidade, da escrita e do feminismo. Portanto, embora se analise o gênero a partir das representações femininas na literatura de Clodoaldo, as mulheres não foram isoladas dos homens, pois o gênero é compreendido como uma categoria relacional. Gênero não existe a partir de um único elemento, homem ou mulher por exemplo, só existe na relação entre os sujeitos hierarquicamente construídos. Logo, a classificação das imagens das mulheres na literatura analisada de Clodoaldo Freitas se articula com as representações masculinas nela inseridas, embora essas últimas não sejam o foco da análise, surgindo apenas quando são

¹⁷ GAY, Peter. *Represálias selvagens: realidade e ficção na literatura de Charles Dickens, Gustave Flaubert e Thomas Mann*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 13.

pertinentes para compor as análises dos objetos em questão, que são as representações femininas.

Quanto aos procedimentos metodológicos em relação às fontes literárias, cumpre analisá-las em seu contexto, buscando a apreensão dos propósitos para sua produção, relacionando-as a outros textos, suas localizações, seus destinos e seus canais de difusão.¹⁸ A análise literária não ocorre de forma isolada na segunda parte, pois, assim como a conexão entre a primeira e segunda parte se apoia na apresentação da escrita – no primeiro momento com as condições de produção desse literato e de sua escrita e no segundo momento com a análise interna do texto escrito –, a literatura é articulada com a sociedade, apoiada na bibliografia sobre o período.

É importante destacar a centralidade da literatura na cultura brasileira. Enquanto a filosofia tinha um papel importante na Alemanha e na França – também propagada via literatura –, no Brasil, o que se sobressaiu culturalmente foi a literatura. No recorte desta pesquisa, que abrange a segunda metade do século XIX e início do século XX, os jornais compunham o espaço de circulação literária por excelência. E a literatura, para os engajados, envolvia “uma tomada de posição, crítica e ideológica, do escritor diante da realidade.”¹⁹ Enquanto os românticos de meados do século XIX representavam o mundo aliando utopia e imitação da realidade, Clodoaldo Freitas, embora flertasse com o romantismo, aproximava-se mais do realismo-naturalismo, motivado pelo desenvolvimento do positivismo científico, que tomou a literatura oitocentista no avançar para o século XX.

Para a apresentação de Clodoaldo Freitas, foram utilizadas biografias produzidas sobre ele, sobretudo a obra de Queiroz, que tratou a respeito de sua atividade política como literato na Primeira República. Quanto à análise das obras literárias, essa pesquisa é tributária de inúmeros estudos feitos em torno de sua vultosa produção, relacionada aos mais variados temas, como casamento e amor,²⁰ escrita e família,²¹ historiografia,²² masculinidades,²³ amor e

¹⁸ FERREIRA, Antônio Celso. Literatura. A fonte fecunda. In: LUCA, Tania Regina de; PINSKY, Carla Bassanezi (org.). O Historiador e suas fontes. São Paulo: Contexto, 2013. p. 61-92, p. 64.

¹⁹ FERREIRA, Antônio Celso. Literatura. A fonte fecunda. In: LUCA, Tania Regina de; PINSKY, Carla Bassanezi (org.). O Historiador e suas fontes. São Paulo: Contexto, 2013. p. 61-92, p. 66.

²⁰ CARDOSO, Elizangela Barbosa. *Identidades de gênero, amor e casamento em Teresina: 1920-1960*. 2010. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

²¹ CASTELO BRANCO, Pedro. *Famílias e escritas: a prática dos literatos e as relações familiares em Teresina nas primeiras décadas do século XX*. 2005. Tese (Doutorado em História) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005a.

²² GUTEMBERG, Paulo. *História e identidade*. As narrativas da piauiensidade. 2008. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2008.

²³ CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. *História e masculinidades*. Teresina: EDUFPI, 2008.

desejo,²⁴ que contribuíram para a formulação das análises das representações femininas. Pois, embora esses trabalhos não apresentassem as representações femininas como seu tema central, ainda assim tangenciavam por elas.

Nesta pesquisa, as categorias nas quais foram inseridas as figuras das mulheres representadas na literatura de Clodoaldo totalizam treze (13). São elas: solteiras; preceptoras; belas e civilizadas; casadouras; esposas; ciumentas; adúlteras e assassinas; mães, beatas; sáficas; incestuosas; escritoras e feministas. Em seguida, faz-se uma análise da morte da mulher na literatura de Clodoaldo e uma conexão entre literatura, gênero e sociedade.

Conquanto as fontes literárias de Clodoaldo Freitas selecionadas para análise se configurem a partir de cenas da vida privada, criando personagens muito próximos da realidade e autobiografando muito em sua escrita, a literatura ainda assim é uma ficção, uma criação imaginativa. Portanto, não se configura como um espelho da realidade. Seria, no máximo, um espelho que distorce a realidade. Desse modo, o conhecimento produzido tomando como fonte principal a literatura é um conhecimento menos aproximativo que o conhecimento derivado de análises de documentos históricos tradicionais, de documentação primária. Afinal, a literatura pode ser lida de várias formas: como um instrumento de prazer civilizado, como uma referência para aperfeiçoamento pessoal ou como um documento que abre portas para sua cultura.²⁵

Para compor a pesquisa envolvida em torno de tão novos elementos abertos para a História como ciência, introduzidos nessa perspectiva pela Nova História Cultural,²⁶ foram feitas análises bibliográficas sobre a história das mulheres que informassem sobre as questões abordadas por Clodoaldo em sua literatura. Além disso, foram coletados e analisados jornais e revistas, em busca de localizar informações sobre o literato, sua parentela, seus textos e sobre as mulheres de seu tempo. Utilizou-se também o processo de divórcio da mãe do literato de 1863. O *corpus* literário analisado de Clodoaldo Freitas foi coletado a partir da organização e publicação póstuma de livros com seus contos, novelas e romance,²⁷ acrescentados por suas crônicas e outros textos localizados em cadernos de Clodoaldo Freitas no Arquivo Público do Estado do Piauí, também denominado de Casa Anísio Brito.

²⁴ COSTA, Mara. *A escrita e o desejo: as relações de gênero na produção literária de Clodoaldo Freitas*. 2010. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2010.

²⁵ GAY, Peter. *Represálias selvagens: realidade e ficção na literatura de Charles Dickens, Gustave Flaubert e Thomas Mann*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 8.

²⁶ Peter burke, fontes históricas. FERREIRA, Antônio Celso. *Literatura. A fonte fecunda*. In: LUCA, Tania Regina de; PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *O Historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 61-92.

²⁷ A prosa ficcional de Clodoaldo Freitas está em parte publicada em formato de livro, pesquisado, organizado e publicado por Teresinha Queiroz nos anos 2000.

O trabalho se estrutura em duas partes. A primeira apresenta aspectos da vida de Clodoaldo Freitas no que concerne à sua família, seus estudos, sua atuação como bacharel em Direito, sua produção jornalística vinculada à política, suas crônicas e prosa ficcional e seu papel como marido e como pai. A segunda parte examina as representações femininas inseridas nas classificações criadas para a composição das análises, sendo treze tipos femininos seguidos de dois itens que compõem uma observação sobre a morte da mulher na literatura analisada e sobre a relação entre literatura, gênero e sociedade.

2 CLODOALDO FREITAS: UMA TRAJETÓRIA DE VIDA

2.1 A família de Clodoaldo Freitas

Clodoaldo Severo Conrado de Freitas nasceu no dia sete (07) de setembro de 1855, em Oeiras na Província do Piauí, “entre morros e agrestes edificadas,”²⁸ na casa onde morou seu tio,²⁹ o padre José Dias de Freitas.³⁰ Filho de Antônia Rosa Dias de Freitas e de Belisário José da Silva Conrado, Clodoaldo passou a primeira infância no centro da Província do Piauí, entre Oeiras e Jaicós.³¹

A família materna de Clodoaldo, os Dias de Freitas, figurava como um grupo de elite na segunda metade do século XIX nas Províncias piauiense e maranhense. Era formada por fazendeiros, comerciantes,³² magistrados, professores, clérigos, bacharéis, militares, políticos e funcionários públicos.³³ Seu avô materno era o capitão Antônio Manuel de Freitas Fragoso³⁴ e sua avó, D. Raimunda Dias Ferreira.³⁵ Um dos sobrinhos de seu avô era José Manuel de Freitas,³⁶ o afamado Desembargador Freitas.

A família de seu pai, os Silva Conrado, também pertencia a um grupo distinto no Piauí do período, composto, em grande parte, por médicos, bacharéis em direito, professores e militares. Seu avô paterno foi o capitão Francisco José da Silva Conrado³⁷ e seu tio Annibal

²⁸ FREITAS, Clodoaldo. *História de Teresina*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1988, p. 11.

²⁹ CUNHA, Higinio. Clodoaldo Freitas: sua vida e sua obra. *Revista da Academia Piauiense de Letras*, Teresina, ano 7, p. 28-57, dez. 1924, p. 29.

³⁰ José Dias de Freitas era irmão de Dona Antônia Rosa Dias de Freitas, mãe de Clodoaldo. Além da atividade eclesiástica, era político e professor de latim e francês na cidade de Oeiras, antiga capital da Província do Piauí. CÂMARA de Oeiras. *A Imprensa*. Teresina, ano 4, n. 181, 13 jan. 1869. GOVERNO da Província. *A Imprensa*, Teresina, ano 2, n. 67, 3 nov. 1866.

³¹ CUNHA, Higinio. Clodoaldo Freitas: sua vida e sua obra. *Revista da Academia Piauiense de Letras*, Teresina, ano 7, p. 28-57, dez. 1924, p. 30.

³² FREITAS, Clodoaldo. O desembargador José Manuel de Freitas. In: FREITAS, Clodoaldo. *Vultos piauienses*. 3. ed. Teresina: Academia Piauiense de Letras/ EDUFPI, 2012. p. 9-45, p. 11.

³³ QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República*. Clodoaldo Freitas, Higinio Cunha e as tiranias do tempo. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2011, p. 77-78.

³⁴ Escrivão de paz em Oeiras, em 1842.

³⁵ FREITAS, Clodoaldo. O desembargador José Manuel de Freitas. In: FREITAS, Clodoaldo. *Vultos piauienses*. 3. ed. Teresina: Academia Piauiense de Letras/ EDUFPI, 2012. p. 9-45, p. 10.

³⁶ José Manuel de Freitas (1832-1887) nasceu em Jerumenha no Piauí e faleceu em Recife (PE). Foi magistrado, político e jornalista. Fundou o jornal *A Imprensa* (1865-1889), pondo-se como uma das lideranças do Partido Liberal nas décadas de 1860 a 1880. Foi vice-presidente da Província do Piauí, na década de 1860, e Presidente das Províncias do Maranhão e Pernambuco, na década de 1880. Segundo a historiografia foi o primeiro magistrado a recusar aplicação de castigo corporal ao escravo. Aposentou-se como Desembargador. QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República*. Clodoaldo Freitas, Higinio Cunha e as tiranias do tempo. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2011, p. 77. GONÇALVES, Wilson Carvalho. *Dicionário histórico-biográfico piauiense: 1718-1993*. 2ed. Teresina: Gráfica e Editora Junior, 1993, p. 122. FREITAS, Clodoaldo. O desembargador José Manuel de Freitas. In: FREITAS, Clodoaldo. *Vultos piauienses*. 3. ed. Teresina: Academia Piauiense de Letras/ EDUFPI, 2012, p. 9-45.

³⁷ QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República*. Clodoaldo Freitas, Higinio Cunha e as tiranias do tempo. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2011, p. 77.

José da Silva Conrado foi subdelegado de polícia³⁸ e capitão da Guarda Nacional,³⁹ enquanto que seus tios Antônio José da Silva Conrado e Henrique José da Silva Conrado foram tenentes honorários do exército.⁴⁰ Um dos seus tios mais novos, Soter José da Silva Conrado, foi alferes da Guarda Nacional, nomeado escrivão provincial de Teresina no final da década de 1870. O pai de Clodoaldo, Belisário José, inseria-se na camada média da sociedade, formada por educadores e funcionários públicos, sendo oriundo de famílias possuidoras de recursos razoáveis.⁴¹ Seus tios paternos garantiam importância social ao adentrarem nos quadros da burocracia imperial e na Guarda Nacional, que os vinculavam aos potentados locais que disputavam poder.

Em relação à Guarda Nacional, essa surgiu com a ideia de se apresentar como uma milícia cidadã. Todavia, na segunda metade do século XIX, existia como uma milícia eleitoreira,⁴² vinculada aos mandatários locais que detinham o poder pelo uso da violência de forma paralela ao Estado.⁴³ Portanto, a Guarda Nacional funcionava como um dos instrumentos de poder dos chefes locais, ligada ao Ministério da Justiça. Seus membros estavam protegidos pelo poder e prestígio desses potentados locais.⁴⁴ Seu oficialato era composto por membros da aristocracia agrária e das camadas médias que nela adentravam tendo em vista a distinção social e a manutenção de suas propriedades.

Os Silva Conrado estavam também associados ao Partido Liberal, vinculação que garantia tanto vantagens como desvantagens para seus membros, pois, quando o grupo opositor – Partido Conservador – subia ao poder, os grupos familiares que passavam, então, a fazer parte da oposição, vinculados aos Liberais, perdiam espaço e promoções nas carreiras que seguiam.⁴⁵ As disputas entre os grupos políticos rivais, representados pelo Partido Liberal e pelo Partido Conservador, configuravam verdadeiros campos de batalha da política imperial e, com novos

³⁸ PUBLICAÇÕES Pedidas. *A Imprensa*. Teresina, ano 3, n. 138, 14 mar. 1868.

³⁹ NOTICIÁRIO. *A imprensa*. Teresina, ano 4, n. 170, 24 out. 1868.

⁴⁰ GOVERNO da Província. *A Imprensa*. Teresina, ano 3, n. 146, 9 maio 1868. PUBLICAÇÕES Gerais. *A Imprensa*. Teresina, ano 4, n. 186, 17 fev. 1869.

⁴¹ ARAÚJO, Johny. *Bravos do Piauí! Orgulhai-vos. Sois dos mais bravos batalhões do Império: a propaganda nos jornais piauienses e a mobilização para a guerra do Paraguai (1865-1866)*. 2009. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009, p. 124.

⁴² ARAÚJO, Johny. *Bravos do Piauí! Orgulhai-vos. Sois dos mais bravos batalhões do Império: a propaganda nos jornais piauienses e a mobilização para a guerra do Paraguai (1865-1866)*. 2009. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009, p. 54.

⁴³ ARAÚJO, Johny. *Bravos do Piauí! Orgulhai-vos. Sois dos mais bravos batalhões do Império: a propaganda nos jornais piauienses e a mobilização para a guerra do Paraguai (1865-1866)*. 2009. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009, p. 126.

⁴⁴ ARAÚJO, Johny. *Bravos do Piauí! Orgulhai-vos. Sois dos mais bravos batalhões do Império: a propaganda nos jornais piauienses e a mobilização para a guerra do Paraguai (1865-1866)*. 2009. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009, p. 182.

⁴⁵ SERÁ Exacto?. *A Imprensa*. Teresina, ano 7, n. 314, 27 jul. 1871. FREITAS, Clodoaldo. *Os fatores do coelhado*. Teresina: Tipografia do Democrata, 1892, p. 101-102.

nomes e arranjos, também da política republicana no Piauí.⁴⁶ Por meio das disputas políticas, os homens podiam dar mostras de seus atributos viris na administração pública e no jornalismo, através dos jornais *A Imprensa*, *O Piauí* e *A Época*, o primeiro liberal e os dois últimos conservadores.⁴⁷

Nessa sociedade oitocentista imersa entre o mundo rural, vilas e pequenas cidades, as funções de destaque dos homens de elite se vinculavam à propriedade da terra, nas fazendas – em meio às atividades econômicas da região, como a pecuária, monoculturas e lavouras – nas carreiras de oficiais militares, sacerdotais e na burocracia imperial, há muito prestigiadas, acrescentadas às funções no magistério. Esses homens de elite visavam a garantia de sua família predominando nos cargos de comando do Império e nos postos mais bem remunerados por meio da formação superior de seus membros do sexo masculino, sobretudo como bacharéis.

Clodoaldo Freitas é oriundo de famílias letradas do século XIX. Sua família, tanto do lado materno quanto paterno, já se configurava aos moldes burgueses desde os primórdios dos oitocentos, atrelada às letras, à ilustração e à prestação de serviços para os governos. Esta configuração familiar não representava o padrão de famílias no Piauí, ainda muito assentado nas relações com a terra, envoltas no mundo rural e iletrado. Por conta disso, Clodoaldo foi inserido no seletor mundo da escrita desde muito cedo na segunda metade do século XIX. Sua mãe foi professora primária, seu pai, além de ministrar aulas, foi funcionário da burocracia provincial e rábula.⁴⁸ Clodoaldo foi influenciado e protegido por cultas figuras de sua família ao longo de toda vida. As letras lhe apareciam como um caminho para se firmar no mundo e como um meio para modificá-lo.

É no final da década de 1820 que são criados, no Brasil, cursos de formação de bacharéis, denominados de Cursos de Ciências Jurídicas e Sociais, um em São Paulo e outro em Olinda – no qual o curso em Pernambuco passa a concentrar os estudantes provenientes das elites do Norte do país – que foi posteriormente transferido para Recife. Esses cursos objetivavam a formação e consolidação do Estado Nacional recém independente e a construção político-cultural e ideológica do Império.⁴⁹ Em meados do século XIX, o poder da aristocracia rural passa a ser deslocado cada vez mais para o controle do Estado por meio da figura do

⁴⁶ FREITAS, Clodoaldo. *Os fatores do coelhado*. Teresina: Tipografia do Democrata, 1892, p. 101-102.

⁴⁷ QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República*. Clodoaldo Freitas, Higinio Cunha e as tiranias do tempo. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2011, p. 301.

⁴⁸ Pessoa que advoga sem a formação em Direito.

⁴⁹ AVELINO, Jarbas. *As escritas dos bacharéis: A ciência e o direito como mediadores para a construção de uma sociedade republicana*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Piauí: Teresina, 2010, p. 21.

bacharel. E a manutenção de prestígio e poder familiar se dava pela inserção de seus membros na formação bacharelesca.⁵⁰

Até a primeira metade do século XIX, a Igreja exercia, em nome do Estado, inúmeras funções civis. Os clérigos, instituídos de autoridade civil e religiosa no Império brasileiro sob as obrigações do padroado,⁵¹ eram responsáveis, em grande medida, pela educação, saúde e assistência pública. Eram os padres que organizavam a lista de eleitores locais e faziam o cadastro das terras.⁵² Somente os homens podiam compor o clero católico, e – em uma sociedade marcada pela forte religiosidade católica, assentada na hierarquia proveniente do sistema escravista, latifundiário, em meio às rústicas atividades econômicas ligadas à pecuária extensiva e ao cultivo do algodão para exportação⁵³ – as famílias de elite sabiam direcionar seus membros para os quadros da Igreja, visando à manutenção de seu domínio local, tanto do ponto de vista econômico quanto social e cultural.⁵⁴

Nos oitocentos, os homens se distinguiam das mulheres, para além da manutenção do monopólio do poder institucional em suas mãos, também pela exibição de força e coragem, estabelecida pelo pertencimento aos quadros militares, com destaque para as altas patentes de oficiais.⁵⁵ Como na segunda metade do século XIX o Brasil se consolidava como Nação, o século dos grandes Impérios marcou profundamente a formação das masculinidades, reatualizadas em seu vínculo com as armas e com as guerras.⁵⁶ Pois, a consagração de um projeto nacional se efetuava a partir da deflagração de uma guerra e sua consequente vitória, que cobriria de glórias os heróis que dela regressassem com vida ou que por ela morressem.⁵⁷

A formação de uma reputação militar se constituía como um dos papéis masculinos exigidos aos homens nos oitocentos.⁵⁸ Em fins de 1864, a crise no rio da Prata enfrentada pelo

⁵⁰ FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. 15. ed. São Paulo: Global, 2004, p. 725.

⁵¹ O Padroado foi reafirmado na Constituição de 1824 pós independência, confirmando a Religião Católica como a oficial do Estado Imperial e manteve a paróquia como unidade administrativa básica. Exigindo, para tanto, que a Igreja fosse submissa ao Estado. MATTOSO, Kátia. *Bahia, século XIX: Uma Província no Império*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1992, p. 297.

⁵² MATTOSO, Kátia. *Bahia, século XIX. Uma Província no Império*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1992, p. 302.

⁵³ QUEIROZ, Teresinha. *Economia piauiense: da pecuária ao extrativismo*. Teresina: APeCH/UFPI, 1993, p. 11.

⁵⁴ QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República*. Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2011, p. 253.

⁵⁵ PUBLICAÇÕES Gerais. *A imprensa*. Teresina, ano 4, n. 186, 17 fev. 1869.

⁵⁶ IZECKSOHN, Vitor. Quando era perigoso ser homem. In: PRIORE, Mary del; AMANTINO, Márcia. (org.). *História dos homens no Brasil*. São Paulo: Editora Unesp, 2013. p. 267-297, p. 267.

⁵⁷ ARAÚJO, Johny Santana de. *Bravos do Piauí! Orgulhai-vos. Sois dos mais bravos batalhões do Império: a propaganda nos jornais piauienses e a mobilização para a guerra do Paraguai (1865-1866)*. Tese (Doutorado). Universidade Federal Fluminense: Niterói, 2009, p. 115.

⁵⁸ BARMAN, Roderick. *Princesa Isabel do Brasil: gênero e poder no século XIX*. Tradução de Luiz Antônio Oliveira Araújo. São Paulo: Editora UNESP, 2005, p. 110.

Brasil foi marcada pela invasão paraguaia à província do Rio Grande do Sul, tomada “como uma afronta à honra da nação”⁵⁹ e à honra do próprio Imperador D. Pedro II. Nesse período, a figura masculina preservava e reafirmava sua virilidade também na garantia de inviolabilidade de seu território, defendendo, com a vida, a soberania da Nação, da família e de seu lar. Assim, Alceu José da Silva Conrado, tio paterno de Clodoaldo, sacrificou sua vida à serviço do país, compondo o 24º Batalhão de Voluntários na Guerra contra o Paraguai. Alceu Conrado, junto com outros piauienses, teve “atuação destacada na sangrenta batalha *Tuiuti*, em 24 de maio de 1866,”⁶⁰ da qual o Brasil saiu vitorioso.⁶¹ Belisário José da Silva Conrado, pai de Clodoaldo, figurou, também, como um herói da Guerra do Paraguai.⁶²

Já as mulheres da família Dias Freitas e da família Silva Conrado compunham a chamada “flor da sociedade”⁶³ (distintas senhoras das famílias de elite da Província do Piauí). De modo distinto dos homens, o *status* das mulheres na sociedade estava vinculado à sua filiação e/ou casamento e ao seu comportamento recatado, necessário à manutenção do bom nome e da honra de sua família. A condição econômica privilegiada e a “pureza racial” conferiam distinção a essas mulheres, visto que a vinculação à etnia escravizada do país ou nativa era sinal de desprestígio social, à qual era afigurada pelas características fenotípicas da pele e das feições do corpo, ou seja, quanto mais escura a cor da pele e mais distintas dos europeus fossem as feições corporais, menos valor social possuíam.⁶⁴

Ademais, as mulheres na família de Clodoaldo Freitas distinguiam-se por serem professoras primárias. A avó paterna de Clodoaldo, Ana Leonor Ferreira da Silva Conrado, era filha do cirurgião-mor José Luís da Silva, primeiro médico a se instalar no Piauí.⁶⁵ As filhas de D. Leonor, as tias paternas de Clodoaldo, eram D. Maria José da Silva Conrado,⁶⁶ esposa do negociante Antônio Gomes de Campos, e D. Rosina Augusta da Silva Conrado, professora de primeiras letras do 2º distrito de Teresina.

⁵⁹ BARMAN, Roderick. *Princesa Isabel do Brasil: gênero e poder no século XIX*. Tradução de Luiz Antônio Oliveira Araújo. São Paulo: Editora UNESP, 2005, p. 110.

⁶⁰ CHAVES, Monsenhor. Teresina: Subsídios para a história do Piauí. CHAVES, Monsenhor. *Obra completa*. Teresina: Fundação Municipal de Cultura Mons. Chaves, 2013. p. 23-146, p. 107.

⁶¹ CHAVES, Monsenhor. Teresina: Subsídios para a história do Piauí. CHAVES, Monsenhor. *Obra completa*. Teresina: Fundação Municipal de Cultura Mons. Chaves, 2013. p. 23-146, p. 108.

⁶² CHAVES, Monsenhor. Teresina: Apontamentos Biográficos e Outros. CHAVES, Monsenhor. *Obra completa*. Teresina: Fundação Municipal de Cultura Mons. Chaves, 2013. p. 415-639, p. 552.

⁶³ A Imprensa. *A Imprensa*. Teresina, ano 3, n. 150, 6 jun. 1868.

⁶⁴ MORAIS, Francilene. *Sociedade e Família: um estudo dos casamentos em Barras (PI) de 1889 a 1930*. 2017. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2017, p. 76.

⁶⁵ QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República*. Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2011, p. 77.

⁶⁶ A IMPRENSA. *A imprensa*. Teresina, ano 6, n. 286, 2 fev. 1871.

As mulheres de elite no século XIX, tanto no Piauí como em grande parte do país, estavam, em sua maioria, restritas ao espaço doméstico.⁶⁷ Apesar de estarem apartadas da esfera pública e não serem consideradas cidadãs, as mulheres de elite participavam ativamente da economia e da cultura local através de suas atividades domésticas e religiosas. Os cuidados com a alimentação e vestuário dos escravos eram responsabilidades delegadas às mulheres, bem como o zelo para com os filhos, os ensinamentos religiosos e leituras de histórias bíblicas.⁶⁸ Também era de responsabilidade feminina a fiscalização do trabalho das mucamas, o controle das refeições, o funcionamento da cozinha, a acomodação das camas, parte da confecção e cuidado das roupas, a produção e/ou prescrição de remédios caseiros e de produtos de necessidade básica, como os sabões.⁶⁹

Da população letrada da província do Piauí nos oitocentos, menos da metade era composta por mulheres. As primeiras letras eram ensinadas por professores particulares nas casas das famílias de elite ou nas aulas públicas ministradas também nos lares, realizadas, sobretudo, pelos padres.⁷⁰ Provavelmente, a mãe e as tias paternas de Clodoaldo tiveram aulas em casa, junto com seus irmãos que seriam encaminhados para o ingresso nas carreiras militares, bacharelescas ou sacerdotais. Com esse capital educacional, elas puderam exercer o magistério de primeiras letras em Teresina e no interior da Província.

Em Teresina, as aulas de instrução primária regidas por D. Rosina Conrado, tia paterna de Clodoaldo, eram oferecidas a uma turma de 60 alunas, onde se ensinava leitura, escrita e trabalhos de agulha.⁷¹ Bastante procurada pelos pais que buscavam a formação de suas filhas, a professora ainda “recebia meninas em sua casa, dando-lhes comida, casa, roupa lavada e engomada, e utensílios de mesa, mediante a quantia de 20\$000 réis mensais”.⁷² Em 1875, D. Ana Leonor, mãe de D. Rosina e avó paterna de Clodoaldo Freitas, provavelmente já viúva e tendo que prover sua família, instalou “em Teresina um internato para meninas cujos pais não residissem na capital”.⁷³ E ainda se utilizou da boa imagem de sua filha, que era professora

⁶⁷ FALCI, Miridan. Mulheres do sertão nordestino. In: PRIORE, Mary del. *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013, p. 251.

⁶⁸ Quando eram letradas.

⁶⁹ PRIORI, MARY DEL. *Condessa de Barral: a paixão do Imperador*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008, p. 22-23.

⁷⁰ FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. 15. ed. São Paulo: Global, 2004, p. 714.

⁷¹ DOCUMENTOS Officiaes. *A Imprensa*. Teresina, ano 15, n. 614, 18 out. 1879.

⁷² ENSINO do Sexo Feminino. *A imprensa*. Teresina, ano 5, n. 248, 18 maio 1870.

⁷³ QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República: Clodoaldo Freitas, Higinio Cunha e as tiranias do tempo*. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2011, p. 83.

nesta capital, para garantir excelência na prestação do serviço, prometendo cuidar das educandas como se fossem suas próprias filhas.⁷⁴

O ofício de professora de primeiras letras possibilitava a essas mulheres provenientes de famílias de elite empobrecidas manterem um médio padrão de vida e resguardarem o nome familiar com um trabalho remunerado considerado honrado. Pois, o ofício de professora primária conferia às mulheres uma distinção social.⁷⁵ A primazia das mulheres da família de Clodoaldo como professoras primárias é evidenciada tendo em vista que a ocorrência da feminização do magistério só ocorreu posteriormente, apenas no início do século XX, sobretudo a partir de sua segunda década.⁷⁶ Nos oitocentos o número de professoras primárias era, ainda, muito diminuto, o que lhes revestia de uma proeminência social local.

Desde o final da década de 1820, já havia legislação que determinava o estabelecimento das escolas públicas nas regiões mais populosas do Império. Onde a formação educacional constituía-se no aprendizado da leitura, escrita, operações matemáticas básicas e na doutrina cristã. Diferindo na formação de meninas e meninos, havia o aprendizado de bordado e costura para elas e noções de geometria para eles.⁷⁷ As professoras das meninas deveriam ser “pessoas de moral inatacável e suas casas ambientes decentes e saudáveis.”⁷⁸ Essa função possibilitava trabalho digno e remuneração para as mulheres de famílias de elite que, porventura, ficassem desamparadas pela viuvez precoce e perda precoce dos filhos que pudessem sustentá-la, como foi o caso da avó paterna de Clodoaldo. No final de 1868, D. Ana Leonor enviuvou de seu marido e menos de um mês depois perdeu seu filho Annibal, que era arrimo de família.⁷⁹

Não obstante os baixos salários pagos às professoras e as dificuldades de controle da renda com o internato, as poucas mulheres nesses ofícios se destacavam devido à sua atuação no magistério, mantendo, assim, sua honra e distinção mesmo quando precisavam lutar pela subsistência, o que não costumava ser para as mulheres brancas um sinal de distinção, pelo contrário, a mulher trabalhar para sustentar a si e à sua família era visto como sinal de empobrecimento familiar. Outro modo de participação feminina na vida social fora do lar se

⁷⁴ QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo*. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2011, p. 83.

⁷⁵ TELLES, Norma. Escritoras, escritas e escrituras. In: PRIORE, Mary del. (org.). *História das mulheres no Brasil*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2013. p. 401-442, p. 410-413.

⁷⁶ QUEIROZ, Teresinha. *Educação no Piauí: 1880-1930*. 2 ed. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 2017, p. 73.

⁷⁷ LOURO, Guacira Lopes. Mulher na sala de aula. In: PRIORE, Mary del. (org.). *História das mulheres no Brasil*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2013. p. 443-481, p. 444.

⁷⁸ LOURO, Guacira Lopes. Mulher na sala de aula. In: PRIORE, Mary del. (org.). *História das mulheres no Brasil*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2013. p. 443-481, p. 444.

⁷⁹ A IMPRENSA. *A Imprensa*. Teresina, ano 4, n. 180, 06 jan. 1869.

dava através da caridade, principalmente via doações para as irmandades,⁸⁰ como praticava D. Maria Conrado, tia paterna de Clodoaldo, para a Santa Casa de Misericórdia.⁸¹

A sociedade piauiense se estruturou, no período colonial, a partir da formação das redes familiares, que “compreende o conjunto de parentes consanguíneos, legítimos e reconhecidos, acrescido daqueles com vínculos estabelecidos por afinidade de casamento”.⁸² As famílias aparentadas se fixavam em determinadas regiões onde seus membros possuíam poder econômico e político. Aliados aos vínculos de parentesco, a manutenção dessas alianças se dava pela solidariedade, fidelidade e dependência política, material e moral entre seus membros.⁸³ Tanto na colônia como no Império, “a família era quem intermediava a relação indivíduo-sociedade”.⁸⁴

As famílias dos pais de Clodoaldo eram ligadas por laços políticos e de estima, tanto os Dias de Freitas quanto os Silva Conrado eram vinculados ao Partido Liberal. Havia uma relação de amizade entre o avô paterno de Clodoaldo e o primo de sua mãe, José Manuel de Freitas.⁸⁵ Os casamentos no Piauí Imperial eram um compromisso familiar,⁸⁶ portanto, esses enlaces objetivavam alianças políticas entre famílias distintas, manutenção ou aumento do poder econômico via capital material – ligado a terras, gado, fazendas, escravos, empresas – e/ou ligado ao capital intelectual.⁸⁷

Como José Manuel de Freitas possuía boas relações políticas e de amizade com o avô do Capitão Belisário José da Silva Conrado, pode-se concluir que o casamento entre Antônia Rosa de Freitas e Belisário Conrado tenha sido realizado tendo em vista o fortalecimento político das famílias Dias de Freitas e Silva Conrado e do próprio Partido Liberal, unindo duas influentes famílias do centro-sul da Província. Enlace matrimonial, esse, que era imposto tanto

⁸⁰ As irmandades foram instituições religiosas leigas que asseguravam cuidados em vida e na morte de seus membros associados, como a realização de enterros, cuidado com os doentes e desamparados, formando, assim, um espírito de comunidade. Seus membros provinham de quase todos os grupos sociais e em geral eram segregadas de acordo com a condição social, nacionalidade e classificação étnica. As irmandades dos negros escravizados ou libertos comumente buscavam recursos “em meio à gente branca e rica”. REIS, João José. O cotidiano da morte no Brasil oitocentista. In: NOVAIS, Fernando A; ALENCASTRO, Luiz Felipe de. (orgs.). *História da vida privada no Brasil*: Império. São Paulo: Companhia das letras, 1997. p. 95-141, p. 123; 126; 127.

⁸¹ PUBLICAÇÕES Pedidas. *A Imprensa*. Teresina, ano 1, n. 23, 30 dez. 1865.

⁸² BRANDÃO, Tanya Maria Pires. *A elite colonial piauiense: família e poder*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1995, p. 159.

⁸³ BRANDÃO, Tanya Maria Pires. *A elite colonial piauiense: família e poder*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1995, p. 159-160.

⁸⁴ BRANDÃO, Tanya Maria Pires. *A elite colonial piauiense: família e poder*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1995, p. 161.

⁸⁵ A IMPRENSA. *A Imprensa*. Teresina, ano 3, n. 150, 6 jun. 1868.

⁸⁶ FALCI, Miridan. Mulheres do sertão nordestino. In: PRIORE, Mary del. *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 241-277, p. 256.

⁸⁷ BRANDÃO, Tanya Maria Pires. *A elite colonial piauiense: família e poder*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1995, p. 159-160.

à mulher quanto ao homem. A relação amorosa ou a escolha dos cônjuges não se constituíam como pontos relevantes na formação desses casamentos.⁸⁸ Muitas mulheres que se casaram no século XIX (e séculos anteriores) sem a anuência paterna foram excluídas dos laços de solidariedade familiar. A não obediência feminina em questões matrimoniais significava um ultraje para a família.⁸⁹

No casamento, a mulher entrava com o dote. O regime dotal vigorou do período colonial até a República como um elemento ambíguo. O dote feminino servia tanto como um amparo legal para as mulheres casadas quanto como um reforço da subordinação feminina em relação aos homens, impedindo-as de terem independência econômica.⁹⁰ A mãe de Clodoaldo, D. Antônia Rosa Dias de Freitas, assim como a maior parte das moças oriundas de famílias pertencentes às camadas médias e altas da sociedade, possuía um bom dote como garantia da efetivação de seu casamento e, supostamente, de proteção masculina. A mulher que estivesse sob a tutela do homem devido ao laço conjugal nem sempre tinha a garantia dessa proteção, pois o dote que viabilizava o casamento das mulheres também podia atrair homens interessados apenas em seus proventos, sem nenhuma intenção de garantir a proteção e a honra da futura esposa.⁹¹

Segundo o Código Canônico, o casamento formado pelo mútuo consentimento dos nubentes resultava na obrigação da coabitação dos cônjuges, indissolubilidade dos laços matrimoniais, superioridade e autoridade do marido como cabeça do casal.⁹² O casamento e os bens que a esposa levava consigo (dote) serviam como uma segurança econômica para a mulher, um meio de protegê-la. Sendo de competência do marido cuidar tanto da segurança da esposa e dos filhos como da administração dos bens do casal. E competia à esposa a resignação e obediência ao marido. A união no casamento baseava-se nesses deveres, de modo que o amor

⁸⁸ Exemplo de casamento encomendado e a princípio rejeitado pelo noivo foi o da Princesa Isabel com Gastão d'Orleães. O que, contudo, não indica insucesso no enlace. Ver BARMAN, Roderick J. *Princesa Isabel do Brasil: gênero e poder no século XIX*. São Paulo: Editora UNESP, 2005, p. 88-89.

⁸⁹ FALCI, Miridan. Mulheres do sertão nordestino. In: PRIORE, Mary del. *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 241-277, p. 258.

⁹⁰ ABRANTES, Elizabeth Sousa. "*O dote é a moça educada*": mulher, dote e instrução em São Luís na Primeira República. 2010. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, p. 11.

⁹¹ ABRANTES, Elizabeth Sousa. "*O dote é a moça educada*": mulher, dote e instrução em São Luís na Primeira República. 2010. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, p. 11.

⁹² ABRANTES, Elizabeth Sousa. "*O dote é a moça educada*": mulher, dote e instrução em São Luís na Primeira República. 2010. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, p. 25.

entre os cônjuges não constituía motivação necessária para o enlace matrimonial.⁹³ O dote que D. Antônia Rosa levou para o casamento foi composto por artefatos domésticos e dois escravos que lhe serviam.

A união de Antônia Rosa com Belisário José gerou apenas um filho: Clodoaldo Freitas. No dia de seu nascimento, sua mãe, então, com 20 anos de idade, encontrava-se amparada, em meio a muitas dores, por sua mãe, D. Raimunda Rosa Dias de Freitas, alguma das melhores parteiras da Província do Piauí, outras mulheres de sua família e vizinhas, circundadas por imagens religiosas e envoltas em orações para garantir o sucesso do parto.

Entre os gemidos de dor e o burburinho das mulheres, ansiosas para ver nascer mais um membro da família Freitas, alegraram-se quando chorou, banhado em sangue, um filho macho. D. Antônia Rosa, já aliviada das dores, podia sorrir satisfeita com o dever cumprido: tinha parido um varão. E as tensões e ansiedades geradas pelo medo da morte no puerpério diminuiriam ao passo que a barriga dilatada se retraísse.

Já os homens ficavam em outro cômodo da casa, aguardando notícias das mulheres que saíam do quarto onde se realizava o parto para aliviar as ansiedades do pai e demais membros da família. Assim que souberam que acabara de nascer um menino, as comemorações dos homens na casa eram ouvidas ao largo. O regozijo se avolumava ao ver o bebê plenamente saudável. Chorando a plenos pulmões, Clodoaldo recebeu as bênçãos de seu tio padre, orgulhoso ao ter em suas mãos a continuação da linhagem de sua família.

O pequeno Clodoaldo passou os primeiros anos de vida com seus pais na Vila de Jaicós, onde sua mãe ministrava aulas de primeiras letras a moças da região, em sua própria casa. Sua primeira infância fora marcada pela relação conturbada de seus pais, que culmina com o pedido de divórcio por parte de sua mãe.

Segundo informações colhidas no processo de divórcio, as quais foram apresentadas pelo representante legal de D. Antônia Rosa e as testemunhas arroladas pela requerente, após oito anos de casados, quando Clodoaldo acabara de completar 6 anos de idade, o Capitão Belisário parte de Jaicós para Teresina, com a promessa de voltar ainda no mesmo ano. Porém, não cumpre com sua palavra, indo para a Vila dos Picos. Quatro meses após a partida do esposo, D. Antônia Rosa, abandonada pelo cônjuge, despojada dos bens de maior valor do casal e de dois escravos oriundos de seu dote, ficando “entregue a seus mesquinhos recursos,”⁹⁴ e sem

⁹³ ABRANTES, Elizabeth Sousa. “*O dote é a moça educada*”: mulher, dote e instrução em São Luís na Primeira República. 2010. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, p. 26.

⁹⁴ APMA, Arquivo da Arquidiocese – São Luís / MA, caixa: 135, maço: 628, documento: 4486, 1863, p. 41.

conseguir sustentar a si e ao filho pequeno, reúne sua família a fim de dar entrada no processo de divórcio. D. Antônia Rosa é, então, representada por seu pai, o Capitão Antônio Manuel de Freitas Fragoso, por seu irmão, o Padre José Dias de Freitas, por seu primo, o Alferes Manoel Vicente de Lavor,⁹⁵ pelo Vigário Bastos de Sousa Lima entre outros homens, o que conferia legitimidade à ação por ela impetrada.⁹⁶

Após mais de oito anos de casamento, o representante legal de D. Antônia Rosa, Francisco Martins da Fonseca, bacharel em direito formado pela Faculdade de Recife em 1858⁹⁷, entra com o pedido de divórcio ao Vigário Geral Forâneo, por meio de uma procuração. As motivações para o pedido de divórcio foram as sevícias infligidas por seu marido, o Capitão Belisário, contra ela, D. Antônia Rosa. A partir dos depoimentos das testemunhas arroladas pelo procurador da autora da ação, foram apresentadas as sevícias praticadas pelo réu, marido da impetrante.⁹⁸

No Brasil, o casamento católico era regulado pelas normas do Concílio de Trento e pela Constituição do Arcebispado da Bahia. Essa legislação, vigente para a regulação do casamento, não assentia ao divórcio.⁹⁹ Porém, em alguns casos, a separação de corpos era permitida, como nos casos de adultério¹⁰⁰ e sevícias graves.¹⁰¹ Conforme as leis canônicas, as quais legislavam sobre o divórcio na sociedade Imperial, o casamento era um laço indissolúvel, outro enlace matrimonial só poderia ocorrer em caso de viuvez ou de anulação do casamento.¹⁰²

Antônio Carlos de Monteiro, uma das testemunhas arroladas pelo procurador de D. Antônia Rosa, afirmou que o marido dessa tinha uma amante chamada Joaquina, que ele maltratava sua esposa por causa da amásia e que todas as pessoas da Vila de Jaicós, onde moravam, sabiam que o Capitão Belisário deixava sua casa para ir à casa de sua concubina.

⁹⁵ É primo de terceiro grau de D. Antônia Rosa, neto de Antônio Luiz de Lavor Paes Barreto e de D. Luísa Da Cruz Neves, tia avó de D. Antônia Rosa, e também parente do escrivão do processo de divórcio de D. Antônia Rosa. Em seu necrológio é considerado “excelente chefe de família, (...) cidadão prestante e, sobretudo, esposo desvelado a toda prova”. Indicando que os parentes de D. Antônia Rosa que a apoiaram no processo de divórcio não coadunavam com as atitudes perpetradas por seu marido. FREITAS, Clodoaldo. *Vultos piauienses*. 3. ed. Teresina: Academia Piauiense de Letras/ EDUFPI, 2012, p. 10. À MEMÓRIA do meu cunhado Manoel Vicente de Lavor Paes, falecido na fazenda – Baixa – do município de Oeiras, no dia 18 do corrente. *A Imprensa*. Ano 4, n. 172, 7 nov. 1868.

⁹⁶ PROCURAÇÃO. APMA, Arquivo da Arquidiocese – São Luís / MA, caixa: 135, maço: 628, documento: 4486, 1863, p. 8.

⁹⁷ PÁGINA avulsa. *Diário de Pernambuco*. Recife, ano 34, n. 290, 18 dez. 1858.

⁹⁸ APMA, Arquivo da Arquidiocese – São Luís / MA, caixa: 135, maço: 628, documento: 4486, 1863. p. 27.

⁹⁹ Constituição primeira do arcebispado da Bahia, p. 126, artigo 305.

¹⁰⁰ VIDE, Sebastião Monteiro da. *Constituições primeiras do Arcebispado da Bahia*. São Paulo: Tipografia 2 de Dezembro de Antônio Louzada Antunes, 1853, p. 128, artigo 312.

¹⁰¹ VIDE, Sebastião Monteiro da. *Constituições primeiras do Arcebispado da Bahia*. São Paulo: Tipografia 2 de Dezembro de Antônio Louzada Antunes, 1853, p. 129, artigo 316.

¹⁰² ABRANTES, Elizabeth Sousa. “O dote é a moça educada”: mulher, dote e instrução em São Luís na Primeira República. 2010. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, p. 35.

Antônio Cosme de Araújo, outra testemunha, afirmou que logo que se casaram, Belisário José deixava sua esposa, D. Antônia Rosa, e sua casa por várias noites e só voltava pela madrugada.¹⁰³ Ainda a mesma testemunha declarou ser “verdade que o capitão Belisário maltratava sua mulher com palavras ofensivas do pudor em presença de qualquer pessoa”¹⁰⁴ e que chegou a machucá-la “fisicamente com um chicote em uma ocasião que iam em viagem daqui [Oeiras] para Jaicós.”¹⁰⁵ A testemunha Humbelina Rosa confirmou que muitas pessoas de Jaicós sabiam que o Capitão Belisário maltratava sua mulher com palavras ofensivas, “chegando uma vez a querer dar-lhe com uma faca sendo frustrado seu intento pôr a senhora Francelina, que com ela morava, tomar-lhe a faca”.¹⁰⁶

Todas as testemunhas apresentadas por Francisco Martins Fonseca, procurador da autora do processo de divórcio, foram unânimes em afirmar que o Capitão Belisário José e D. Antônia Rosa eram casados e que essa sempre fora obediente, honesta, zelosa, carinhosa e alegre com seu marido, nunca dando motivo para o seu menor dissabor.¹⁰⁷ Do mesmo modo, confirmaram que o Capitão Belisário abandonou sua esposa na Vila de Jaicós, onde a deixou despojada de todas as alaias da casa, vivendo às custas de seus poucos recursos de professora de primeiras letras nesta Vila.¹⁰⁸

Segundo apresentação das testemunhas no processo, a profissão de professora de primeiras letras, exercida por D. Antônia Rosa, não conferia rendimentos suficientes para manter a si e a seu filho. O dote conferido à mulher no seu casamento significava a garantia de seu futuro, pois ela era considerada incapaz de manter-se por si mesma. Portanto, com o processo, era alegado que Belisário José se esquivava de suas obrigações de provedor e protetor de sua família, incitando, assim, à perpétua separação de corpos.

A testemunha Antônio Cosme de Araújo, corroborando com o depoimento de João Francisco de Moura, afirmou que Joaquina, a amante do Capitão Belisário, chegou a insultar D. Antônia Rosa em sua própria casa¹⁰⁹, e acrescentou que esse evento foi tão público que chegou aos conhecimentos do juiz de direito daquela comarca, o senhor Dr. Carlos Luiz da Silva Moura, que aconselhou D. Antônia Rosa a não se importar com semelhante ofensa.¹¹⁰

¹⁰³ APMA, Arquivo da Arquidiocese – São Luís / MA, caixa: 135, maço: 628, documento: 4486, 1863, p. 23.

¹⁰⁴ APMA, Arquivo da Arquidiocese – São Luís / MA, caixa: 135, maço: 628, documento: 4486, 1863, p. 23-24.

¹⁰⁵ APMA, Arquivo da Arquidiocese – São Luís / MA, caixa: 135, maço: 628, documento: 4486, 1863, p. 24.

¹⁰⁶ APMA, Arquivo da Arquidiocese – São Luís / MA, caixa: 135, maço: 628, documento: 4486, 1863, p. 20-21.

¹⁰⁷ APMA, Arquivo da Arquidiocese – São Luís / MA, caixa: 135, maço: 628, documento: 4486, 1863, p. 17-22.

¹⁰⁸ APMA, Arquivo da Arquidiocese – São Luís / MA, caixa: 135, maço: 628, documento: 4486, 1863, p. 40-42.

¹⁰⁹ APMA, Arquivo da Arquidiocese – São Luís / MA, caixa: 135, maço: 628, documento: 4486, 1863, p. 24-55.

¹¹⁰ APMA, Arquivo da Arquidiocese – São Luís / MA, caixa: 135, maço: 628, documento: 4486, 1863, p. 24.

Contudo, D. Antônia Rosa não se resignou ao papel servil que lhe impunha a sociedade oitocentista. Apresentando-se como mulher honesta e zelosa com os deveres conjugais e compondo a imagem do marido como o perpetrador dos piores pecados segundo as leis da Igreja, o adultério e as sevícias, buscou pôr fim ao enlace matrimonial que a ligava ao capitão Belisario. Portanto, livra-se dos deveres conjugais para com o marido que não lhe tinha apreço, mesmo carregando o peso da dissolução de um casamento que deveria demarcar seu lugar e sua função na sociedade, como ocorria para as mulheres provenientes das famílias de elite.

O homem tinha “poder marital”¹¹¹ sobre o dote que recebia, geralmente, do sogro como adiantamento da herança da filha quando se casavam. Ao marido cabia a administração dos bens da esposa, o que poderia ocasionar a dilapidação do patrimônio do casal devido a imprudências do cônjuge, como ocorreu com a mãe de Clodoaldo. O Capitão Belisário teve, em Picos, outra amásia, com quem vivia e que, ao que consta no testemunho do processo de divórcio, “muitas vezes abandona[va] a casa onde leciona[va] primeiras letras de seus alunos, para estar com a referida amásia Luiza”¹¹², com quem, provavelmente, fazia uso dos recursos provenientes dos bens dotais de D. Antônia Rosa. Com sua amasia Luiza Pereira da Silva, Belisario chegou a ter um filho registrado. O meio irmão de Clodoaldo chamava-se Vicente Soares da Silva Pestana, e nasceu em Oeiras, em outubro de 1864,¹¹³ um ano após o fim do processo de divórcio.

A prática do adultério masculino está inserida no contexto no qual a masculinidade no período Imperial era moldada tanto pela violência como pela manifestação da potência sexual¹¹⁴ e pelo domínio do espaço público e econômico, sobretudo na fase de transição da economia de subsistência para a economia de consumo. O abandono da esposa e do filho pequeno, perpetrado por Belisário, possivelmente, gerou abalos mais socialmente reprováveis do que os maus-tratos perpetrados durante anos, sendo, possivelmente, o primeiro o principal motivo da solicitação de divórcio.

A construção da imagem de Antônia Rosa como uma mulher respeitosa e obediente ao marido¹¹⁵ buscava conferir validade ao pedido de separação de corpos e bens pela autora, visto que os discursos das testemunhas arroladas pelo representante legal de D. Antônia Rosa a

¹¹¹ FALCI, Miridan. Mulheres do sertão nordestino. In: PRIORE, Mary del. *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 241-277, p. 259.

¹¹² APMA, Arquivo da Arquidiocese – São Luís / MA, caixa: 135, maço: 628, documento: 4486, 1863, p. 55.

¹¹³ BARROS, Nino Cesar Dourado. *Benedito Pestana: o pai do jornalismo altoense*. Teresina: Graficon, 2017, p. 137.

¹¹⁴ SCHNOOR, Eduardo. “Riscando o chão”: masculinidade e mundo rural entre a Colônia e o Império In: PRIORE, Mary del; AMANTINO, Márcia. (orgs.). *História dos homens no Brasil*. São Paulo: Editora Unesp, 2013. p. 85-117, p. 86.

¹¹⁵ APMA, Arquivo da Arquidiocese – São Luís / MA, caixa: 135, maço: 628, documento: 4486, 1863, p. 18.

isentavam da culpa que lhe seria atribuída, pois uma das principais responsabilidades da mulher é garantir o sucesso de seu casamento. Como é demonstrado reiteradamente nos diversos depoimentos das testemunhas arroladas, eram públicas e conhecidas por todos na Vila de Jaicós as sevícias sofridas por D. Antônia Rosa, praticadas por seu marido.¹¹⁶ Pois, se à mulher era conferida a paz e harmonia do lar, garantidas pela honra e obediência da esposa ao seu cônjuge, ao homem era conferida a primazia econômica, o sustento e proteção da família, o que o pai de Clodoaldo não cumpria, segundo as testemunhas de defesa de D. Antônia Rosa.¹¹⁷

O duplo padrão de moralidade na sociedade patriarcal dos oitocentos se justificava pela exagerada diferenciação dos sexos, na qual os homens eram incitados (ou tolerados) aos prazeres físicos, e o comportamento das mulheres de família era o repositório da moral familiar, devendo as moças se manterem castas. A vida sexual dos homens fora do casamento era muito comum e considerada normal, resultando, por vezes, em filhos naturais.¹¹⁸ Muitas famílias acolhiam os filhos naturais como primos, criados da casa ou mesmo os “adotavam”,¹¹⁹ onde o convívio ocorria sem a quebra do laço matrimonial.

D. Antônia Rosa, astuciosamente, se valeu das prerrogativas legais para garantir tanto sua própria integridade física e psicológica quanto a de seu filho pequeno, Clodoaldo, ao fazer uso das brechas da legislação na garantia da separação de corpos, preservando sua própria existência ao se desvencilhar do subjugo marital. Amparada por seus familiares, findo o processo de divórcio no final do ano de 1863, D. Antônia Rosa se manteve em Jaicós com o filho de 8 anos de idade, exercendo a função de professora de primeiras letras em sua própria casa. Contudo, no ano de 1869, prestes a completar 14 anos, Clodoaldo regressa à sua cidade natal, Oeiras, sem sua mãe.¹²⁰

¹¹⁶ APMA, Arquivo da Arquidiocese – São Luís / MA, caixa: 135, maço: 628, documento: 4486, 1863, p. 19.

¹¹⁷ APMA, Arquivo da Arquidiocese – São Luís / MA, caixa: 135, maço: 628, documento: 4486, 1863, p. 18, 22.

¹¹⁸ SCHNOOR, Eduardo. “Riscando o chão”: masculinidade e mundo rural entre a Colônia e o Império In: PRIORE, Mary del; AMANTINO, Márcia. (orgs.). História dos homens no Brasil. São Paulo: Editora Unesp, 2013. P. 85-117, p. 89.

¹¹⁹ SCHNOOR, Eduardo. “Riscando o chão”: masculinidade e mundo rural entre a Colônia e o Império In: PRIORE, Mary del; AMANTINO, Márcia. (orgs.). História dos homens no Brasil. São Paulo: Editora Unesp, 2013. p. 85-117, p. 90.

¹²⁰ CUNHA, Higino. Clodoaldo Freitas: sua vida e sua obra. *Revista da Academia Piauiense de Letras*, Teresina, ano 7, p. 28-57, dez. 1924, p. 37.

2.2 A formação educacional de Clodoaldo

Em 1869, na cidade de Oeiras, Clodoaldo, então com 14 anos, passou a estudar latim e francês na aula pública prestada por seu tio materno, o padre José Dias de Freitas. Entretanto, indispondo-se com esse, volta para Jaicós sozinho, percorrendo parte do caminho a pé.¹²¹ Contando que as duas cidades distam entre si cento e trinta cinco quilômetros (135 km), pode-se calcular a magnitude da desavença que o jovem Clodoaldo teve com o seu tio padre à época.

Quando mais novo, Clodoaldo estudou primeiras letras com o professor Joaquim Manoel de Lima, em Jaicós. Em seu regresso, prosseguiu com os estudos de latim com Eduardo Cavalcante de Lacerda.¹²² Envolto às caçadas perigosas do alto sertão e percorrendo por vaquejadas nos campos e fazendas rústicas, Clodoaldo viveu bons momentos ao lado de sua mãe e de seu parente e protetor Cônego Claro Mendes de Carvalho¹²³. Viajou com o Cônego a regiões de difícil acesso, onde o vigário praticava a catequese e realizava batismos, eucaristias, matrimônios e unções dos enfermos,¹²⁴ vivenciando, então, com intensidade os rituais religiosos.

Dois anos depois de seu regresso a Jaicós, absorto pela vida religiosa, pelos rituais dos sacramentos católicos e pela atuação política, empreendedora, ilustrada, socialmente atuante e de reconhecida autoridade dos padres no período Imperial,¹²⁵ Clodoaldo segue ao Seminário Pequeno das Mercês, no Maranhão, certo de se preparar para a futura formação superior de filosofia e teologia, que o habilitaria a fazer parte do clero. O jovem estudante, com 16 anos, direciona todas as suas energias à sua carreira eclesiástica. Professando a fé católica, rezava todas as noites antes de dormir junto ao pequeno rosário, que fora um presente de sua devota mãe. Fiel para com os preceitos religiosos, não faltava aos seus deveres no seminário e confessava-se com regularidade, asseverando a vocação sacerdotal que carregava dentro de si, provavelmente devido à influência do Cônego Claro Mendes. Ao longo de três anos no

¹²¹ CUNHA, Higino. Clodoaldo Freitas: sua vida e sua obra. *Revista da Academia Piauiense de Letras*, Teresina, ano 7, p. 28-57, dez. 1924, p. 30.

¹²² Eduardo Cavalcante de Lacerda foi um rábula pernambucano morador da cidade de Jaicós.

¹²³ Claro Mendes de Carvalho foi um erudito padre secular e político da província do Piauí na segunda metade do século XIX. Deputado da Assembleia Legislativa Provincial no final da década de 1860 e vigário da Freguesia de Nossa Senhora das Mercês de Jaicós, era filho de Francisco José de Carvalho, proprietário local.

¹²⁴ CUNHA, Higino. Clodoaldo Freitas: sua vida e sua obra. *Revista da Academia Piauiense de Letras*, Teresina, ano 7, p. 28-57, dez. 1924, p. 30.

¹²⁵ QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República*. Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2011, p. 254.

seminário menor, escreveu versos, um romance e três dramas, nunca publicados, e se dedicou avidamente aos estudos nesse internato.¹²⁶

No entanto, em 1874, resolve desistir de seguir a carreira eclesiástica que lhe foi imputada e, em vez de seguir para o Seminário Maior, inscreve-se no exame de Geografia, ainda em São Luís, a fim de realizar os exames gerais de preparatórios para o ingresso aos cursos superiores do Império,¹²⁷ para adentrar no estudo do Direito, nos quais foi aprovado plenamente, ainda como aluno do seminário menor.¹²⁸ Décadas depois, já em 1901, morando em Teresina, Clodoaldo iria explicar o momento preciso que o fez desistir de seguir a carreira eclesiástica, afastando-o da igreja romana e libertando-o da “cegueira da fé”¹²⁹:

‘Passando pelo interior da igreja, junto ao altar que fica à porta que vai para a sacristia, olhei para os santos contritamente, e meu olhar foi parar num frade gordo, baixo, de chapéu largo, um ridículo espécime da calungagem que emporcalha os altares romanos, e não pude conter um riso. Este riso foi como um raio de luz que se abrasasse diante de mim. Comecei a pensar nos problemas divinos e a perguntar a mim mesmo porque figuravam nos altares, recebendo nosso culto, esses pedaços de madeira sem arte e sem beleza. A intitulada impiedade que devia, mais tarde, me separar completamente da igreja romana e de toda comunhão religiosa, libertando-me radicalmente da cegueira da fé, começou a invadir-me como o sol triunfal invade o espaço obscurecido ao despontar da manhã. A vida no seminário, em contato imediato com a hipocrisia e a igreja, me aparecia agora sob outro aspecto, despertando-me desse sono invernal em que me engolfaram a educação e a ignorância. Deixei de rezar o meu terço noturno e acabei de vez com todas as práticas religiosas.’¹³⁰

Apesar de suas memórias o direcionarem para uma explicação de sua incipiente crítica clerical a partir da corporeidade desviante dos sacerdotes à época, as influências para seu anticlericalismo são mais facilmente compreendidas pela irradiação, no Seminário das Mercês, da repercussão da Questão Religiosa¹³¹ a partir dos professores leigos do seminário,

¹²⁶ CUNHA, Higino. Clodoaldo Freitas: sua vida e sua obra. *Revista da Academia Piauiense de Letras*, Teresina, ano 7, p. 28-57, dez. 1924, p. 30.

¹²⁷ EDITAES. *Publicador Maranhense*. São Luís, ano 33, n. 24, 30 jan. 1874.

¹²⁸ EDITAES. *Publicador Maranhense*. São Luís, ano 33, n. 52, 5 mar. 1874.

¹²⁹ CUNHA, Higino. Clodoaldo Freitas: sua vida e sua obra. *Revista da Academia Piauiense de Letras*, Teresina, ano 7, p. 28-57, dez. 1924, p. 31.

¹³⁰ Esta citação foi retirada do texto de Higino Cunha sobre Clodoaldo Freitas, o qual é uma referência de um texto de Clodoaldo Freitas que ele teve acesso através de Marcelino Freitas. Este texto está hoje perdido. FREITAS, Clodoaldo. *Eu e algumas coisas do meu tempo*, Teresina, set. 1901. apud CUNHA, Higino. Clodoaldo Freitas: sua vida e sua obra. *Revista da Academia Piauiense de Letras*, Teresina, ano 7, p. 28-57, dez. 1924, p. 31.

¹³¹ CUNHA, Higino. Clodoaldo Freitas: sua vida e sua obra. *Revista da Academia Piauiense de Letras*, Teresina, ano 7, p.28-57, dez. 1924, p. 32.

considerados livres-pensadores¹³². Os motivos que levaram Clodoaldo a anos mais tarde compreender o nascimento de seu anticlericalismo pelo viés do padre glutão se articula às críticas de tendência liberal veiculadas no período a respeito das vantagens conferidas ao clero sobre o restante da sociedade¹³³. Pois, a falta de atributos viris do frade não o remetia às virtudes esperadas por um sujeito revestido de poder religioso, o que acabara provocando o escárnio do jovem interno diante da fútil idolatria de tal jocosa figura na sociedade, pois aquele parecia buscar um ideal cristão ainda não corrompido.¹³⁴ Essa mudança de visão a respeito do cristianismo e de seu clero católico o levaria, posteriormente, à quase total destituição de sua profissão religiosa.

A mudança no olhar de Clodoaldo sobre o cristianismo e seus clérigos relaciona-se às profundas mudanças ocorridas no século XIX, período que inaugura a contemporaneidade Ocidental. O livre pensamento promovido pelo iluminismo – e alinhado ao Renascimento, ao racionalismo, às correntes empiristas dos seiscentos, às revoluções burguesas, à medicina experimental racionalizando o corpo, à Teoria da Evolução das Espécies de Charles Darwin, às explicações psicanalíticas de Freud demovendo as possessões demoníacas¹³⁵ e os espasmos místicos, à História científica de Hanke apartando-a da literatura, ao positivismo, ao materialismo histórico e à dialética hegeliana “elevando” a filosofia à ciência – iria abalar a hegemonia religiosa como principal elemento formador dos sujeitos, das coletividades e do pensamento. O movimento racionalista do século XIX acaba, então, provocando uma reação conservadora da Igreja na segunda metade dos oitocentos.¹³⁶

Literalmente receoso diante da notável perda de terreno, o alto clero católico empenhou-se, na segunda metade do século XIX, no movimento Ultramontano (além das montanhas, referência à Roma, que fica além dos Alpes), o qual defendia a centralidade das decisões da Igreja Católica Apostólica Romana na figura do Papa. No Brasil, a Igreja “foi criada

¹³² NERIS, Wheriston Silva. A produção do corpo sacerdotal no Bispado do Maranhão (XIX): Formação seminarística e introdução de novos modelos disciplinares. *Outros Tempos*, São Luís, v. 8, n. 12, p. 17-43, dez. 2011, p. 25.

¹³³ SANTOS, Cristian. *Padres, beatas e devotos*. Figuras do anticlericalismo na literatura naturalista brasileira. 2010. Tese (Doutorado em Literatura) - Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2010, p. 58.

¹³⁴ SANTOS, Cristian. *Padres, beatas e devotos*. Figuras do anticlericalismo na literatura naturalista brasileira. 2010. Tese (Doutorado em Literatura) - Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2010, p. 44.

¹³⁵ No início do século XX, Clodoaldo Freitas critica a posição da igreja católica ao considerar casos histero-epiléticos, largamente estudados pela medicina, como possessões demoníacas, curáveis apenas com o exorcismo como uma forma de permanecer triunfante na sociedade. E aponta para o abismo que separava o catolicismo de sua civilização contemporânea. FREITAS, Clodoaldo. O diabo em cena. In: FREITAS, Clodoaldo. *Em roda dos fatos*. 3. ed. Brasília; Teresina: Senado Federal; Academia Piauiense de Letras, 2011, p. 187-191.

¹³⁶ SANTOS, Cristian. *Padres, beatas e devotos*. Figuras do anticlericalismo na literatura naturalista brasileira. 2010. Tese (Doutorado em Literatura) - Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2010, p. 68.

em completa subordinação ao Estado”.¹³⁷ Portanto, remontando aos tempos da colônia, a Igreja Católica no Império conservou-se nessa posição a partir da reafirmação do Padroado, confirmando o catolicismo como a religião oficial do Estado Imperial brasileiro. Desse modo, a Igreja existia no Brasil como uma instituição, em parte, subjugada e com seu poder descentralizado.

Enfraquecida diante das rupturas provocadas pelas novas visões de mundo que irrompiam nos oitocentos, as quais debilitavam a compreensão do mundo pautado no transcendental e elevavam os conhecimentos científicos como uma panaceia, e tendo seu clero habituado a uma frouxa disciplina, entremeadado nas funções civis e religiosas, a Igreja passa a direcionar seus esforços para sua libertação da autoridade do Estado, inclusive o brasileiro, tentando romper com a imagem de instituição submissa ao poder temporal¹³⁸. Contudo, sem necessariamente romper com o *status* de religião oficial do Império, o qual lhe assegurava grande poder.

Nesse sentido, em 1864, o Papa Pio IX lança a encíclica *Quanta Cura*, que continha dezesseis proposições que contrariavam a visão católica da época quanto à relação entre Igreja e Estado, acusando os Estados modernos de propagadores da indiferença religiosa e censurando a liberdade de consciência. Em seguida, lança o anexo dessa encíclica, o *Syllabus Errorum*, a lista dos “principais erros do nosso tempo”. Nessa, a Igreja, na figura do Papa, condena o racionalismo, a educação laica, a separação entre Igreja e Estado, a liberdade de pensamento, de imprensa, a soberania do povo e a supremacia jurídica do Estado. Em 1869, Pio IX faz a convocação do Concílio Vaticano I, e, no ano seguinte, por meio dessa reunião do alto clero para deliberar sobre questões doutrinárias, a infalibilidade papal é declarada como dogma de fé. Ou seja, o dogma definia que uma decisão papal jamais estaria errada.¹³⁹

Devido ao recrudescimento das posições conservadoras da Igreja e, do outro lado, à disseminação dos ideais liberais, ocorreram ardorosos embates pelo controle do modelo de civilização que se projetaria no Ocidente nessa segunda metade do século XIX e no século XX. A elite intelectual liberal brasileira protagonizou a crítica anticlerical nacional, inflamada pelo confronto entre Estado e Igreja do Estado na década de 1870, conhecida como Questão Religiosa ou Questão dos Bispos. A contenda se iniciou com a suspensão do padre maçom

¹³⁷ MATTOSO, Kátia. *Bahia, século XIX: Uma Província no Império*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1992, p. 297.

¹³⁸ MATTOSO, Kátia. *Bahia, século XIX: Uma Província no Império*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1992, p. 297.

¹³⁹ SANTOS, Cristian. *Padres, beatas e devotos*. Figuras do anticlericalismo na literatura naturalista brasileira. 2010. Tese (Doutorado em Literatura) - Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2010, p. 69-70.

Almeida Martins pelo bispo do Rio de Janeiro, Dom Pedro Maria de Lacerda. Esse seguia os preceitos ultramontanos de oposição à maçonaria, devido à defesa que essa fazia das ideias liberais em ascensão.¹⁴⁰

Avolumando as desavenças entre maçonaria e Igreja Católica, os bispos ultramontanos de Olinda e do Pará, respectivamente Dom Vital Maria Gonçalves e Dom Antônio de Macedo Costa, agiram de forma categórica, exigindo que as irmandades religiosas e de ordens terceiras desligassem seus membros maçons. Com a negativa daquelas, acabam recebendo, por ordem dos bispos, a suspensão e interdição de suas capelas. As irmandades, então, apelam ao Imperador, alegando seu caráter misto (eram a um só tempo instituições civis e religiosas) e a devida obediência tanto ao poder eclesiástico quanto ao poder temporal. Afrontado quanto ao seu poder, o Conselho de Estado compreende que os bispos se apossaram do poder temporal, cabendo exclusivamente ao poder civil o controle das irmandades. Revogada a ordem dada pelos bispos de expulsar os membros maçônicos das irmandades, os sacerdotes não acatam a autoridade do Imperador. Fazendo valer as proposições ultramontanas de centralização religiosa, o bispo Dom Macedo Costa não confirma a submissão da Igreja ao Estado, alegando ser “mais importante obedecer a Deus que aos homens” e vai além, colocando a primazia do poder na figura do chefe romano da igreja: “se o governo brasileiro é católico, não somente ele não pode ser o chefe ou o superior da religião católica, mas é até seu súdito”.¹⁴¹ A soberba dos dois bispos lhes custou uma acusação pelo Supremo Tribunal de Justiça que resultou na condenação de ambos, em 1874, com pena de prisão simples.¹⁴²

Esse episódio alarmou tensões que se encontravam latentes há décadas. E as contendas entre liberais livres-pensadores e a Igreja Católica e seus adeptos iriam transcorrer ainda por décadas, avançando no século XX. Essas questões que envolvem Igreja, Maçonaria e anticlericais perpassam toda a escrita de Clodoaldo Freitas, ensaiadas já no Seminário e consolidadas durante a sua formação superior em Recife.

O outro olhar sobre a religião que despertou em Clodoaldo ainda no seminário pode estar relacionado às influências iluministas de parte dos professores dessa instituição. “A própria educação no Seminário Menor das Mercês era, no dizer de Clodoaldo – meio religiosa e meio laica – pois resultava das diferentes orientações dos professores leigos e religiosos (com

¹⁴⁰ MATTOSO, Kátia. *Bahia, século XIX: Uma Província no Império*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1992, p. 321-322.

¹⁴¹ MATTOSO, Kátia. *Bahia, século XIX: Uma Província no Império*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1992, p. 322.

¹⁴² MATTOSO, Kátia. *Bahia, século XIX: Uma Província no Império*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1992, p. 323.

as divisões internas desses) contra as quais os bispos improficuamente lutavam.”¹⁴³ A educação no Seminário contribuiu para modelar a forma de Clodoaldo enxergar os comportamentos de seus familiares sacerdotes, agora relacionados à falta de virtudes religiosas exigidas aos membros da Igreja. Tanto o Cônego Claro Mendes, parente, amigo, protetor e financiador de parte dos estudos do jovem Clodoaldo, quanto seu tio, o padre José Dias de Freitas, não foram muito afeitos ao celibato religioso.¹⁴⁴ “Sexualmente ativo (...) segundo o folclore de Oeiras [o padre José] teria deixado mais de 50 filhos”¹⁴⁵. O próprio Cônego Claro teria sido acusado, por seu cunhado, o Coronel Raimundo José de Carvalho, de envolvimento amoroso com D. Antônia Rosa Dias de Freitas, mãe de Clodoaldo¹⁴⁶. Evento que levou à licença de D. Antônia Rosa, contra sua vontade, mantendo seus vencimentos,¹⁴⁷ e posterior transferência para a cadeira de Primeiras Letras da Vila dos Picos.¹⁴⁸

Bastante influenciado pelas ideias iluministas de Voltaire, o anticlericalismo de Clodoaldo Freitas não combatia a fé, mas a superstição, não era contra a religião, mas à sua vaidade, defendia a razão, o conhecimento científico em detrimento do dogma. Entretanto, radicalizando a crítica, como fizeram as gerações seguintes, criticava o catolicismo que barrava o progresso intelectual, o livre pensamento, a religião que falhara em fundar uma verdadeira moral e uma ordem política e social justa.¹⁴⁹

Durante sua estadia no seminário, Clodoaldo teve contato com obras literárias diversas, e apaixonou-se pela literatura ultrarromântica de Álvares de Azevedo, que colaborou para desviar o jovem dos padrões morais do Seminário. Dessa literatura tomou de empréstimo o modelo ultrarromântico de escrita. O heterodoxo livro *Noite na taverna*¹⁵⁰ foi ocupando o lugar que antes era reservado à leitura bíblica. Passou a colaborar para um periódico, ensaiando suas primeiras críticas e artigos jornalísticos n’*O Sebastopol*, título provavelmente inspirado no livro

¹⁴³ QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República*. Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2011, p. 254.

¹⁴⁴ CUNHA, Higino. Clodoaldo Freitas: sua vida e sua obra. *Revista da Academia Piauiense de Letras*, Teresina, ano 7, p. 28-57, dez. 1924, p. 32.

¹⁴⁵ QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República*. Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2011, p. 254.

¹⁴⁶ VIEIRA, Maria Alveni Barros; SOARES, Norma Patrycia Lopes. *A professora e o inspetor: disputas de poder no magistério piauiense na década de 1860*. IV Encontro de Pesquisa em Educação da UFPI: a pesquisa como mediação de práticas socioeducativas. Teresina: UFPI, 2006, p. 7.

¹⁴⁷ GOVERNO da Província. *O Piauí*. Teresina, ano 5, n 210, 15 mar. 1872.

¹⁴⁸ VIEIRA, Maria Alveni Barros; SOARES, Norma Patrycia Lopes. *A professora e o inspetor: disputas de poder no magistério piauiense na década de 1860*. IV Encontro de Pesquisa em Educação da UFPI: a pesquisa como mediação de práticas socioeducativas. Teresina: UFPI, 2006, p. 7.

¹⁴⁹ CASSIRER, Ernst. *A filosofia do iluminismo*. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 1992, p. 189-190.

¹⁵⁰ Antologia de contos de Álvares de Azevedo escritos sob o pseudônimo de Job Stern, publicada postumamente em 1855.

de Leon Tolstói¹⁵¹, *Contos de Sebastopol* de 1855¹⁵², no qual o escritor russo narra os horrores vividos durante sua experiência como tenente na Guerra da Criméia (1853-1856). Apesar da experiência na Guerra ter fomentado em Tolstói o seu pacifismo¹⁵³, os relatos e imagens de guerra veiculadas via literatura marcavam a formação das masculinidades em um século atravessado por conflitos bélicos, alimentando nos jovens um modelo de virilidade associado à força e resistência, atributos dos gloriosos homens oitocentistas de espírito belicoso¹⁵⁴.

Comandando um grupo de rebeldes no seminário, Clodoaldo ensaiava suas primeiras posturas críticas diante do mundo que lhe rodeava, característica que marcaria sua vida adulta. Suprimido, pelo reitor do seminário, o jornal manuscrito no qual escrevia, não tarda a desistir da carreira sacerdotal. Inclinando-se para a vida de bacharel, influenciado por seus numerosos parentes doutores¹⁵⁵, entre eles o influente José Manuel de Freitas, a quem venerava e amava como pai,¹⁵⁶ Clodoaldo Freitas passa os anos de 1874 e 1875 em São Luís, preparando-se no Liceu maranhense para os exames que garantiam o ingresso nos cursos superiores do Império. No ano anterior perdera seu pai¹⁵⁷, com o qual, provavelmente, possuía mínimo ou nenhum contato.

À época, existiam apenas duas Faculdades de Direito no país, uma em Recife e outra em São Paulo. A formação superior em Direito conferia conhecimentos e habilitava os sujeitos oriundos de famílias de elite, praticamente as únicas que possuíam recursos suficientes para manter seus membros estudando em outras Províncias, para assumirem importantes funções políticas e burocráticas no Império – o que se manteve também na República¹⁵⁸.

Em São Luís, Clodoaldo foi Vice-Presidente e um dos fundadores da Sociedade Recreio Literário, instituição cultural que tinha entre os seus objetivos a realização de conferências com fins educativos.¹⁵⁹ Em 1874, quando era estudante do Liceu maranhense, queimou todas as suas

¹⁵¹ Leon Tolstói (1828-1910) foi um célebre escritor russo, conhecido pelas obras *Guerra e paz* (1869), *Anna Karenina* (1877) e *A morte de Ivan Ilich* (1886).

¹⁵² TOLSTÓI, Leon. *Contos de Sebastopol*. São Paulo: Hedra, 2011.

¹⁵³ TOLSTÓI, Leon. *Guerra e paz*. São Paulo: Cosac & Naify, 2012.

¹⁵⁴ BERTAUD, Jean-Paul. O exército e o brevê da virilidade. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (org.). *História da virilidade. O triunfo da virilidade. O século XIX*. v. 2. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p. 74-94, p. 74.

¹⁵⁵ QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República*. Clodoaldo Freitas, Higinio Cunha e as tiranias do tempo. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2011, p. 254.

¹⁵⁶ FREITAS, Clodoaldo. O nosso inquérito literário. In: FREITAS, Clodoaldo. *Escritos de Clodoaldo Freitas*, Belém, v. 1, p. 213-214, 7 set. 1904, p. 213.

¹⁵⁷ QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República*. Clodoaldo Freitas, Higinio Cunha e as tiranias do tempo. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2011, p. 253.

¹⁵⁸ AVELINO, Jarbas. As escritas dos bacharéis. A ciência e o direito como mediadores para a construção de uma sociedade republicana. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Piauí: Teresina, 2010, p. 21-22.

¹⁵⁹ QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República*. Clodoaldo Freitas, Higinio Cunha e as tiranias do tempo. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2011, p. 194.

produções, decidido a abandonar as letras. Em novembro desse ano, às nove horas da manhã, Clodoaldo Conrado de Freitas realizava exame preparatório de português junto com outros quatro rapazes¹⁶⁰ e no mês seguinte era aprovado no exame de inglês realizado com mais 18 colegas no Liceu maranhense¹⁶¹. Em agosto do ano seguinte, às vésperas de completar 20 anos de idade, despede-se de seus colegas com um abraço e parte para a província do Piauí, pois estava a sofrer de nostalgia, carecendo das águas do rio Parnaíba.¹⁶² Almejando chegar em Teresina, segue para Caxias com outros homens livres e um escravo no vapor *Guaxenduba*.¹⁶³

Clodoaldo, provavelmente, se instala na casa de sua avó Ana Leonor em Teresina. Em novembro de 1875 completa os preparatórios para o curso jurídico. Clodoaldo Conrado de Freitas, como ainda assinava seu nome na época, inscreveu-se em Aritmética, Filosofia, História e Latim, entre os diversos exames oferecidos. Foi aprovado plenamente em Latim e Filosofia e aprovado simplesmente em Aritmética e História. Os demais preparatórios já tinham sido realizados por ele em São Luís.¹⁶⁴

Clodoaldo Freitas não se distinguia pelo brilho como aluno, sendo muito mais um estudante do tipo indisciplinado e rebelde. Ele próprio, em passagem autobiográfica, diz que seu professor de Inglês no Liceu do Maranhão o tratava por doutor por puro escárnio, face às suas dificuldades com o idioma e o tinha na conta de burríssimo. É possível que Clodoaldo, cujos interesses estavam ligados a conteúdos extracurriculares, achasse maçante o ensino do seu tempo. Da escola de seu tio, Padre José Dias de Freitas, em Oeiras, fugiu ainda na infância; teceu críticas muito contundentes ao ensino no Seminário das Mercês, onde fazia parte de um grupo de rebeldes protestantes e não parece ter tido muito entusiasmo pelo curso de Direito, que frequentou com aproveitamento, mas quase totalmente voltado para o estudo da Poesia, da Filosofia, da Literatura e da História, bem ao gosto dos republicanos do Recife. Entretanto, refere-se de forma elogiosa a alguns dos seus professores, em particular aos de primeiras letras em Jaicós e a alguns lentes do Liceu do Maranhão.¹⁶⁵

No início de 1876 segue de Jaicós, no Piauí, até Aracati, no Ceará, onde embarcou para Recife no vapor nacional *Ipojuca* levando consigo um escravo¹⁶⁶ para dar início aos seus estudos na academia jurídica da capital pernambucana.¹⁶⁷ Em Recife, se instalou numa

¹⁶⁰ EDITAES. *Publicador Maranhense*. São Luís, ano 33, n. 268, 25 nov. 1874.

¹⁶¹ EXAMES Geraes de Preparatorios. *Publicador Maranhense*. São Luís, ano 33, n. 291, 21 dez. 1874.

¹⁶² COLUMNNA Telegraphica. *A Mocidade*. São Luís, ano 1, n. 3, 20 ago. 1875.

¹⁶³ PASSAGEIROS. *Diário do Maranhão*. São Luís, ano 6, n. 611, 18 ago. 1875.

¹⁶⁴ QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República*. Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2011, p. 84.

¹⁶⁵ QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República*. Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2011, p. 84.

¹⁶⁶ PASSAGEIROS. *Jornal de Recife*. Recife, ano 19, n. 68, 23 mar. 1876.

¹⁶⁷ CUNHA, Higino. Clodoaldo Freitas: sua vida e sua obra. *Revista da Academia Piauiense de Letras*, Teresina, ano 7, p. 28-57, dez. 1924, p. 32.

república com vários colegas que iriam desempenhar destacado papel na vida pública, entre eles Clovis Bevilacqua, com os quais conviveu harmoniosamente.

Sem se preocupar com sua sobrevivência material, recebendo uma pequena mesada, pode viver modestamente, dedicando-se aos estudos, que ocupavam às vezes dezoito horas de seu dia. Lia muita literatura, filosofia, história e crítica religiosa. Lia os grandes pensadores e poetas sem muito método¹⁶⁸ e ainda ia bem nas aulas e nos exames. Numa aula de direito eclesiástico, regida pelo lente maranhense Dr. José Joaquim Tavares Belfort, Clodoaldo foi chamado para tratar sobre conventos, cônegos e freiras. Arguiu demonstrando os perigos dos monastérios por serem “antros de imoralidade e uma decrepitude no ponto de vista social e religioso”¹⁶⁹. O professor o ouviu e saiu da aula sem nada dizer, como se o aplaudisse em silêncio.¹⁷⁰

Clodoaldo Freitas se enojava do tipo de direito que era ensinado até a década de 1870 na Faculdade de Direito de Recife, devido à sua esterilidade e secura.¹⁷¹ O Direito em voga, mas já em franco descrédito, era o Direito Natural, no qual se compreendia a realidade social como rígida e imutável.¹⁷² A concepção do Direito ao qual o jovem acadêmico se afeiçoava relacionava-se com o movimento de secularização do mundo moderno¹⁷³, que valorizava as experiências concretas das sociedades, assumindo uma feição mutável, evolutiva, aproximando-se da ciência e seu método de investigação dos fatos¹⁷⁴ e distanciando-se das explicações teológicas das coisas do mundo. A geração de bacharéis de Clodoaldo Freitas participou intensamente das atividades literárias e políticas do final da década de 1870, influenciada pelas ideias novas, que eram

um conjunto de ideias então tidas como radicais, que estão dentro da tradição filosófica europeia, em suas vertentes materialistas, empiristas, utilitaristas, positivistas e derivadas do saber sobre a natureza, que se vinha desenvolvendo e ganhando adeptos pelo menos desde o século XVII. Uma concepção secularizada do mundo, como tendência, vem a se consolidar com grande força no final do século XIX, e recebe reforço de um amplo conjunto de

¹⁶⁸ QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República*. Clodoaldo Freitas, Higinio Cunha e as tiranias do tempo. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2011, p. 96.

¹⁶⁹ CUNHA, Higinio. Clodoaldo Freitas: sua vida e sua obra. *Revista da Academia Piauiense de Letras*, Teresina, ano 7, p. 28-57, dez. 1924, p. 33.

¹⁷⁰ CUNHA, Higinio. Clodoaldo Freitas: sua vida e sua obra. *Revista da Academia Piauiense de Letras*, Teresina, ano 7, p. 28-57, dez. 1924, p. 33.

¹⁷¹ CUNHA, Higinio. Clodoaldo Freitas: sua vida e sua obra. *Revista da Academia Piauiense de Letras*, Teresina, ano 7, p. 28-57, dez. 1924, p. 32.

¹⁷² AVELINO, Jarbas. As escritas dos bacharéis. A ciência e o direito como mediadores para a construção de uma sociedade republicana. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Piauí: Teresina, 2010, p. 12.

¹⁷³ QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República*. Clodoaldo Freitas, Higinio Cunha e as tiranias do tempo. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2011, p. 257.

¹⁷⁴ AVELINO, Jarbas. As escritas dos bacharéis. A ciência e o direito como mediadores para a construção de uma sociedade republicana. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Piauí: Teresina, 2010, p. 28.

resultados das pesquisas científicas em geral, que justificam a secularização como processo científico e natural. Na prática, as discussões se centralizavam em oposições muito fortes aos saberes de ordem teológica e à concepção teocêntrica do mundo. O projeto natural colide com o projeto divino, a Natureza opõe-se à Providência, a ciência volta-se contra a religião. Esse impulso oitocentista de secularização do mundo tem um impacto substancial sobre as concepções de cunho antropocêntrico e mesmo sobre o uso de alegorias antropomórficas, colocando mesmo na ordem do dia a relação homem-natureza e, em última instância, a relação homem-Deus.¹⁷⁵

Já no final de seu quinquênio jurídico, Clodoaldo colabora no jornal *Ideia Nova*, como um de seus fundadores e redatores, juntamente com Martins Júnior e Clóvis Bevilacqua, claramente orientado pelo positivismo heterodoxo de Littré¹⁷⁶. Publica um pequeno romance de costumes piauienses, uma crítica literária e “um artigo sobre o movimento intelectual da Academia em 1879”¹⁷⁷. Sua militância em Recife gira em torno das ideias abolicionistas, republicanas e anticlericais.¹⁷⁸

Em quase todo o século XIX, até a saída de Clodoaldo Freitas da Faculdade de Direito, o acesso à educação superior e à política eram apanágios masculinos. Contudo, um decreto de abril de 1879, o qual reformava o ensino no Brasil, abriu todos os cursos às mulheres, em parte, inspirado pelo exemplo de Maria Augusta Generosa Estrela, que em 1875, com quatorze anos de idade, convenceu o pai a lhe apoiar em seu desejo de ser médica. Após um tempo estudando na *New York Medical College and Hospital for Women*, viu-se impossibilitada de continuar com os estudos devido aos problemas financeiros de seu pai, que era comerciante no Rio de Janeiro. Diante da situação, vários brasileiros se dispuseram a ajuda-la, financiando seus estudos, inclusive D. Pedro II, conseguindo, enfim, tornar-se médica em 1881. Embora todos os cursos estivessem abertos para as mulheres em 1879, somente em 1882 a primeira mulher matriculou-se num curso superior no Brasil.¹⁷⁹ O mundo público dos estudos, da literatura, do trabalho, da política e dos negócios eram *locus* do domínio masculino, onde as mulheres adentravam aos poucos, com maior proeminência na segunda metade do século XIX, período marcado por diversas fissuras e profundas mudanças no mundo ocidental.

¹⁷⁵ QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República*. Clodoaldo Freitas, Higinio Cunha e as tiranias do tempo. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2011, p. 236.

¹⁷⁶ QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República*. Clodoaldo Freitas, Higinio Cunha e as tiranias do tempo. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2011, p. 97.

¹⁷⁷ CUNHA, Higinio. Clodoaldo Freitas: sua vida e sua obra. *Revista da Academia Piauiense de Letras*, Teresina, ano 7, p. 28-57, dez. 1924, p. 33.

¹⁷⁸ QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República*. Clodoaldo Freitas, Higinio Cunha e as tiranias do tempo. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2011, p. 97.

¹⁷⁹ BARMAN, Roderick. *Princesa Isabel do Brasil: gênero e poder no século XIX*. Tradução de Luiz Antônio Oliveira Araújo. São Paulo: Editora UNESP, 2005, p. 222.

No Brasil, a primeira a seguir o exemplo de Maria Augusta, valendo-se do decreto de 1879, foi Rita Lobato Velho Lopes, que se matriculou na escola de medicina do Rio de Janeiro em 1882. Depois se transferiu para a faculdade da Bahia, onde se diplomou em 1887. Essa mudança de província provocou um debate entre os estudantes, um dos quais alegou que nenhum homem se casaria com uma médica, pois ela estaria “corrompida pelo hábito arraigado de andar pelas ruas”. Essa colocação não dizia respeito à grande parcela das mulheres brasileiras que trabalhavam e viviam fora de casa como sempre tinham feito, mas às de classe alta, que, se passassem a frequentar os espaços públicos, continuariam fadadas a perder a honra pessoal e a ameaçar a posição social de suas famílias.¹⁸⁰

A formação na Faculdade de Direito em torno da Escola de Recife¹⁸¹ modelou a visão de mundo de Clodoaldo, transformou o jovem estudante no homem que iria se colocar à frente da sociedade do final do século XIX e início do século XX. Habilitado para ocupar cargos de destaque nas províncias e estados do Império e República, o Doutor Clodoaldo Freitas se sobressaiu como literato-militante, historiador e nas funções públicas de bacharel em Direito que ocupou de forma diversa e efêmera nas regiões as quais circulou ao longo de sua vida.

2.3 O Doutor Clodoaldo Freitas

Formado em Direito em novembro de 1880, em pleno vigor da mocidade, Clodoaldo saiu de Recife junto de seus amigos Augusto Câmara e Clóvis Bevilacqua. Descansou um mês na casa de Augusto no interior do Rio Grande do Norte, onde compôs material para muitos dos contos e novelas que escreveria, e se instalou por pouco mais de uma semana na casa de Clóvis, em Viçosa no Ceará. Prosseguindo sua viagem passando por Camocim (CE) e Parnaíba (PI), chega à capital piauiense em janeiro de 1881, período em que os Liberais estavam à frente do governo na Província do Piauí. Filia-se, no mesmo ano de sua chegada à Teresina, ao Partido Liberal, o qual era composto por muitos membros de sua família,¹⁸² quando assume o cargo de Promotor Público da capital piauiense, para o qual tinha sido nomeado em dezembro do ano anterior,¹⁸³ portanto, um mês após ter se bacharelado em Ciências Jurídicas e Sociais. Com seu grupo político no poder, a ocupação de cargos públicos de destaque era facilitada. O que significaria exatamente o oposto quando o grupo político rival, representado pelo Partido

¹⁸⁰ BARMAN, Roderick. *Princesa Isabel do Brasil: gênero e poder no século XIX*. Tradução de Luiz Antônio Oliveira Araújo. São Paulo: Editora UNESP, 2005, p. 223.

¹⁸¹ “Sílvio Romero denominou Escola do Recife o brilhante movimento intelectual, que teve por teatro a cidade do Recife, que foi, primeiramente, poético, depois, crítico e filosófico, e, por fim, jurídico, sendo, em todos eles, figura preponderante Tobias Barreto”. BEVILACQUA, Clóvis. *História da faculdade de direito do Recife*. 2. ed. Brasília: INL/ Conselho Federal de Cultura, 1977, p. 350.

¹⁸² CUNHA, Higino. Clodoaldo Freitas: sua vida e sua obra. *Revista da Academia Piauiense de Letras*, Teresina, ano 7, p. 28-57, dez. 1924, p. 34.

¹⁸³ QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República*. Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2011, p. 307. GOVERNO Provincial. *A Imprensa*. Teresina, ano 16, n. 671, 9 jan. 1881.

Conservador, chegasse ao governo. Com a renda legal de promotor público, Clodoaldo, reconhecido como cidadão no Império, configurava-se como um eleitor, votando na Paróquia de Nossa Senhora das Dores, em Teresina.¹⁸⁴

Os chefes do Partido Liberal no Piauí na última década de existência do Império, em sua maioria, eram formados por militares.¹⁸⁵ A força dos militares iria marcar também, de sobremodo, a República, apesar da ascensão da figura do bacharel, mais habilitado para as funções da pena do que os que carregavam a espada. Conquanto, a pena seria a espada dos bacharéis, virilizados por sua atuação combativa nos campos das letras, na eloquência das palavras, na busca pelo controle da sociedade e dos rumos da história. A geração de Clodoaldo Freitas era militante, formada por jornalistas-literatos-políticos, para a qual a atuação na imprensa se constituía como ação política.¹⁸⁶

Nesse ínterim, Clodoaldo ganha, progressivamente, espaço na burocracia provincial. Entre julgamentos, absolvições e condenações do meio jurídico, o Promotor Clodoaldo Freitas é nomeado como examinador no concurso de amanuense¹⁸⁷ da secretaria de governo.¹⁸⁸ Com pouco mais de um ano no cargo de Promotor Público de Teresina, Clodoaldo toma posse do cargo de Juiz Municipal e de Órfãos de Valença, cidade localizada a pouco mais de 200 km ao sul de Teresina.

Em 1882, o juiz Dr. Clodoaldo Freitas é removido para Teresina, onde exerce concomitantemente o cargo de lente interino do Liceu piauiense,¹⁸⁹ presidindo ainda a mesa do exame de português e examinando as mesas de francês, latim, retórica, filosofia, aritmética e história, exigidos para o ingresso nos cursos superiores do Império.¹⁹⁰ Para exercer a função de professor de História era necessário ter conhecimentos, além da língua materna, de línguas estrangeiras, como o latim e o francês, pois os materiais à época eram raros e provenientes de outros países, nos quais os professores, muitas vezes, baseavam-se para compor uma literatura escolar específica.¹⁹¹ Os primeiros contatos que Clodoaldo teve com o latim e com a língua

¹⁸⁴ EDITAES. *A Imprensa*. Teresina, ano 16, n. 690, 30 jun. 1881.

¹⁸⁵ CUNHA, Higino. Clodoaldo Freitas: sua vida e sua obra. *Revista da Academia Piauiense de Letras*, Teresina, ano 7, p. 28-57, dez. 1924, p. 34.

¹⁸⁶ QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República*. Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2011, p. 166.

¹⁸⁷ Amanuense é o mesmo que escriturário.

¹⁸⁸ GOVERNO Provincial. *A Imprensa*. Teresina, ano 17, n. 716, 16 jan. 1882.

¹⁸⁹ INCOMPATIBILIDADE. *A Imprensa*. Teresina, ano 19, n. 818, 26 abr. 1884.

¹⁹⁰ EXPEDIENTE. *A Imprensa*. Teresina, ano 19, n. 828, 10 jul. 1884.

¹⁹¹ GUTEMBERG, Paulo. *História e identidade*. As narrativas da piauiensidade. 2008. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2008, p. 34.

francesa foi em Oeiras, nas aulas públicas de seu tio José Dias de Freitas em 1869,¹⁹² cadeira que fora suprimida em 1871.¹⁹³

Interessa notar que eram reservadas aos homens as cadeiras para lecionar no ensino secundário, no Liceu, as quais exigiam mais habilidades de leitura e conhecimentos específicos. E às mulheres eram destinadas o ensino primário de meninas, que manifestava salientes diferenças entre a formação primária dessas e dos meninos. Onde a ambos os sexos eram ensinadas as primeiras letras e os cálculos básicos, e a costura, o bordado e cuidados domésticos eram ensinados exclusivamente às moças.

Após ocupar por quatro anos o cargo de juiz municipal, portanto, finalizando o quadriênio na magistratura e com a vida profissional instável devido à queda do Partido Liberal e à subida do Partido Conservador ao comando do governo em meados de 1885, Clodoaldo é demitido da cadeira de História do Liceu Piauiense, na qual era professor interino. Então, passa a atuar como advogado do Partido Liberal em Amarante nesse mesmo ano, período em que vivencia o primeiro de muitos momentos de dificuldades financeiras devido à perda de influência no meio político. O apoio e a influência de prestigiosos homens foram fundamentais para a sobrevivência de Clodoaldo. Além de ter galgado altos cargos públicos devido à sua ligação filial com José Manuel de Freitas, também pôde contar com a amizade e o amparo de Mariano Gil Castelo Branco posteriormente. A proteção que obteve deles era um dos pontos de sustentação em meio a tantas rivalidades, disputas, rixas e desavenças que marcavam o ambiente político no final do Império e início da República.

Entre 1886 e 1888, sem ocupar cargo público devido à falta de alianças políticas com o partido da situação, Clodoaldo trabalha como advogado, viajando com frequência pelo interior das províncias do Maranhão e Piauí.¹⁹⁴ E, em 1888, é nomeado como juiz municipal de Santa Filomena, fronteira com o extremo sul do Maranhão. De início, recusa assumir a vaga por considerar essa nomeação uma sentença de exílio, mas acaba aceitando, onde trabalhar por um ano. Essa nomeação, em pleno domínio dos Conservadores, se deu por interferência de Coelho de Resende e de João Henrique Vieira da Silva, colega de Clodoaldo na Faculdade de Direito em Recife.¹⁹⁵

¹⁹² CUNHA, Higino. Clodoaldo Freitas: sua vida e sua obra. *Revista da Academia Piauiense de Letras*, Teresina, ano 7, p.28-57, dez. 1924, p. 30.

¹⁹³ *O Piauí*. Teresina, ano 5, n. 211, 23 mar. 1872.

¹⁹⁴ QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República*. Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2011, p. 129-130.

¹⁹⁵ QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República*. Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2011, p. 129.

Em 1894, Clodoaldo Freitas segue para a Amazônia por não ter condições financeiras para se manter no Piauí, pois não tinha espaço de atuação profissional devido às discordâncias com o governador do Piauí Coriolano de Carvalho e Silva (11.01.1892 a 01.07.1896), o qual seria apresentado, posteriormente, como uma figura antidemocrática, expressa nas colunas do Jornal de curta existência *O Estado* (1901-1902). Clodoaldo consegue, então, com muita dificuldade, uma colocação de Inspetor Escolar no município de Lábrea, no Amazonas. Entretanto, não demora muito a voltar, pois é acometido por uma forte febre.¹⁹⁶

No ano de 1900, Clodoaldo Freitas, que advogava no Piauí, deixa o partido da situação para ser oposição ao governo de Raimundo Artur de Vasconcelos (01.07.1896 a 01.07.1900),¹⁹⁷ do qual participara por alguns meses como chefe de polícia e procurador geral.¹⁹⁸ Os governos militares do capitão Coriolano de Carvalho e Silva (1892-1896) e do coronel Raimundo Artur de Vasconcelos (1896-1900) são períodos difíceis para Clodoaldo Freitas quanto à ocupação de cargos públicos e para sua sobrevivência no estado do Piauí.¹⁹⁹

Em 1903, concorre a uma vaga na Câmara Federal pelo estado do Piauí e, considerando-se eleito, parte para o Rio de Janeiro. Contudo, na política dominante do Partido Republicano Federal, os candidatos diplomados são os desse partido, o qual Clodoaldo Freitas fazia forte oposição. Desgostoso, não volta para o Piauí, seguindo direto para o estado do Pará, onde, além de exercer a advocacia,²⁰⁰ é contratado como lente da Faculdade de Direito do Pará, por meio da intervenção de seu amigo e correligionário Heitor Gil Castelo Branco, filho do seu protetor político do Partido Liberal, Mariano Gil Castelo Branco. E, no ano seguinte, também está alocado no corpo docente, como professor interino da cadeira de geografia do Ginásio Paes de Carvalho, em Belém do Pará, dirigido por Heitor Gil Castelo Branco.²⁰¹

Em abril de 1905, Clodoaldo Freitas já estava em São Luís para tomar o vapor *Vianna* que seguiria para Caxias no Maranhão, tendo em vista chegar no Piauí.²⁰² No seu estado natal passa, então, a exercer a advocacia. Contudo, estabelece-se por menos de um ano no Piauí, pois não possuía relações com o governador Álvaro de Assis Osório Mendes (01.07.1904 a 05.12.1907) para alocá-lo em cargos públicos. Clodoaldo, então, ao lado de seu filho Alcides

¹⁹⁶ QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República*. Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2011, p. 126.

¹⁹⁷ O DR. Clodoaldo. *Diário do Maranhão*. Maranhão, ano 31, n. 7924, p. 2, 30 jan. 1900.

¹⁹⁸ QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República*. Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2011, p. 309

¹⁹⁹ QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República*. Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2011, p. 309.

²⁰⁰ VIAJANTES. *Pátria*, Teresina, ano 2, n. 57. 22 nov. 1903.

²⁰¹ GYMNASIO Paes de Carvalho. *Almanaque administrativo, mercantil e industrial do Estado do Pará e indicador para 1904-1905*. Ano 1, p. 18. *Diário do Maranhão*, ano 34, n. 9033, p. 2, 21 set. 1903.

²⁰² NO vapor. *Pacotilha*. Ano 25, n. 89, Maranhão. 14 abr. 1905.

Freitas, parte de Teresina para o Maranhão no ano de 1906,²⁰³ assim que Benedito Leite (01.03.1906 a 25.08.1908) assume o governo nesse estado.

No Maranhão, exerce várias funções ao longo do ano de 1906. É nomeado, em comissão, para exercer o ofício de Inspetor Escolar, auxiliar do Diretor da Escola Normal de São Luís,²⁰⁴ trabalha como fiscal orçamentário e analista de tributação municipal, recebendo mensalmente 200\$000,²⁰⁵ como professor provisório da cadeira de História Universal e do Brasil do Liceu Maranhense.²⁰⁶ Nesse mesmo ano foi juiz em disponibilidade, recebendo 200\$ mensais do Tribunal de Justiça do Maranhão,²⁰⁷ e examinador para a habilitação da advocacia na Comarca de Guimarães.²⁰⁸ No ano de 1907, ministrou aulas no curso secundário do Colégio Maranhense²⁰⁹ e foi, por um curto período de tempo,²¹⁰ Procurador Geral Interino do Estado.²¹¹ Em maio de 1908, Clodoaldo Freitas compõe o corpo docente do novo estabelecimento de instrução, o Instituto Almir Nina, em São Luís.²¹²

No governo de Anísio de Abreu (01.07.1908 a 06.12.1909), no ano de 1909, foi aprovada a lei que cria o Arquivo Público do Piauí, “destinado a receber e conservar, debaixo de classificação sistemática todos os documentos concernentes ao direito público, à legislação, à administração, à história e geografia, às manifestações do movimento científico, literário e artístico do Piauí.”²¹³ Clodoaldo Freitas foi nomeado seu primeiro Diretor efetivo dois anos depois de sua criação, portanto, em 1911, trabalhando numa sala da Secretaria do Governo, onde estava instalado o Arquivo Público no período, devido às insuficientes condições financeiras do estado.²¹⁴

Contudo, no ano seguinte, mais uma vez sem espaço no funcionalismo público, trabalha como profissional liberal, em 1912, montando banca de advogado à rua Coronel Lisandro

²⁰³ PASSAGEIROS Entrados. *Diário do Maranhão*. Maranhão, ano 37, n. 9792, p. 1, 24 mar. 1906.

²⁰⁴ O BACHAREL Clodoaldo. *Diário do Maranhão*. Maranhão, ano 37, n. 9827, p. 2, 8 maio 1906.

²⁰⁵ PELO governo. *Pacotilha*. Maranhão, Ano 26, n. 110, 10 maio 1906.

²⁰⁶ POR Ato. *Diário do Maranhão*. Maranhão, ano 37, n. 9839, p. 2, 22 maio 1906.

²⁰⁷ FOI Concedido. *Diário do Maranhão*. Maranhão, ano 37, n. 9930, p. 2 7 set. 1906.

²⁰⁸ EDITAIS. *Diário do Maranhão*. Maranhão, ano 37, n. 9982, p. 2, 8 nov. 1906.

²⁰⁹ COLEGIO Maranhense. *Pacotilha*, Maranhão, ano 27, n. 21, p. 2, 24 jan. 1907.

²¹⁰ QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República*. Clodoaldo Freitas, Higinio Cunha e as tiranias do tempo. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2011, p. 309.

²¹¹ PARA Substituir. *Pacotilha*, Maranhão, ano 27, n. 124, p. 2, 25 maio 1907.

²¹² NOVO Instituto. *Diário do Maranhão*, São Luís, ano 39, n. 10434, p. 2, 30 abr. 1908.

²¹³ GUTEMBERG, Paulo. *História e identidade*. As narrativas da piauiensidade. 2008. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2008, p. 83.

²¹⁴ PIAUÍ. Câmara Legislativa do Piauí. *Mensagem apresentada à Câmara Legislativa do Piauí pelo Exmo. Sr. Governador do Estado Dr. Miguel de Paiva Rosa no dia 1º de junho de 1913*. Teresina: Typographia Paz, 1913, p. 24.

Nogueira, n. 33,²¹⁵ em Teresina, junto de Matias Olímpio, Cromwell Carvalho, Temístocles Avelino e Miguel Rosa.²¹⁶

Tendo rompido com o governo de Miguel Rosa (01.07.1912 a 01.07.1916), ocupa no Maranhão, por pouco tempo no ano de 1914,²¹⁷ o cargo de Diretor da Imprensa Oficial e logo segue ao Pará, onde exerce a função política de Deputado Estadual (1914-1916) pelo partido Conservador.²¹⁸

Clodoaldo Freitas atuou em diversos cargos na burocracia estadual e federal, na magistratura, educação e política partidária.²¹⁹ E, no apagar das luzes do governo de Miguel Rosa foi expedido o ato de nomeação do doutor Clodoaldo Freitas para o cargo de desembargador do Tribunal de Justiça do Piauí, função que assumiu no mesmo dia.²²⁰ No final de 1918 ocupou a cadeira de vice-presidente desse mesmo Tribunal, pelo critério de idade.²²¹

Clodoaldo Freitas pertenceu aos meios das elites dirigentes da sociedade que tiveram formação para compor os quadros políticos e burocráticos da sociedade imperial e republicana. Grupo que pensava a sociedade, definia as leis, delegava, executava e fiscalizava atos dos poderes executivo, legislativo e do judiciário, analisava e refletia as mais detalhadas questões de repercussão local, nacional e mundial, todavia, não sem disputas e de forma bastante heterogênea. Detentores dos códigos da escrita, Clodoaldo e seus pares utilizavam-se, também, da imprensa para legitimarem-se na sociedade, propagarem e defenderem seus ideais de mundo.

2.4 Jornalismo e Política

As poucas dezenas de periódicos que circulavam no Brasil na década de 1820 eram, sobretudo, políticos.²²² Nesse período, no Piauí, não existia nenhum periódico de produção local, portanto, recebia, provavelmente, periódicos estrangeiros – sobretudo da França – revistas e jornais de circulação nacional como a do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro,

²¹⁵ ADVOGADOS. *Litericultura*. Teresina, ano 1, n. 1, 1 jan. 1912.

²¹⁶ ADVOGADOS. *Litericultura*. Teresina, ano 1, n. 1, 1 jan. 1912.

²¹⁷ QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República*. Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2011, p. 309.

²¹⁸ QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República*. Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2011, p. 311.

²¹⁹ QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República*. Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2011, p. 130.

²²⁰ PIAUÍ. Câmara Legislativa do Piauí. *Mensagem apresentada á Câmara Legislativa do Piauí pelo Exmo. Sr. Governador do Estado Dr. Miguel de Paiva Rosa no dia 1º de junho de 1917*. Teresina: Imprensa Oficial, 1918, p. 12.

²²¹ PIAUÍ. Câmara Legislativa do Piauí. *Mensagem apresentada á Câmara Legislativa do Piauí pelo Exmo. Snr. Dr. Euripedes Clementino de Aguiar, Governador do Estado em 1º de junho de 1919*. Teresina: Typ d' "O Piauhy", 1919.

²²² MARTINS, Francisco de Sousa. Progresso do jornalismo no Brasil. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, abr. 1846, p. 262-275, p. 265.

jornais do Maranhão, Província que lançava, em torno de, três (03) publicações periódicas à época, e, possivelmente, também circulavam os mais expressivos jornais do Rio de Janeiro, que possuía, cerca de, dez (10) jornais, e de Pernambuco, que contava com, cerca de, cinco (05) jornais.²²³

Com a criação do Curso Jurídico de Olinda, no Pernambuco, no ano de 1827, os filhos das famílias de elite do Norte do Império, que possuíam interesses em prosseguir com os estudos, eram enviados para Olinda e, a partir de 1854, para Recife a fim de desenvolver os estudos de Ciências Jurídicas e Sociais.²²⁴ Quando voltavam para suas Províncias de origem, os quais incluíam os piauienses, levavam consigo alguns livros, revistas²²⁵ e novas formas de perceber o seu mundo.

Esses bacharéis, de volta às suas casas, compunham um segmento da sociedade que demandava por livros, revistas e jornais políticos, literários e científicos de outras regiões e também colaboravam localmente e nacionalmente com a criação dos produtos culturais letrados, articulando as experiências e conhecimentos provenientes de fora de suas Províncias com as experiências e sociabilidades locais. As conexões entre as Províncias também se desenvolveram de forma acentuada por meio das relações de amizade entre indivíduos de diferentes localidades, que se comunicaram intensamente via imprensa, como se vê largamente nos jornais do período a divulgação de notícias sobre colegas, oriundos de outras Províncias, dos redatores dos jornais locais, principalmente no que tange a suas andanças políticas e desenvolvimentos literários.

O jornalismo de combate, muito frequente no final do Império e início da República, foi, certamente, um dos espaços preferidos de atuação escriturística de Clodoaldo, sobretudo abordando as questões religiosas, políticas e filosóficas. Clodoaldo Freitas inicia nesse campo no jornal *Ideia Nova* de Recife, ao lado de Martins Júnior e de Clóvis Bevilacqua, no último ano de sua Faculdade de Direito (1880).²²⁶ Quando volta ao Piauí, após concluir sua formação superior na Faculdade de Recife, Clodoaldo passa a atuar na imprensa política local, onde se

²²³ MARTINS, Francisco de Sousa. Progresso do jornalismo no Brasil. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, abr. 1846. p. 262-275, p. 264-265.

²²⁴ AVELINO, Jarbas. As escritas dos bacharéis. A ciência e o direito como mediadores para a construção de uma sociedade republicana. Dissertação (*Mestrado*). Universidade Federal do Piauí: Teresina, 2010, p. 21-22.

²²⁵ COSTA FILHO, Alcebíades. Circulação de livros no Piauí oitocentista. *III Simpósio de História do Maranhão Oitocentista*. UEMA, p. 1-8, jul. 2013, p. 1.

²²⁶ GUTEMBERG, Paulo. *História e identidade*. As narrativas da piauiensidade. (*Dissertação de Mestrado*). Teresina: Universidade Federal do Piauí, 2008. p. 110.

encontrava, então, “o máximo fator de êxito, dando renome, honras e posições aos paladinos.”²²⁷

Clodoaldo Freitas volta de Recife para Teresina munido de um saber acadêmico e filosófico que o instrumentalizava para a ação social e política, e se utiliza da imprensa e da literatura, além da vida político-partidária e da Maçonaria, para a divulgação e defesa de seus ideais de sociedade.²²⁸ Durante a década de 1880, mesmo já não mais circulando fisicamente por Recife, Clodoaldo Freitas continuava ligado aos colegas e aos movimentos culturais da capital pernambucana. Enviava textos para serem publicados por seus amigos que lá estavam, como Clóvis Bevilacqua, Martins Júnior e seu parente João Alfredo de Freitas, e também colaborava no *Diário de Pernambuco*. No ano de sua chegada à Teresina, passa a escrever no *Jornal A Imprensa*,²²⁹ onde publica o artigo “Breve notícia sobre *As visões de hoje*” nos meses de julho a agosto de 1881. Esse foi o primeiro texto com conteúdo anticlerical presente na imprensa de Teresina,²³⁰ no qual expressava parte das discussões iniciadas em Recife,²³¹ traçadas em torno do livro de Martins Júnior, onde estão presentes a valorização das ideias de evolução, progresso, da morte da metafísica e do teologismo, a exaltação da poesia científica, com ênfase na sua atualidade e utilidade, a defesa da democracia e da República, entendidas como modelos ideais de organização política e da laicização do Estado, e uma forte crítica à Igreja Católica Apostólica Romana, como instituição, e a seus monastérios.²³²

No artigo encontra-se pouca crítica literária, uma profissão de fé ainda algo comtiana, incluindo a proposta da religião da humanidade, muito haeckelismo e uma vigorosa crítica anticlerical e antirreligiosa. Coerente com a missão de secularizar o pensamento brasileiro, o texto incorpora e reproduz vários argumentos em torno da questão das mortes propostas por sua geração – da

²²⁷ CUNHA, Higino. Clodoaldo Freitas: sua vida e sua obra. *Revista da Academia Piauiense de Letras*, Teresina, ano 7, p. 28-57, dez. 1924, p. 37.

²²⁸ QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República*. Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2011, p. 108.

²²⁹ Veículo do Partido Liberal fundado por seus parentes José Manuel de Freitas e Deolindo Mendes da Silva Moura.

²³⁰ QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República*. Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2011, p. 227.

²³¹ “Segundo vários críticos, coube à ‘geração dos 70’ a introdução do Brasil na ‘modernidade cultural’, na medida em que se propunha o rompimento com o pensamento religioso em prol de uma visão laica do mundo. Com efeito, a partir desse momento toma força um movimento de contestação à teoria do direito natural em que a ordem social era compreendida como absolutamente rígida e imutável. A recepção dessas teorias científicas deterministas significava a entrada de um discurso secular e temporal que, no contexto brasileiro, transformava-se em instrumento de combate a uma série de instituições assentadas. No caso da faculdade de Recife, a introdução simultânea dos modelos evolucionistas e social-darwinistas resultou em uma tentativa bastante imediata de adaptar o direito a essas teorias, aplicando-as à realidade nacional”. SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 150.

²³² QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República*. Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2011, p. 232-233.

metafísica, da religião, do ciclo teológico, das ficções mitológicas e, mesmo num tempo mais remoto, do próprio sentimento religioso.²³³

O artigo sobre a obra de Martins Júnior, *Visões de hoje*, provocou os ânimos da católica sociedade teresinense devido à tessitura anticlerical de Clodoaldo. O embate se inicia com a resposta, em série, do bacharel Ricardo José Teixeira Filho no jornal *O Semanário*. A polêmica tomou tal proporção que o cargo que Clodoaldo Freitas ocupava como Promotor Público na capital piauiense chegou a ser abalado com uma possível exoneração.²³⁴ A contenda de Teixeira Filho diante do artigo de Clodoaldo revelava o abismo que separava o seu modo de pensar da mentalidade que vigorava em Teresina na última década do Império. “O artigo mexera com dogmas religiosos aceitos e mesmo com dogmas políticos – a saber, a discussão da democracia e sobretudo da República.”²³⁵ A desaprovação de Teixeira é uma manifestação da reação contra as ideias modernas, figuradas pelo positivismo e evolucionismo.²³⁶

As polêmicas protagonizadas por Clodoaldo Freitas e seus opositores constituíam parte da disputa masculina pelo controle da sociedade. Na qual, os homens, via escrita, procuravam definir os traços culturais da sociedade, consubstanciados na depreciação ou exaltação da religião católica. Tais disputa eram encenadas nas mais diversas províncias do Império, sobretudo diante da Questão Religiosa, onde duelaram Clérigos, os Bispos de maneira mais vigorosa, e membros da maçonaria.

As posições políticas tomadas por Clodoaldo Freitas, já fundamentadas em 1881,²³⁷ irão marcar grande parte das relações que vai estabelecer no seio da sociedade ao longo de sua vida. Na década de 1880, envolto às questões travadas em Recife, como as “propostas de explicações científicas do mundo”,²³⁸ a crítica à Monarquia e defesa do republicanismo, as críticas anticlericais, a luta pelo fim da escravidão e por democracia, impelia-se vigorosamente na oposição à mentalidade obscurantista e às credences tradicionais.²³⁹ E sua ousadia em manifestá-las abertamente irão lhe afastar dos principais chefes liberais, para os quais era tido

²³³ QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República*. Clodoaldo Freitas, Higinio Cunha e as tiranias do tempo. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2011, p. 99.

²³⁴ QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República*. Clodoaldo Freitas, Higinio Cunha e as tiranias do tempo. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2011, p. 232.

²³⁵ QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República*. Clodoaldo Freitas, Higinio Cunha e as tiranias do tempo. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2011, p. 233.

²³⁶ QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República*. Clodoaldo Freitas, Higinio Cunha e as tiranias do tempo. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2011, p. 233.

²³⁷ QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República*. Clodoaldo Freitas, Higinio Cunha e as tiranias do tempo. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2011, p. 233.

²³⁸ QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República*. Clodoaldo Freitas, Higinio Cunha e as tiranias do tempo. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2011, p. 100.

²³⁹ QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República*. Clodoaldo Freitas, Higinio Cunha e as tiranias do tempo. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2011, p. 100.

como radical. Excetuando-se José Manuel de Freitas, que era uma das principais lideranças políticas do Partido Liberal no período,²⁴⁰ e Mariano Gil Castelo Branco²⁴¹, a quem Clodoaldo devota fidelidade a partir dessa década²⁴² e a quem deveu parte de sua sobrevivência material e de sua atuação política.

No período de transição entre os séculos XIX e XX, a imprensa jornalística representava um espaço de poder que figurava constantes disputas políticas, nas quais os nomes dos sujeitos e de seus familiares eram frequentemente referidos nos ataques. Subjetivando-se a partir de certas virtudes burguesas, tais como retidão e decência,²⁴³ Clodoaldo revestia-se de uma moral que lhe garantia meios idôneos para ascender socialmente e para tentar neutralizar os ataques que sofria provenientes da imprensa conservadora. Saindo vitorioso das contendas que se envolvia, Clodoaldo se elevava diante de seus pares, onde os duelos na imprensa eram permeados pelos ataques e defesas de suas honras. A calúnia espezinhava esses sujeitos que, pela escrita, se enfrentavam.

Esse é um período na qual a valorização da honra militar e do duelo de morte começa a se arrefecer.²⁴⁴ A manifestação da virilidade se dá, sobretudo, pela pungência das palavras nos jornais, lançadas, por vezes, de modo irreflexivo, como fez Clodoaldo na impetuosa briga com o cônego Acelino, em Valença, no Piauí.

O cônego Acylino Baptista Portella (...) chamado a prestar contas da administração da fábrica da matriz, revoltou-se contra o juiz [Clodoaldo], atacando-o acremente pela *A Epoca*, jornal conservador. Clodoaldo aceitou a luva e esmagou, uma por uma as acusações levantadas contra ele. Revidando ao seu agressor, atacou-o no seu caráter sacerdotal, fazendo-lhe alusões ferinas e injustas, de que muito se arrependeu e que somente a paixão do momento podia sugerir como represália ou vingança.²⁴⁵

Clodoaldo é removido para Teresina pouco antes de escrever a resposta ao referido cônego, onde continua a envolver-se em discussões anticlericais. A polêmica com o cônego de

²⁴⁰ QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República*. Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2011, p. 77.

²⁴¹ Mariano Gil Castelo Branco viria a ser o Barão de Castelo Branco, líder da dissidência do Partido Liberal, chefiando o jornal *A Reforma*. QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República*. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2011, p. 130; 307.

²⁴² QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República*. Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2011, p. 311. CUNHA, Higino. Clodoaldo Freitas: sua vida e sua obra. *Revista da Academia Piauiense de Letras*, Teresina, ano 7, p. 28-57, dez. 1924, p. 35.

²⁴³ BÉJAR, Helena Merino. *El ámbito íntimo: Privacidad, individualismo y modernidade*. Madri: Alianzam 1988, p. 189.

²⁴⁴ GUILLET, François. O duelo e a defesa da honra viril. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (org.). *História da virilidade*. O triunfo da virilidade. O século XIX. v. 2. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. P. 97-152, p. 141.

²⁴⁵ CUNHA, Higino. Clodoaldo Freitas: sua vida e sua obra. *Revista da Academia Piauiense de Letras*, Teresina, ano 7, p. 28-57, dez. 1924, p. 35-36.

Valença constitui-se como um dos diversos elementos que compõem a crítica anticlerical de Clodoaldo Freitas e o ideal de masculinidade preconizado por ele. O qual é figurado no homem honrado, humilde, útil, inteligente, educado, de modos refinados, com boa reputação e retidão. Todas essas qualificações, Clodoaldo as atribuía ao inverso a Acelino.²⁴⁶

Apresentando perseverança nos seus embates anticlericais, Clodoaldo trava luta com o Bispo Dom Antônio Cândido de Alvarenga. E, para isso, funda o jornal *O Reator* (1884-1902), onde é o redator-chefe desse órgão maçom e anticlerical, criado para ser um veículo iniciador da luta antirreligiosa no Piauí, apresentando-se como eco da Escola do Recife contra a Igreja Católica e seu clero. O primeiro número desse jornal saiu no início de setembro de 1884, em Teresina, data da chegada de Dom Cândido Alvarenga, Bispo do Maranhão e do Piauí, já que essa Província não possuía seu próprio bispado. Higino Cunha, Miguel Rosa, João Pinheiro, Domingos Monteiro e Abdias Neves foram colaboradores das oito edições desse jornal anticlerical, o qual era editado apenas quando havia a visita pastoral do Bispo em Teresina, visto que o bispado de Teresina era dependente do bispado do Maranhão.²⁴⁷ Higino Cunha narra um episódio que apresenta a figura do Bispo Dom Alvarenga, que Clodoaldo e seus parceiros do jornal *O Reator* iriam utilizar para dessacralizar a imagem do bispo quando de suas visitas pastorais à Teresina.

D. Antônio Alvarenga era, na igreja, um verdadeiro energúmeno: gritava, descompunha, empurrava um, maltratava outro, tudo de um modo tão brutal que revoltava a todos. Não respeitava nem sexo, nem posição social, nem idade. Uma senhora respeitável, na matriz de Campo-maior, começou a amamentar um filhinho, que chorava. Diante disto, o bispo apostrofou-a: “Vai dar de mamar a teu filho no campo, vaca!” Teve, por isso, que sofrer veementes repulsas de senhoras e pais de família, mesmo dentro dos templos. No Maranhão, deram-lhe vaias e expulsaram-no da diocese. *O Reator* prestou, pois, relevantes serviços às consciências honestas, não só pugnando pela liberdade de pensamento em geral, como denunciando os abusos dos padres e contendo os desmandos do bispo atrabiliário: mas aumentou as prevenções dos fanáticos contra o seu principal fundador, considerado como ateu; porque entre o vulgo ignaro, o padre é uma pessoa sagrada, e atacá-lo é atacar o próprio Deus.²⁴⁸

No ano de ascensão ao poder do Partido Conservador, em 1885, tendo à frente o Gabinete do Barão de Cotegipe, Clodoaldo escreve, praticamente sozinho, o jornal de oposição *A Imprensa*. Publica, nesse jornal, seus estudos de história do Piauí sobre as lutas da independência, publica, também, vários artigos, em destaque a série “O verdadeiro culpado”,

²⁴⁶ RESPOSTA ao revd' Acyllino Baptista Portella Ferreira. *A Imprensa*. Teresina, ano 18, n. 759, 6 jan. 1883.

²⁴⁷ PINHEIRO FILHO, Celso. *História da imprensa no Piauí*. Teresina: Editora Zodíaco, 1997, p. 91-92.

²⁴⁸ CUNHA, Higino. Clodoaldo Freitas: sua vida e sua obra. *Revista da Academia Piauiense de Letras*, Teresina, ano 7, p. 28-57, dez. 1924, p. 36

famosa na política piauiense por apresentar uma ardente polêmica com o Dr. Jayme de Albuquerque Rosa, a qual se expande para o ano seguinte com Gabriel Ferreira e outros conservadores, que escreviam no jornal *A Epoca*.²⁴⁹ Em meados de 1885, quando passa a ser advogado do Partido Liberal em Amarante no Piauí, deixa o cargo de redator-chefe do jornal *A Imprensa*, o qual passa a ser ocupado, então, por Higino Cunha.²⁵⁰ Pondo em risco a própria vida, sustentou campanhas eleitorais contra adversários poderosos em Amarante, combatendo a administração Menezes Prado, apontando as violências das autoridades locais.²⁵¹

As disputas políticas, outrora marcadas pelo embate físico, transferiam-se em certa medida, nesse final de século, para os meios escritos. O que sinalizava para uma visível mudança no olhar de Clodoaldo Freitas e de sua sociedade sobre a violência masculina, sobretudo quanto às guerras, nos anos posteriores. No alvorecer do século XX, ele confessava que “apesar de eu ser o homem mais pacífico e ordeiro do mundo, tenho meus entusiasmos pelas glórias e pela coragem militares. Uma batalha me faz estremecer de emoção”²⁵². Contudo, durante a Primeira Guerra mundial, sua visão se modifica, “esta guerra, sem dúvida, a maior e mais terrível da história, incontestavelmente é um erro da funesta política imperialista de Guilherme 2º”, que faz com que, segundo ele, presenciemos a ruína de nossa civilização.²⁵³

Os embates desses homens bacharéis do final dos oitocentos se ambientam na imprensa, suas armas de combate são os jornais, suas munições são as palavras escritas, que ferem a honra e maculam a imagem desses sujeitos, que Clodoaldo experimentou diversas vezes ao defender seu partido político e seus ideais liberais.²⁵⁴ Pois, quando derrotado, passava a ser alijado politicamente, tendo que viver no exílio para driblar as dificuldades materiais que surgiam. Nesses momentos, voltava-se para uma intensa vida literária que o dispersava dos sofrimentos de sua condição.

²⁴⁹ QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República*. Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2011, p. 129-130. FREITAS, Clodoaldo. O verdadeiro culpado. *A Imprensa*, Teresina, ano 21, n. 888, 24 out. 1885. FREITAS, Clodoaldo. Ao Dr. Gabriel Ferreira. *A Imprensa*, Teresina, ano 21, n. 909, 20 mar. 1886.

²⁵⁰ QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República*. Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2011, p. 308.

²⁵¹ CUNHA, Higino. Clodoaldo Freitas: sua vida e sua obra. *Revista da Academia Piauiense de Letras*, Teresina, ano 7, p. 28-57, dez. 1924, p. 37-38.

²⁵² FREITAS, Clodoaldo. *Em roda dos fatos*. 3. ed. Brasília; Teresina: Senado Federal; Academia Piauiense de Letras, 2011, p. 163.

²⁵³ FREITAS, Clodoaldo. A prova das teorias socialistas. Escritos de Clodoaldo Freitas, Belém, v. 1, p. 57-60, 7 set. 1904, p. 58.

²⁵⁴ CUNHA, Higino. Clodoaldo Freitas: sua vida e sua obra. *Revista da Academia Piauiense de Letras*, Teresina, ano 7, p. 28-57, dez. 1924, p. 37.

Voltando de Amarante para Teresina, em 1887, Clodoaldo Freitas esteve à frente do jornal de tendência republicana, abolicionista e democrática, *A Reforma*²⁵⁵, chefiado por Mariano Gil Castelo Branco²⁵⁶ e de propriedade de Antônio de Souza Rubim, tornando-se parceiro de redação desse.²⁵⁷ No qual desenvolve acirrada campanha contra alguns presidentes da Província, entre eles Viveiros de Castro, por meio da publicação de vários artigos, dos quais “Crise próxima”, “Protesto”, “O Sr. Dr. Jansen Matos²⁵⁸ e o Sr. Dr. Viveiros de Castro”, “O Sr. Viveiro de Castro”, “A verdade dos fatos”, “Uma noite pelo alto” e “Prognóstico”, artigos de forte oposição política.²⁵⁹ Clodoaldo abandona a frente do jornal *A Reforma* em meados de 1887 volta para a redação d’*A Imprensa*.²⁶⁰

Em 1889, no extremo sul da Província do Piauí, em Santa Filomena, onde ocupava o cargo de juiz municipal, Clodoaldo teve um ano feliz e calmo, contrariando suas próprias expectativas negativas. Convivendo em harmonia com todos, escreveu textos envolto às bonanças da cidade. E foi nesses confins do sul do Piauí que recebeu e comemorou as vibrantes notícias da Proclamação da República, mesmo que por pouco tempo, pois, para ele, os “sonhos dourados de grandes triunfos na política republicana! O ideal d’outrora transfigurado em realidade paradisíaca! O presente em festas, renunciando as honras e as grandezas do futuro! Tudo ilusão! Nunca a realidade foi tão irrisória e destoante do ideal!”²⁶¹

Após treze ansiosos dias de viagem numa balsa de Santa Filomena à Teresina, o republicano Clodoaldo é “recebido como um herói antigo, sob as mais estrondosas manifestações populares.”²⁶² Entre seus pares, é ovacionado em extasiantes alegrias. Seus sonhos mais extremos circundavam diante do ideal republicano. Suas esperanças se avolumavam e já conseguia vislumbrar um futuro brilhante à sua Nação varonil. Como republicano durante o Império, estaria entre os principais intelectos direcionados para o reordenamento da política e da cultura republicana em gestação. Finalmente “Ihe rompera o dia

²⁵⁵ QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República*. Clodoaldo Freitas, Higinio Cunha e as tiranias do tempo. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2011, p. 306.

²⁵⁶ QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República*. Clodoaldo Freitas, Higinio Cunha e as tiranias do tempo. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2011, p. 129.

²⁵⁷ QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República*. Clodoaldo Freitas, Higinio Cunha e as tiranias do tempo. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2011, p. 129.

²⁵⁸ Jansen Matos administrou a província do Piauí em 1886.

²⁵⁹ QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República*. Clodoaldo Freitas, Higinio Cunha e as tiranias do tempo. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2011, p. 308.

²⁶⁰ QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República*. Clodoaldo Freitas, Higinio Cunha e as tiranias do tempo. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2011, p. 129.

²⁶¹ CUNHA, Higinio. Clodoaldo Freitas: sua vida e sua obra. *Revista da Academia Piauiense de Letras*, Teresina, ano 7, p. 28-57, dez. 1924, p. 40.

²⁶² CUNHA, Higinio. Clodoaldo Freitas: sua vida e sua obra. *Revista da Academia Piauiense de Letras*, Teresina, ano 7, p. 28-57, dez. 1924, p. 40.

da reparação e da justiça.”²⁶³ Poucos se entregaram à causa republicana como ele. Porém, teve seus sonhos dilacerados quando, da noite para o dia, os monarquistas fervorosos estavam de pé como os mais devotos republicanos, ocupando os cargos do novo regime.

O jornalismo de combate era permeado por expressivas agressões, chegando ao uso de linguagem chula e ofensas pessoais²⁶⁴ nas páginas dos jornais e a violências físicas fora do meio escriturístico, que chegavam a culminar na eliminação de alguns dos contendores. Essas batalhas manifestadas nos jornais simbolizavam os duelos armados dos homens de letras, sobretudo na luta pela sobrevivência política, mas também nas disputas ideológicas. Pois, os homens, tais como Clodoaldo, intentavam construir um ideal civilizatório vinculado ao cientificismo, buscando formar um ordenamento social por meio, também, do controle dos corpos.

Os duelos protagonizados por Clodoaldo Freitas, apresentados em grande parte na imprensa por meio dos jornais, inserem-se numa conjuntura maior de disputa pelo domínio do modelo de civilização, posicionando-se em favor da liberdade da alma humana contra a servidão teocrática.²⁶⁵ Como republicano no Império, Clodoaldo não aspirava a altas posições políticas. Contudo, no regime republicano, já se ressentia de ser preterido por adesistas que ganhavam espaço político na República não republicanizada vivida por Clodoaldo.²⁶⁶

No período de transição para a República, com a união dos conservadores em torno do Partido Republicano Federal, apoiado pelo jornal *A Democracia* – nascido da fusão dos jornais *Fiat-Lux* e *Atualidade*²⁶⁷ – o barão de Castelo Branco, Coelho de Rezende e Clodoaldo Freitas fundam o Partido Democrata,²⁶⁸ tendo o jornal *O Democrata* como seu órgão de imprensa, redigido pelos dois últimos e de propriedade do Barão.²⁶⁹ Criados os dois polos, logo os embates continuariam, agora, assentados na nascente República.

²⁶³ CUNHA, Higino. Clodoaldo Freitas: sua vida e sua obra. *Revista da Academia Piauiense de Letras*, Teresina, ano 7, p. 28-57, dez. 1924, p. 41.

²⁶⁴ CHAVES, Monsenhor. Teresina: Apontamentos Biográficos e Outros. CHAVES, Monsenhor. *Obra completa*. Teresina: Fundação Municipal de Cultura Mons. Chaves, 2013. p. 415-639, p. 553. GUTEMBERG, Paulo. *História e identidade*. As narrativas da piauiensidade. (*Dissertação de Mestrado*). Teresina: Universidade Federal do Piauí, 2008. p.

²⁶⁵ SANTOS, Cristian. *Padres, beatas e devotos*. Figuras do anticlericalismo na literatura naturalista brasileira. 2010. Tese (Doutorado em Literatura) - Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2010, p. 72.

²⁶⁶ QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República*. Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2011, p. 318-319.

²⁶⁷ PINHEIRO FILHO, Celso. *História da imprensa no Piauí*. Teresina: Editora Zodiaco, 1997, p. 97.

²⁶⁸ QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República*. Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2011, p. 333.

²⁶⁹ QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República*. Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2011, p. 308. PINHEIRO FILHO, Celso. *História da imprensa no Piauí*. Teresina: Editora Zodiaco, 1997, p. 97.

Devido às contendas que se envolveu, Clodoaldo enfrentou com grandes dificuldades a década de 1890, período dos governos militares do Capitão Coriolano de Carvalho e Silva (1892-1896) e do Coronel Raimundo Artur de Vasconcelos (1896-1900).²⁷⁰ Efetuada por seus arqui-inimigos, Coelho Rodrigues e Campos Sales, a contenda da vez seria a suspensão da nomeação de Clodoaldo para o cargo de juiz de direito de União.²⁷¹ Os acontecimentos que envolvem essa questão foram acidamente narrados no livro de Clodoaldo *Os fatores do coelhado* de 1892.

Com o golpe de Floriano Peixoto sobre Deodoro da Fonseca, ocorreu a deposição de praticamente todos os governadores estaduais, inclusive de Gabriel Ferreira no Piauí. Uma Junta Governativa foi composta para assegurar o controle do estado. Em sua composição estavam o tenente-coronel João Domingos Ramos, comandante do 35º Batalhão de Infantaria, Higino Cunha, Clodoaldo Freitas, José Eusébio de Carvalho Oliveira, Elias Firmino de Sousa Martins e José Pereira Lopes. Passados oito dias, Floriano Peixoto dissolve a Junta e nomeia João Domingos Ramos para ser governador do estado do Piauí, que ocupa o cargo por dois meses. Então, entra em seu lugar, no início de 1892, Coriolano de Carvalho e Silva.²⁷²

Clodoaldo Freitas atuou na imprensa piauiense na década de 1890 como redator do jornal *O Democrata* (1890),²⁷³ ao lado de Coelho de Resende.²⁷⁴ Também foi redator, em 1893, ao lado de Francisco de Sousa Martins, do jornal político oposicionista *O Diário*, fundado por Manoel Lopes Correia Lima e Elias Martins. Em 1896, foi redator, ao lado de Higino Cunha e José Gil Castelo Branco, do único número da *Revista Piauiense*. Nesse mesmo ano candidatou-se a deputado federal por seu estado, obtendo 1.279 votos, um voto a menos²⁷⁵ do que seu execrado rival político, o Capitão Coriolano de Carvalho, ex-governador do Piauí.

No ano de 1902 Clodoaldo é redator do jornal de cunho político e noticioso *O Estado*,²⁷⁶ ao lado de Heitor Castelo Branco,²⁷⁷ onde aparece a temática da republicanização da República, também presente em seus textos publicados no Maranhão (*Pacotilha*), Pará (*O Federalista*), no jornal *Pátria* de Teresina e em algumas de suas crônicas publicadas nesses estados ao longo

²⁷⁰ QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República*. Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2011, p. 309.

²⁷¹ FREITAS, Clodoaldo. *Os fatores do coelhado*. Teresina: Tipografia do Democrata, 1892, p. 11-12.

²⁷² SANTOS, Gervásio; KRUEL, Kenard. *História do Piauí*. Teresina: Halley/Zodíaco, 2009, p. 125.

²⁷³ Órgão do partido homônimo, de propriedade do Barão de Castelo Branco.

²⁷⁴ Convicto defensor do retorno ao regime Imperial. Ver PRINHEIRO FILHO, 1997, p. 100.

²⁷⁵ NOSSOS Telegramas. *Folha do Norte*. Pará, ano 2, n. 375, 10 jan. 1897.

²⁷⁶ THEREZINA social. *Pátria*, Teresina, ano 1, n. 9. 28 dez. 1902.

²⁷⁷ GUTEMBERG, Paulo. *História e identidade*. As narrativas da piauiensidade. 2008. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2008, p. 29.

dos anos de 1902 e 1906.²⁷⁸ No jornal *Pátria*,²⁷⁹ Clodoaldo foi redator junto de Abdias Neves, Antonino Freire e Miguel Rosa.²⁸⁰

No ano de 1911, Clodoaldo publica, em formato de folhetim no jornal *Diário do Piauí*, órgão da Imprensa Oficial, seu estudo *História de Teresina*, elaborado a partir de fontes primárias, como os Relatórios dos Presidentes da Província, de acesso facilitado diante da natureza do cargo que ocupava como Diretor do Arquivo Público de Teresina, no qual apresenta uma “história da evolução urbana da capital nos seus primeiros 50 anos de existência”.²⁸¹ Essa função pública foi conquistada devido à ação de amigos influentes no governo, como Matias Olímpio, secretário da pasta no período em questão, e Antonino Freire, governador à época.

O cargo em comissão de Diretor exercido por Clodoaldo era um meio para resguardá-lo das dificuldades financeiras pelas quais passava no período. Pois, devido aos seus posicionamentos políticos, não conseguia manter uma tranquilidade financeira vislumbrada pelos filhos da elite agrária (nessa época já em decadência), que creditava sua proeminência econômica e social na formação bacharelesca, imaginando que seus rebentos letrados teriam garantidos para si espaços nos mais elevados, prestigiosos e bem remunerados cargos públicos. No entanto, a influência social e as alianças políticas eram elementos necessários para assegurar a ocupação nos espaços da burocracia estatal, assim como também para a garantia de meios de sobrevivência material desses bacharéis sem capital financeiro proveniente do mundo rural.

Tanto os grupos situacionistas como os oposicionistas estabelecem acordos de apoio, suporte e sustentação nas diversas instâncias políticas, ou seja, os grupos oligárquicos, mesmo estando fora do poder, como oposição no âmbito estadual, podem estar vinculados ao governo federal, em relação direta, que prescinde da mediação dos governos estaduais. Dessa forma, têm continuidade as relações de favorecimento via empregos federais, prestação de serviços, etc. (...) É importante verificar que a atuação política, mesmo dos insatisfeitos com o sistema como um todo, quase só se torna possível dentro do próprio sistema, a partir da vinculação a um dos diferentes grupos oligárquicos, no poder ou fora dele. Como representante até certo ponto típico do republicano histórico alijado, Clodoaldo Freitas, mesmo se constituindo, em alguns momentos, como crítico ácido da política em vigor, não foge à regra acima exposta. Sua participação política se subordina a todas essas estruturas extremamente rígidas da Primeira República. Sua sustentação política e, em

²⁷⁸ FREITAS, Clodoaldo. A data nacional. In: FREITAS, Clodoaldo. *Em roda dos fatos*. Teresina: Senado Federal/APL, 2011. p. 83-87.

²⁷⁹ Semanário de propriedade de Abdias Neves que circulou de 1902 a 1905.

²⁸⁰ PINHEIRO FILHO, Celso. *História da imprensa no Piauí*. Teresina: Editora Zodíaco, 1997, p. 129.

²⁸¹ GUTEMBERG, Paulo. *História e identidade*. As narrativas da piauiensidade. 2008. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2008, p. 80.

muitas oportunidades, mesmo sua sobrevivência material ligam-se ao grupo político-familiar cujo centro era o Barão de Castelo Branco.²⁸²

O mundo do trabalho estava vinculado não só à sobrevivência material, mas também à honra masculina, no qual alguns cargos de prestígio se destacavam como símbolos de poder por essa sociedade, como os cargos de comando e autoridade (juiz,²⁸³ promotor, delegado), fora a entrada no mundo da política, que representava o grande sonho de Clodoaldo na República e, também, o seu maior fracasso, por não tê-lo alcançado em sua terra natal. Esses campos de disputas políticas eram o *locus* de batalha dos homens, cada um buscando os atributos viris que lhes confeririam poder. Nas posições de mando, esses homens digladiavam-se com uns e aliavam-se a outros.

A política era o terreno onde os homens se virilizavam. Forjavam-se viris, de modo semelhante, também a partir da escrita. O bacharel que não escrevia era considerado burro por seus pares, pois, enquanto nas sociedades tradicionais a honra se dava pela palavra falada,²⁸⁴ nas sociedades que se modernizavam, como Teresina, a força da palavra escrita era construída a partir do forte empenho escriturístico desses sujeitos letrados em meio a uma sociedade de iletrados. No qual buscavam, por meio do papel escrito, forjar uma nova sociedade, com novos dos mesmos arranjos. Portanto, a guerra perpetrada por e entre esses homens em busca de uma masculinidade hegemônica²⁸⁵ se dava, sobretudo, no campo da política e da literatura, manifestadas pelas palavras nos jornais que se apresentavam como palcos das batalhas desses homens que disputavam poder político e prestígio social.

Nesse ínterim, as mulheres também galgavam espaços na literatura e na política, conquistando bem mais espaço na literatura do que na política durante a Primeira República. Entretanto, não sem enfrentarem duras batalhas com o sujeito universal da política, que lutava para preservar esses espaços unicamente reservados às figuras masculinas.

2.5 Crônicas e Prosa Ficcional

Na década de 1830, jornais literários e científicos passam a surgir com maior expressão, sobretudo nas províncias do Rio de Janeiro e da Bahia. No entanto, as temáticas políticas e suas

²⁸² QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República*. Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2011, p. 327-228.

²⁸³ PUBLICAÇÕES A PEDIDO. *A Imprensa*, n. 847, ano 20, Teresina, 17 dez. 1884.

²⁸⁴ QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República*. Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2011, p. 194.

²⁸⁵ ALMEIDA, Miguel Vale de. Gênero, masculinidade e poder. Revendo um caso do sul de Portugal. *Anuário antropológico*, Lisboa, n. 95, p. 161-190, 1996, p. 161.

polêmicas continuam a ser o mote principal dos jornais nas demais províncias.²⁸⁶ Na década de 1840, a Província do Piauí possuía apenas uma publicação periódica, o *Correio da Assembleia*, no período em que circulavam, no Brasil, por volta de 78 periódicos de produção nacional.²⁸⁷ O aumento do número de jornais e, sobretudo, o aumento do número de jornais literários e científicos na década de 1840 – totalizando 17 em todo o Império – e do exponencial crescimento do número de assinantes – tomando como exemplo o *Jornal do Comércio* com 4 mil assinantes em 1846, quando possuía apenas 400 em 1827 – apontam para o desenvolvimento tanto do gosto pela escrita jornalística quanto pela leitura.²⁸⁸

O pai de Higino Cunha, o coronel Luiz da Cunha, que vivia próximo a Teresina, em sua fazenda em São José das Cajazeiras, em Flores,²⁸⁹ e que visitava, eventualmente, Caxias (MA) e Teresina (PI) por volta desse período,

Assinava jornais de Teresina e de São Luís e dispunha de alguns livros de autores célebres, como *Gil Braz de Santilhana*, *Dom Quixote de La Mancha*, as obras poéticas de Luiz Gonzaga (sic), de Gonçalves Dias, de Casimiro de Abreu, de dois dicionários da língua portuguesa, de um Chernoviz e uma história da Inquisição com gravuras horripilantes dos suplícios infligidos às vítimas das perseguições religiosas. Comprava todos os anos um almanaque de Bristol e uma folhinha de Laemerte.²⁹⁰

A variedade de artigos nas colunas dos jornais atraía variado público leitor, o que possibilitou um acentuado aumento do número de assinantes, mesmo diante do estado de atraso na instrução pública.²⁹¹ Já na segunda metade do século XIX, nas décadas de 1860 e 1870, Teresina, a capital da Província do Piauí, possuía duas bibliotecas públicas, contando com sistema de empréstimo. Por volta desse período, autores piauienses publicaram seus livros, alguns veiculados em várias edições, como o *Ecos do coração* (1881) de Hermínio de Carvalho Castelo Branco.

Entretanto, apesar do destaque que algumas obras possuíam, o livro ainda se constituía como uma raridade na sociedade piauiense. Circulava em poucos meios, sobretudo na capital, local onde se concentrava a maior parte dos poucos letrados da Província e, posteriormente,

²⁸⁶ MARTINS, Francisco de Sousa. Progresso do jornalismo no Brasil. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, abr. 1846. P. 262-275, p. 267-268.

²⁸⁷ MARTINS, Francisco de Sousa. Progresso do jornalismo no Brasil. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, abr. 1846. P. 262-275, p. 270.

²⁸⁸ MARTINS, Francisco de Sousa. Progresso do jornalismo no Brasil. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, abr. 1846. P. 262-275, p. 270-271.

²⁸⁹ Atual cidade de Timon, no Maranhão.

²⁹⁰ CUNHA, Higino. *Memórias: Traços autobiográficos*. 2. ed. Brasília; Teresina: Senado Federal; Academia Piauiense de Letras, 2011, p. 28.

²⁹¹ MARTINS, Francisco de Sousa. Progresso do jornalismo no Brasil. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, abr. 1846. P. 262-275, p. 274.

estado. Além disso, a quantidade de obras publicadas era diminuta em relação às produções literárias locais.²⁹²

No início do século XX há uma continuidade nas dificuldades de publicação de livros no Piauí, sendo, portanto, a imprensa jornalística o maior veículo de difusão dos textos literários dos autores locais e de divulgação das bagatelas publicadas em formato de livro pelos intelectuais piauienses. Como atesta o jornal teresinense *O Monitor*, em 1906.

Quase todos os intelectuais piauienses, que mourejam na terra natal, têm prometido a publicação de uma ou mais obras, sem conseguirem realizar a promessa. Revelam com isso boa vontade. Mas parece que o meio não é favorável à eclosão de livros. Talentos de escol não nos faltam em todas as gerações. A nossa imprensa periódica o atesta sobejamente. No entanto, pode-se dizer que somos todos autores inéditos, por falta de livros, escritores dispersos nas páginas do jornalismo efêmero.²⁹³

Clodoaldo Freitas, como escritor, também é representativo dos produtores escriturísticos locais com escassa publicação de livros. Até 1912, Clodoaldo possuía apenas cinco (05) obras publicadas: *Os fatores do coelhado* (1892), *História do Piauí* (1902), *Vultos piauienses* (1903), *O Piauí: canto sertanejo* (1908) e *Em roda dos fatos* (1911).²⁹⁴ E possuía pronta para o prelo, em 1912, mais de 15 obras, entre elas os romances *Memórias de um padre*, *Os dramas da Balaiada*, *Os dominadores*, *O pandemônio* e *Manoel Cabra*; os estudos de história *O Visconde da Parnaíba e a Balaiada*; os versos *Cantilenas*; os contos *Coisas da vida*, *Histórias vulgares*, *Contos piauienses*, *Coisas maranhenses* e *Idílios*; as críticas religiosas *Os problemas das religiões*, *O santo*, *Pequenos estudos teológicos* e *As tiranias sociais*,²⁹⁵ as quais não viraram livros devido a contingências econômicas. E poucas dessas obras já prontas para impressão saíram do ineditismo. Mesmo diante de vultosa produção literária, a obra de Clodoaldo Freitas se fazia relativamente pouco conhecida até o fim do século XX, inclusive os seus contemporâneos tiveram pouco acesso a ela.²⁹⁶

Apesar de todo esse cenário contraproducente para a crescente produção literária piauiense, no período que vai dos anos 1880 a 1920 observa-se um significativo aumento da circulação de impressos no Piauí, comparado às três décadas anteriores, confirmando o

²⁹² COSTA FILHO, Alcebíades. Circulação de livros no Piauí oitocentista. *III Simpósio de História do Maranhão Oitocentista*. UEMA, p. 1-8, jul. 2013, p. 2.

²⁹³ *O Monitor*. Teresina, dez. 1906. apud COSTA FILHO, Alcebíades. Circulação de livros no Piauí oitocentista. *III Simpósio de História do Maranhão Oitocentista*. UEMA, p. 1-8, jul. 2013, p. 3.

²⁹⁴ QUEIROZ, Teresinha. Homo sum. In: FREITAS, Clodoaldo. *Em roda dos fatos*. Teresina: Fundação Cultural Mons. Chaves, 1996. P. 5-16, p. 6.

²⁹⁵ O PIAUHY intellectual. Clodoaldo Freitas. *Diário do Piauíhy*. Teresina, ano 2, n. 82, abr. 1912.

²⁹⁶ QUEIROZ, Teresinha. FREITAS, Clodoaldo Severo Conrado. In: GONÇALVES, Wilson Carvalho. *Dicionário enciclopédico piauiense ilustrado*. Teresina: Halley S.A. Gráfica e Editora, 2003. P. 182-185, p. 182.

alargamento da atuação da imprensa escrita durante o segundo reinado e seguindo para as décadas posteriores, as quais correspondem aos últimos anos do Império e toda a Primeira República. É justamente nesse período (década de 1880 a 1920) que Clodoaldo Freitas, já como bacharel, vai se debruçar sobejamente na escrita e publicação de seus textos, os quais durante os oitocentos, são mais voltados para os textos políticos, e nos novecentos passam a ser produzidos, sobretudo, em formato de romances, novelas, contos, crônicas, poemas, crítica religiosa, por meio dos quais envolve-se profundamente com a imprensa jornalística, constituindo-se, nas palavras de Clóvis Bevilacqua, em “um jornalista vivaz, solerte, elegante e maleável, para quem não há assunto árido, e cuja pena se enriquece em vibrações e mais se aligeira no produzir, conforme dela mais exigem”.²⁹⁷

Os textos que se avolumavam em circulação no referido período são, sobretudo, impressos em jornais, folhetos, relatórios, revistas, almanaques e livros. As tipografias de Teresina, em sua maioria vinculadas aos grandes jornais locais, também imprimiam livros dos autores da região, como o exemplo do *Vultos piauienses* (1903) de Clodoaldo Freitas, impresso pela Tipografia do jornal *O Estado*, e a Tipografia Paz, que imprimiu o livro de crônicas *Em roda dos fatos*, do mesmo autor, em 1911. Diante das poucas Tipografias e das dificuldades de publicações de livros, a imprensa jornalística aglutinou grande parte da intensa produção literária piauiense, “tendo à frente do grupo intemerato dos que ali trabalha[va]m, no domínio das letras”, “Clodoaldo Freitas e Abdias Neves”,²⁹⁸ esse último com sua literatura de ficção com *Um Manicaca* (1909), e sua literatura científica com *Psicologia do cristianismo* (1910), e Clodoaldo Freitas, autor de *Em roda dos fatos* (1911). A restrita divulgação, da literatura ficcional piauiense de final do século XIX e início do século XX, apesar do grande número de obras produzidas, acaba por possibilitar que considerem, até os fins do século XX, a literatura piauiense como muito pobre, referindo-se ao romance de Abdias Neves acima citado quase como o único da literatura piauiense do período.²⁹⁹

A quantidade de jornais desse período era, de tão volumosa e variada, quase inacreditável para as condições tipográficas da capital piauiense, somando mais de 35 periódicos, nas quais os estudantes também compunham seus jornaizinhos influenciados pelos escritores mais consagrados. Essa proliferação de jornais se deveu, sobretudo, à luta política,

²⁹⁷ DR. Clodoaldo Freitas. *Diário do Piauí*. Teresina, ano 2, n. 111, 30 maio 2012.

²⁹⁸ DR. Clodoaldo Freitas. *Diário do Piauí*. Teresina, Ano 2, n. 111, 30 maio 2012.

²⁹⁹ QUEIROZ, Teresinha. FREITAS, Clodoaldo Severo Conrado. In: GONÇALVES, Wilson Carvalho. *Dicionário enciclopédico piauiense ilustrado*. Teresina: Halley S.A. Gráfica e Editora. 2003. P. 182-185, p. 183.

que se travava também por meio dos periódicos, e ao desenvolvimento da literatura a nível regional.³⁰⁰

Em 1875 havia uma única livraria em Teresina. Localizada na Rua Paissandu, a Livraria Econômica funcionava como um bazar, assim como as demais lojas da cidade. Nessa casa comercial se vendia coques enfeitados e leques com plumas para as senhoras, chapéus para homens e mulheres, gravatas e colarinhos bordados, vinhos, licores, doces, biscoitos, queijos além de “primoroso sortimento de livros, papel de diversas qualidades, pastas” e muitos outros artigos.³⁰¹ Tamanho sortimento de mercadorias permite inferir que a venda de livros não gerava receita suficiente para sustentar um empreendimento comercial à época na Província do Piauí, tanto pelo alto valor do material impresso quanto pela baixa procura. Somente nas primeiras décadas do século XX as papelarias surgem em Teresina. E, em 1912, a Agência de Revistas de Artur Carvalho e Cia, localizada à Rua Rui Barbosa, recebia publicações nacionais e internacionais. Especialização comercial que indica um aumento na circulação de impressos na capital piauiense.

Em comparação ao período que compreende os anos de 1852 a 1880, com menos de uma dezena de livros publicados no Piauí, as duas últimas décadas do século XIX e primeiras do século XX foram tempos profícuos de produção e circulação de livros de literatos piauienses a nível local, contabilizando mais de três dezenas de obras, em sua maioria poemas.³⁰² Os autores dessas obras também escreviam nos jornais locais, onde publicavam a maior parte de seus textos literários, além de artigos de jornal. Muitos dos textos publicados como livros já haviam sido publicados, em parte, nos periódicos locais, a exemplo do consagrado romance *Um manicaca* de Abdias Neves, que, antes de sua publicação em formato de livro no ano de 1909, já o havia divulgado em partes em um jornal teresinense.³⁰³ Entre essas dezenas de obras publicadas, têm-se *Vultos Piauienses* (1903), *Memórias de um velho* (1905-1906) e *Em roda dos fatos* (1911) de Clodoaldo Freitas.

A literatura piauiense publicada em formato de livro nas três primeiras décadas do século XX era composta por “discursos, conferências, trabalhos parlamentares, teses, escritos

³⁰⁰ CHAVES, Monsenhor. Teresina. Subsídios para a história do Piauí. in: CHAVES, Monsenhor. *Obra completa*. Teresina: Fundação Municipal de Cultura Mons. Chaves, 2013. P. 23-146, p. 50-51.

³⁰¹ CHAVES, Monsenhor. Teresina. Subsídios para a história do Piauí. in: CHAVES, Monsenhor. *Obra completa*. Teresina: Fundação Municipal de Cultura Mons. Chaves, 2013. P. 23-146, p. 42-43.

³⁰² COSTA FILHO, Alcebíades. Circulação de livros no Piauí oitocentista. *III Simpósio de História do Maranhão Oitocentista*. UEMA, p. 1-8, jul. 2013, p. 4. Na segunda metade do século XIX, parcela considerável da intelectualidade brasileira entendia como literatura apenas “as intituladas belas-letas”, que se restringia “quase exclusivamente à poesia.” COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*: preliminares. São Paulo: Global, 2004, p. 2.

³⁰³ DR. ABDIAS Neves. *O Norte*, Teresina, ano 9, n. 347, 19 nov. 1907.

de caráter pessoal e político partidário e ensaios voltados para o conhecimento da sociedade piauiense”. Composto por mais de três dezenas de textos, esse corpus bibliográfico em prosa atesta o empenho empregado pelos intelectuais piauienses para se conhecer cultural e cientificamente o Piauí, apresentando e discutindo os problemas e potencialidades locais.³⁰⁴

É precisamente nesse período que Clodoaldo está desiludido com a política devido à usurpação do ideal republicano que colocou as personalidades monarquistas no centro do poder.³⁰⁵ Diante desse deslocamento, Clodoaldo passa a envolver-se em outra frente de batalha: a literatura. Por meio dela se lança na construção do gênero para a formatação da sociedade que preconizava. Entremeando em sua literatura a crítica anticlerical, política e de costumes, compondo uma ampla crítica cultural.

Então, imerso no desapontamento da política institucional, Clodoaldo inicia a publicação de sua prosa ficcional, com o conto *A predestinação*, inaugurada no primeiro fascículo da *Revista Piauiense* de Teresina, em julho de 1896. Sem conseguir assumir cargo eletivo no Piauí, Clodoaldo Freitas debruça-se sobre a escrita literária para compor sua crítica social, política e cultural, encerrando em suas narrativas as representações de seu mundo, de seu olhar sobre sua sociedade quanto à política, à igreja, à família, às mulheres, ao amor, aos costumes, nas quais insere as suas experiências, suas leituras e seus ideais.

Diante de uma vida marcada por momentos tempestuosos causados pelas lutas políticas que protagonizou e pelas constantes baixas que sofreu, Clodoaldo teve amparo nos estudos filosóficos que fazia e no seu gosto pela poesia e pelo romance. Ele mesmo confessa que se não “soubesse escrever, teria fatalmente enlouquecido”,³⁰⁶ caído no vício ou no suicídio. A escrita literária o salvou diante do alijamento político, das ruidosas e violentas lutas que experimentou, pagando, por diversas vezes, com o degredo, porém, mantendo o respeito que por ele tinham até os seus mais furiosos inimigos.³⁰⁷

Embora o século XX tenha sido um período de desenvolvimento da literatura piauiense, projetos de desenvolvimento literário local malograram, como a primeira tentativa de criação da Academia Piauiense de Letras, que fora encaminhada no caloroso inverno teresinense do

³⁰⁴ COSTA FILHO, Alcebíades. Circulação de livros no Piauí oitocentista. *III Simpósio de História do Maranhão Oitocentista*. UEMA, p. 1-8, jul. 2013, p. 6.

³⁰⁵ SANTOS NETO, Antônio Fonseca dos. Um Maranhão de Revoluções. In: FREITAS, Clodoaldo. *O Bequimão: Esquissos de um romance*. São Paulo: Siciliano, 2001. p. 7-25, p. 21.

³⁰⁶ FREITAS, Clodoaldo. *Eu e algumas coisas do meu tempo*, Teresina, set. 1901. apud CUNHA, Higinio. Clodoaldo Freitas: sua vida e sua obra. *Revista da Academia Piauiense de Letras*, Teresina, ano 7, p. 28-57, dez. 1924, p. 53.

³⁰⁷ FREITAS, Clodoaldo. *Eu e algumas coisas do meu tempo*, Teresina, set. 1901. apud CUNHA, Higinio. Clodoaldo Freitas: sua vida e sua obra. *Revista da Academia Piauiense de Letras*, Teresina, ano 7, p. 28-57, dez. 1924, p. 53.

ano de 1901, na casa de João Pinheiro, onde se reuniram o anfitrião, Clodoaldo Freitas, Higino Cunha, entre outros bacharéis e estudantes de Direito para a sua implantação que não vingou.³⁰⁸

Nos anos de 1904 até meados de 1905, Clodoaldo Freitas fixou residência em Belém, com sua família, onde iniciou a montagem, no seu quadragésimo nono natalício, do primeiro volume com colagens de seus textos publicados nos jornais do Pará, o *Escritos de Clodoaldo Freitas volume 1º*,³⁰⁹ no qual organizou e fez correções de seus textos, e por meio do qual foi possível identificar parte deles que não foram assinados e, também, os que estavam sob pseudônimos, entre os quais Um Maçom³¹⁰ e Carlos da Maia,³¹¹ nas publicações originais nos periódicos. Esse volume é composto por tradução, contos, crônicas, biografias, artigos sobre a maçonaria publicados no jornal *Pará-Maçom* de Belém, artigos publicados na coluna *Às quintas e domingos*, nos quais versam sobre política, sociedade, cultura e alcançam textos escritos até, pelo menos, o ano de 1916.

Sinalizando o valor da literatura para a sociedade da época e, também, para Clodoaldo, em um artigo de sua coluna as quintas e domingos, o cronista apresenta a literatura como um termômetro “para graduar a intensidade do vigor intelectual de um povo. Os povos másculos, ilustrados e sadios têm”, segundo ele, “uma grande literatura correspondente.”³¹² E exalta a literatura brasileira, sobretudo a maranhense, por meio de suas personalidades literárias nas figuras de Aluísio Azevedo, Gonçalves Dias e Graça Aranha.

Já estando em Teresina no ano de 1905, passa a colaborar no jornal *Pátria* dessa capital, onde publica a série *Aos Domingos*. Com, então, 50 anos de idade, Clodoaldo Freitas inicia a publicação de seu romance *Memórias de um velho* ao longo de quarenta e três (43) edições nesse mesmo jornal teresinense, nos meses de dezembro de 1905 a fevereiro de 1906, em formato de folhetim. Provavelmente escrito no final dos anos 1890, *Memórias de um velho* é um romance ficcional autobiográfico que se passa na segunda metade do século XIX até os primeiros anos da República, por meio do qual o autor trata dos “caminhos e descaminhos do amor e da vida como metáforas da política brasileira e de seus sonhos de transformação social”.³¹³

O período da escrita e publicação de *Memórias de um velho* (1905-1906) de Clodoaldo, assim como do romance de Abdias Neves *Um manicaca*, é marcado pela efervescência das

³⁰⁸ TITO FILHO, A. Setenta anos. *O dia*. Teresina, 30 dez. 1987.

³⁰⁹ FREITAS, Clodoaldo. *Escritos de Clodoaldo Freitas vol. 1º*, Belém, v. 1. 7 set. 1904.

³¹⁰ FREITAS, Clodoaldo. Em plena luz. *Pará-Maçom*, Belém, ano 1, n. 10, 1904.

³¹¹ FREITAS, Clodoaldo. Amores de poeta. *Escritos de Clodoaldo Freitas*, Belém, v. 1, p. 33-35, 7 set. 1904.

³¹² FREITAS, Clodoaldo. Às quintas e domingos. *Escritos de Clodoaldo Freitas*, Belém, v. 1, p. 55-57, 7 set. 1904. p. 55-57, p. 55.

³¹³ QUEIROZ, Teresinha. Contracapa. In: FREITAS, Clodoaldo. *Memórias de um velho*. Imperatriz: Ética, 2008.

questões anticlericais no Piauí. Os dois romances apresentam forte teor anticlerical, onde seus autores, autodenominados livres-pensadores e racionalistas,³¹⁴ aproveitavam a literatura ficcional para elaborar narrativamente suas representações das contendas entre clericais e anticlericais no Piauí e inserir suas críticas anticlericais.

No geral, Abdias Neves, Clodoaldo Freitas e Matias Olímpio tratavam de questões relacionadas: à ditadura da verdade única, tida como patrimônio da Igreja Católica e de seus seguidores; à perseguição a qualquer tipo de verdade ou saber conflitante com a exegese da Bíblia e com os dogmas do catolicismo renovado; à condenação ao progresso e às verdades científicas e a todo o cortejo de perseguições da Igreja aos grandes nomes da ciência desde o Renascimento; ao desrespeito, incluindo o direito de vida e morte, em relação a qualquer pessoa que não comungasse com as verdades da Igreja; às campanhas de difamação aos livres-pensadores e ateus, com ataques à vida privada e à moral pessoal; ao combate e condenação à Maçonaria e aos maçons, que seriam elementos de divulgação das trevas contra a luz; à compreensão da Maçonaria como inimiga secular da Igreja; à política dos padres no sentido de colocar mães, esposas e filhas, pela sua ação, principalmente via confissão auricular, contra os esposos e pais, interferindo no âmbito do próprio lar e na harmonia da família, a Igreja se colocando, pois, como um outro poder e como fator de desestabilização do pátrio poder doméstico.³¹⁵

As representações femininas e a necessária construção do gênero, nesse mundo que se civilizava, compuseram, ao lado da crítica anticlerical, as marcas da prosa ficcional de Clodoaldo Freitas, as quais foram organizadas narrativamente em torno do drama romântico e do naturalismo em voga no final do século XIX e início do século XX. *Memórias de um velho* (1905-1906) talvez insira a melhor crítica anticlerical do autor na ficção, por meio da qual representa a interferência dos membros da igreja na vida das mulheres, também via confissão auricular, que desregrava o poder masculino no lar e, conseqüentemente, a família burguesa. As vozes anticlericais no Piauí no início do século XX circularam também por meio dos jornais

³¹⁴ PINHEIRO, Áurea da Paz. *O desmoronar das utopias: Abdias Neves (1876-1928): anticlericalismo e política no Piauí nas três primeiras décadas do século XX*. 2003. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003, p. 58.

³¹⁵ QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República*. Clodoaldo Freitas, Higinio Cunha e as tiranias do tempo. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2011, p. 265.

A Luz,³¹⁶ *O Reator*, *O Monitor*,³¹⁷ *O Comércio*,³¹⁸ e no *Diário do Piauí*,³¹⁹ os quais inseriam novas explicações de mundo, com base no conhecimento científico.

Na crônica *O domínio da ciência*, publicada no jornal maranhense *A Notícia*, em 1906, Clodoaldo Freitas dá mostras de sua defesa da ciência e do direito. Diante das crises social, política e moral pelas quais seu mundo passava, devido às transformações provocadas pela onda avassaladora do capitalismo moderno e de seus efeitos, o autor clama pelo surgimento de uma “civilização filha da ciência”.³²⁰ Portanto, influenciado pelo cientificismo em voga no final do século XIX (juntamente com Abdias Neves, David Caldas e Higinio Cunha), pelo evolucionismo e pelo materialismo, constrói seu pensamento e ação materializados em seus textos, os quais se apresentam nas mais variadas estirpes, como a escrita histórica, libelo, artigos jornalísticos, crônicas e literatura ficcional, com seus contos, novelas e romances. Todos os textos permeados por argumentações que visavam à transformação político-institucional, social e cultural da sociedade, as quais são atravessadas pelo gênero. Ou seja, sua prática escriturística,³²¹ como prática racional e moderna, alicerçava-se, em grande medida, no modo como o racionalismo das civilizações ocidentais modernas se impusera no mundo, abarcando todos os seus meandros com o objetivo de dominá-lo.³²²

Quando Clodoaldo passa a publicar suas curtas prosas ficcionais fragmentadas nos números dos jornais *Diário do Maranhão* e *Pacotilha*, no início do século XIX, assina sob os pseudônimos W. Einardht, Tomaz de Alencar e Carlos da Maia.³²³ Seus contos inserem

³¹⁶ Órgão maçônico da Loja Caridade 2ª de Teresina que circulou uma vez por ano a partir de 24 de junho de 1890 a 1902, e em 3 de setembro de 1902 passou a ser mensalmente publicado, quando Higinio Cunha sai da redação e entram Luís Nogueira, Antonino Freire, João Pinheiro, Abdias Neves, Miguel Rosa e Chaves Júnior. Finda em 1908. Ver: PINHEIRO FILHO, Celso. *História da imprensa no Piauí*. Teresina: Editora Zodíaco, 1997, p. 123.

³¹⁷ Jornal anticlerical de Teresina que circulou nos anos de 1905 a 1912. Tinha em sua redação Higinio Cunha, Matias Olímpio e Bonifácio de Carvalho, que usava o pseudônimo Lineu. Em sua segunda fase foi dirigido por Abdias Neves. Em 1909 Valdivino Tito era seu redator. PINHEIRO FILHO, Celso. *História da imprensa no Piauí*. Teresina: Editora Zodíaco, 1997, p. 230.

³¹⁸ Semanário independente, com conteúdo político, noticioso e literário de Teresina que circulou no ano de 1906 a 1908, tendo em sua redação Totó Rodrigues. Possuía pouca colaboração de intelectuais piauienses, continha mais transcrições de autores maranhenses. PINHEIRO FILHO, Celso. *História da imprensa no Piauí*. Teresina: Editora Zodíaco, 1997, p. 230.

³¹⁹ Órgão oficial, sob a direção de Simplício Mendes que circulou de 1911 a 1914. Recebeu colaborações literárias de Lucídio e Alcides Freitas, Celso Pinheiro, Jônatas e Zito Batista, Baurélio Mangabeira, Nogueira Tapeti, Felon Castelo Branco, entre outros. PINHEIRO FILHO, Celso. *História da imprensa no Piauí*. Teresina: Editora Zodíaco, 1997, p. 131.

³²⁰ FREITAS, Clodoaldo. *O domínio da ciência*. In: FREITAS, Clodoaldo. *Em roda dos fatos*. 3. ed. Brasília; Teresina: Senado Federal; Academia Piauiense de Letras, 2011. P. 41-44, p. 44.

³²¹ CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 3. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

³²² SOUZA, Jessé. *O mundo desencantado*. In: WEBER, Max. *A gênese do capitalismo moderno*. São Paulo: Ática, 2006. p. 7-12.

³²³ Devido a um engano de publicação no jornal *Diário do Maranhão*, onde um conto de Carlos da Maia foi publicado na seção exclusiva de Clodoaldo Freitas, revelou-se indiretamente que este pseudônimo pertencia a Clodoaldo Freitas. POR ENGANO. *Diário do Maranhão*. São Luís, ano 40, n. 10741, 30 abr. 1909.

personagens femininas que são representadas a partir das relações amorosas e conjugais, conturbadas pela agressividade e insubmissão de algumas delas, abordando questões que envolvem a família burguesa e as funções das mulheres nessa configuração familiar, por meio da valorização da maternidade e da formação de uma numerosa prole,³²⁴ como se vê representadas nos contos *Celuta* (1907), *O Divórcio* (1907) e *Um segredo de família* (1907).

Em 1908, Clodoaldo Freitas publica o conto *Um coração de mulher* e o conto *Para sempre*, ambos em duas edições do jornal *Pacotilha*, do Maranhão, sob o pseudônimo W. Einardht. Esses dois contos centralizam-se nos comportamentos e sentimentos das mulheres amadas, que despertam uma fúria nos homens e os apequenam diante do controle que as mulheres exercem nos jogos amorosos em ambas as narrativas.

No início do outono de 1908, em São Luís, Clodoaldo Freitas organiza o segundo volume com colagens de seus escritos, reunindo, conjuntamente, escritos de seus filhos Alcides e Lucídio Freitas.³²⁵ E, já no início de abril desse mesmo ano, inicia a organização do terceiro volume de seus escritos,³²⁶ composto por crônicas sobre política, costumes, crônicas e tradução. Traduz, ao menos, a primeira parte do romance de Marcel Prévost (1862-1941) *La Princesse d'Erminge* (1904),³²⁷ obra sem publicação, como livro, em tradução para a língua portuguesa até os dias atuais. O autor de *A princesa d'Erminge* foi um romancista francês que fez sucesso na França nos anos 1890, com narrativas que apresentavam os efeitos corruptores da educação e da sociedade parisiense nas jovens mulheres. O intelectual piauiense lia a literatura nacional e estrangeira que refletia as transformações pelas quais passavam as sociedades ocidentais, o que incitava preocupações a respeito de como essas mudanças influíram sobre os comportamentos das mulheres e sobre a própria definição de mulher, feita em bases cada vez menos religiosas e cada vez mais científicas.

Nesse mesmo terceiro volume de seus escritos localiza-se um conto de Clodoaldo Freitas construído titularmente e narrativamente por meio da intertextualidade com o romance homônimo de Zola publicado em 1890, *A besta humana*.³²⁸ Naquele, o tom analítico, crítico e prescritivo, oriundo do naturalismo francês, ganha evidência e torna-se mais um instrumento de propagação da crítica anticlerical, que permeia grande parte dos jornais nos quais Clodoaldo

³²⁴ O DIVÓRCIO. *Pacotilha*, Maranhão, ano 27, n. 213, p. 2, 7 set. 1907.

³²⁵ FREITAS, Clodoaldo. *Escritos de Clodoaldo Freitas, Alcides Freitas e Lucídio Freitas*, [São Luís], v. 2, 25 mar. 1908. Livro não localizado no Arquivo Público do Estado do Piauí, onde se encontram os outros três volumes dos *Escritos de Clodoaldo Freitas*.

³²⁶ FREITAS, Clodoaldo. *Escritos de Clodoaldo Freitas*. [São Luís], v. 3, 5 abr. 1908.

³²⁷ PRÉVOST, Marcel. *La princesse d'Erminge*. Paris: Alphonse Lemerre Editeur, ?.

³²⁸ FREITAS, Clodoaldo. *A besta humana*. *Escritos de Clodoaldo Freitas*, [São Luís], v. 3, 5 abr. 1908.

Freitas colaborou. Nele também está presente a temática do amor, do casamento e dos papéis femininos na sociedade e na família.

Ainda em 1908, em junho, Clodoaldo organiza seu quarto livro com colagens de seus textos publicados na imprensa.³²⁹ Nele se encontra crônicas da coluna *Em roda dos fatos*, publicadas, sobretudo, no *Diário do Maranhão*, as quais tratam sobre política, transformações econômicas e sociais advindas com o desenvolvimento do capitalismo, sobre família, feminismo, casamento, divórcio, amor livre, livre pensamento, literatura, personalidades políticas, sobre o julgamento, em 1909, da senhora Marguerite Steinheil (1869-1954), conhecida por seus casos extraconjugais com homens ricos e poderosos, acusada de ter assassinado seu marido e sua própria mãe. Contém artigo sobre a sociedade do período de transição do século XIX para o século XX, ressaltando a ameaça da guerra e da destruição da civilização. Estão presentes também os contos *Um segredo de família* (1907), *O testador* (1909), *A beata* (1909), *A iniciação* (1909), publicados no jornal *Diário do Maranhão* sob o pseudônimo W. Einardht, *O dedo de Deus* (1909), conto publicado nesse mesmo jornal sob o pseudônimo Tomaz de Alencar, *O Bequimão*, romance histórico, originalmente publicado em folhetim no *Diário do Maranhão* em 1908, no qual narra “o drama da revolta de Beckman, no Maranhão,”³³⁰ onde explicita suas ideias políticas liberais e seu anticlericalismo, e a novela *Coisas da vida*, originalmente publicada em formato de folhetim no rodapé do jornal *Diário do Maranhão* de dezembro de 1908 a janeiro de 1909.

No período em que elabora profusa discussão de gênero por meio das representações femininas em seus textos (1808-1909), Clodoaldo Freitas participa do grupo de intelectuais conhecido como Os Novos Atenienses, de São Luís, em referência à capital maranhense que se propunha a ser a Atenas brasileira, e com eles funda a Academia Maranhense de Letras (AML), em agosto de 1908.³³¹

Os anos de 1908 e 1909 marcam a produção de Clodoaldo Freitas em relação às representações femininas. Nas crônicas da coluna *Em roda dos fatos*, publicadas no jornal *Diário do Maranhão*, e em sua prosa ficcional há uma elevada preocupação com o destino da sociedade em relação ao gênero, que o literato expressava por meio da construção discursiva da mulher direcionada aos desígnios domésticos e aos cuidados do lar, do marido e dos filhos. Em relação aos quais a maternidade seria o ideal de vida feminino e o pudor, o comportamento

³²⁹ FREITAS, Clodoaldo. *Escritos de Clodoaldo Freitas*, [São Luís], v. 4, 1 jun. 1908.

³³⁰ GUTEMBERG, Paulo. *História e identidade*. As narrativas da piauiensidade. 2008. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2008, p. 103.

³³¹ QUEIROZ, Teresinha. Lucídio Freitas: juventude, cultura e história. In: CASTELO BRANCO, Pedro. *História e ficção*. Imperatriz: Ética, 2009. p. 171-191, p. 176-177.

dócil, amoroso e abnegado seriam cultivados nas mulheres, compondo o alicerce para a harmonia do lar e da família burguesa em consolidação.

Embora tenha sido desencorajado, quando ainda era estudante do Liceu maranhense, por seu venerado parente José Manoel de Freitas a seguir com a profissão de poeta, por esta ser considerada desprotegida e improdutiva,³³² Clodoaldo incrustou-se na poesia, ainda que escondido sob o pseudônimo Stellio, tendo-as publicado no *Diário do Maranhão* em 1908 e 1909.³³³ Nesse mesmo periódico publicou os contos *Tântalo*, *O dedo de Deus*, *A beata* e *O sonâmbulo*, os dois primeiros sob o pseudônimo Carlos da Maia, e os dois últimos sob o pseudônimo W. Einarhdt, entre outros contos que centralizavam as reflexões do literato quanto às mulheres a partir das novas relações entre o amor e o casamento, dos conflitos gerados entre o amor platônico e o amor carnal, da queda da mulher com a perda da virgindade fora do casamento, e da medicina, como um braço da ciência, compondo novas explicações para os problemas conjugais.

Em 1909, Clodoaldo também foi colaborador da revista de letras quinzenal, de curta existência, *Alvorada* (1909-1910), de Teresina,³³⁴ a qual tinha Jônatas Baptista como seu redator-secretário. Das revistas nas quais Clodoaldo colaborou, essa foi a de maior participação feminina. Tendo no quadro de colaboradoras Maria Amélia Rubim, Alba Valdez e Antonieta Clotilde ao lado de Higino Cunha e João Pinheiro,³³⁵ para citar apenas os mais frequentes. Entretanto, não foi possível identificar os textos escritos por Clodoaldo na revista, pois não os assinou com seu nome nem com seus pseudônimos já conhecidos.

O início do século XX é marcado pela entrada das mulheres no meio literário de forma mais acentuada e também apresenta uma acentuada diferença no “sistema imprensa-literatura”³³⁶ em comparação ao século anterior. É no alvorecer do século XX que se alarga a produção de livros, sobretudo históricos e literários. O desenvolvimento das tipografias dá mostras do aumento da demanda e produção impressa de Teresina, como se vê nos anúncios da tipografia Libro-Papelaria-Véras na revista *Alvorada* em 1909, constando em seus serviços a “encadernação de brochuras, folhetos, jornais, revistas, etc, desde a mais simples até o volume

³³² FREITAS, Clodoaldo. O nosso inquérito literário. In: FREITAS, Clodoaldo. *Escritos de Clodoaldo Freitas*, Belém, v. 1, p. 213-214, 7 set. 1904, p. 213.

³³³ À Lenita. *Diário do Maranhão*, São Luís, ano 39, n. 10586, p. 2, 26 out. 1908. Meu culto. *Diário do Maranhão*, São Luís, ano 40, n. 10732, p. 1, 20 abr. 1909. A fera. *Diário do Maranhão*, São Luís, ano 40, n. 10791, p. 1, 29 jun. 1909.

³³⁴ PINHEIRO FILHO, Celso. *História da imprensa no Piauí*. Teresina: Editora Zodiaco, 1997, p. 230-231.

³³⁵ *Alvorada*. Teresina, ano 1, n. 5, 15 set. 1909.

³³⁶ GUTEMBERG, Paulo. *História e identidade*. As narrativas da piauiensidade. 2008. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2008, p. 79.

de luxo para presente.”³³⁷ Criada em 1906, essa tipografia de propriedade de Joaquim Campos Veras, parnaibano, em poucos meses teria uma concorrente no mercado local com a Tipografia Paz – de propriedade do farmacêutico Tersandro Gentil Pedreira da Paz, dono da Farmácia dos Pobres³³⁸ –, além da Papelaria Piauiense, das tipografias dos jornais privados e dos órgãos oficiais, essas mantidas às expensas do Estado.

É nesse momento de maiores possibilidades de publicação que Clodoaldo reimprime quarenta e três (43) crônicas de sua coluna *Em roda dos fatos*, originalmente publicadas em Belém, Teresina e São Luís entre os anos de 1902 e 1906, e as publica em formato de livro em 1911 pela tipografia de Tersandro Paz³³⁹, onde os serviços eram mais baratos.³⁴⁰ Algumas dessas crônicas têm, sobretudo, o objetivo de fazer uma revisão histórica, por meio das quais intentava reparar o que considerava serem injustiças históricas,³⁴¹ além de discutir sobre assuntos políticos, compor sua crítica religiosa e de costumes.³⁴²

As narrativas dos literatos piauienses de fins do século XIX e início do século XX foram produzidas em um período de dessacralização da vida política e cultural brasileira.³⁴³ As temáticas abordadas nos textos ficcionais e na literatura em geral possuíam um viés crítico, analítico da sociedade de transição do Império para a República, muito subsidiadas pela escola realista-naturalista, com forte teor cientificista.

No Piauí, as críticas anticlericais foram protagonizadas por políticos, literatos, bacharéis livres-pensadores provenientes, sobretudo, da Faculdade de Direito do Recife. Clodoaldo Freitas, oriundo dessa Faculdade, tem sua produção ficcional revestida de conteúdo anticlerical, que se avoluma no início do século XX. Por meio dela apresenta suas críticas religiosas em um período de agravamento dos enfrentamentos entre Igreja e Maçonaria no Piauí, que vai de 1902 a 1914. Tais conflitos reverberavam localmente os intensos embates ocorridos na Província do Grão-Pará no final do século XIX e que se estenderam até o início do século XX, por meio dos quais os dois grupos, elite ultramontana e livres-pensadores, esses vinculados à maçonaria,

³³⁷ *Alvorada*. Ano 1, n. 4, Teresina, 30 ago. 1909, p. 17.

³³⁸ GUTEMBERG, Paulo. *História e identidade*. As narrativas da piauiensidade. 2008. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2008, p. 82.

³³⁹ QUEIROZ, Teresinha. Prefácio. In: FREITAS, Clodoaldo. *Em roda dos fatos*. 3.ed. Brasília; Teresina: Senado Federal; Academia Piauiense de Letras, 2011, p. 11.

³⁴⁰ GUTEMBERG, Paulo. *História e identidade*. As narrativas da piauiensidade. (*Dissertação de Mestrado*). Teresina: Universidade Federal do Piauí, 2008. p. 83.

³⁴¹ FREITAS, Clodoaldo. A data nacional. In: FREITAS, Clodoaldo. *Em roda dos fatos*. Teresina: Senado Federal/APL, 2011. P. 87.

³⁴² QUEIROZ, Teresinha. Homo sum. In: FREITAS, Clodoaldo. *Em roda dos fatos*. Teresina: Fundação Cultural Mons. Chaves, 1996. P. 5-16, p. 5.

³⁴³ FONTINELES FILHO, Pedro. (Re) conduzindo rebanhos: literatura piauiense nas trilhas da fé e da razão. *Fronteiras*, Dourados, MS, v. 12, n. 21, p. 107-124, jan./jun. 2010, p. 109.

disputavam a primazia de seus projetos de sociedade, sobretudo na imprensa, a partir dos ideais de progresso, civilização e modernidade.³⁴⁴

A segunda década do século XX também foi um período fecundo para a produção literária piauiense. A revista teresinense de publicação mensal *Litericultura* (1912-1913), impressa pela Tipografia Paz em seu primeiro ano de existência (1912) e pela Tipografia da Imprensa Oficial em seu segundo e último ano de veiculação (1913), concentrou parte dos textos anticlericais e sociológicos de Clodoaldo Freitas e de seus pares,³⁴⁵ sobretudo aqueles que não tinham espaço nos jornais.³⁴⁶

Essa revista era destinada “exclusivamente à cultura das letras, nas suas várias modalidades”, e suas páginas estavam abertas a quem quisesse escrever sobre “filosofia, ciências, artes, letras e, em geral, de qualquer assunto que se relacione com o desenvolvimento intelectual e moral da coletividade”, sendo “inadmissíveis polêmicas de caráter pessoal, partidário ou sectário”.³⁴⁷ Escreveram nela proeminentes literatos piauienses da época como Abdias Neves, Mathias Olympio, João Pinheiro, Baurelio Mangabeira, Jonathas Baptista e Alcides Freitas. A revista *Litericultura* foi divulgada no jornal *Diário Oficial* do Maranhão de forma assaz elogiosa, com evidente empenho na construção dos seus colaboradores como influentes literatos e de seu veículo de propagação escriturística como uma categoria socialmente distinta³⁴⁸, representadas como grandes figuras intelectuais da “pitoresca cidade de Teresina”.³⁴⁹

A *Litericultura*, que é editada em esplêndido papel e de belíssimo formato, em brilhante e nítida impressão, traz colaboração luzida, firmada por nomes feitos no mundo literário como Abdias Neves, Clodoaldo Freitas, Matias Olímpio, Antônio Chaves, João Pinheiro, Antônio (pseudônimo de Corrêa Lima), Alcides Freitas etc, etc. Esse magnífico magazine, que começou a sua vida de um modo rebrilhante, com raro desenvolvimento intelectual, contém 62 páginas fartas, duma leitura sadia e forte, que deleita e encanta. É mesmo de notar o amor pelas coisas da inteligência na formosa “cidade verde” que é Teresina, na frase suave de Coelho Neto.³⁵⁰

³⁴⁴ PINHEIRO, Áurea da Paz. O desmoronar das utopias: Abdias Neves (1876-1928): anticlericalismo e política no Piauí nas três primeiras décadas do século XX. Tese (doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2003. P. 48.

³⁴⁵ QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República*. Clodoaldo Freitas, Higinio Cunha e as tiranias do tempo. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2011, p. 220.

³⁴⁶ MAGALHÃES, Maria do Socorro. *Literatura piauiense: Horizonte de leitura & crítica literária (1900-1930)*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998. P. 67.

³⁴⁷ LITERICULTURA. *Litericultura*. Teresina, ano 1, n. 1, 1 de jan. 1912. p. 1.

³⁴⁸ BOURDIEU, Pierre. O mercado de bens simbólicos. In: BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 3.ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1992. (apud GUTEMBERG, 2008, p. 80.)

³⁴⁹ A LITERICULTURA. *Diário do Piauí*. Ano 2, n. 53. Teresina, 10 mar. 1912.

³⁵⁰ *Diário do Piauí*. Teresina, ano 2, n. 53, 10 mar. 1912.

Como redator da revista *Litericultura*, Clodoaldo escreve em seu número inaugural, de janeiro de 1912, a primeira parte do artigo *As tiranias sociais* e do conto *Os Burgos*, textos de cunho sociológico, antropológico e de crítica religiosa,³⁵¹ nos quais aborda sobre diversos temas delicados como aborto, infanticídio, suicídio, loucura e incesto, formulando também uma crítica republicana ao Império.

No artigo histórico sobre a prisão de Leonardo de N. S. das Dores Castelo Branco, *Um patriota piauiense*,³⁵² publicado no sexto número da revista *Litericultura*, Clodoaldo Freitas refere-se à retificação de um erro que cometeu em seu texto histórico sobre as lutas de independência no Piauí, que fora publicado em uma série de três artigos no ano de 1885 no jornal *A Imprensa*. Nessa série, Clodoaldo afirmou que Leonardo C. Branco havia sido fuzilado em Lisboa, seguindo informações contidas no *História da independência do Maranhão* de Luiz Antônio Vieira da Silva.³⁵³ Erro corrigido na biografia que escreveu sobre Leonardo no *Vultos piauienses* em 1903, na qual declara que ele foi transportado, preso, para Lisboa em 1823. Sendo no mesmo ano posto em liberdade, embarcando de volta para o Brasil, onde veio a falecer no alto de seus 85 anos de idade, em 1873.³⁵⁴

Clodoaldo fecha sua participação nessa curta revista literária, que teve apenas 2 anos de duração, com um outro artigo histórico, no qual compõe uma relação dos Governadores [sic] do Piauí desde a criação da capitania até a referida data (o ano de 1913)³⁵⁵, período em que ocupava o cargo de bibliotecário da Biblioteca Estadual que funcionava no Liceu Piauiense.³⁵⁶ Interessante notar que, quando estudante do Liceu no Maranhão, quando ainda não tinha 20 anos de idade, Clodoaldo ajudou a fundar junto com outros colegas a *Sociedade Recreação Literária*, que tinha como objetivo, entre outros, a criação de uma biblioteca.³⁵⁷ Recinto que representava importante instrumento de disseminação da cultura livresca e de difusão da leitura

³⁵¹ GUTEMBERG, Paulo. *História e identidade*. As narrativas da piauiensidade. 2008. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2008, p. 85.

³⁵² FREITAS, Clodoaldo. Um patriota piauiense. *Litericultura*. Teresina, ano 1, n. 6, p. 45-54, 1 jun. 1912.

³⁵³ FREITAS, Clodoaldo. Um patriota piauiense. *Litericultura*. Teresina, ano 1, n. 6, p. 45-54, 1 jun. 1912, p. 45.

³⁵⁴ FREITAS, Clodoaldo. *Vultos piauienses*: apontamentos biográficos. 3.ed. Teresina: Academia Piauiense de Letras/ EDUFPI, 2012, p. 80 e 82. GUTEMBERG, Paulo. *História e identidade*. As narrativas da piauiensidade. 2008. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2008, p. 116-119.

³⁵⁵ GUTEMBERG, Paulo. *História e identidade*. As narrativas da piauiensidade. 2008. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2008, p. 75.

³⁵⁶ PIAUÍ. Câmara Legislativa do Piauí. *Mensagem apresentada à Câmara Legislativa do Piauí pelo Exmo. Sr. Governador do Estado Dr. Miguel de Paiva Rosa no dia 1º de junho de 1914*. Rio de Janeiro: Liga Marítima Brasileira, 1914, p. 21.

³⁵⁷ GUTEMBERG, Paulo. *História e identidade*. As narrativas da piauiensidade. 2008. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2008, p. 110.

de um modo geral, evidenciando a importância da escrita e, conseqüentemente, da leitura como um caminho para a construção dessa sociedade que se modernizava.

Contudo, a publicação de livros nos primeiros anos do século XX em Teresina não era destinada ao grande público, mas aos próprios pares intelectuais locais, servindo aos propósitos de consagrar e difundir³⁵⁸ o autor e sua obra nos meios culturais, tanto regionais quanto nacionais. Ou seja, a qualidade e a quantidade de textos escritos e publicados em variados formatos, mas sobretudo como livro, elevava e construía um pertencimento cultural distinto de seu autor naquela sociedade. Nas quais as atividades literárias, principalmente via jornalismo, misturavam-se à política - campo de destino dos bacharéis. Domínio de instabilidades, a política era espaço igualmente de projeção e sucesso.³⁵⁹ Além do que, esses intelectuais tinham claras intenções de intervir na sociedade da qual se distinguiam. O destaque elevado que os próprios intelectuais conferiam a si mesmos servia ao propósito de obtenção de um signo de poder que lhes garantiria a autoridade para definir ou, ao menos, buscar definir os valores que a sociedade abraçaria ou refletiria. Fora as várias formas de leitura, entre as quais a leitura em voz alta feita largamente para grupos de pessoas, que expandem as palavras escritas para além dos sujeitos letrados da localidade³⁶⁰, as várias conferências³⁶¹ realizadas por mais de 40 anos (na transição do século XIX para o XX) dão provas do profundo interesse em divulgar suas ideias para além dos poucos letrados da cidade, nas quais propagavam pela oralidade o que punham no papel, tendo em vista uma eficácia social.³⁶²

Estando no Pará, Clodoaldo escreve, em 1916, a novela *Os bandoleiros*, uma prosa romântico-realista ambientada numa pequena vila do Pará, na qual apresenta forte crítica naturalista a partir de uma descrição não camuflada da cidade e das mazelas que ela carrega.³⁶³ Foi publicada em formato de folheto a partir do segundo número do jornal piauiense *Chapada do Corisco* de 1918.³⁶⁴

³⁵⁸ GUTEMBERG, Paulo. *História e identidade*. As narrativas da piauiensidade. 2008. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2008, p. 81.

³⁵⁹ QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República*. Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2011, p. 112.

³⁶⁰ CHARTIER, Roger. Textos, impressão, leituras. In: HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 211-238. CASTELO BRANCO, Emília Leite. A família Clodoaldo Freitas. Teresina, *O Dia*, p. 6, 10 nov. 1966. CASTELO BRANCO, Emília Leite. A família Clodoaldo Freitas. Teresina, *O Dia*, p. 3, 11 nov. 1966.

³⁶¹ QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República*. Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2011, p. 194.

³⁶² CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano*. Artes de fazer. 3. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998, p. 226.

³⁶³ SANTOS, Ellen. A prosa romântico-realista de Clodoaldo Freitas em “Os bandoleiros”. Artigo produzido na disciplina Literatura nacional: autores piauienses, ministrada na UFPI, em 2011/1, pelo prof. Airton Sampaio.

³⁶⁴ *Chapada do Corisco*. Teresina, ano 1, n. 2, 25 maio 1918.

Já de volta à Teresina, em 1918, e visando concluir o projeto malogrado de 1901, Clodoaldo reuniu-se pela manhã, no salão nobre do Conselho Municipal de Teresina, com os senhores Higino Cunha, João Pinheiro, Fenelon Ferreira Castelo Branco, Jonathas Baptista, Edison Cunha, Antônio Chaves, Benedito Aurélio de Freitas, Celso Pinheiro e Lucídio Freitas para criar a Academia de Letras do Piauí. Logrado êxito, realizaram uma votação para compor os membros da diretoria da nova casa, na qual Clodoaldo Freitas (já membro da Academia Maranhense de Letras, criada em 1908),³⁶⁵ então com 62 anos de idade, foi eleito seu presidente, e escolhe como seu patrono José Manoel de Freitas, o afamado Desembargador Freitas. Após a escolha dos patronos dos respectivos senhores, foi proposto e aceito, por unanimidade de votos, Amélia de Freitas Bevilacqua como sócia efetiva da Academia Piauiense de Letras junto de mais seis conhecidos homens de letra. Sendo, portanto, a prima do, então, presidente da casa a única mulher a compor o panteão das letras piauienses.³⁶⁶

Com a Academia de Letras criam-se a *Revista da Academia Piauiense de Letras*, que tinha como função “difundir o gosto das boas letras e dos estudos de história e de geografia do Piauí”³⁶⁷ de que tanto se carecia. Em seu primeiro número, Clodoaldo Freitas, ocupante da cadeira de número 1 dessa casa de letras, publica o conto *Nos ares*, dedicado à memória do dr. Emídio Pedreira,³⁶⁸ compartilhando o espaço da revista juntamente com os poemas de seu filho Lucídio. Nesse mesmo volume da revista, consta também sua crítica literária do livro *As conspirações* do general Dantas Barreto, que “são uma abundante documentação dos nossos costumes militares e desasos políticos”³⁶⁹, onde o presidente da Academia Piauiense de Letras põe em evidência sua crítica à República no seu vigésimo nono ano de existência, atribuindo a si mesmo o papel de juiz da história, de testemunho e intérprete dos fatos. Também lança esboços biográficos de três nomes ilustres da história nacional: do marechal Floriano Peixoto, do padre Antônio Vieira e do literato maranhense Joaquim Gomes de Souza. E, completando sua participação na primeira publicação da *Revista da Academia Piauiense de Letras*, tem-se a transcrição, em suas últimas páginas, do discurso de Clodoaldo na sessão magna de comemoração do primeiro aniversário da fundação da Academia.

³⁶⁵ GUTEMBERG, Paulo. *História e identidade*. As narrativas da piauiensidade. 2008. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2008, p. 79.

³⁶⁶ EXPEDIENTE. *Revista da Academia Piauiense de Letras*. Teresina, ano 1, n. 1, jun. 1918, p. 55-56.

³⁶⁷ PINHEIRO, João. ADVERTÊNCIA. *Revista da Academia Piauiense de Letras*. Teresina, ano 1, n. 1, jun. 1918, p. 3.

³⁶⁸ FREITAS, Clodoaldo. *Nos ares*. *Revista da Academia Piauiense de Letras*. Teresina, ano 1, n. 1, jun. 1918.

³⁶⁹ FREITAS, Clodoaldo. *As conspirações*. *Revista da Academia Piauiense de Letras*. Teresina, ano 1, n. 1, jun. 1918, p. 64.

Em fins da primeira década do século XX, Clodoaldo Freitas, em grande medida, desiludido da política e vivendo anos de rara estabilidade financeira, passa a atuar com maior ênfase no campo da cultura, buscando interferir nos costumes, sobretudo nos comportamentos femininos em torno do amor, casamento e maternidade, a tríade da família burguesa. Entremeuva-se por outros campos que não somente o da política institucional para definir os rumos da civilização, que percebia em rápidas e profundas mudanças, o que o desestabilizava diante da ameaça de perda da segurança que via nos modelos tradicionais femininos, os quais vinculavam a mulher ao trabalho exclusivo no lar e, quando muito, como professora, primária.

Portanto, a prosa ficcional de Clodoaldo girava em torno de contos e novelas, nos quais há uma profusão de personagens femininas e onde discute sobre o amor e a família a partir de frequentes diálogos entre os personagens da narrativa.³⁷⁰ Influenciado pelas obras de Victor Hugo, Byron, Goethe e seus correspondentes nacionais, como Gonçalves Dias, Casimiro de Abreu e, desde o seminário das Mercês, Álvares de Azevedo, enlaçou um estilo de escrita proveniente da escola romântica, com seu tracejar amoroso, permeado pelo lirismo sentimental e sensual. Contudo, advindo das gerações materialistas-cientificistas, Clodoaldo elevou a poesia científica³⁷¹ e o peculiar naturalismo brasileiro. Praticando, assim, um hibridismo em sua escrita, onde analisou a sociedade de sua época com o olhar racionalista e traços românticos e, também, elaborou padrões para a formação de uma Nação ideal, tão ao gosto do século XIX.

Clodoaldo Freitas era “considerado por seus contemporâneos como uma das maiores expressões intelectuais do Piauí”, devido, também, à variedade de suas abordagens temáticas. Notável polígrafo, foi uma liderança tanto para sua geração como para a geração seguinte. Interferindo e influenciando seus contemporâneos, segundo Luiz Ribeiro Gonçalves, Clodoaldo era um chefe literário para os jovens escritores.³⁷² Apesar de sua vida marcada por instabilidades profissionais e exílios provenientes de desavenças políticas, Clodoaldo foi referência, sobretudo, no cenário cultural piauiense, mas também no Maranhão e no Pará. E, ao lado de Higino Cunha, era um velho republicano em relação aos “Jovens Turcos”³⁷³ Abdias

³⁷⁰ O conto “A predestinação”, publicado duas vezes em Teresina, em 1896 e em 1903, respectivamente na *Revista Piauiense* e no *Almanaque Piauiense*, compõe uma reflexão sobre os significados do amor a partir de célebres escritores românticos e naturalistas, como Zola, Balzac, Victor Hugo e Bocage. Ver: FREITAS, Clodoaldo. *A predestinação*. In: FREITAS, Clodoaldo. *Um segredo de família e outros contos*. Imperatriz: Ética, 2010. p. 7-15.

³⁷¹ QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República*. Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2011, p. 156.

³⁷² GUTEMBERG, Paulo. *História e identidade*. As narrativas da piauiensidade. 2008. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2008, p. 109.

³⁷³ Expressão cunhada por Higino para se referir aos novos bacharéis que despontaram na vida profissional e política no início do século XX. Ver mais em: CUNHA, Higino. *Memórias: Traços autobiográficos*. 2. ed. Brasília; Teresina: Senado Federal; Academia Piauiense de Letras, 2011. GUTEMBERG, Paulo. *História e identidade*. As

Neves, Antonino Freire, Miguel Rosa e Matias Olímpio, figuras mais representativas do novo republicanismo no Piauí.³⁷⁴

Clodoaldo, então, escrevia para intervir na sociedade. A sua profunda, constante e intencional produção e divulgação literária fazia parte de seu desejo de ter “poder sobre a exterioridade da qual foi previamente isolado.”³⁷⁵ Bem como de forjar-se como glorioso, para jamais ser esquecido no futuro,³⁷⁶ estando inserido no perfil, identificado por Sevcenko,³⁷⁷ dos intelectuais brasileiros, atuantes entre as décadas de 1870 e 1930, que se subjetivavam como construtores da Nação e remodeladores do Estado, visando a modernização social e política do país.

Apesar do fomento às atividades literárias na capital piauiense, as condições de publicação de livros no Piauí no entre séculos (século XIX para o século XX) eram permeadas por muitas dificuldades, locupletadas por desejos irrealizados de proeminência intelectual com a circulação de sua literatura a nível nacional como livro e pelos anseios por reconhecimento de seus pares na capital nacional, o qual seria materializado com críticas a suas obras nos grandes jornais. Clodoaldo possuía mais de vinte obras prontas. Conseguiu publicar apenas seis (06).³⁷⁸ Sua literatura se encontra espalhada nos jornais do período, parte já perdida. Sua escrita apaixonada era produzida em um só frêmito, sem revisar os originais, como se percebe em publicações póstumas e em suas colagens de textos publicados em locais diversos, nas quais passou a fazer pequenas correções laterais.³⁷⁹

Clodoaldo e os demais intelectuais piauienses proeminentes nas letras (principalmente os bacharéis em Direito oriundos da Faculdade de Direito do Recife) tinham forte influência local, na vida urbana, na educação, literatura, religião, política, imprensa, administração pública, justiça, lazer,³⁸⁰ na construção e reafirmação dos sujeitos a partir da construção de

narrativas da piauiensidade. 2008. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2008, p. 71.

³⁷⁴ GUTEMBERG, Paulo. *História e identidade*. As narrativas da piauiensidade. 2008. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2008, p. 71.

³⁷⁵ CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano*. Artes de fazer. 3.ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998, p. 225.

³⁷⁶ GUTEMBERG, Paulo. *História e identidade*. As narrativas da piauiensidade. 2008. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2008, p. 63.

³⁷⁷ SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1999.

³⁷⁸ QUEIROZ, Teresinha. Homo sum. In: FREITAS, Clodoaldo. *Em roda dos fatos*. Teresina: Fundação Cultural Mons. Chaves, 1996. P. 5-16, p. 6.

³⁷⁹ Nos escritos de Clodoaldo Freitas, 3 volumes, vê-se escrito à lápis correções de palavras, expressões ou informações incorretas nos seus textos publicado em jornais diversos que foram recortados e colados num grande livro.

³⁸⁰ QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República*. Clodoaldo Freitas, Higinio Cunha e as tiranias do tempo. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2011, p. 13. GUTEMBERG, Paulo. *História e identidade*. As narrativas da piauiensidade. 2008. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2008, p. 63.

gênero, na formação moral, indo além de uma consciência jurídica, buscando encarar todos os impasses que percebiam no país a despeito de muitos anseios malogrados.³⁸¹

Embora a imensa maioria da população teresinense, e do país como um todo, fosse composta por analfabetos, o círculo literário desses sujeitos letrados lhes conferia graus de distinção e os formava como elite intelectual, política e econômica no período, vinculados a famílias de elite provenientes dos tempos coloniais.³⁸² Exerciam grande influência sobre os seus pares, demais aspirantes às letras e nos despreziosos leitores. A extraordinária produção textual de Clodoaldo o colocava como um dos maiores intelectuais piauienses,³⁸³ sendo um dos autores de maior projeção local³⁸⁴ a despeito da dispersão de seus textos nos veículos da imprensa, do ineditismo e da baixa produção livresca, condicionadas, entre outros motivos, pelas dificuldades locais e financeiras pelas quais passou em grande parte de sua vida.

No tocante à má acomodação de Clodoaldo na política,³⁸⁵ a virilidade é colocada como uma virtude masculina que confere força e resistência para sustentar os homens diante de suas agruras. Pois, os sofrimentos que Clodoaldo passou com as batalhas que lutou no campo político e pessoal, as disputas que travou para ocupar funções de relevo na vida profissional e as derrotas que sofreu, por diversas vezes, ao longo de sua vida foram, segundo um de seus contemporâneos, “acalentadas pela virilidade de um espírito inquebrantável”.³⁸⁶ Essa característica viril de inabalável persistência é uma das marcas que Clodoaldo Freitas atribui a si mesmo, reforçada em *Memórias de um velho* (1905-1906),³⁸⁷ texto de ficção com tons autobiográficos.

2.6 Clodoaldo Freitas: O marido e o pai

Construindo uma escrita, em grande medida, autobiográfica,³⁸⁸ por meio de seus textos, Clodoaldo forja a si mesmo como um sujeito moderno, marcado pela racionalidade, pela inserção como indivíduo no seio da família nuclear moderna, como provedor, como um

³⁸¹ SCHWARCZ, Lília Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 169.

³⁸² QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República*. Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2011, p. 73.

³⁸³ BATISTA, Jônatas. *Poesia e prosa*. Teresina: Projeto Petrônio Portella, 1985. P. 140.

³⁸⁴ QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República*. Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2011, p. 193.

³⁸⁵ QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República*. Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2011, p. 307.

³⁸⁶ TROCOS miúdos. *A Legalidade*. Teresina, ano 1, n. 40, 15 out. 1892

³⁸⁷ Publicado em folhetim em 1905 e 1906.

³⁸⁸ QUEIROZ, Teresinha. Homo sum. In: FREITAS, Clodoaldo. *Em roda dos fatos*. Teresina: Fundação Cultural Mons. Chaves, 1996. P. 5-16, p. 5.

exemplo idealista para os filhos, balizado pela retidão no caráter, pela incorruptibilidade, e pelo constante uso da escrita como prática de estabelecimento de si no mundo, por meio da qual influenciou a formação de seus filhos como literatos, definidores de si e do mundo.

As gerações materialistas-cientificistas tiveram um universo de leitura que vinha do Romantismo e manifestaram seu gosto principalmente pelo lirismo sentimental, amoroso, platônico e também sensual. Protagonistas e testemunhas de uma transição romântico-realista, eles leram Lamartine, Victor Hugo, Baudelaire, Musset, Byron, Goethe e ainda Gonçalves Dias, Casimiro de Abreu e Álvares de Azevedo. Entretanto, elegeram a Guerra Junqueiro como o poeta do século e se orgulharam de introduzir no Brasil a poesia científica. Mais românticos que realistas, a despeito da poesia objetiva, seus radicalismos se reverteram em aguda crítica aos costumes, em inquietude e recusa da realidade (tão ao gosto do século XIX), em intensa participação política e na construção das imagens pessoais, ao criarem mitos em torno de suas próprias vidas.³⁸⁹

Clodoaldo Freitas produziu representações de si por meio da escrita, como um indivíduo marcado pelo tumultuoso caminho que percorreu na luta por sua vida e por seus ideais, figurando-se como um homem de caráter, moralmente íntegro e convicto.³⁹⁰ O envolvimento de Lucídio Freitas com a escrita é, em parte, tributário da relação privada com o seu pai, Clodoaldo, por meio do incentivo poético – que esse não teve nos tempos de efervescência poética na juventude e que só foi permitida se manifestar posteriormente, pelos eflúvios amorosos e sentimentais causados pela saudade de sua família –, do caminho aberto pelo pai para seguir nas letras, do modelo de homem e de pai e na confluência de seus destinos tormentosos. No soneto escrito para Clodoaldo, Lucídio apresenta o elo entre pai e filho, que os conectam na vida privada para o mundo público da escrita, materializado com a criação da Casa de Lucídio Freitas, a Academia Piauiense de Letras.

Sempre que eu lanço o olhar na estrada indefinida / Que se estende aos meus pés de visionário poeta, / Procuo acompanhar, sem desvios, a reta / Que traçaste, Meu Pai, no caminho da vida. / Prossigo... e diante o horror da estrada enegrecida, / Cheia de aplausos bons e de espinhos repleta, / Banhado pela luz que o teu nome projeta / Não me deixo vencer nesta longa subida... / Sempre te foi a vida uma eterna madrasta... / Que te importam, porém, as dores da existência / E o barulho infernal a que o mundo te arrasta / A vida te tem sido uma grande agonia. / Esquece... Para os bons é que existe a inclemência... / Para as almas de luz a dor é uma alegria...³⁹¹

³⁸⁹ QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República*. Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2011, p. 156.

³⁹⁰ FREITAS, Clodoaldo. *Eu e algumas coisas do meu tempo*, Teresina, set. 1901. apud CUNHA, Higino. Clodoaldo Freitas: sua vida e sua obra. *Revista da Academia Piauiense de Letras*, Teresina, ano 7, p. 28-57, dez. 1924, p. 53.

³⁹¹ FREITAS, Lucídio. Vida obscura. In: FREITAS, Lucídio. *Poesia completa*. 2. ed. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 2016. p. 67-124, p. 71. Soneto dedicado a seu pai, o qual reflete sobre o caminho paterno

Com o casamento de Clodoaldo Freitas com D. Corina de Noronha Couto, o novo núcleo familiar proveniente dessa união forjou-se aos moldes da família moderna, caracterizada pela ternura e intimidade que ligam os pais aos filhos e pelas atribuições femininas em torno da casa, do marido e dos filhos.³⁹² Desse casamento, Clodoaldo e Corina tiveram oito filhos, cinco meninas: Marieta, Lucila,³⁹³ Antônia, Isolina e Alita.³⁹⁴ E três meninos: Lucídio, Alcides e Marcelino. Dos oito filhos, apenas quatro (4) chegaram à idade adulta, Marieta, que faleceu aos 25 anos³⁹⁵ de uma enfermidade em Teresina, longe de seu pai, no início do ano de 1908,³⁹⁶ Alcides, que morreu aos 23 anos;³⁹⁷ Lucídio, morto aos 28 anos; e Marcelino, o único filho a viver o suficiente para enterrar o pai.³⁹⁸ O casal também teve uma filha de criação, que era uma sobrinha do casal, de nome Altina, bem mais nova que seus filhos legítimos, a qual era muito querida por eles, tendo recebido uma esmerada educação.³⁹⁹ Embora D. Corina tenha cumprido o papel de gerar numerosa prole como era destinado às mulheres da época, seus deveres foram tragados pelo infortúnio da morte de seus filhos, quase todos eles enterrados pela castigada mãe.

Clodoaldo Freitas constantemente realizava longas viagens, tanto para o interior da Província e estado quanto para outras regiões mais distantes, para tratar de assuntos políticos ou assumir cargos públicos em regiões longínquas, como quando foi com Taumaturgo de Azevedo ao Rio de Janeiro, solicitar, juntamente com Urbano Burlamaque Castelo Branco e Newton Cezar Burlamaque, a soltura de Coelho de Rezende (à época redator do jornal *O Democrata*)⁴⁰⁰ a Deodoro da Fonseca. Ou quando relutantemente assumiu o cargo de Juiz

como exemplo de vida e aponta a dureza com que essa se apresenta para os bons sujeitos, utilizando-se tanto de suas dores quanto das de seu pai para tal reflexão poética.

³⁹² BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, p. 53-54.

³⁹³ No início de 1888, pouco antes de assumir o cargo de Juiz Municipal de Santa Filomena, a menina Lucila morre em Teresina.³⁹³

³⁹⁴ FREITAS, Lucídio. Minha terra. In: FREITAS, Lucídio. *Poesia completa*. 2.ed. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 2016. p. 135-210, p. 208.

³⁹⁵ BRITO, Nercinda. *O experienciar da morte: comportamentos frente à finitude em Teresina de 1900 a 1930*. 2012. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2012, p. 100. Em referência anterior, há a informação de que Marieta tenha morrido aos 18 anos de idade. Ver: QUEIROZ, Teresinha. Lucídio Freitas: juventude, cultura e história. In: CASTELO BRANCO, Pedro. *História e ficção*. Imperatriz: Ética, 2009. p. 171-191, p. 173.

³⁹⁶ O ILUSTRE Dr.. *Diário do Maranhão*, São Luís, ano 39, n. 10362, p. 2, 5 fev. 1908.

³⁹⁷ QUEIROZ, Teresinha. Lucídio Freitas: juventude, cultura e história. In: CASTELO BRANCO, Pedro. *História e ficção*. Imperatriz: Ética, 2009. p. 171-191, p. 172-173.

³⁹⁸ CUNHA, Higino. Clodoaldo Freitas: sua vida e sua obra. *Revista da Academia Piauiense de Letras*, Teresina, ano 7, p. 28-57, dez. 1924, p. 35.

³⁹⁹ CASTELO BRANCO, Emília Leite. A família Clodoaldo Freitas. Teresina, *O Dia*, p. 6, 10 nov. 1966.

CASTELO BRANCO, Emília Leite. A família Clodoaldo Freitas. Teresina, *O Dia*, p. 3, 11 nov. 1966.

⁴⁰⁰ FREITAS, Clodoaldo. *Os fatores do coelhado*. Teresina: Tipografia do Democrata, 1892, p. 45.

Municipal do Termo de Santa Filomena, nomeação que considerou, a princípio, uma sentença de exílio.⁴⁰¹

Nessas longas ausências deixava sua casa, esposa e filhos em Teresina, enquanto ia em busca de um destaque na política e da sobrevivência econômica de sua família. D. Corina viveu em torno de sua família, sempre próxima dos filhos e de seus parentes que viviam em Teresina, pois, diante das grandes ausências de seu marido para garantir a sobrevivência material deles, buscava proteção e afago nos seus próximos. A função da esposa para a sociedade da época, inclusive para Clodoaldo, era zelar pela família, cuidando dos filhos, da casa, do marido e, na ausência desse, de sua honra. Os rígidos papéis prescritos, de forma vigorosa, às mulheres na literatura de Clodoaldo eram alicerçados a partir de suas experiências pessoais, por meio das quais devotava às mulheres a vida doméstica e aos homens os embates políticos e sociais. Na poesia de Lucídio, D. Corina é representada como uma mãe amorosa, carinhosa, bondosa e conselheira, sua guia na vida.⁴⁰²

Mesmo com os vários momentos ausente de seu lar, devido às constantes migrações que realizava sozinho para garantir a sobrevivência material de sua família por causa do alijamento político que sofria no Piauí, Clodoaldo Freitas forjou-se como um amoroso marido. Sua esposa, Corina Freitas, era elogiada, por ele, como “fiel companheira de todas as horas”,⁴⁰³ e representada poeticamente por ele como uma mulher fulgente, terna, marcada tetricamente, como ele, pela sequencial morte precoce de quase todos os filhos.⁴⁰⁴

Como pai, Clodoaldo foi afetuoso e influente na vida dos filhos. Inspirou a formação intelectual de sua prole, tendo, seu filho, Lucídio Freitas sido considerado um dos maiores poetas teresinenses do século. A formação escolar era basilar para seus filhos. Envoltos no mundo das letras, em contato com jornais, revistas e livros, viam o pai estudar e escrever por horas a fio, discutiam sobre literatura, filosofia e política em casa, em meio a tantos outros intelectuais que circulavam naquele verdadeiro cenáculo literário. Entre os primos maternos e amigos, Alcides e Lucídio Freitas escreviam, desde os 16 e 12 anos, respectivamente, os primeiros jornais, como o *Cri-Cri* e o *Orvalho*, cuidadosamente manuscritos por Alcides e sua

⁴⁰¹ QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República*. Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2011, p. 129.

⁴⁰² FREITAS, Lucídio. Vida obscura. In: FREITAS, Lucídio. *Poesia completa*. 2. ed. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 2016. p. 67-124, p. 71.

⁴⁰³ CHAVES, Monsenhor. Teresina: Apontamentos Biográficos e Outros. CHAVES, Monsenhor. *Obra completa*. Teresina: Fundação Municipal de Cultura Mons. Chaves, 2013. p. 415-639, p. 554.

⁴⁰⁴ CHAVES, Monsenhor. Teresina: Apontamentos Biográficos e Outros. CHAVES, Monsenhor. *Obra completa*. Teresina: Fundação Municipal de Cultura Mons. Chaves, 2013. p. 415-639, p. 554.

impecável caligrafia.⁴⁰⁵ Clodoaldo comprazia-se em receber convidados em sua casa, por onde circulavam literatos, políticos, sertanejos, violeiros, músicos, figuras da elite e pessoas humildes⁴⁰⁶ – ao menos até 1919, quando do adoecimento de Lucídio pela tuberculose, que mais tarde o levaria a vida.⁴⁰⁷

Alcides Freitas, nascido em 1890, formou-se em medicina pela Faculdade da Bahia aos vinte e dois (22) anos, e envolveu-se com o jornalismo e com a poesia como seu pai. Escreveu junto do irmão mais novo, Lucídio, o livro de poemas *Alexandrinos*, publicado em 1912, tendo também escrito *Da lágrima* no mesmo ano.⁴⁰⁸ Porém, sua breve vida, ceifada pela tuberculose, doença letal à época, encurtou seu caminho junto às letras sob a influência de seu pai. Vindo a falecer em 1913, na cidade de Campo Maior, no Piauí.⁴⁰⁹

Clodoaldo Freitas, como chefe de família, situou-se no espaço público ocupando diversos cargos, migrando para regiões distantes tendo em vista a garantia da sobrevivência material da família. Sua forte ligação afetiva com seus filhos e esposa, a afeição ao trabalho, seus modos suavizados,⁴¹⁰ sua função de provedor, garantindo a formação educacional dos filhos, ainda que com o auxílio de seus parentes próximos, como os Castelo Branco, forjaram-no como um homem provedor, um típico homem moderno.

A sua valorização do mundo racionalizado pela ciência, conduzido em direção à paz e à justiça,⁴¹¹ seu constante enfrentamento da corrupção proveniente do poder político pessoalizado, seu papel masculino de provedor, dedicado aos labores da vida, ao enfrentamento das vicissitudes do espaço público, e seu engajamento na construção de si e do mundo por meio da escrita conferiam um virtuoso exemplo para seus filhos.

Lucídio Freitas, nascido em 1894, forjou sua imagem, suas dores e seus descaminhos ao elaborar uma escrita de si e de seu mundo, sob o influxo do signo paterno, presença afetuosa e promotora de seu engajamento poético. Ao leito de morte do filho, Clodoaldo Freitas reuniu,

⁴⁰⁵ QUEIROZ, Teresinha. Lucídio Freitas: juventude, cultura e história. In: CASTELO BRANCO, Pedro. *História e ficção*. Imperatriz: Ética, 2009. p. 171-191, p. 174.

⁴⁰⁶ QUEIROZ, Teresinha. Lucídio Freitas: juventude, cultura e história. In: CASTELO BRANCO, Pedro. *História e ficção*. Imperatriz: Ética, 2009. p. 171-191, p. 174.

⁴⁰⁷ CASTELO BRANCO, Emília. A família Clodoaldo Freitas. Teresina, *O Dia*, p. 6, 10 nov. 1966. CASTELO BRANCO, Emília. A família Clodoaldo Freitas. Teresina, *O Dia*, p. 3, 11 nov. 1966.

⁴⁰⁸ BRITO, Nercinda. *O experienciar da morte: comportamentos frente à finitude em Teresina de 1900 a 1930*. 2012. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2012, p. 21.

⁴⁰⁹ GONÇALVES, Wilson Carvalho. *Antologia da Academia Piauiense de Letras*. Teresina: Halley, 2007, p. 35-36.

⁴¹⁰ CASTELO BRANCO, Emília. A família Clodoaldo Freitas. Teresina, *O Dia*, p. 6, 10 nov. 1966. CASTELO BRANCO, Emília. A família Clodoaldo Freitas. Teresina, *O Dia*, p. 3, 11 nov. 1966.

⁴¹¹ FREITAS, Clodoaldo. O domínio da ciência. In: FREITAS, Clodoaldo. *Em roda dos fatos*. 3. ed. Brasília; Teresina: Senado Federal; Academia Piauiense de Letras, 2011. P. 41-44, p. 44.

em lágrimas, os versos que Lucídio compôs no transbordar da dor, publicando-os em 1921 sob o título *Minha terra*, com o intuito de perpetuar seu nome.⁴¹²

Logo após a criação da Academia Piauiense de Letras – fundada sob o incentivo do filho de Clodoaldo que leva seu nome à casa⁴¹³ – quando Lucídio estava com vinte e cinco (25) anos foi diagnosticado com tuberculose pulmonar, em Belém no Pará, onde vivia com sua esposa Maria Oceanira Amazonas de Figueiredo e seus filhos e trabalhava como professor titular da cadeira de Teoria e Prática Processual na Faculdade de Direito desse estado. A esse tempo, ingressa na magistratura como Juiz substituto da 4ª Vara Criminal de Belém.

Lucídio Freitas vem a falecer em 1922, aos vinte e oito (28) anos de idade. Diante do padecimento que via seu filho sofrer em meio à doença que o definhava e, certamente, o levaria à morte, como já havia levado Alcides, Clodoaldo Freitas cantou suas dores em uma elegia ao venerado filho.

Dou-te esperanças que não tenho, e ponho / nessa doce ilusão minha ventura...
/ Mártir do amor de pai, quanta amargura / me punge ao despertar de cada sonho!
/ Eu nunca me prostrei ante os altares / nem jamais invoquei de Deus o nome;
/ vendo, entretanto, o mal que te consome, / ergo, contrito, ao céu tristes olhares!
/ Bem sei que as leis fatais da natureza / não amolgam jamais ao nosso pranto,
/ nem tem jamais da nossa dor piedade! / Na agonia mortal desta certeza,
/ contemplo, a definhar, cheio de espanto, / gênio, glória, beleza e mocidade.
/ A esperança é o pão dos desgraçados... / Dele há muito me venho alimentando!
/ Onde o coração humano e quando / golpes tão fundos recebeu dos fados?
/ Pobre Corina, companheira aflita, / mais do que eu, talvez, desatinada!
/ Ai! mãe! Triste mulher! Tão malfadada / foste em tua prole, Níobe bendita!...
/ Sofro, dobrado, filho, o teu tormento. / todo o meu ser concentro em tuas dores,
/ Minha vida, minh'alma e pensamento! / Sofresse o teu sofrer e eu pudesse
/ transferir para mim tantos horrores, / talvez menos horrores padecesse...⁴¹⁴

Expressando seus sentimentos mais íntimos, carregados de profunda emoção e melódica dor, Clodoaldo elimina qualquer distanciamento que comporta dois corpos diferentes, unindo o eu poético com o objeto cantado. Agrega os sentimentos e as dores de um para o outro ao entregar ao filho enfermo esperanças que nem possui e desejar poder tomar-lhe a dor para menos horrores sofrer. Nessa elegia, as palavras configuram imagens que põem sua

⁴¹² BRITO, Nercinda. *O experimentar da morte: comportamentos frente à finitude em Teresina de 1900 a 1930*. 2012. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2012, p. 131.

⁴¹³ QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República*. Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2011, p. 191.

⁴¹⁴ FREITAS, Clodoaldo. Dor de pai. *Revista da Academia Piauiense de Letras*, Teresina, ano 3, v. 3, p. 1-200, Papellaria piauiense, 1921, p. 136.

sonoridade e sentido em tensão,⁴¹⁵ representando a pungência da angústia que o consome ao contemplar o filho a definhar.

A esposa de Clodoaldo, D. Corina, diante da grave enfermidade do filho, enluta-se mais uma vez com a próxima perda de mais um filho. Como Níobe, rainha de Tebas, orgulhosa de sua numerosa prole, via um a um ser tomado de si para infortúnio de sua vida.⁴¹⁶ D. Corina, mulher alta, magra e de feições bem delineadas, raras vezes sorria. Seu semblante triste refletia o sofrimento diante das perdas de seus filhos.⁴¹⁷

As amarguras da vida tormentosa não tardariam a levar o pai enlutado, já um tanto neurastênico.⁴¹⁸ Em 29 de junho de 1924, morre Clodoaldo Freitas de uma congestão cerebral em Teresina.⁴¹⁹ Nesse ano, seu único filho vivo, Marcelino Freitas era redator do jornal *A Cidade de Teresina*.⁴²⁰

⁴¹⁵ SOARES, Angélica. *Gêneros literários*. 7. ed. São Paulo: Editora Ática, 2007, p. 24.

⁴¹⁶ BULFINCH, Thomas. *O livro de ouro da mitologia: (a idade da fábula): histórias de deuses e heróis*. 26.ed. Rio de Janeiro, 2002, p. 136-139.

⁴¹⁷ CASTELO BRANCO, Emília. A família Clodoaldo Freitas. Teresina, *O Dia*, p. 6, 10 nov. 1966. CASTELO BRANCO, Emília. A família Clodoaldo Freitas. Teresina, *O Dia*, p. 3, 11 nov. 1966.

⁴¹⁸ BATISTA, Jônatas. *Poesia e prosa*. Teresina: Projeto Petrônio Portella, 1985, p. 139.

⁴¹⁹ ACADEMIA PIAUIENSE DE LETRAS. *Cristino, vida exemplar*. Teresina: Ed. Junior, 1992.

⁴²⁰ PINHEIRO FILHO, Celso. *História da imprensa no Piauí*. Teresina: Editora Zodiáco, 1997, p. 232.

3. REPRESENTAÇÕES FEMININAS NA LITERATURA DE CLODOALDO FREITAS

Esta parte tem como objetivo analisar como o literato Clodoaldo Freitas enuncia o poder por meio do gênero⁴²¹ em sua produção literária. Utilizando-se de sua escrita ficcional, ele constrói o gênero, ou seja, modela a organização da sociedade baseada nas diferenças que percebe entre os sexos,⁴²² a partir das representações femininas que forja, sobretudo, em sua ficção do início do século XX.

A realidade e a ficção não se distanciam pela oposição. O texto ficcional contém elementos do real, e, enquanto ficção, prepara um imaginário.⁴²³ E é nesse aparelhamento do imaginário por meio de suas engenhosas narrativas que Clodoaldo insere as bases para a organização da sociedade quanto às hierarquias entre os sexos, diferenciados, a partir da fisiologia, em homens e mulheres. Nas quais as funções reprodutivas compõem um grande peso interpretativo para as funções sociais de cada grupo sexuado, que são assentadas em práticas tradicionais das sociedades patriarcais, as quais foram reelaboradas com a modernidade.⁴²⁴ A maternidade, exclusiva às mulheres, passava a ser valorizada para além do papel de reprodutora da espécie. Pois, a maternidade desejada demandava que as mulheres fossem portadoras das virtudes da feminilidade, tais “como o recato, a docilidade e uma receptividade passiva em relação aos desejos e necessidades dos homens”⁴²⁵ e dos filhos. Atributos, esses, que elevavam o *status* da mulher na sociedade, sobretudo a burguesa.⁴²⁶

No texto ficcional, a realidade é composta por um viés social e também por um viés sentimental e emocional.⁴²⁷ Ou seja, os resultados das experiências de Clodoaldo na sociedade representam uma realidade textual inserida em narrativas compostas também por elementos fictícios.⁴²⁸ Na parte ficcional, o imaginário aproxima-se da realidade, não porque ele se transforma no real, mas porque ele pode aparentar-se como real quando penetra no mundo e

⁴²¹ SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 5-22, jul./dez. 1990, p. 11.

⁴²² SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 5-22, jul./dez. 1990, p. 8.

⁴²³ ISER, Wolfgang. Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional. In: LIMA, Luiz Costa (org.). *Teoria da literatura em suas fontes*. Vol. 2. 3.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. p. 955-985, p. 955.

⁴²⁴ CAULFIELD, Sueann. *Em defesa da honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940)*. Campinas: Editora da Unicamp, 2000, p. 34.

⁴²⁵ KEHL, Maria. *Deslocamentos do feminino*. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 2008, p. 48.

⁴²⁶ BADINTER, Elisabeth. *Um Amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, p. 172-173.

⁴²⁷ ISER, Wolfgang. Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional. In: LIMA, Luiz Costa (org.). *Teoria da literatura em suas fontes*. Vol. 2. 3.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. P. 955-985, p. 958.

⁴²⁸ GAY, Peter. *A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud: A educação dos sentidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p. 13-14.

nele interfere. E é por esse ponto que Clodoaldo concentra sua intervenção nesse primário campo de emergência do poder que é o gênero.⁴²⁹

É por meio da ficção narrativa que se pode expressar o indizível de uma realidade, bem como formular algo que passa a ser experimentado. Como criações de Clodoaldo Freitas enquanto escritor, as mulheres representadas em suas narrativas se inserem, sobretudo, na temática do amor heterossexual, para incorporar as representações da família burguesa. A partir de suas criações o autor constrói o gênero e pauta as disputas de poder em sua sociedade, a qual atravessa uma crise, onde os destinos humanos parecem se despedaçar e as instituições desmoronar.⁴³⁰ Pois, “as mudanças na organização das relações sociais correspondem sempre a mudanças nas representações do poder”.⁴³¹ E, na segunda metade do século XIX, as mulheres estavam se distanciando de uma tradição.⁴³² É nesse afastamento que a hierarquia própria do gênero estava sendo abalada em seus postulados, pois, o literato afirmava que, no início do século XX, “não temos mais as imposições das verdades e do predomínio religioso, como já não temos a influência incontestável da verdade filosófica”.⁴³³ Verdades filosóficas e teológicas construídas massivamente nos séculos XVIII e XIX no intuito de promover a perfeita adequação entre as mulheres e os atributos da feminilidade.⁴³⁴ A imprensa no século XIX e início do século XX, com o poder de alcance maior do que os livros, teve um importante papel na difusão de imagens e ideias sobre as mulheres, abordando sua missão e seus papéis sociais⁴³⁵ a partir dos interesses dos grupos que detinham o controle da palavra escrita e dos meios de comunicação, utilizando a literatura como um eficaz instrumento de elaboração do gênero em uma sociedade em profundas transformações.

Importa destacar que a despeito da produção ficcional de Clodoaldo Freitas estar espalhada por diversos jornais e revistas, sobretudo do Maranhão e do Piauí, os periódicos circulavam para além dos lugares de publicação. Em Teresina, era comum a leitura de jornais de São Luís – como o *Pacotilha* –, de Belém, Recife, Rio de Janeiro e do exterior, como jornais

⁴²⁹ SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 5-22, jul./dez. 1990, p. 11.

⁴³⁰ FREITAS, Clodoaldo. A missão da Maçonaria. *Escritos de Clodoaldo Freitas*, Belém, v. 1, p. 79-80, 7 set. 1904, p. 79.

⁴³¹ SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 5-22, jul./dez. 1990, p. 8.

⁴³² KEHL, Maria. *Deslocamentos do feminino*. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 2008, p. 47.

⁴³³ FREITAS, Clodoaldo. A missão da Maçonaria. *Escritos de Clodoaldo Freitas*, Belém, v. 1, p. 79-80, 7 set. 1904, p. 79.

⁴³⁴ KEHL, Maria. *Deslocamentos do feminino*. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 2008, p. 47.

⁴³⁵ ABRANTES, Elizabeth Sousa. “O dote é a moça educada”: mulher, dote e instrução em São Luís na Primeira República. 2010. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010, p. 65.

de Lisboa e Paris. E, similarmente, a vida literária no Piauí tinha repercussão em Recife, São Luís, Belém, Manaus e Rio de Janeiro, também devido ao intercâmbio de piauienses nesses espaços.⁴³⁶

Nesta segunda parte, são apresentadas e analisadas as representações femininas na literatura de Clodoaldo Freitas, categorizadas a partir das relações que tecem com as personagens masculinas. Tais categorias são entrecortadas em: solteiras; preceptoras; belas e civilizadas; casaduras; esposas; ciumentas; adúlteras e assassinas; mães; beatas; sáficas; incestuosas; escritoras e feministas. Em seguida, são realizadas observações no que se refere à morte da mulher na literatura e à relação entre literatura, gênero e sociedade.

3.1 As solteiras

Em 1896, Clodoaldo Freitas publicou na *Revista Piauiense* o conto *A predestinação* sob o pseudônimo “C.”, o qual foi republicado no *Almanaque Piauiense*, em 1903, e, postumamente, na *Revista da Academia Piauiense de Letras*, em 1928. A narrativa do conto, que se passa em torno dos anos de sua primeira publicação, compõe uma reflexão sobre os significados do amor a partir de célebres escritores românticos e naturalistas, como Victor Hugo, Bocage, Zola e Balzac.⁴³⁷ Vilipendiando esse sentimento, o protagonista, Alberto, envolve-se, sem amarras, com várias moças, onde há claras evidências da existência de relações sexuais com elas. No entanto, Alberto acaba por se apaixonar por Ernestina, a mulher que desdenha do seu amor.

O início do conto se dá com uma reflexão sobre o amor, realizada pelo narrador em terceira pessoa, o qual observa as personagens, sem, contudo, participar dos acontecimentos da narrativa.⁴³⁸ Em seguida, o narrador apresenta a história do protagonista em torno do amor, esse sentimento que arrebatava filósofos e literatos, poetas e iletrados. Alberto, o protagonista, era bacharel e poeta, um homem inteligente e altivo. Possuía o capital cultural necessário para ter um glorioso destino. Envolvia-se com várias mulheres, “namorava, conquistava, distraía-se, pagava suspiros com versos, flores, com odes e a vida lhe corria em plena maré de descuidoso abandono”, não se cativava.⁴³⁹ As relações sexuais existentes entre Alberto e as mulheres que

⁴³⁶ QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República*. Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2011, p. 107.

⁴³⁷ FREITAS, Clodoaldo. *A predestinação*. In: FREITAS, Clodoaldo. *Um segredo de família e outros contos*. Imperatriz: Ética, 2010. P. 7-15.

⁴³⁸ Narrador heterodiegético.

⁴³⁹ FREITAS, Clodoaldo. *A predestinação*. In: FREITAS, Clodoaldo. *Um segredo de família e outros contos*. Imperatriz: Ética, 2009. P. 7-15, p. 8.

por ele se encantavam, como Maroca, Sinhá e Dondom, são sutilmente relacionadas, na narrativa, com o volitar do beija-flor em torno das flores,⁴⁴⁰ as quais compõem o órgão reprodutor das plantas sexuadas (angiospermas) e que são polinizadas com o auxílio desse pássaro, representando metaforicamente a consumação sexual desses relacionamentos.

O modo como brevemente Maroca, Sinhá e Dondom são representadas na narrativa dá mostras de três configurações de mulheres solteiras em seus enlaces com Alberto, indivíduo possuidor de virtudes burguesas, tais como inteligência, sensibilidade e riqueza.⁴⁴¹ Em uma discussão com seu amigo, Alberto é alertado para não brincar com o amor, em reprimenda a seus “transportes eróticos”.⁴⁴² No que, então, Alberto indaga: “- Mas, o que queres que eu faça, homem? Queres que esconjure dos olhos da Maroca? Que despreze os risos da Sinhá? Que mande para o vigário os castos *me deixes* da Dondom?”⁴⁴³ Pelas palavras de Alberto na narrativa, o flerte se iniciava ou continuava com Maroca por meio de seu olhar, o que indica empenho dela em envolver-se com Alberto. Já Sinhá se lançava a Alberto por meio de seu sorriso, outro método de flerte. Por sua vez, Dondom é, claramente, uma beata que se entrega aos prazeres carnavais com Alberto, evocando uma castidade que não possui e, com ironia anticlerical, alega que não poderia deixar a “castidade” de Dondom entregue ao vigário, o qual faria bom uso de sua continência.

As três mulheres solteiras representadas nesse conto provocavam em Alberto o amor que Chamfort⁴⁴⁴ definia como o contato de duas epidermes, ou o que Balzac entendia como “o supremo deboche da razão humana”.⁴⁴⁵ Provocavam o desejo, a “trivialidade erótica, (...) paixão comum que uma noitada sacia e a ausência de um dia risca da alma”.⁴⁴⁶ Porém, a quarta mulher solteira da narrativa provocaria em Alberto outro tipo de sentimento.

Ernestina era uma moça que vivia com sua mãe, uma senhora viúva de um oficial morto na guerra do Paraguai. Era mantida afastada das movimentações da cidade, no entanto, frequentava todas as grandes rodas, onde era exaltada devido à sua família, riqueza, beleza e

⁴⁴⁰ FREITAS, Clodoaldo. A predestinação. In: FREITAS, Clodoaldo. *Um segredo de família e outros contos*. Imperatriz: Ética, 2009. P. 7-15, p. 8.

⁴⁴¹ FREITAS, Clodoaldo. A predestinação. In: FREITAS, Clodoaldo. *Um segredo de família e outros contos*. Imperatriz: Ética, 2009. P. 7-15, p. 8.

⁴⁴² FREITAS, Clodoaldo. A predestinação. In: FREITAS, Clodoaldo. *Um segredo de família e outros contos*. Imperatriz: Ética, 2009. P. 7-15, p. 8.

⁴⁴³ FREITAS, Clodoaldo. A predestinação. In: FREITAS, Clodoaldo. *Um segredo de família e outros contos*. Imperatriz: Ética, 2009. P. 7-15, p. 9.

⁴⁴⁴ Jornalista francês contemporâneo da Revolução Francesa.

⁴⁴⁵ FREITAS, Clodoaldo. A predestinação. In: FREITAS, Clodoaldo. *Um segredo de família e outros contos*. Imperatriz: Ética, 2009. P. 7-15, p. 10.

⁴⁴⁶ FREITAS, Clodoaldo. A predestinação. In: FREITAS, Clodoaldo. *Um segredo de família e outros contos*. Imperatriz: Ética, 2009. P. 7-15, p. 7.

inteligência. Ernestina era uma moça de comportamento irrepreensível, finamente educada por uma preceptora inglesa. Era alva, bela e ilustrada, preconizava todos os símbolos de feminilidade desejada no período, além de tocar piano e ser uma leitora de jornais.

Ser bela estava especialmente vinculado ao capital simbólico necessário às articulações matrimoniais no seio da burguesia de final do século XIX e início do século XX. E a importância cada vez maior do amor na constituição dos enlaces matrimoniais elevava a importância da aparência, sobretudo das mulheres, nos arranjos conjugais.⁴⁴⁷ Fora as exigências físicas das moças brancas, esperava-se delas um mínimo de preparo intelectual, comportamentos virtuosos e modos refinados.⁴⁴⁸

Além da educação das mulheres de elite passar pelo refinamento feito pelas preceptoras estrangeiras, as inovações artísticas europeias permeavam a vida das classes altas brasileiras, o qual o piano, instrumento caro e não-portátil, se inseria no conjunto de bens pertencentes à burguesia, e a habilidade de tocar esse instrumento tornou-se, no final do século XIX e início do século XX, um dos atributos da jovem ideal. O piano era constituído, ao mesmo tempo, por um capital econômico e simbólico, e sempre ocupava um lugar de destaque nas casas burguesas.⁴⁴⁹

As mudanças que ocorriam, nesse período, nos padrões femininos da elite provocavam em homens como Clodoaldo Freitas uma forte ansiedade diante das novas habilidades femininas nos encontros com os homens, nos quais elas não mais pareciam jovens frágeis e encantadas diante dos homens doutores. Em São Luís, desde a década de 1840 havia um estabelecimento particular de ensino para meninas. Fundado em 1844, o colégio Nossa Senhora da Glória contava com ensino primário e secundário para as mocinhas, alfabetização para senhoras casadas e um preparatório para o ingresso dos meninos no Liceu maranhense. Essa escola preparava as moças para o seu futuro papel de esposa e mãe no seio da elite, compondo um protótipo de mulher burguesa educada social e moralmente. O refinamento nas aulas de bom comportamento tinha como objetivo possibilitar às mulheres burguesas cumprirem o

⁴⁴⁷ SILVA, Camila. “*Ser elegante*”: mulher, moda, corpo e sociabilidade em São Luís/MA (1890-1920). 2016. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2016, p. 109.

⁴⁴⁸ SILVA, Camila. “*Ser elegante*”: mulher, moda, corpo e sociabilidade em São Luís/MA (1890-1920). 2016. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2016, p. 112.

⁴⁴⁹ AMATO, Rita. O piano no Brasil: uma perspectiva histórico-sociológica. XVII CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, 2007, São Paulo. *Anais do XVII congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Música*. São Paulo, Unesp, set. 2007. p. 1-11, p. 2-3.

“novo padrão de sociabilidade: o da convivência heterossexual em sociedade,”⁴⁵⁰ ocorridos nos espaços profanos autorizados às mulheres da elite, como representadas em Ernestina. Porém, esse refinamento elevava as mulheres burguesas, as quais passavam a desprezar alguns homens socialmente distintos.

Desse modo, Ernestina compreendia em si todos os atributos que a elite burguesa definia como ideais para as jovens mulheres, os quais despertaram o sentimento amoroso no promissor Alberto. Portanto, envolvido em seu amor por Ernestina, o poeta amiúda as visitas à casa da moça, conversando por horas com ela sobre todos os assuntos,⁴⁵¹ até o momento em que, centralizando o clímax da narrativa no conflito amoroso, o desejo e o desprezo constroem seu enredo. Após Alberto declarar-se para Ernestina, ela desacredita e desdenha de seus sentimentos. Alberto não consegue persuadir a jovem mulher com suas palavras de homem apaixonado nem de poeta e a agride verbalmente ao duvidar de sua castidade, no que é mandado embora por ela. Alberto sai atormentado, em desespero e com a alma dilacerada, povoada pela dor e pela vergonha sob as gargalhadas sarcásticas de Ernestina. Quando Alberto já se encontra bem distante, ela, então, murmura: “-Pobre Alberto! Eu o adoro. Não era assim que devia proceder. Enfim...”⁴⁵²

O desespero atinge Alberto devido à sua alegada fraqueza diante daquela mulher “cuja beleza celestial o deslumbrava, cujo desprezo o esmagava.”⁴⁵³ Os elementos que elevavam o cabedal de Alberto, como a publicação de seu primeiro livro de versos e os elogios derramados pela imprensa, não representavam distinção para a inteligente Ernestina, que percebia os galanteios do poeta como apenas um meio para volitar nos dulçorosos néctares da virtuosa moça, assim como ele fazia com tantas outras mulheres. E, por meio de sua gargalhada sarcástica, Ernestina dilacera a alma do moço, ainda que tendo por ele alguma afeição.

A formação ilustrada das moças burguesas, refinadas pelos costumes europeus, geravam um temor nos homens, que não possuíam mais o monopólio do saber e da conquista. Nesse conto, mesmo com a focalização externa, os sentimentos do protagonista são mais perceptíveis do que os femininos. Portanto, a construção da narrativa formula-se a partir de uma empatia com os desejos e sentimentos de Alberto, apesar de apresentar os sentimentos dos personagens

⁴⁵⁰ ABRANTES, Elizabeth Sousa. “O dote é a moça educada”: mulher, dote e instrução em São Luís na Primeira República. 2010. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, p. 69.

⁴⁵¹ FREITAS, Clodoaldo. A predestinação. In: FREITAS, Clodoaldo. *Um segredo de família e outros contos*. Imperatriz: Ética, 2009. p. 7-15, p. 11.

⁴⁵² FREITAS, Clodoaldo. A predestinação. In: FREITAS, Clodoaldo. *Um segredo de família e outros contos*. Imperatriz: Ética, 2009. p. 7-15, p. 15.

⁴⁵³ FREITAS, Clodoaldo. A predestinação. In: FREITAS, Clodoaldo. *Um segredo de família e outros contos*. Imperatriz: Ética, 2009. p. 7-15, p. 15.

apenas pela percepção manifesta, sem saber, ao certo, o que se passa internamente nos personagens.

Assim como vários intelectuais dos oitocentos, Clodoaldo Freitas buscava compreender as mulheres, ainda que considerassem essa uma difícil tarefa. Portanto,

Atribuindo à mulher um caráter confuso e contraditório, o homem descobriu, surpreso, que ela era a um só tempo tímida e ameaçadora, desejável e assustadora. Com o papel tradicional da mulher submetido a forte pressão, os homens do século XIX entregaram-se a essa atividade especulativa de maneira livre e mais desesperada do que antes.⁴⁵⁴

A representação da mulher em Ernestina é a exteriorização abrandada de uma percepção bastante comum das mulheres na segunda metade do século XIX. Pois, as representações das mulheres como sedutoras e fatais ganhavam amplo espaço na literatura, estrangeira com Zola – uma das referências literárias de Clodoaldo Freitas – e nacional com Machado de Assis, como uma manifestação masculina diante do receio que sentiam com o convulsionar do gênero que desestabilizava seus tradicionais papéis de homens na sociedade.⁴⁵⁵ O poder da mulher é frequentemente representado na literatura do final do século XIX e início do século XX, mas como uma força ameaçadora. “A mulher machadiana é um misto de sedução, poder e abismo. Capitu, Virgília, Fidélia possuem astúcia e inteligência e conduzem ao caminho desejado”⁴⁵⁶ por elas. Contudo, em Clodoaldo, o maior poder da mulher é conferido às mulheres casadas, pois essas estão com a responsabilidade sobre a felicidade conjugal e, conseqüentemente, sobre a felicidade do marido e dos filhos.

Em *Memórias de um Velho* - romance de Clodoaldo Freitas publicado em formato de folhetim no *Jornal Pátria*, de Teresina, nos anos de 1905 e 1906 - é narrada, em primeira pessoa, a trajetória de Milo – *alterego* do autor – como metáfora da política brasileira. Elaborada em torno das representações femininas que concorrem para as felicidades e agruras da vida do protagonista inserido na família burguesa, apresenta um panorama social dos anos finais do Império no Brasil, ambientada entre o sertão piauiense e a Província do Maranhão, perpassando a região sul do país onde ocorreu a Guerra do Paraguai.

Há, pelo menos, quatro figuras de mulheres solteiras distintas nessa narrativa: Santinha, moça maranhense, ingênua, amorosa e possuidora de uma beleza moral, que vivia com a mãe,

⁴⁵⁴ GAY, Peter. Mulheres agressivas e homens defensivos. In: GAY, Peter. *A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud: A educação dos sentidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. P. 128-167, p. 129.

⁴⁵⁵ GAY, Peter. Mulheres agressivas e homens defensivos. In: GAY, Peter. *A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud: A educação dos sentidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. P. 128-167, p. 144.

⁴⁵⁶ LEITE, Mirian; MASSAINI, Márcia. Representações do amor e da família. In: D'INCAO, Maria (org.). *Amor e família no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1989. P. 72-87, p. 79.

uma viúva abastada; Josefina, oriunda de uma rica família. Moça formosa e ilustrada, nela havia a beleza física; Guilhermina, filha de um rico fazendeiro; Margarida, moça pobre, bonita e carinhosa, que estava à procura de seus tios, na qual não há nenhuma outra referência familiar a ela, ou seja, era uma mulher despossuída da proteção dos membros de sua família e de um forte sobrenome. Excetuando-se Josefina, essas três mulheres morrem na novela, e suas mortes estão, direta ou indiretamente, relacionadas ao amor. Destinadas ao casamento, apenas Santinha não o realiza, pois morre em consequência dos longos sete anos de espera por seu amado Emílio, que a adoecera, deixando-lhe moribunda por não viver realizar o seu destino: o casamento com Milo, com aquele que escolhera para casar por amor.

No ano de 1908, Clodoaldo Freitas publica o conto *Para sempre* no jornal *Pacotilha*, sob o pseudônimo W. Einardht. O enredo se inicia com um diálogo entre o narrador personagem e Edwiges, de onde se desenrola uma discussão a respeito da continuidade do relacionamento entre os dois diante do alegado desprezo de Edwiges para com ele. Permeada por mentiras para provocar ciúmes e desdém de ambos os lados, o narrador personagem acaba por partir, sentindo-se humilhado pela mulher que ama. Esse conto se desenvolve em torno do comportamento orgulhoso de Edwiges, que disputa constantemente com o seu amado o controle sobre o relacionamento amoroso que constroem. Relutante em aceitar ser dominado pela mulher que ama, o narrador sem nome parte para nunca mais encontrar Edwiges, que ao vê-lo partir chora.

Com o sentimento amoroso ganhando importância para a configuração dos casamentos desde fins do século XIX, os conflitos amorosos passam a configurar temáticas centrais nas narrativas ficcionais. Por meio das quais se apresentam autênticas anatomias do amor, do ciúme e do desejo no período,⁴⁵⁷ entremeadas por representações de mulheres que disputavam poder constantemente com seus pares do sexo masculino.

No conto *Um coração de mulher*, publicado em folhetim em dois números do jornal maranhense *Pacotilha* de 1908, sob o pseudônimo W. Einardht, Clodoaldo Freitas representa a mulher a partir dos sentimentos que ela nutre por seu amado que há de partir. A história é narrada em primeira pessoa e conta, através do olhar do protagonista, o momento de uma provável definitiva despedida entre o narrador-personagem e sua amada, que estavam envolvidos no amor carnal e nos questionamentos suscitados pela eternidade ou efemeridade dos sentimentos que os uniam. Ambientada no espaço privado, em uma sala, a narrativa se inicia com a apresentação dos dois únicos personagens do conto, o narrador e sua amada

⁴⁵⁷ LEITE, Mírian; MASSAINI, Márcia. Representações do amor e da família. In: D'INCAO, Maria (org.). *Amor e família no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1989. P. 72-87, p. 78.

Clarinha. Ele, nervoso. Ela, alva, pensativa e indolente. A mulher é emoção, seu amor é profundo, tal qual o amor materno. O amor dele é racional, funciona a partir da lógica da finitude humana e da lei das compensações.

A representação inicial da mulher no conto já preconiza o desenrolar da narrativa. “Tinha de partir no dia seguinte e eram as últimas horas que passava com ela. Encontrei-a pensativa, com os cabelos em desordem, sentada negligentemente no sofá.”⁴⁵⁸ Logo no início do conto já há uma indicação, pela expressão corporal feminina apresentada, que algo está em desordem, para além dos cabelos e do modo de sentar da personagem Clarinha. A mulher pensativa, que questiona as proposições do amado é vista como um iminente perigo para os homens. A etiqueta preconizada era imposta e esperada às mulheres. Nas famílias de elite no Brasil de meados do século XIX eram ressaltados constantemente os modos como uma mulher deveria se portar, como se apresenta na carta de Gastão para sua esposa, a princesa Isabel. “Não relaxes na postura: fica erguida e bem plantada nos dois pés. Estando sentada, não os mostres. Não faças caretas e pensa em *Banting* [fazer dieta] Cuida do teu físico. (...) Relê tudo isto algumas vezes.”⁴⁵⁹ A postura relaxada, os cabelos desgrelhados e o ar reflexivo de Clarinha, já na primeira cena da narrativa, anuncia a ausência da ordem estabelecida para as mulheres, que aqui estão representadas nessa personagem.

As diferenças entre os possíveis destinos e desejos viáveis para seu amado e Clarinha vão compassadamente sendo manifestadas ao longo do diálogo entre os dois. A partir da lógica moderna de felicidade como fim supremo da vida, as diferenças entre homem e mulher se acentuam. O homem exige da mulher que ela se sacrifique, ponha sua reputação a perder para viver o amor, desdenhando das convenções. Já o sacrifício do amor masculino é outro. Esse é ostentoso de belas palavras que afugentam a tomada de decisões que levaria a um real zelo pela mulher amada. É sempre envolto em um labirinto de expressões que fugidamente escapam para a liberdade, elemento tão caro para o homem moderno. No início do diálogo entre os enamorados, o protagonista diz que sempre lembrará dela, para logo em seguida apontar que o esquecimento fará a tônica máxima da distância entre eles.

No conto, o homem é o racional e eloquente no uso das palavras. A mulher é a sentimental e contestadora da eloquência racionalista masculina. Se ela é referida como ser privilegiado, capaz de virtudes próprias, constitui-se de uma ironia do autor para depois apontar como ela é puro sentimento, onde o gozo eterno provocado pelo breve encontro dos amantes é

⁴⁵⁸ UM CORAÇÃO de mulher. *Pacotilha*. Maranhão, ano 28, n. 56, 6 mar. 1908.

⁴⁵⁹ AGP XLI-3, de Gastão, conde d’Eu a D. Isabel. apud BARMAN, Roderick J. *Princesa Isabel do Brasil: gênero e poder no século XIX*. São Paulo: Editora UNESP, 2005, p. 111.

o suficiente para seu deleite ilusório de amor, dispensando, assim, a figura do amado, o qual se vê numa posição de rejeitado, quando deveria ser ele o autor da rejeição, já que a sua partida tinha a volta como uma possibilidade incerta. A profunda irritação do amante diante de seu abandono pela mulher amada se manifesta no murmuro odioso que dirige àquela que só enaltecia com palavras amorosas, beijos e gozos terrestres: “canalha!”⁴⁶⁰

A rejeição feminina dos galanteios masculinos põe o homem em tempestuosa desordem. A representação da mulher como inconstante, portanto, não confiável no amor, constituía-se como um dos meios de autodefesa masculina diante do medo que os homens sentem das mulheres desde tempos antigos, acentuados no século XIX, quando essas passam a manifestar seu poder de forma mais aberta e frequente, tornando, assim, a figurar nas artes em geral, em especial na literatura, e nos tratados médicos.⁴⁶¹

Outro conto que reforça essa representação feminina volátil quanto aos sentimentos amorosos é *Coração de mulher* de P. B., publicada no ano seguinte ao conto de Clodoaldo, em 1909, no jornal teresinense *Alvorada*. A narrativa inicia apresentando o sofrimento de Armânia por seu amado Lúcio ter partido sem dela se despedir. No dia seguinte ela recebe a carta que Lúcio lhe escrevera, explicando os nobres motivos que o levaram a partir desse modo. Tendo ido em busca de um pergaminho, provavelmente um diploma, para garantir o seu futuro, não conseguiria seguir em seu “sublime intento” diante das lágrimas de sua noiva caso dela tivesse ido se despedir.⁴⁶² Três dias após intenso sofrimento diante da partida de seu amado Lúcio, “Armânia valsava alegre, ativa e soberana ao peito de um cavalheiro” em um suntuoso baile. “Ela já havia esquecido Lúcio! Coração de mulher, como és volúvel!”⁴⁶³

Em Nietzsche se encontra a explicação oitocentista para o modo como a paixão se manifesta nas mulheres. Essa é a

renúncia total a toda a espécie de direitos próprios, postula precisamente que o mesmo sentimento, o mesmo desejo de renúncia não existe para o outro sexo: porque se ambos renunciassem a si mesmos por amor, disso resultaria (...) por minha fé, não sei bem o quê (...) – digamos talvez o horror do vazio?⁴⁶⁴

⁴⁶⁰ UM CORAÇÃO de mulher. *Pacotilha*. Maranhão, ano 28, n. 57, 7 mar. 1908.

⁴⁶¹ GAY, Peter. Mulheres agressivas e homens defensivos. In: GAY, Peter. *A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud: A educação dos sentidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p. 128-167/128.

⁴⁶² CORAÇÃO de mulher. *Alvorada*. Teresina, ano 1, n. 1, 15 jul. 1909.

⁴⁶³ CORAÇÃO de mulher. *Alvorada*. Teresina, ano 1, n. 1, 15 jul. 1909.

⁴⁶⁴ NIETZSCHE, Friedrich. A gaia ciência. 1882. apud FRAISSE, Geneviève. Da destinação ao destino. História filosófica da diferença entre os sexos. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. *História das mulheres no Ocidente*. v. 4. Porto: Edições Afrontamento, 1998. p. 58-95, p. 89-90.

Devido ao fato das mulheres não renunciarem suas vidas em prol da espera resignada de um possível retorno de seus amados, os referidos autores configuravam as mulheres como volúveis, pois não se enquadravam no que era esperado delas, ou seja, não renunciavam a si próprias. E a renúncia, claramente, seria esperada apenas por parte delas. Tais discursos sobre as mulheres, veiculados por meio de contos publicados nos jornais, visavam disciplinar o comportamento feminino pela “domesticação” do amor, valorizando o amor maternal em detrimento do amor sensual.⁴⁶⁵ As mulheres expressavam poder quando não se deixavam levar pelo ideal de amor romântico, que nesses contos funcionavam como uma arma de conquista masculina, mantendo as mulheres subordinadas ao que se convencionou como tarefa feminina: a espera, a resignação, o isolamento doméstico, a abdicção de si para o outro, ou seja, para o homem e seus futuros rebentos.

A imprensa foi um veículo usado à exaustão nas últimas décadas do século XIX e início do século XX para prescrever papéis às mulheres a partir de discursos e representações femininas, onde o tom pedagógico aparecia, quase, como uma norma. Tanto através dos periódicos destinados às mulheres como pelos jornais políticos e literários haviam variadas publicações que, por meio de suas representações femininas, procuravam esquadrihar e disciplinar as mulheres de seu tempo, apontando o que elas deveriam e o que, principalmente, não deveriam fazer, através de estratégias inseridos na própria narrativa.⁴⁶⁶ Quanto aos sentimentos amorosos, a mulher era avaliada como instável, sendo comum sua representação como a que “ama por capricho e muda por temperamento,”⁴⁶⁷

Clodoaldo Freitas publicou a novela *Coisas da vida* em folhetim no rodapé do jornal de São Luís *Diário do Maranhão* em 26 números, de dezembro de 1908 a janeiro de 1909. Sem indicação de autoria, foi divulgada no jornal como um primoroso trabalho de um estimável e talentoso escritor,⁴⁶⁸ e revelada por Lucídio Freitas, em 1912, como da autoria de seu pai Clodoaldo Freitas.⁴⁶⁹ Essa prosa ficcional, por meio do narrador protagonista,⁴⁷⁰ apresenta as aventuras amorosas do protagonista Plínio, um jovem estudante de Direito, nos engenhos pernambucanos durante as férias da Faculdade. Entremeadada pelo desejo, amor, casamento, família, honra e morte, a novela encerra uma profusão de personagens femininas para construir

⁴⁶⁵ ABRANTES, Elizabeth Sousa. “O dote é a moça educada”: mulher, dote e instrução em São Luís na Primeira República. (*Tese de Doutorado*). Niterói, 2010, p. 65.

⁴⁶⁶ ABRANTES, Elizabeth Sousa. “O dote é a moça educada”: mulher, dote e instrução em São Luís na Primeira República. (*Tese de Doutorado*). Niterói, 2010, p. 66.

⁴⁶⁷ AMOR, mulher e casamento. *O Cherubim*, Rio de Janeiro, ano 2, n. 47, 1 ago. 1886.

⁴⁶⁸ FOLHETIM. *Diário do Maranhão*, São Luís, ano 39, n. 10.629, 16 dez. 1908.

⁴⁶⁹ FREITAS, Lucídio. O Piauí intelectual. Clodoaldo Freitas. *Diário do Piauí*, Teresina, ano 2, n. 82, 19 abr. 1912.

⁴⁷⁰ Autodiegético.

o modelo ideal de noiva e de esposa ao final da narrativa, contrastando os vícios fartamente distribuídos na narrativa com a felicidade familiar construída pelo enlace matrimonial com a mulher virtuosa. A história é ambientada no sertão de Pernambuco e do Piauí e nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro.

Por meio das representações femininas em *Coisas da vida* (1908-1909), Clodoaldo Freitas narra a decadência do patriarcado rural e a elevação de uma moral burguesa pautada no trabalho, na suavidade dos gestos, na racionalidade, no estudo, no esforço individual. Na novela há uma evidente desvalorização do dote, que não traz abundância, felicidade nem tranquilidade para a vida de casado.

O primeiro momento da narrativa se passa no engenho do Calhau, no interior pernambucano, de propriedade do comendador Herculano Cavalcante. Nessa primeira parte há uma modificação do regime patriarcal da casa grande com a chegada dos jovens quintanistas de direito, Plínio e Netário. Novas brincadeiras são inseridas no cotidiano das mulheres da família, Camila, Anica e Carlota, respectivamente, a esposa (em segundas núpcias) do Comendador e suas duas filhas. Anica e Carlota, as duas moças solteiras, são representadas por suas belezas. As duas eram donzelas formosíssimas, sendo Carlota a mais nova.

O segundo momento da narrativa se passa no Engenho do Ingá, na casa do Barão Atanásio, primo de Herculano. Nesse momento, aparecem na narrativa mais duas moças, as filhas do Barão. Hortência e Hermínia eram duas moças muito prendadas, boas, modestas e simples, posto que fossem filhas de um rico e vaidoso senhor de engenho, com muito poder político, possuidor de uma esplêndida casa de campo, um imenso canavial e muitos escravos. Hortência tinha quinze (15) anos de idade, era morena, esbelta e bela. Tinha os cabelos negros e o rosto encantador. Hermínia tinha quase as mesmas feições encantadoras da irmã e ambas cultivavam dotes musicais, como o canto.

As outras moças da narrativa não ganham destaque, pois são consideradas feias pelos homens solteiros da narrativa, como a filha do Coronel Moreira e Almerinda, que era filha de D. Leopoldina. A primeira não tem seu nome apresentado, é apenas referida como “jararaca de saia” por Numeriano, cascabulho filho do Barão. As moças feias são consideradas sem cotação e um grave estorvo para a socialização dos rapazes, porque nenhum deles queria fazer sala nem dançar com elas. Nesses primeiros momentos a narrativa vai apresentando os interesses amorosos que vão se constituindo entre as belas e jovens mulheres solteiras e o narrador protagonista, com as declarações de amor feitas a ele por elas.

As mulheres solteiras na literatura de Clodoaldo Freitas são representadas de diferentes formas, mas todas estão articuladas às disputas de poder quanto ao gênero e às prescrições de

modelos e contra modelos de mulheres. As quais são elevadas por sua beleza física e seus comportamentos castos e dóceis ao passo que são rejeitadas diante da falta de dotes físicos e modos não servis.

3.2 As preceptoras

No conto *A besta humana*⁴⁷¹ – homônimo ao romance de Zola publicado em 1890 –, Clodoaldo Freitas constrói uma narrativa naturalista, tal como o homônimo romance francês, assemelhando-se ao projeto de Zola, onde seu romance *A besta humana* constituía o décimo sétimo (17º) título do projeto literário *Os Rougon-Macquart: História natural e social de uma família sob o Segundo Império* composto por 20 livros, lançados entre 1871 e 1893. Buscando na ciência as respostas para as aflições que permeavam os intelectuais nesse período, o qual fora marcado pelo desenvolvimento do capitalismo industrial e da sociedade moderna em meio a abruptas transformações e desarranjos, Zola explica o seu projeto.

Minha obra será menos social e mais científica. Com a ajuda de 3 mil figurantes, Balzac escreveu a história dos costumes, tendo como base a religião e a monarquia. Sua cientificidade consistia em constatar a existência de advogados, de ociosos etc. como há cães, lobos etc. Em outras palavras, sua obra pretendia espelhar a sociedade contemporânea. A minha buscará outra coisa. O enquadramento será mais restrito. Não pretendo descrever a sociedade contemporânea, mas apenas uma família, mostrando a relação da “raça modificada” pelos diferentes meios ambientes (...) e entendo por meio ambiente, entre outras coisas, a ocupação profissional e o local de residência. Minha intenção maior é a de ser puramente naturalista, puramente fisiologista. Em vez de princípios (a monarquia, o catolicismo), terei leis (a hereditariedade, o atavismo). Não quero, como Balzac, interferir nos interesses humanos, ser político, filósofo, moralista. Para mim basta a ciência (...) sem maiores conclusões. (...) Balzac diz querer descrever os homens, as mulheres e as coisas. Para mim, homens e mulheres são o mesmo, admitidas as diferenças de natureza, e submeto ambos às coisas.⁴⁷²

Diferentemente de Zola, não se furtando de interferir nos interesses humanos, como político, filósofo e moralista, como será visto com o final dramático do conto, Clodoaldo Freitas incorpora nesse conto as teses do projeto naturalista de Zola, onde as leis científicas em voga no período dão a tônica da explicação para os vícios presentes na narrativa, contrastando-os com a virtude da vítima, que resiste até o último suspiro às investidas desonrosas de seu patrão.

Na literatura pautada nas teses naturalistas, o ser humano é representado e analisado a partir de seus comportamentos patológicos, de seus desejos e taras sexuais. E são esses

⁴⁷¹ Conto localizado no terceiro volume dos *Escritos de Clodoaldo Freitas* iniciado em 1908 em São Luís.

⁴⁷² ZOLA, Emile. *A besta humana*. Coleção Clássicos Zahar - edição comentada e ilustrada. Tradução, Apresentação e Notas: Jorge Bastos. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

comportamentos desagradáveis e sórdidos que Clodoaldo insere no conto *A besta humana*, explicados a partir das características fisiológicas dos sujeitos, revelados por meio da descrição de suas constituições físicas.

A besta humana de Clodoaldo Freitas, narrado em terceira pessoa, gira em torno de três personagens localizadas no espaço doméstico. São elas: Bernardinho, Virgolina e Etelvina. Bernardinho e Virgolina casaram-se muito novos e se mudaram do Ceará para o Piauí, para a cidade de Parnaíba, com seus dois filhos. Muito pobres, superaram a indigência por meio do trabalho. Prosperando financeiramente, Bernardinho passa a se preocupar com a educação dos filhos e contrata a preceptora Etelvina para tal encargo.

Etelvina era uma senhora diplomada pela Escola Normal de Fortaleza. Tinha mais de trinta (30) anos de idade, era magra, amorenada e feia. Entretanto, a preceptora possuía virtudes intelectuais e morais que lhe conferiam uma aparência mais atraente e simpática. Com a preceptora trabalhando no seio da família de Bernardinho, ele passa a sentir uma violenta paixão por ela, o que o leva a investidas cada vez mais ousadas contra ela, que sempre o repelia.

Etelvina esquivava-se de Bernardinho por ele ser um homem casado, no que ele se interpunha dizendo que mataria sua esposa Virgolina, o que era rigidamente reprovado por Etelvina. Ele, então, pedia a Deus que levasse sua esposa, para, então, ficar livre para casar-se com Etelvina, ou que ela se tornasse sua amante. No entanto, Etelvina não se agradava dele nem seria sua amante. Ela afirmava que não nasceu para descer tão baixo. Entretanto, o sentimento que Bernardinho nutria por ela era “ruvinhoso”, “doentio”, tornava-o capaz de matar.⁴⁷³

Após diversas insistências de Bernardinho rejeitadas por Etelvina, ele resolve toma-la à força, e marca o dia e a hora para que Etelvina se decida. Ou ela seria sua amante ou morreria para, então, ser profanada. Após a incisiva ameaça, Etelvina, apavorada de medo, pede ajuda para D. Virgolina, contando que o ciúme da esposa seria o elemento de interposição nessa grave situação em que se encontrava, o qual faria o marido ser chamado à razão.

Sem ter como fugir da casa, pois ele tinha o controle de quem entrava e saía, nem pedir ajuda para mais ninguém além de Virgolina, Etelvina teve o furtivo encontro com Bernardinho. Ainda insistindo para que ela se entregasse para ele, e com a reiterada rejeição de Etelvina, Bernardinho a tomou à força. Enquanto Bernardinho agarrava a moça, forçava um beijo, essa se debatia furiosamente e gritava por socorro, e D. Virgolina a aconselhava a se entregar.

⁴⁷³ CASTELO BRANCO, Pedro. *Famílias e escritas: a prática dos literatos e as relações familiares em Teresina nas primeiras décadas do século XX*. 2005. Tese (Doutorado em História) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005a, p. 191.

- Ceda, Eteivina. Mulher solteira também vive. Ceda para evitar uma desgraça. Este homem está doido. Não resista mais. Ceda para evitar uma desgraça. Tenha pena de mim e de meus filhos. – Nunca! – bradava Eteivina. Bernardinho rosnava furioso beijando-a e despedaçando-lhe [sic] as roupas e com as mãos ardentes profanando os tesouros escondidos no sacrário da sua virgindade. – Ceda! – aconselhava d. Virgolina. – Nunca! – bradava Eteivina.⁴⁷⁴

A resistência da preceptora na manutenção da sua honra, resguardando sua virgindade, clamava acima da proteção de sua própria vida. Não se submeteria a esse irascível homem mesmo com as clemências de Virgolina, que abria mão de seu orgulho como esposa para salvar sua família de uma desgraça que o marido homicida provocaria ao tirar a vida de Eteivina.

A elevação das virtudes de Eteivina chega ao ápice no clímax da narrativa, quando Bernardinho intenta contra a vida da frágil preceptora. Sem se entregar, Eteivina luta bravamente até o último momento de sua vida. O medo passa, então, a não mais dominá-la. Eteivina, nesse momento, tornava-se uma mulher forte, porque a sua honra estava protegida enquanto vida tivesse para resguardá-la. Essas eram, portanto, as suas maiores virtudes, o pudor e a defesa de sua honra até o limite da vida.

Ela resistia da melhor forma, heroicamente, desesperadamente, ao monstro cioso e brutal, que lhe magoava as carnes, lhe confundia os seios, lhe esfolava as pernas. Diante dessa feroz resistência, incrível em uma moça tão débil, lutando com um homem tão forte, o Bernardinho, fora de si, colérico, cheio de furor erótico, largou Eteivina e correu para o quarto vizinho, de onde voltou imediatamente com o rifle na mão. Eteivina, transida de medo, pôs-se a bradar por socorro. d. Virgolina correu para junto dela, ajoelhou-se com uma imagem de Nossa Senhora das Graças nas mãos a seus pés e pediu-lhe que cedesse para evitar uma desgraça. Eteivina, agora passada a crise do terror, sentia-se forte, animada pela primeira vitória e abraçando-se com D. Virgolina disse: - Pode matar-me, mas não cedo. O Bernardinho armou o rifle e, sem proferir palavra, à queima-roupa, desfechou-lhe o tiro. A bala mortífera feriu-lhe o ombro e ela caiu lavada em sangue, bradando por socorro. – Ceda! – pedia d. Virgolina – senão o homem lhe acaba de matar. – Nunca! O segundo tiro partiu, atingindo-lhe o ventre. – Ceda, Eteivina, por amor de Deus! – soluçava d. Virgolina. – Nunca! O terceiro tiro partiu e atingiu o peito. O que se seguiu daí em diante entra no rol das coisas fantásticas dos romances. O Bernardinho apagou a lâmpada que iluminava o quarto fúnebre e abraçou-se com o cadáver. Ouviram-se perfeitamente os seus beijos e as palavras ternas murmuradas nos seus loucos afagos. Aquela paixão imensa e desordenada, que fora até o homicídio, se saciava estupidamente num cadáver ainda quente. A polícia, afinal, avisada apareceu e separou o monstro da sua vítima mutilada, com o corpo coberto de equimoses e apresentando nas roupas e nas carnes dilaceradas sinais evidentes do ultraje supremo.⁴⁷⁵

⁴⁷⁴ FREITAS, Clodoaldo. A besta humana. In: FREITAS, Clodoaldo. *Um segredo de família e outros contos*. Imperatriz: Ética, 2009c. p. 45-55, p. 54.

⁴⁷⁵ FREITAS, Clodoaldo. A besta humana. In: FREITAS, Clodoaldo. *Um segredo de família e outros contos*. Imperatriz: Ética, 2009c. p. 45-55, p. 54-55.

Como que buscando no ideal romano normas e comportamentos femininos para sua época, que vivia um evidente declínio do assentamento da moral social na virgindade feminina, onde a “excessiva falta de pudor em certas mulheres”⁴⁷⁶ desalinha as conveniências esperadas pelos ordenadores da civilização moderna, Clodoaldo constrói sua Etelvina à semelhança de Lucrecia. Ao narrar a história de Lucrecia, o historiador romano Tito Lívio sonhava com uma nova Roma, onde a depravação não seria moda, onde as mulheres se casariam virgens e apenas uma vez, que não se limitariam o número de filhos e que a própria mãe os amamentaria e os educaria.⁴⁷⁷

A história de Lucrecia se passa no final do período dos reis romanos, por volta de 509 a.C. Lucrecia é, por excelência, a esposa romana modelo. Enquanto que as outras mulheres se entretinham em luxuosos banquetes, ela estava trabalhando a lá tarde da noite em volta de vigilantes criadas. A respeitabilidade, a pureza exemplar de Lucrecia desperta, então, o desejo sexual em Sexto Tarquínio, um filho do rei romano. É o ideal de mulher que o atrai além de sua beleza. À semelhança de Lucrecia, Etelvina, do conto de Clodoaldo, gerava atração e despertava os desejos de Bernardinho pelos dons intelectuais e morais que possuía, já que lhe faltava a beleza física para atrair, por esses meios, os homens.

Lucrecia, então, recebe a visita de Sexto, amigo de seu marido, em sua casa, como uma mulher respeitosa e hospitaleira. No entanto, na calada da noite, Sexto entra no quarto de Lucrecia e, por meio de uma ameaça de morte, tenta convencê-la a se entregar sexualmente a ele. Sem temer a morte, pois sua honra estava acima disso, Lucrecia recusa se entregar. Então, Sexto Tarquínio ameaça matá-la e criar uma emboscada para que pensem que ela morreu por ter cometido adultério. Entre morrer com sua honra preservada, mas sujando a honra de sua família pela emboscada criada, e ceder a honra, mas revelando posteriormente a verdade do estupro, Lucrecia prefere ceder e preservar a honra de sua família. Após revelar a verdade sobre a consumação do ato mediante grave ameaça para seu pai e seu marido, Lucrecia se mata, pois, “apesar de só o corpo ter sido violado, a alma ser pura”, “o que pode existir de bom para uma mulher quando se perde sua honra?”⁴⁷⁸

Em *A besta humana*, o funeral de Etelvina, essa nova Lucrecia que colocara sua honra acima de sua própria vida, foi realizado com a maior solenidade e pompa porque as senhoras parnaibanas cotizaram-se para fazer-lhe tamanha homenagem. Uma inteligente professora e

⁴⁷⁶ BATISTA, Jônatas. *Poesia e prosa*. Teresina: Projeto Petrônio Portella, 1985, p. 141.

⁴⁷⁷ LIVIO, Tito. *Ab vrbe condita*: Historia de Roma desde su fundación. Libros 1 a 10. Madrid: Imprenta Real de Madrid, 2011.

⁴⁷⁸ “¿Qué puede estar bien para una mujer cuando se ha perdido su honor?” LIVIO, Tito. *Ab vrbe condita*: Historia de Roma desde su fundación. Libros 1 a 10. Madrid: Imprenta Real de Madrid, 2011, p. 48.

poetisa proferiu uma fala enaltecendo as virtudes de Etelvina, que servia como um glorioso modelo a ser imitado. Ao fim da narrativa, Clodoaldo apresenta uma ode à virtude feminina, apontando a importância de enaltecê-la diante das desvalorizações pelas quais passa em sua época e, também, devido aos sórdidos comportamentos naturais dos homens, partindo, assim, de uma premissa de que a humanidade está presa por forças incontroláveis e, portanto, sem salvação. Aliás, podendo ser salvas pela moral feminina elevada.

A memória dessa moça heroica e casta entrará iluminada e gloriosamente na história, como um eloquente atestado de que a virtude feminina não é um mito e viceja por toda parte como uma prova de que o homem hoje e sempre é e será a mesma coisa, com os seus instintos de fera e com suas distinções de santidade.⁴⁷⁹

As preceptoras na prosa ficcional de Clodoaldo Freitas, apesar de pouco figurarem em suas narrativas, são representadas como mulheres virtuosas, honestas. Desde o Império, a escolha das professoras públicas passava por exigências de conduta ilibada e atestado de moralidade pública, além dos conhecimentos necessários para a profissão.⁴⁸⁰ O modelo exemplar de Etelvina reforçava a valorização dessas virtudes em um mundo que parecia se distanciar dos preceitos de moralidade e recato devido à reordenação do gênero provocada pelos novos modos de sociabilidades do mundo moderno.

Há ainda um ponto subjacente na narrativa de Clodoaldo, que é o da fragilidade e necessidade de proteção de Etelvina. Sem conseguir contato com seus familiares no Ceará, nem com o coronel Augusto Borges para salvá-la de seu ameaçador patrão, Etelvina não possuía meios de defender sua própria vida, apenas sua honra. Desse modo, as mulheres são percebidas e constituídas como frágeis pelo discurso literário, religioso, médico, jurídico e educacional,⁴⁸¹ e, portanto, precisam ser protegidas e controladas. “Toda e qualquer atividade fora do espaço doméstico poderia representar um risco.”⁴⁸² Assim como aconteceu na ficção de Clodoaldo Freitas com a preceptora Etelvina, que se afastou de seu lar e acabou sendo assassinada pelo seu patrão.

O trabalho das jovens pobres fora de casa era encarado como uma fatalidade e era visto como transitório, pois deveria ser abandonado logo que a missão feminina de esposa e mãe

⁴⁷⁹ FREITAS, Clodoaldo. A besta humana. In: FREITAS, Clodoaldo. *Um segredo de família e outros contos*. Imperatriz: Ética, 2009c. p. 45-55, p. 55.

⁴⁸⁰ LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, Mary del. (org.). *História das mulheres no Brasil*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2013. p. 443-481, p. 462.

⁴⁸¹ LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, Mary del. (org.). *História das mulheres no Brasil*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2013. p. 443-481, p. 454.

⁴⁸² LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, Mary del. (org.). *História das mulheres no Brasil*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2013. p. 443-481, p. 453.

fosse imposta.⁴⁸³ Contudo, as duas preceptoras presentes na ficção selecionada de Clodoaldo Freitas não seguem o caminho para a maternidade e, devido a isso, não podem existir como um modelo de mulher que trabalha em casa a ser seguido, por isso são mortas nas narrativas, e sobre elas é construída uma exaltação de seus comportamentos honrosos quanto à preservação da castidade. Etelvina morre para salvar sua honra. Miss Timysson, preceptora inglesa de Ernestina em *A predestinação* (1896), morre de febre amarela, mas não sem antes deixar a aluna finamente instruída.

A função de professora primária ou preceptora representava um ofício honrado e compatível para as mulheres que necessitavam trabalhar para proverem suas necessidades. As duas professoras na ficção de Clodoaldo Freitas se enquadram nesse perfil de depositárias de uma moral inquebrantável e são exploradas nas narrativas a partir desse pressuposto, compondo um modelo de castidade para as mulheres solteiras,⁴⁸⁴ ainda que não seguissem para o casamento e para a maternidade.

O triste destino que marcou a vida da preceptora (ou governanta) Etelvina em *A besta humana* compunha uma das temáticas exploradas pelos romancistas em relação às professoras desde meados do século XIX, quando o magistério passava por uma feminização na Europa,⁴⁸⁵ e no final dos oitocentos e início dos novecentos no Brasil.⁴⁸⁶

Jovens oriundas da aristocracia, empobrecidas e “inelegíveis” para um bom casamento, frequentemente se empregavam como governantas - uma ocupação tão amarga, tão marcada por perspectivas de exploração obscena, de uma crueldade sutil, e (muito remotamente) de um romance, que lá pelos meados do século os romancistas haviam se apropriado do destino das governantas como um tema promissor. E, quer pertencessem à classe operária ou à burguesia, as mulheres chegaram a engrossar as fileiras dos professores, sobretudo na escola primária.⁴⁸⁷

A história romana em Tito Lívio é emblemática para a construção da relação entre a mulher e a política. A falta de controle dos homens sobre as mulheres foi a geradora de crises políticas. Pois, vencida a autoridade masculina no lar, na cidade elas causavam temor aos homens, devido ao medo que eles tinham com o avançar das conquistas femininas na sociedade.

⁴⁸³ LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, Mary del. (org.). *História das mulheres no Brasil*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2013. p. 443-481, p. 453.

⁴⁸⁴ ABRANTES, Elizabeth Sousa. “*O dote é a moça educada*”: mulher, dote e instrução em São Luís na Primeira República. 2010. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010, p. 54.

⁴⁸⁵ GAY, Peter. Mulheres agressivas e homens defensivos. In: GAY, Peter. *A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud: A educação dos sentidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 128-167, p. 135.

⁴⁸⁶ LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, Mary del. (org.). *História das mulheres no Brasil*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2013. p. 443-481.

⁴⁸⁷ GAY, Peter. Mulheres agressivas e homens defensivos. In: GAY, Peter. *A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud: A educação dos sentidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 128-167, p. 135.

Pois o modelo tradicional de honra, respeitabilidade e obediência feminina à família constituíam-se elementos de sustentação da estrutura familiar, a qual compunha a base dessa sociedade.

3.3 Belas e civilizadas

O período que compreende as últimas décadas do século XIX e primeiras décadas do século XX marca o acelerado desenvolvimento da modernidade assentada no progresso científico e tecnológico e no desenvolvimento industrial. Nesse momento a imprensa ganha destacado papel na sociedade e é impulsionada pelo desenvolvimento de novas maquinarias e fontes energéticas mais baratas. As elites (econômicas e intelectuais) que detinham o acesso à palavra escrita e aos periódicos passam a utilizar a imprensa como espaço de difusão de valores e práticas burguesas para a sociedade, tomando para si o papel de construtoras de uma sociedade civilizada.⁴⁸⁸

No interior desse processo de desenvolvimento tecnológico e econômico encontrava-se a civilidade, elemento importante no desenvolvimento das sociedades modernas que definia o modo de convivência entre as pessoas no espaço urbano. A civilidade compõe os comportamentos que revelam o mútuo respeito entre os indivíduos, representando o estágio da civilização.⁴⁸⁹ O conceito de civilização está relacionado a uma variedade de elementos: ao estágio de desenvolvimento tecnológico, aos gestos dos indivíduos, aos conhecimentos científicos, aos costumes, às concepções religiosas, aos modos de vida, ao gênero, ou seja, a todo o modo como a sociedade se organiza a partir das diferenças sexuais que percebe. Destarte, o termo civilização resume tudo o que constitui a sociedade ocidental e o que ela julga ser superior a outras sociedades, como a sua tecnologia, os seus modos, o seu desenvolvimento científico e a sua visão de mundo.⁴⁹⁰

Em uma sociedade que se forjava a partir de sua inserção no mundo capitalista, de produção e consumo intensos, os custos de vida se tornavam cada vez mais elevados devido à proveniência externa dos artigos de primeira necessidade – antes confeccionados dentro do ambiente doméstico – e do aumento do consumo de produtos importados, que permeavam os

⁴⁸⁸ GOMES, João. *Vigiando e reprimindo: o papel da imprensa no cotidiano dos moradores de Belém (1897-1910)*. 2017. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2017, p 28.

⁴⁸⁹ GOMES, João. *Vigiando e reprimindo: o papel da imprensa no cotidiano dos moradores de Belém (1897-1910)*. 2017. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2017, p 28.

⁴⁹⁰ ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2011, p. 23.

desejos e delineavam as novas formas de sociabilidades⁴⁹¹ nesse momento de profundas transformações.

As mudanças econômicas e sociais pelas quais o estado do Piauí passava no período de transição do século XIX para o século XX, com a progressiva integração desse estado nos mercados regionais e internacionais – por meio do extrativismo da maniçoba, carnaúba e babaçu, produtos bem cotados no mercado externo⁴⁹² –, fomentaram profundas mudanças nos âmbitos culturais. Balizadas pelas novas sociabilidades que se formaram a partir das modernizações urbanas, tais como a implementação da luz elétrica em 1914 – que permitiu o prolongamento do tempo de circulação das moças de famílias nos espaços públicos, principalmente nas praças que foram urbanizadas – e a inserção de novos itens de consumo nos lares devido à ampliação da navegação à vapor, que modificou a economia local e as atividades domésticas das mulheres. Mudanças, essas, que provocavam ansiedade já diante da perspectiva de sua chegada, haja visto as várias tentativas de implantação das reformas modernizadoras em Teresina que foram frustradas antes de efetivamente serem concretizadas.⁴⁹³

A ideia de civilização, difundida no século XVIII e consolidada no século XIX na Europa, indicava um estágio de desenvolvimento contrário à barbárie, estando relacionada à polidez e aos bons costumes provenientes de uma elite alinhada à ordem, à educação e à cortesia necessárias ao alcance do progresso.⁴⁹⁴

No Brasil, com o regime republicano que emergiria sob a influência do ideal positivista de “ordem e progresso”, a promessa de torná-lo uma nação “civilizada”, além de “moderna” se concretizaria com a remodelação urbana de suas principais cidades, incluindo-se entre elas as duas capitais amazônicas, Manaus, no Amazonas, e Belém, no Pará. Cidades submetidas a uma série de ações “modernizadoras” que buscavam substituir as feições coloniais, procurando adequá-las aos moldes “civilizados” da época. Assim, *A Província do Pará* e, posteriormente a *Folha do Norte*, testemunhariam a implantação e consolidação da República no Pará, cujos padrões de urbanização seguiriam o modelo europeu da *Belle Époque*, sobretudo o francês aprimorado por Eugène Haussman.⁴⁹⁵

⁴⁹¹ Clodoaldo vai tratar desses novos consumos em sua crônica *O Feminismo*, publicada na primeira década do século XX, onde vai apontar que as mulheres estão direcionando seus anseios para o consumo de joias e maquiagens ao invés de voltarem-se para os cuidados do lar e dos filhos.

⁴⁹² QUEIROZ, Teresinha. *Economia piauiense: da pecuária ao extrativismo*. Teresina: APeCH/UFPI, 1993.

⁴⁹³ QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República*. Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2011, p. 26-33.

⁴⁹⁴ GOMES, João. *Vigiando e reprimindo: o papel da imprensa no cotidiano dos moradores de Belém (1897-1910)*. 2017. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2017, p. 29.

⁴⁹⁵ GOMES, João. *Vigiando e reprimindo: o papel da imprensa no cotidiano dos moradores de Belém (1897-1910)*. 2017. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2017, p. 29-30.

Na transição do século XIX para o século XX, tanto a cidade do Rio de Janeiro, a capital da República, como as duas capitais amazônicas, Belém e Manaus, passavam por mudanças estruturais almejando o modelo francês, materializando a marcha pelo progresso por meio de suas intervenções urbanas, as quais desencadeariam remodelamentos no gênero, como representados por Clodoaldo Freitas nos contos *A predestinação* (1896) e *Um segredo de família* (1907).

No primeiro conto, a mulher é representada na figura de Ernestina, bela moça educada ao modelo inglês. Reservada, seus gestos são delicados e sua ilustração simboliza a nova configuração de mulher de final dos oitocentos: letrada, ilustrada, bela e refinada. Embora exaltado, esse modelo feminino assustava os homens pela sua altivez. No segundo conto, a bela mulher civilizada é Ângela. Porém, difere de Ernestina do conto anterior. Aquela é uma mulher voltada para os movimentos da cidade. Estando casada com Anastácio, não se restringia nem ao espaço doméstico nem a sair apenas com o seu marido ou seu pai. Ângela andava livremente pelas ruas, frequentava o teatro, saía para fazer compras sozinha, circulava no meio de outros homens na cidade do Rio de Janeiro, onde moravam. No qual Anastácio, o jovem piauiense bacharel em medicina, incomoda-se com a livre movimentação de sua esposa pela cidade, o que acaba por provocar o fim do casamento.

As transformações encetadas pelo capitalismo, em intenso desenvolvimento, nas regiões periféricas marcaram a percepção de Clodoaldo sobre seu mundo, deslocando-o em suas certezas devido às imposições do modo de vida moderno sobre as mais diversas sociedades, inclusive à sua. “O capitalismo e a sociedade burguesa transformaram e dominaram o mundo, e ofereceram o modelo – até 1917 o *único* modelo – para os que não queriam ser devorados ou deixados para trás pela máquina mortífera da história.”⁴⁹⁶ Em grande medida, os acontecimentos que marcam as redefinições do gênero na sociedade brasileira são determinados pelas relações estabelecidas entre o Brasil e os países do norte-ocidental, em destaque para a França.⁴⁹⁷ A representação desse comportamento mais livre de Ângela refletia o movimento de influência dos modos de sociabilidade da Europa no Brasil.

Aos olhos de Clodoaldo Freitas a civilização do início do século XX atravessava uma crise. Os destinos humanos estavam sendo despedaçados. As verdades e a religião já não mais predominavam, a verdade filosófica se esmorecia. A crítica e a descrença fizeram estremecer

⁴⁹⁶ HOBBSAWM, Eric. *A era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 199.

⁴⁹⁷ HOBBSAWM, Eric. *A era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 199.

doutrinas e destruir, ou desprezar, ídolos antigos. No lugar da religião vinha a descrença, da filosofia vinha a ciência e no lugar da sociedade estava o niilismo, ou seja, a redução dessa ao nada.⁴⁹⁸

Diante da incerteza do mundo, Clodoaldo Freitas acreditava na força do proletariado como elemento que iria alterar o programa do governo do mundo. Criticava a propriedade privada devido à sua “estupenda desigualdade,”⁴⁹⁹ apontando a necessidade de uma nova forma jurídica para a posse e a factível necessidade de democratização radical do governo, com o povo exercendo-o diretamente nos comícios. Todos esses elementos vão se emaranhando mais e mais “ao estrondoso desabar de uma civilização inteira.”⁵⁰⁰ O que o levava a se indagar sobre o que realmente estava acontecendo na modernidade, que era por ele percebida como uma confusão generalizada que conturbava sua consciência.

Clodoaldo defendia a Maçonaria como única a permanecer impávida em sua moral, pois era virtuosa e estava ao lado do direito, do bem, da verdade, da liberdade, da paz e da confraternização universal dos povos. Afirmava que o que há de bom, justo, livre, verdade, justiça, higiene e moral no mundo era fruto da Maçonaria. Porque era inimiga das guerras, “não manda bênçãos e não faz[ia] preces ao deus dos exércitos pela vitória de um dos contendores: manda[va] a Cruz Vermelha”.⁵⁰¹ No mundo em que tudo desabava, para ele, só a Maçonaria seguia a marcha evolutiva da humanidade e lhe indicava o norte, ao lado da ciência, combatendo a ignorância. E afirmava que “fora das verdades afirmadas pela ciência não há nada que possa merecer existência, porque o erro não tem direito a existência”.⁵⁰² Aproveitava-se das descobertas científicas e as adotava para o bem da humanidade. Mas, para ele, ela não se configurava como seita religiosa nem associação política. Clodoaldo afirmava que por esses motivos ela se conservava serena e firme enquanto “todas as instituições humanas e divinas [eram] sacudidas pelos ventos da anarquia e da descrença”.⁵⁰³

Composta por posições, expectativas e representações variadas de civilidade, a imprensa constituía-se de um espaço de múltiplas significações. Nos centros urbanos mais desenvolvidos, como Belém, Teresina e São Luís – para restringir aos espaços onde Clodoaldo Freitas fixou residência nessas primeiras décadas do século XX –, os jornais e revistas anunciavam e discutiam sobre os elementos culturais e de sociabilidade das sociedades modernas, tai como

⁴⁹⁸ FREITAS, Clodoaldo. A missão da Maçonaria. *Pará-Maçom*, Belém, ano 1, n. 5, 1904, p. 1.

⁴⁹⁹ FREITAS, Clodoaldo. A missão da Maçonaria. *Pará-Maçom*, Belém, ano 1, n. 5, 1904, p. 1.

⁵⁰⁰ FREITAS, Clodoaldo. A missão da Maçonaria. *Pará-Maçom*, Belém, ano 1, n. 5, 1904, p. 1.

⁵⁰¹ FREITAS, Clodoaldo. A missão da Maçonaria. *Pará-Maçom*, Belém, ano 1, n. 5, 1904, p. 2.

⁵⁰² FREITAS, Clodoaldo. A missão da Maçonaria. *Pará-Maçom*, Belém, ano 1, n. 5, 1904, p. 1.

⁵⁰³ FREITAS, Clodoaldo. A missão da Maçonaria. *Pará-Maçom*, Belém, ano 1, n. 5, 1904, p. 2.

os bailes, passeios e concursos de beleza, também apresentavam artigos sobre limpeza, saúde e beleza.⁵⁰⁴

Em Teresina, os bailes era uma das formas de comemorações e socializações mais difundidos nesse período. Construídos em torno das músicas, danças, comidas, bebidas e encontros, os bailes eram dados em razão de batizados, aniversários, casamentos, formaturas, encontros políticos, festas religiosas. Nesses espaços dos bailes ocorriam encontros entre homens e mulheres e, a despeito do rígido controle das moças por seus pais, eram neles que se verificava uma maior liberdade de movimento para as mulheres, visto o enclausuramento a que estavam submetidas no ambiente doméstico, distanciadas do contato masculino fora do meio familiar. Na capital piauiense, às moças de família eram vedadas as conversas com o sexo oposto pela janela, o que já ocorria com maior aceitação no Maranhão, de acordo com o Clodoaldo Freitas.⁵⁰⁵

Os concursos de beleza passam a ter destaque na imprensa no início do século XX, período em que a saúde e a beleza do corpo ganhavam importância para a construção de uma sociedade moderna, civilizada, direcionada ao progresso. E a beleza feminina, constituída pela formosura física, um mínimo preparo intelectual e pelas prendas de salão, passava a ter cada vez mais valor nos arranjos matrimoniais, sobretudo das elites.⁵⁰⁶

No período que morou no Pará, Clodoaldo foi colaborador do jornal belenense *Folha do Norte* e testemunhou transformações advindas com a modernização da região amazônica no alvorecer do século XX. Apesar de tomar como importante a beleza feminina e de ser um defensor da civilização moderna, Clodoaldo Freitas possuía resistência a exigências feitas pelo progresso, como as imitações francesas do baile e do teatro, sobretudo em Belém, que, segundo ele, propagavam maus costumes às moças de família pela representação de revistas com palavras e gestos obscenos,⁵⁰⁷ a “desfiguração da mulher pelos arrebiques e pós de arroz, dentes postiços e cabeleiras, espartilhos e anquinhas.”⁵⁰⁸ Em um de seus artigos da coluna *Às quintas e domingos* publicado em Belém e colado no primeiro volume dos *Escritos de Clodoaldo Freitas*, compara-se a Victor Hugo e Michelet quanto às suas impossibilidades de assimilar

⁵⁰⁴ SILVA, Camila. “*Ser elegante*”: mulher, moda, corpo e sociabilidade em São Luís/MA (1890-1920). 2016. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2016, p. 26-27.

⁵⁰⁵ QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República*. Clodoaldo Freitas, Higinio Cunha e as tiranias do tempo. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2011, p. 62.

⁵⁰⁶ SILVA, Camila. “*Ser elegante*”: mulher, moda, corpo e sociabilidade em São Luís/MA (1890-1920). 2016. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2016, p. 110-112.

⁵⁰⁷ FREITAS, Clodoaldo. Em roda dos fatos. *Escritos de Clodoaldo Freitas*, Belém, v. 1, 7 set. 1904.

⁵⁰⁸ FREITAS, Clodoaldo. O feminismo. In: FREITAS, Clodoaldo. *Em roda dos fatos*. 3. ed. Brasília; Teresina: Senado Federal; Academia Piauiense de Letras, 2011. p. 77-81, p. 79.

algumas inovações por considera-las funestas. E afirma que “todos os velhos são caturras e apegados, pelo hábito, que é uma segunda natureza, às coisas passadas, que fizeram o pábulo do seu espírito juvenil”⁵⁰⁹ para explicar que ele, com seus cabelos brancos, não podia habituar-se ao ambiente moderno nem conformar-se com “certas modernices” das quais seu meio sertanejo nunca dantes conheceu.⁵¹⁰ Entre essas, se encontram as eleições da beleza, nas quais se escolhe qual a moça mais bonita da região.

O tipo de beleza feminina que agrada a Clodoaldo é o “das mulheres esbeltas, pouco altas, amorenadas, cabelos e olhos pretos”.⁵¹¹ Muito distante das “belas suecas, dessas branquíssimas mulheres de cabelos brancos, altas e desengonçadas, de pés grandes e rostos compridos, que não quadram no tipo da nossa beleza meridional, da italiana e da espanhola, as mulheres que podem fazer a tentação de Santo Antônio”.⁵¹² Porém, entende que seu gosto não deve ser universal, “cada qual tem o direito de gostar daquilo que melhor lhe agrada”⁵¹³ quanto à beleza feminina, mediada pelo bom senso.⁵¹⁴

O bom senso, difícil de precisar, assim como a beleza, apresenta-se, segundo Clodoaldo, por meio da razoabilidade que os poetas não têm, mas deveriam ter, pois são envolvidos em “seus exageros apaixonados e, por isto, doentios,”⁵¹⁵ ao descreverem as mulheres que amam. Eles as traçam “com as formas com que os crentes costumam descrever os anjos”.⁵¹⁶ Porém, ao descreverem um tipo real, diferindo-se, portanto, dos crentes que possuem licença nas suas construções fantásticas, os poetas estão limitados à verdade humana, mas não se restringem. D. Laura, mulher que inspirava os sonetos de Petrarca, “tão idealizada pelo grande lírico, [era] uma senhora casada, mãe, creio, de nove filhos, uma velhusca que só podia conservar o brilho dos olhos, que o poeta decantava como formosíssimos”.⁵¹⁷ Com isso, Clodoaldo, então, alerta para que se desconfie dos poetas e das beldades. A literatura não é uma transposição da

⁵⁰⁹FREITAS, Clodoaldo. Às quintas e domingos. *Escritos de Clodoaldo Freitas*, Belém, v. 1, p. 61-62, 7 set. 1904, p. 61.

⁵¹⁰ FREITAS, Clodoaldo. Às quintas e domingos. *Escritos de Clodoaldo Freitas*, Belém, v. 1, p. 61-62, 7 set. 1904, p. 61.

⁵¹¹ FREITAS, Clodoaldo. Às quintas e domingos. *Escritos de Clodoaldo Freitas*, Belém, v. 1, p. 61-62, 7 set. 1904, p. 61.

⁵¹² FREITAS, Clodoaldo. Às quintas e domingos. *Escritos de Clodoaldo Freitas*, Belém, v. 1, p. 61-62, 7 set. 1904, p. 61.

⁵¹³ FREITAS, Clodoaldo. Às quintas e domingos. *Escritos de Clodoaldo Freitas*, Belém, v. 1, p. 61-62, 7 set. 1904, p. 61.

⁵¹⁴ FREITAS, Clodoaldo. Às quintas e domingos. *Escritos de Clodoaldo Freitas*, Belém, v. 1, p. 61-62, 7 set. 1904, p. 61-62.

⁵¹⁵ FREITAS, Clodoaldo. Às quintas e domingos. *Escritos de Clodoaldo Freitas*, Belém, v. 1, p. 61-62, 7 set. 1904, p. 62.

⁵¹⁶ FREITAS, Clodoaldo. Às quintas e domingos. *Escritos de Clodoaldo Freitas*, Belém, v. 1, p. 61-62, 7 set. 1904, p. 62.

⁵¹⁷ FREITAS, Clodoaldo. Às quintas e domingos. *Escritos de Clodoaldo Freitas*, Belém, v. 1, p. 61-62, 7 set. 1904, p. 62.

realidade no papel, o olhar do poeta, do literato altera a percepção do real, pois, em regra geral, “toda mulher amada é bonita.”⁵¹⁸

Aponta que a beleza natural, desnuda, “é mais perfeita que a beleza civilizada”⁵¹⁹, explicada pelo uso dos espartilhos e roupas apertadas na cintura que acabam por deformar o corpo feminino, o qual devido à “adiposidade da velhice dá uma verdadeira conformação suína”.⁵²⁰ Mas que, ainda assim, a beleza é muito relativa. Cada povo e indivíduos têm o seu tipo de beleza. O africano, o chinês e o hotentote possuem ideais de beleza diversos. Embora afirma que há mulheres com incontestáveis formosuras, apenas o amor faz resplandecer a beleza.⁵²¹ Encerrando, assim, suas reflexões sobre a beleza pelo viés romântico dos idílios amorosos “que impelem as almas umas para as outras” e encetam o amor.⁵²²

3.4 As casaduras

No conto *A predestinação* (1896), Ernestina abrangia os atributos necessários para uma mulher de elite do final do século XIX conseguir atrair para si o amor de um homem, e, possivelmente, um casamento com um homem à altura de sua classe social, como um bacharel. O capital econômico e cultural de Ernestina se consumavam pela sua filiação, ela era filha de um oficial morto na Guerra do Paraguai, vivia com a mãe, afastada das movimentações da cidade, porém frequentava os círculos sociais mais abastados, onde era bem recebida devido às suas relações familiares, riqueza, beleza e inteligência. Seu capital cultural era aperfeiçoado pela educação inglesa que recebera de sua preceptora e por sua virtude feroz.

No final do século XIX, as regiões mais urbanizadas no Brasil passaram a oferecer novas formas de convivência social, onde a presença das mulheres em espaços públicos tornava-se mais frequente. Os salões constituíam espaços fomentados por mulheres de elite para a realização de festas, saraus, reuniões, nos quais deveriam ser respeitados determinados códigos de conduta, os quais abrangiam os modos aceitáveis de vestir, de conversar, de flertar, de dançar dos convidados. O comportamento irrepreensível das moças, como definido na narrativa em

⁵¹⁸ FREITAS, Clodoaldo. Às quintas e domingos. *Escritos de Clodoaldo Freitas*, Belém, v. 1, p. 61-62, 7 set. 1904, p. 62.

⁵¹⁹ FREITAS, Clodoaldo. Às quintas e domingos. *Escritos de Clodoaldo Freitas*, Belém, v. 1, p. 61-62, 7 set. 1904, p. 62.

⁵²⁰ FREITAS, Clodoaldo. Às quintas e domingos. *Escritos de Clodoaldo Freitas*, Belém, v. 1, p. 61-62, 7 set. 1904, p. 62.

⁵²¹ FREITAS, Clodoaldo. Às quintas e domingos. *Escritos de Clodoaldo Freitas*, Belém, v. 1, p. 61-62, 7 set. 1904, p. 62.

⁵²² FREITAS, Clodoaldo. Às quintas e domingos. *Escritos de Clodoaldo Freitas*, Belém, v. 1, p. 61-62, 7 set. 1904, p. 62.

relação à Ernestina, indicava o comprometimento com a função feminina de manutenção da honra individual e familiar.

Para construir um paralelo entre o ficcional e o real, em 1916, o bacharel e homem de letras Lucídio Freitas, filho de Clodoaldo Freitas, casou-se em Belém do Pará com a jovem Maria Oceanira Amazonas de Figueiredo, bela filha do abastado advogado Dr. Genuíno, educada em Paris. O capital cultural dos jovens bacharéis despossuídos de grandes capitais econômicos garantiam a eles casamentos com belas e refinadas moças ricas. Portanto, eram comuns enlances matrimoniais que uniam capital intelectual de uma parte e capital financeiro de outro.

Já em *Memórias de um velho* (1905-1906), as jovens casadouras podem ser classificadas em dois grupos distintos. As jovens mocinhas prometidas aos primos desde a mais tenra idade e as jovens ricas, refinadas e/ou belas, tais como Ernestina do conto *A predestinação*. Joana e Belisa, as duas irmãs caçulas de Milo, protagonista do romance, tinham, respectivamente, 10 e 8 anos de idade no início da novela e já estavam prometidas aos seus primos. Enquanto os dois irmãos mais velhos, Milo e Pedroca, com 14 e 12 anos, estavam destinados, respectivamente, ao sacerdócio e ao estudo do direito, as mocinhas tinham em seu destino o casamento. No entanto, elas acabaram por morrer, poucos anos depois, de febres de mau caráter, uma doença que assolava todo o sertão à época.

As casadouras belas e refinadas da elite em *Memórias de um Velho* eram Santinha, Josefina e Guilhermina. Santinha era uma moça ingênua, dedicada ao amor. Os símbolos que a distinguem socialmente na narrativa são representados pelo fato de a moça tocar piano e pelo conjunto de joias e vestidos que possuía. Além disso também tinha uma beleza moral. Tendo escolhido o seu futuro marido por amor. Já Josefina era uma moça formosa e ilustrada, que possuía uma beleza física. Assim como Santinha, que definhara à espera de Milo, seu amor, Josefina centralizava sua vida na paixão infinita que sentia por Milo. E Guilhermina, filha de um rico fazendeiro, era uma mulher simples e trabalhadora, notável por sua beleza e bondade. Era morena, cabelos pretos, de estatura mediana, dentadura esplêndida, um pouco cheia de corpo, de “carnação divinal”.⁵²³ Margarida, moça pobre, era boa, bonita e carinhosa. Na narrativa, é forçada por Milo a noivar-se com um seu escravo, pois se envolvera sexualmente com ele quando vivia em concubinato com Milo, o qual lhe entrega um dote de três contos de réis para a realização do matrimônio punitivo, devido à diferença de classe e de status social entre Margarida e o, então, liberto José.

⁵²³ FREITAS, Clodoaldo. *Memórias de um velho*. Imperatriz: Ética, 2008, p. 63.

Na novela *Coisas da vida* (1908-1909), enquanto quase todas as belas mulheres do engenho estão apaixonadas por Plínio, as jovens casadouras vão formando seus pares para um futuro breve casamento. Rosina, noiva de seu primo Antônio Cândido, apaixonou-se por Plínio, declara-se para ele e decide romper o noivado com seu primo, dizendo odiá-lo e sentindo-se, por ele, sufocada. Rosina, então, passa às investidas com Plínio. Em um dos passeios que os jovens faziam pelo engenho, enquanto catavam jacas e mangas, marca com ele de se encontrarem à noite. No encontro, seus corpos se saciam com o prazer. Com isso, passam a se encontrar com frequência debaixo dos jambeiros do engenho. No mesmo período que Plínio encontrava-se com Rosina, Carlota ia com frequência ao quarto dele, onde se deleitavam. Na narrativa, elas são construídas como belas e sedutoras, e ele apenas um jovem que não conseguia resistir às investidas delas. Rosina era a mais bela e voluptuosa das mulheres que se entrega a Plínio. O modo como são apresentadas as formas de prazeres que elas tinham com Plínio parece indicar a preservação da honra pela não efetivação do intercuro sexual que lhes tiraria a virgindade ou possibilitaria que elas engravidassem, pois em um dos encontros de Rosina e Plínio, ela lhe pergunta:

- Por que não me amas verdadeiramente como se fosses meu marido? – perguntou-me estreitando-me, freneticamente, ao colo. – Porque tenho pena de ti. – Ah! É porque não me amas! – Não, temo é as consequências de nossa loucura. – Casarás comigo.⁵²⁴

A desonra feminina, ou seja, a perda da virgindade – materializada pelo rompimento do hímen – antes do casamento poderia ser brutal para a mulher e para sua família, sobretudo quando ela estava prometida para outro homem e deveria casar-se virgem. A valorização da virgindade feminina antes do casamento servia a um sistema matrimonial que envolvia acordos políticos, econômicos e sociais.

Nesse tipo de casamento, especialmente nas classes altas, (...) a virgindade era um requisito fundamental: independente de ter sido ou não praticada como um valor ético propriamente dito, ela funcionava como um dispositivo para garantir o *status* da noiva como um objeto de valor econômico e político, sobre o qual se vai assentar um sistema de herança de propriedade que deve sobretudo garantir a linhagem da parentela.⁵²⁵

Já Hortência, com quem Plínio estava noivo, era, de todas as moças no engenho, a única considerada meiga e boa na visão de dona Camila, esposa do Comendador. Plínio a percebia como uma tola moça, ao que Camila acrescentava que, em regra, as pessoas tolas têm um bom

⁵²⁴ FREITAS, Clodoaldo. *Coisas da Vida*. Imperatriz: Ética, 2009a, p. 78.

⁵²⁵ D'INCAO, Maria. O amor romântico e a família burguesa D'INCAO, Maria (org.). *Amor e família no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1989. p. 57-71, p. 68-69.

coração. Hortência o amava e, tendo “carne e nervos, muito envergonhada, não teve coragem de lutar contra a fúria do amor e cedeu e caiu, e como as outras tomou gosto pelo amor, cujas belezas apenas conhecia de ouvido”.⁵²⁶

Posteriormente na narrativa, o coronel Leopoldo, sua esposa, D. Adelaide, e sua filha Rosina encontram com Plínio no Rio de Janeiro e esses dois passam a andar sempre juntos, por vezes sozinhos, sem o controle dos pais da jovem casadura. Ao que o coronel oferece a mão de sua filha em casamento e, quando Plínio tenta sair desse enlace, D. Adelaide é muito incisiva com ele na questão da reputação de sua filha, pois os dois já andavam pela cidade sozinhos. Ele, então, casa-se com Rosina.

Depois que Plínio já havia ficado viúvo de Rosina, Carlota segue com o pai e a madrastra Camila para o Rio de Janeiro encontrar-se com ele. Partem todos juntos para São Paulo, onde Plínio finalizava o curso de direito. Lá, Carlota passa a ter as noites com ele, e antes que pudessem perceber que estava grávida, os dois casam-se, em segundas núpcias de Plínio. A mulher casar grávida significava a prova cabal da não preservação da virgindade antes do casamento, o que competia para sujar a imagem da moça e de sua família, que tinha nos comportamentos virtuosos de suas mulheres a garantia de sua honra e a manutenção de um bom nome, isso ocorria tanto nas classes mais humildes quanto nas mais abastadas. Contudo, se a gravidez não fosse perceptível no dia do casamento, apesar dos burburinhos provocados por uma possível saliência abdominal ou pelo segredo não devidamente escondido, as mulheres e sua família saíam incólumes e resplandcentes após as festividades do casamento.

Compondo outro paralelo entre o ficcional e o real, em relação ao casamento de Lucídio Freitas com a bela Maria Oceanira de Figueiredo no Pará, comentava-se, em Teresina, que a moça casara grávida.⁵²⁷ Invenção ou constatação, a questão que se abre é a respeito da grande importância dada a uma sexualidade feminina controlada a despeito de uma liberdade que existia na prática, tanto refletida na ficção de Clodoaldo, na qual as mulheres usam constantemente de diversas estratégias para se desviarem dos controles exercidos sobre suas sexualidades, quanto pelos exemplos reais.

Ainda em *Coisas da vida* (1908-1909), há a representação do tipo ideal de casadura, Adélia, a prima de Plínio que fora prometida a ele desde pequena. Tinha quinze (15) anos de idade, a mesma idade de Carlota, Rosina e Hortência. Era uma moça que vivia no sertão do Piauí, boa e formosa, inteligente e modesta, terna e grave, ativa e econômica. Mesmo tendo se

⁵²⁶ FREITAS, Clodoaldo. *Coisas da Vida*. Imperatriz: Ética, 2009a, p. 75.

⁵²⁷ QUEIROZ, Teresinha. Lucídio Freitas: juventude, cultura e história. In: CASTELO BRANCO, Pedro. *História e ficção*. Imperatriz: Ética, 2009. p. 171-191, p. 185.

comprometido com sua prima quando eram pequenos, Plínio acabou casando com Carlota, Rosina e Hortência, uma após a morte da outra, ainda que sob pressão dos pais das jovens. Após a morte da última esposa, a Hortência, Plínio pode voltar para o Piauí para casar-se com Adélia, que representava o modelo ideal, a resignada mulher à espera de seu prometido amor de infância. Adélia era o modelo ideal de casadoura que contrastava com todas as outras moças casadouras da narrativa, as quais viviam mais livremente sua sexualidade.

Na transição do século XIX para o século XX, as personagens femininas tornam-se seres sexuais.⁵²⁸ A sexualidade das mulheres está muito presente na literatura de Clodoaldo Freitas. Entretanto, as personagens femininas “continuam a ser definidas somente pela experiência emocional pessoal”.⁵²⁹ E, apesar do ainda existente tabu em relação à expressão da sexualidade feminina na sociedade brasileira no início do século XX, sobretudo de moças de família, ou seja, moças oriundas de famílias abastadas e bem relacionadas na sociedade, a valorização da sexualidade e da saúde do seu organismo foi uma forma de afirmar a superioridade da burguesia como classe social emergente nesse momento,⁵³⁰ ainda que expressa sob um signo da ausência de preparação moral necessária às moças, “que viviam abandonadas às tarefas domésticas e às fantasias”⁵³¹ de romances sentimentais como *Graziela*, *Regina*, *Rafael*.⁵³²

A mulher que, no discurso dominante, teria seu papel no sexo subordinado a uma postura passiva, agora era realçada não somente como uma presença ativa, mas que também buscava prazer e que poderia levar um homem a se desvirtuar. A ficção de Clodoaldo Freitas acabava sublinhando uma sexualidade feminina que o discurso hegemônico procurava suprimir.⁵³³

Porém, enquanto a busca do prazer carnal nas moças é punida com a morte delas na literatura, o desvirtuamento masculino é perdoado ao final da narrativa, com a anuência de seu tio ao casamento de Plínio com Adélia, que não via no vício do sobrinho e futuro genro uma pecha que macularia sua família, já que o recato constituía elemento necessário apenas para as

⁵²⁸ TELLES, Norma. Escritoras, escritas e escrituras. In: PRIORE, Mary del. (org.). *História das mulheres no Brasil*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2013. p. 401-442, p. 428.

⁵²⁹ TELLES, Norma. Escritoras, escritas e escrituras. In: PRIORE, Mary del. (org.). *História das mulheres no Brasil*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2013. p. 401-442, p. 428.

⁵³⁰ LOBATO, Josefina Pimenta. *Amor, desejo e escolha*. Rio de Janeiro: Record, 1997, p. 169.

⁵³¹ COSTA, Mara. *A escrita e o desejo: as relações de gênero na produção literária de Clodoaldo Freitas*. 2010. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2010, p. 58.

⁵³² FREITAS, Clodoaldo. *Coisas da Vida*. Imperatriz: Ética, 2009a, p. 7-8.

⁵³³ COSTA, Mara. *A escrita e o desejo: as relações de gênero na produção literária de Clodoaldo Freitas*. 2010. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2010, p. 88.

mulheres. Pois, no modelo familiar burguês havia a permissão da vivência da sexualidade masculina fora do casamento.⁵³⁴

Apesar da evidente exploração da fruição dos sentidos nas narrativas divulgadas em formato de folhetim, as quais visavam o fomento das vendas dos periódicos pelo despertar dos interesses sexuais dos leitores e leitoras também por meio da representação da sexualidade feminina fora do casamento, tais práticas liberadas das jovens casaduras foram contrapostas à posição virtuosa triunfante da virgem casadura Adélia, que cumpriu seu dever de esposa e de mãe, gerando uma numerosa prole. Ao gosto pedagógico de Clodoaldo Freitas, sua literatura depôs o vício da licenciosidade feminina com a morte de todas as casaduras desonradas pela abjuração da castidade, possivelmente direcionada para as moças de sua época que se distanciavam cada vez mais do exemplo adelino da narrativa. Ecoava na literatura de Clodoaldo Freitas os conselhos de um dos maiores autores da antiguidade clássica, que compunha um dos grandes pilares da literatura ocidental: “desposa uma virgem, para que lhe ensines sábios costumes”.⁵³⁵

As produções literárias de Clodoaldo Freitas representam estratégias discursivas para obter de homens e de mulheres um autocontrole dos seus próprios sentimentos. Se o amor romântico e o casamento por livre escolha estavam emergindo com evidência naquele período, os literatos manifestavam-se, através de seus escritos, para prescrever que relações amorosas deveriam ser vivenciadas, que relações deveriam ser evitadas, com o objetivo de atribuir racionalidade à composição de uma nova família. Afinal, os interesses se voltavam mais para a harmonia e a estabilidade conjugal do que para a exaltação dos sentimentos amorosos.⁵³⁶

Ao longo do século XIX, o casamento tradicional no seio das elites, funcionando como um sistema que visava a manutenção da classe social e a preservação da pureza étnica,⁵³⁷ passa por uma crítica crescente que se voltava para a defesa da felicidade conjugal pautada no amor dos cônjuges. Essa temática do amor como base para o casamento permeia grande parte da ficção de Clodoaldo Freitas, que a insere como forma de buscar o justo equilíbrio entre esse sentimento e a felicidade no casamento. O sentimento amoroso pela mulher não reduz a

⁵³⁴ COSTA, Mara. *A escrita e o desejo: as relações de gênero na produção literária de Clodoaldo Freitas*. 2010. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2010, p. 90.

⁵³⁵ HESÍODO. *Os trabalhos e os dias*. Curitiba: Segesta, 2012, p. 131.

⁵³⁶ COSTA, Mara. *A escrita e o desejo: as relações de gênero na produção literária de Clodoaldo Freitas*. 2010. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2010, p. 91-92.

⁵³⁷ ABRANTES, Elizabeth Sousa. “*O dote é a moça educada*”: mulher, dote e instrução em São Luís na Primeira República. 2010. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010, p. 63.

importância dos outros elementos fundamentais para a escolha matrimonial, que deveria ser pautada nas qualidades que ela teria para ser boa esposa e mãe, quais sejam, a sensatez e a doçura da mulher comedida, indulgente, modesta e ponderada, cujas ambições não ultrapassassem os limites do lar.⁵³⁸

Em São Luís de fins do século XIX havia ainda muita resistência por parte das famílias e do clero quanto à valorização dos interesses pessoais e afetivos para a consumação dos casamentos, sobretudo no seio das elites.⁵³⁹ A frequente referência às escolhas matrimoniais pautadas no amor e nas virtudes femininas na literatura de Clodoaldo Freitas buscava, além de instituir uma prática pelo discurso, também instruir quanto a essas escolhas, ao representar modelos bem sucedidos e malogrados de esposas e casamentos, nos quais a felicidade conjugal era o ideal a ser alcançado.

Enquanto a concepção de casamento por amor não fazia parte da realidade das elites no início da segunda metade no Império, já havia um ensaio nas mulheres para a romantização de suas funções no matrimônio. O enlace matrimonial da Princesa Isabel e de seu marido Gastão d'Orléans, em 1864, fora pautado, para ele, pela qualidade que percebeu em Isabel de assegurar-lhe sua felicidade doméstica. Casando-se por interesses familiares e não por desejo pessoal, já que os atributos ideais de beleza não se encontravam, porém, não sendo determinante para a rejeição do matrimônio, já que o amor não era o mote principal dessa união. Em carta para sua irmã, Gastão mostra seu olhar sobre seu próprio noivado.

Anteontem, 18 de setembro, eu decidi aceitar a mão da princesa imperial. Acho-a mais capaz do que a irmã caçula de assegurar a minha felicidade doméstica. (...) Mas, para que não te surpreendas ao conhecer minha Isabel, aviso-te que ela nada tem de bonito; tem sobretudo uma característica que me chamou a atenção. É que lhe faltam completamente as sobrancelhas. Mas o conjunto de seu porte e de sua pessoa é gracioso.⁵⁴⁰

Já Isabel incluía o amor romântico na sua anuência em casar-se com Gastão. Recordando o dia do noivado, assim ela escreve a Gastão: “Hoje faz um ano que, nesta mesma hora, eu tive a felicidade de receber o seu pedido de casamento”.⁵⁴¹ Por meio da lembrança de minúcias do

⁵³⁸ BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, p. 176.

⁵³⁹ ABRANTES, Elizabeth Sousa. “*O dote é a moça educada*”: mulher, dote e instrução em São Luís na Primeira República. 2010. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010, p. 63.

⁵⁴⁰ AGP XLI-4, de Gastão, conde d'Eu, a Marguerite d'Orléans, Rio de Janeiro, 20 de setembro de 1864. apud BARMAN, 2005, p. 91.

⁵⁴¹ AGP XL-1, de D. Isabel a Gastão, conde d'Eu, São Cristovão, 18 de setembro de 1865. apud BARMAN, Roderick. *Princesa Isabel do Brasil: gênero e poder no século XIX*. Tradução de Luiz Antônio Oliveira Araújo. São Paulo: Editora UNESP, 2005. p. 91.

pedido de casamento, Isabel construía toda uma fantasia romântica em torno de um ato que para ele se pautava em interesses práticos, bem distantes dos idílios românticos dela.

Com o avançar do século XIX, o ideal de família nuclear burguesa, pautada no amor, ao passo que eleva o *status* da mulher na família, passa a demandar dela cada vez mais atributos que sejam agradáveis ao futuro marido, tendo em vista a realização da felicidade conjugal a partir dos interesses masculinos. A mulher era associada ao amor, que lhe destinava a necessidade de amar e ser amada. Mas, para alcançar o amor masculino, deveria cumprir uma série de requisitos.

Para que amem-na, é preciso que ela seja bela, e este é o trabalho tanto da natureza como do homem. Da natureza que dá-lhe o sorriso, a graça, o encanto (...); e do homem que dá-lhe o pensamento, que coloca em suas mãos o plano e a leitura, (...) que apresenta-lhe a história para que ela conheça os sofrimentos, as lutas, a enérgica atividade do homem por esse caminho imenso de conquistas, de tréguas, de abatimentos e ressurreições, resumindo, a vida e a experiência de tantos milhares de anos; (...); a higiene para que ela conheça ao menos as leis mais elementares quanto ao lar, quanto à família, e outros dotes que unidos ao da natureza constituem para ela a beleza ou, em uma palavra, o poder de agradar. (...) Ela [a natureza], criando-a tão bela no coração, como era formosa no sorriso, graciosa no olhar, interessante nos movimentos, dando-lhe uma alma capaz de sofrer, de dedicar-se e impossível de renunciar; concedendo-lhe a força de, sendo sofredora, sacrificar-se e sendo nervosa, sujeita às impressões, apresentar-se calma e deter a impaciência! (...) Ele [homem] lembrando-lhe seus deveres tão grandes, tão altos e de nenhum modo difíceis; pondo-a em estado de compreender seu sexo, as leis gerais da natureza, suas alterações, suas crises. (...) Deste modo, com o auxílio do homem e da natureza, a mulher educada e instruída é apta, prepara-se para quê? Para sua vida mesmo, para o casamento. (...) A mulher tendo educação e instrução, a harmonia no lar está feita.⁵⁴²

Nesse sentido, natureza e cultura trabalham para a conformação do gênero nos padrões hierárquicos onde a fêmea humana se tornaria uma mulher, que, associada ao amor, deveria ser bela externa ou fisicamente por obra da natureza e interna ou racionalmente por obra do homem, ou seja, da cultura, para cumprir seu mister no casamento e, conseqüentemente, na sociedade, pois o casamento se configurava como o destino da mulher no século XIX.

A imprensa e a literatura aglutinaram grande parte das discussões em torno das mudanças em relação aos costumes,⁵⁴³ com foco, sobretudo, no gênero, que primava pela organização familiar, entendida como a base da sociedade. Assim, mesmo construindo em sua literatura representações variadas de mulheres, constituindo uma espécie de taxonomia

⁵⁴² A MULHER. *Recreio das moças*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 1. 1 out. 1877.

⁵⁴³ ABRANTES, Elizabeth Sousa. “*O dote é a moça educada*”: mulher, dote e instrução em São Luís na Primeira República. 2010. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010, p. 64.

feminina, Clodoaldo Freitas estabelecia uma rigidez nos papéis tradicionais das mulheres. E, embora compusesse uma acentuada crítica anticlerical, possuía um ponto de convergência entre a moralidade feminina preconizada pela igreja católica para a boa execução das funções de esposa e mãe. Segundo o Estatuto do Recolhimento de Nossa Senhora da Anunciação e Remédios do Maranhão, de 1840, a finalidade desse recolhimento era educar moral e religiosamente as jovens para cumprirem com seu papel de esposas e mães, sendo, para isto, necessárias disciplina e vigilância rigorosas, competindo para a formação de uma boa reputação para estas moças.⁵⁴⁴ A moralidade feminina era, também para Clodoaldo Freitas, condição *sine qua non* para a boa execução das funções de esposa e mãe que cabia às mulheres na sociedade, convergindo, assim, com a importância dada à moral nos espaços religiosos de educação.

No conto *As taras*, publicado na revista *Litericultura* no ano de 1912, sob seu nome, Clodoaldo Freitas apresenta, por meio do narrador heterodiegético, a história de Armênio e Feitosa, dois amigos do tempo do colégio, que foram alunos internos do Colégio Nossa Senhora das Dores, e se reencontram vinte (20) anos depois, em 1896, em uma viagem de Teresina para Valença. O conto sociológico-naturalista, apresenta, sobretudo, a história de Feitosa, que carrega em seu repulsivo semblante uma trágica histórica. As mulheres representadas nesse conto encerram em si comportamentos viciosos, pois manifestam uma tendência orgânica que algumas pessoas possuem para desenvolver determinados comportamentos. Tal interpretação sociológica era comum à época, pois o racismo científico estava em alta.⁵⁴⁵

Nos tempos do colégio, Armênio havia prometido casar-se com Mimi, irmão de Feitosa. Esse lamenta a esposa que Armênio perdeu por não ter se casado com ela. Segundo o irmão dessa, Mimi possuía divina beleza e gênio. Entregando a Armênio uma foto de sua irmã Mimi, pergunta-lhe se não era realmente uma moça bonita e simpática. Tirou a foto quando tinha quinze (15) anos, retrato que muito mal reproduzia a encantadora fisionomia de Mimi, ainda segundo Feitosa, que elogiava seu gênio e sua bondade. Ao olhar para a fotografia de Mimi, o Dr. Armênio via uma mulher alta, corpulenta, morena e feia. Para ele, a aparência da moça não indicava, de modo algum, bondade e ternura.

Esse conto apresenta duas figuras masculinas diametralmente opostas, uma constituindo-se o protótipo do vício, Feitosa. E a outra representando o protótipo da virtude

⁵⁴⁴ ABRANTES, Elizabeth Sousa. “*O dote é a moça educada*”: mulher, dote e instrução em São Luís na Primeira República. 2010. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010, p. 50.

⁵⁴⁵ SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. GAY, Peter. *A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud: O cultivo do ódio*. São Paulo: Companhia das Letras, vol. 3, 1993.

masculina, Armênio. A narrativa volta-se para a família viciosa de Feitosa e as agruras pelas quais passara. A bela fealdade de Mimi representava fisicamente seus comportamentos viciosos e sua impossibilidade de representar um modelo de moça casadoura.

3.5 As esposas

As mulheres casadas das classes médias e altas, no século XIX, tinham que cumprir cinco principais obrigações. A primeira era servir o marido, dando-lhe afeição, proteção, fidelidade e apoio irrestritos; a segunda era governar o lar, tornando a vida privada confortável e harmoniosa; a terceira era mediar e facilitar as relações familiares; a quarta era proclamar o *status* do marido por meio de atividades sociais e contribuindo para a construção de redes de amizades gratificantes; a quinta, e não menos importante, consistia em gerar filhos legítimos para seu marido e deles cuidar.⁵⁴⁶

Em *Memórias de um velho* (1905-1906) a mulher é representada como a companheira do homem e depositária de sua honra. Milo, o protagonista, quando se torna médico e enriquece mediante seu trabalho, procura uma mulher para casar que possua uma beleza moral. Guilhermina, a primeira esposa de Milo, era filha de um rico fazendeiro e notável pela beleza e bondade. Mulher modesta, econômica, simples e trabalhadora, ela continha em si os atributos necessários à época para tornar-se uma boa esposa.

No final do século XIX, fazia-se presente na imprensa maranhense o discurso preocupado com a economia doméstica direcionado às mulheres, defendendo o recato e a simplicidades das jovens de classe média destinadas ao casamento. Nesse discurso defendia-se uma educação feminina que habilitasse as moças a serem boas esposas, econômicas, que ajudassem seus maridos no controle das despesas domésticas e que as blindasse dos deslumbramentos que o consumismo e o luxo proporcionavam cada vez mais nas mulheres das sociedades modernas.⁵⁴⁷

No início do casamento, Guilhermina procurava adivinhar os pensamentos de seu marido, tudo fazia para agradá-lo. Contudo, com o tempo, Milo foi notando o gênio autoritário de sua esposa, que passava a censurá-lo constantemente, não cuidava mais para que os seus

⁵⁴⁶ BARMAN, Roderick. *Princesa Isabel do Brasil: gênero e poder no século XIX*. Tradução de Luiz Antônio Oliveira Araújo. São Paulo: Editora UNESP, 2005, p. 120-121.

⁵⁴⁷ ABRANTES, Elizabeth Sousa. “*O dote é a moça educada*”: mulher, dote e instrução em São Luís na Primeira República. 2010. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010, p. 72.

gostos fossem satisfeitos e queria ser obedecida sem réplica.⁵⁴⁸ Tendo perdido a autoridade marital, Milo é abandonado pela esposa e decide ir embora da cidade.

A mãe de Guilhermina, como esposa do Vicente, era uma mulher enfurecida, voltada mais à igreja do que ao esposo. Diante da afirmação do marido de que uma senhora que se preze não deve abandonar o marido para acompanhar os padres, a sogra de Milo encolerizou-se com Vicente. Considerada por ele uma mulher perversa. A má esposa que era, levava-a a ser uma má mãe, pois chegou a influenciar a filha Guilhermina a não cumprir com o seu dever de esposa, o qual era respeitar o marido para garantir sua própria felicidade e a de seus filhos. A mãe de Guilhermina tanto zangara o marido que ele morreu em consequência de uma briga que teve com a mulher onde chegaram à violência física.

Abandonado por Guilhermina, Milo passa a viver em concubinato com Margarida, que lhe trouxe, por pouco mais de um ano, um alento ao coração. Mas nem o amor nem o casamento legal selavam essa união, e a relação ilícita em que viviam culminou com o adultério de Margarida, pondo termo a essa relação. O adultério era comumente representado como o destino desse tipo de relação, pois, para o escritor, o casamento é a instituição fundamental para o ordenamento social, fora dele só poderia haver crime e dor.⁵⁴⁹

Apesar da formação familiar assentada sobre a legalidade do casamento não ter sido seguida pela maior parte da população desde o período colonial, o matrimônio simbolizava para as mulheres um prestígio social, garantindo a elas um certo reconhecimento e respeito.⁵⁵⁰ Por meio do exemplo de Margarida, o autor rejeita o modelo familiar formado fora das bases legais do matrimônio, representando-o como improfícuo. O lugar da esposa não poderia ser adotado pela amásia, o tom prescritivo da narrativa se acentua com o trágico destino da viciosa Margarida.

Josefina conhecera Emílio aos 18 anos, quando ele voltava para a casa de seus pais que estavam muito doentes e ansiavam por vê-lo. No barco que tomaram apenas iam como passageiros os dois jovens e os pais de Josefina, o Dr. Frederico Mauriz e D. Quitéria. Com a intimidade conquistada entre os dois jovens durante os vários dias de viagem, Josefina passa a amar Emílio, mas, como ele estava prometido à Santinha, resiste ao amor dessa formosa e ilustrada moça. Anos se passaram, Emílio fora à Guerra do Paraguai, Santinha morrera, até que

⁵⁴⁸ FREITAS, Clodoaldo. *Memórias de um velho*. Imperatriz: Ética, 2008, p. 62-64.

⁵⁴⁹ CASTELO BRANCO, Pedro. *Famílias e escritas: a prática dos literatos e as relações familiares em Teresina nas primeiras décadas do século XX*. 2005. Tese (Doutorado em História) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005a, p. 210.

⁵⁵⁰ ABRANTES, Elizabeth Sousa. "*O dote é a moça educada*": mulher, dote e instrução em São Luís na Primeira República. 2010. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010, p. 44-45.

Milo e Josefina novamente se encontram, por volta de 7 anos após o primeiro encontro no barco. Josefina estava casada com Jorge, que a amava perdidamente. Depois da viuvez de Josefina – que perdeu o marido quando esse duelara com Milo para lavar sua honra – e da viuvez de Milo, os dois se reencontram. Josefina se encontrava em um estado miserável. E sem querer saber de sua desgraçada história, Milo a toma como esposa, para protegê-la dos erros que cometera e para dar-lhe uma nova vida com o seu amor. Esperando dela o ideal de esposa e mãe, pois Josefina era para Milo protetora, generosa e uma boa amiga. Era a mulher que o amava, e que o salvaria da desesperada solidão em que vivia.

Recebo-te como sempre te amei, e, se tens errado, pede a Deus que te perdoe, como eu te perdoe, convencido de que sou a causa remota de todos os teus erros e desgraças, te abandonando. Mas, que tenho eu com teus erros? Teu corpo pode ter sido profanado; mas a tua alma, eu sei, ficou sempre pura, iluminada como um altar em festa, pelo meu amor. Eu te quero assim, como tu és, confiado que regenerada pelo meu amor, voltes à vida, sejas uma esposa carinhosa e grata, uma mãe estremecida, que me entendas, conheças as minhas inclinações, os meus vícios e virtudes, me aconselhes, me alentes, me ames, sobretudo, como sempre me amaste acima de todos os mais ingentes sacrifícios.⁵⁵¹

Apesar do estado moribundo no qual se encontrava Josefina fosse uma farsa para auferir o caráter de Milo, as palavras de Milo para Josefina, conformando-a ao modelo ideal de esposa e de mãe diligente, e a recebendo como o homem que restauraria sua vida infeliz, agradaram ao Dr. Frederico e à D. Quitéria, pais de Josefina, que no dia seguinte ao acontecido casaram-na com Milo. O tipo de amor que possibilita o enlace matrimonial entre Milo e Josefina é o “amor terno, calmo, paciente e resistente a todas as dificuldades”.⁵⁵² Josefina encerrava em si as qualidades de boa esposa, pois, além das estipuladas por Milo, era bela, modesta, elegante, paciente e instruída. Permanece casada e feliz com Milo até o final da narrativa.

No ano seguinte à publicação de *Memórias de um velho* (1905-1906), em 1907, Clodoaldo Freitas reforça a questão do casamento infeliz devido às inconstâncias femininas e a não submissão da esposa à autoridade marital, por meio da figura de Quinoca, esposa de Evaristo, no conto *O divórcio* (1907) publicado no jornal *Pacotilha*, de São Luís, assinado com o pseudônimo W. Einardht. Nele é narrada uma conversa entre Evaristo Reis e seu amigo íntimo, o Dr. Pedro Caldas, *in médias res*,⁵⁵³ onde aquele conta as agruras de seu casamento

⁵⁵¹ FREITAS, Clodoaldo. *Memórias de um velho*. Imperatriz: Ética, 2008, p. 92-93.

⁵⁵² CASTELO BRANCO, Pedro. *Famílias e escritas: a prática dos literatos e as relações familiares em Teresina nas primeiras décadas do século XX*. 2005. Tese (Doutorado em História) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005a, p. 191

⁵⁵³ Quando o começo do discurso equivale a uma fase já avançada da diegese, por isso, se narra depois o que já havia acontecido antes na diegese.

devido ao comportamento de sua, então, falecida esposa D. Quinoca. Logo que se casaram, ainda na lua de mel, ela passou a contrariá-lo em tudo, ofendia o marido, chegava a ralar com ele na frente dos outros. Com o tormentoso casamento, Evaristo desejava que sua esposa morresse de parto, já que o divórcio não era permitido. Alguns projetos de lei sinalizavam em direção à legalização do divórcio defendida por Clodoaldo Freitas em sua literatura, a qual compunha um forte diálogo com os eventos de seu tempo.

O projeto de lei do divórcio [do jurista Luís de Moraes Correia de 1912] oferecia, dentre outras coisas, a proteção do Estado para os envolvidos, especialmente para a mulher e para os filhos e possibilitaria, especialmente para aqueles que ainda desejavam investir na vida conjugal, a chance de constituir uma nova família legalmente, sem precisar recorrer a uniões ilícitas, como a mancebia.⁵⁵⁴

Apesar da intensificação das discussões referentes ao divórcio no final do século XIX e início do século XX, sobretudo com o advento da República e com a exclusão da Igreja na legislação do casamento, o Código Civil de 1916, que estava circunscrito em um amplo projeto civilizatório da nascente República, pensado como um diploma unificado e coerente que viria a substituir a confusa coleção de leis civis, foi marcado por um rígido e indissolúvel modelo de organização familiar. Não avançando tanto quanto seu congênere francês, o qual estabeleceu a possibilidade de divórcio em três circunstâncias: adultério, excessos e injúrias graves. O Código Civil brasileiro nem sequer mencionou a palavra divórcio.⁵⁵⁵

A autoridade masculina rebaixada pela mulher provocava violentos rompantes masculinos, pois a disputa por poder no casamento representava a quebra do monopólio masculino de poder na sociedade e na família. Com o advento da família nuclear burguesa, a mulher passou a ter mais obrigações domésticas, porém, também passou a ter mais autoridade no lar, o que provocava um desarranjo no poder marital e na própria conformação das esposas quanto às funções que deveriam desempenhar no lar. Para além das prescrições de feminilidade, o literato apresentou alguns conflitos no espaço privado do lar a partir da representação de esposas que não possuíam as virtudes femininas esperadas como um meio para reestabelecer os parâmetros de poder na família burguesa ao guiar os nubentes para uma acertada escolha matrimonial que assegurasse a autoridade masculina.

⁵⁵⁴ COSTA, Mara. *A escrita e o desejo: as relações de gênero na produção literária de Clodoaldo Freitas*. 2010. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2010, p. 106.

⁵⁵⁵ BRASIL. *Código civil* quadro comparativo 1916/2002. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2003, p. 431.

O conto de Clodoaldo Freitas *Um segredo de família*, publicado em folhetins sob o pseudônimo W. Einardt no jornal *Diário do Maranhã* em 1907, é narrado *in média res*⁵⁵⁶ pelo narrador protagonista Anastácio Dias, um médico piauiense, que no início da narrativa tinha vinte e cinco (25) anos de idade. A história se passa na cidade do Rio de Janeiro e no interior do Piauí, na cidade de Amarante, e aborda a temática do casamento e da família, onde há a representação de dois modelos distintos de esposas, uma cidadina e a outra interiorana.

A narrativa se inicia na cidade do Rio de Janeiro, com o senhor Tertuliano das Neves abordando Anastácio e propondo-lhe que se case com sua filha Ângela. No que são inseridas as hesitações de Anastácio sobre a afirmativa diante dessa abrupta proposta, as quais versam sobre o amor inexistente por alguém que ele ainda não conhecia, a própria posição dele na sociedade, pois ainda não possuía capital econômico, e sobre a beleza e a riqueza de Ângela. Tertuliano afirmava que sua filha, então com vinte e dois (22) anos, era bela, prendada, instruída, com um gênio de santa e ainda herdeira de uma fortuna milionária.

Aceitando o casamento diante da insistência e pressa do velho Tertuliano, vislumbrando o grande dote que lhe reservava esse enlace e a beleza e impressão agradável que lhe passara Ângela no breve encontro que tiveram, casam-se no mesmo dia. Pouco tempo depois de casados, Ângela passa a mostrar-se imperiosa e violenta. Ela passa a discordar dos posicionamentos do marido, constringendo-o publicamente. Anastácio não compreende “essa civilização de andar uma senhora sozinha pela rua ou acompanhada pelos amigos do marido”,⁵⁵⁷ e define que a esposa só saía em sua companhia ou na de Tertuliano, seu pai, restringindo a liberdade de Ângela para os “limites do honesto”.⁵⁵⁸

Com o avanço do capitalismo na sociedade brasileira da segunda metade do século XIX e início do século XX, principalmente nas grandes cidades como o Rio de Janeiro, os meios de transporte e comunicação são aprimorados, o que provoca uma maior circulação de mercadorias e o desenvolvimento de novos espaços de sociabilidades, como teatros, cafés, praças,⁵⁵⁹ por onde passam a ter uma maior circulação também de mulheres. Esta maior movimentação feminina nos espaços públicos, sobretudo das altas classes, é representada na ficção de

⁵⁵⁶ A narrativa *in média res* na literatura de Clodoaldo Freitas dá um tom pedagógico ao conto, apresentando as experiências do narrador diante dos acontecimentos que são narrados de forma reflexiva, como um exemplo de vida para os leitores.

⁵⁵⁷ FREITAS, Clodoaldo. Um segredo de família. In: FREITAS, Clodoaldo. *Um segredo de família e outros contos*. Imperatriz: Ética, 2009c. p. 23-44, p. 30.

⁵⁵⁸ FREITAS, Clodoaldo. Um segredo de família. In: FREITAS, Clodoaldo. *Um segredo de família e outros contos*. Imperatriz: Ética, 2009c. p. 23-44, p. 30.

⁵⁵⁹ ABRANTES, Elizabeth Sousa. “O dote é a moça educada”: mulher, dote e instrução em São Luís na Primeira República. 2010. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010, p. 66.

Clodoaldo Freitas como um ponto de conflito familiar, onde o marido passa a perder poder sobre a esposa devido ao anseio dessa por consumir e experimentar os novos elementos modernos da cidade que demandam uma maior liberdade das mulheres, novas relações intrafamiliares e mudanças na própria definição dos papéis femininos. Também na literatura machadiana pós 1882 há a presença dessas novas socializações femininas nos espaços urbanos, as quais representam essas mudanças pelas quais passava a sociedade brasileira.

As mulheres não se limitam mais ao espaço do lar. Vão sozinhas às ruas, assistem às sessões da Câmara e do Senado; leem jornais e revistas, tornam-se sociáveis. Enfeitam-se e decotam-se, liberando uma voluptuosidade antes inimaginável nas heroínas pobres e severas. O recato cede lugar ao exibicionismo e à coqueteria de salão.⁵⁶⁰

A função da mulher, branca, de classe média e alta, na sociedade deveria estar circunscrita ao espaço doméstico, na qual a significação da sua submissão representa um valor a serviço da organização social, e que é reformulada a partir dos modelos religiosos ou seculares, os quais se estabelecem na sociedade no século XIX. No final do período colonial, sob o controle da Igreja Católica, as atribuições femininas foram defendidas a partir de parâmetros básicos que passaram por reformulações no final do século XIX e início do século XX assentadas nas mesmas bases, às quais Clodoaldo Freitas se apegava em sua elaboração do gênero.

Aqueles que não conhecem o grande influxo que as mulheres têm no bem ou no mal das sociedades, parece que até nem querem que elas tenham alguma educação. Mas isto é um engano, é um erro, que traz o princípio da ignorância... Elas têm uma casa que governar, marido que fazer feliz e filhos que educar na virtude... elas, pelos deveres que lhe são próprios fazem o fundamento da humana sociedade e são metade do gênero humano igualmente destinados para a vida eterna.⁵⁶¹

Em *Um segredo de família*, Ângela impõe sua vontade sobre a do marido e lhe afirma que não admite senhores. Diante da não obediência da esposa, os dois se separam, mas, para manter as aparências, continuam coabitando na mesma casa, em quartos separados. Desde a década de 1880 discutia-se sobre as causas dos casamentos desastrosos nos periódicos dedicados ao “belo sexo”. Casamentos contraídos por conveniências sociais, como o representado entre Anastácio e Ângela, assim como a imaturidade dos cônjuges que se

⁵⁶⁰ LEITE, Mírian; MASSAINI, Márcia. Representações do amor e da família. In: D’INCAO, Maria (org.). *Amor e família no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1989. p. 72-87, p. 77.

⁵⁶¹ COUTINHO, Frei José Joaquim da Cunha de Azevedo. *Estatutos do Recolhimento de Nossa Senhora da Glória do lugar da Boa Vista de Pernambuco*. Lisboa, Tipografia da Academia Real das Ciências, 1798, p. 2. apud PRIORE, Mary Del. O corpo feminino e o amor: um olhar. In: D’INCAO, Maria (org.). *Amor e família no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1989. p. 31-56, p. 38.

deixavam deslumbrar pelos divertimentos urbanos, luxo e moda, compunham algumas das causas para a ruína do casamento.⁵⁶² Assim, a imagem de mulheres como Ângela, desvinculadas do ambiente doméstico, afeita aos movimentos da cidade, era recorrente nos discursos dos jornais, pois causavam preocupação quanto à não conformação do gênero.

Separado de Ângela, Anastácio parte para a casa de sua mãe em uma fazenda em Amarante, pois ela estava muito doente e precisava rever o filho. Chegando em sua terra natal, Anastácio cuida de sua mãe e conta-lhe sobre o seu “desgraçado casamento.”⁵⁶³ No entanto, Luizinha, prima de Anastácio, estava prometida desde o berço a ele, e o esperara, resignada, por todo esse tempo, como o seu “primeiro, casto e venturoso amor.”⁵⁶⁴ Diante da antiga promessa entre os primos e do casamento infeliz que ele concebera no Rio de Janeiro, a mãe de Anastácio e os pais de Luizinha resolvem casar os dois, alterando a data do matrimônio, registrando-o como anterior ao realizado entre Anastácio e Ângela. Luizinha passa a aprender o ofício de farmacêutica que seu marido Anastácio lhe ensinava e tem com ele um filho. O idílico casamento burguês tem em Anastácio e Luizinha sua materialização.

A representação de Luizinha se articula com o espaço socioeconômico ao qual pertence. A pequena cidade de Amarante, ainda que uma região comercial às margens do navegável rio Parnaíba, localiza-se no centro-sul do Piauí, estado com uma economia fechada e autossuficiente, com uma população predominantemente rural.⁵⁶⁵ A fazenda no interior do Piauí onde Luizinha passa a viver casada com Anastácio representava o espaço rústico, assim como ainda era Luizinha, uma joia não lapidada. Ambos, a fazenda e Luizinha, passam por um processo de modernização graças ao desenvolvimento que Anastácio insere por meio do conhecimento científico.

Fiz encomenda de livros e revistas e me dediquei valentemente ao trabalho. Mandeí buscar novos aparelhos para o engenho, apliquei o arado, bani certos processos de rotina secular, animei os trabalhadores pela emulação e pelo interesse, de sorte que, um ano depois, o velho casarão de nossa fazenda, onde minha mãe, coitada, com tantos sacrifícios, aguentava uma lavoura de cana muito trabalhosa e mesquinha, estava transformado, alegre, pintado de novo, cheio de movimento e luxo. Assentei trilhos para os canaviais e fiz desaparecerem os rangedores e monótonos carros de bois. (...) Tinha uma

⁵⁶² ABRANTES, Elizabeth Sousa. “*O dote é a moça educada*”: mulher, dote e instrução em São Luís na Primeira República. 2010. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010, p. 73.

⁵⁶³ FREITAS, Clodoaldo. Um segredo de família. In: FREITAS, Clodoaldo. *Um segredo de família e outros contos*. Imperatriz: Ética, 2009c. p. 23-44, p. 33

⁵⁶⁴ FREITAS, Clodoaldo. Um segredo de família. In: FREITAS, Clodoaldo. *Um segredo de família e outros contos*. Imperatriz: Ética, 2009c. p. 23-44, p. 35.

⁵⁶⁵ QUEIROZ, Teresinha. *A importância da borracha de maníçoba na economia do Piauí: 1900-1920*. Dissertação (Mestrado em História) – Ciências Humanas Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1984, p. 117.

botica bem sortida, onde eu mesmo e Luizinha, a quem estava ensinando o ofício de farmacêutica, manipulávamos os remédios, que eu receitava e dava aos pobres.⁵⁶⁶

A representação de Ângela está articulada com a interação que essa tem com o espaço urbano do Rio de Janeiro. Ângela representava as vertiginosas mudanças dos comportamentos⁵⁶⁷ femininos nas grandes cidades. Circulava livremente pela cidade do Rio de Janeiro, andava no teatro, ia às compras sem autorização do marido, era geniosa.

No início do século XX, havia uma demanda feminina, de classe média, por uma ocupação no mercado de trabalho na capital piauiense, a qual se articulava com a ampliação dos espaços ocupados pelas mulheres na sociedade brasileira. Contudo, devido à frágil inserção da capital piauiense no âmbito do capitalismo, no que tange ao desenvolvimento industrial, ao setor de serviços, aos elementos modernizadores, as práticas desta sociedade remontavam mais aos costumes tradicionais, ligados ao mundo rural, do que ao modo de vida moderno, ligado ao desenvolvimento urbano.

Luizinha representa o modelo ideal de esposa, mãe, dedicada ao lar, trabalhadora, paciente, resignada, informada pelo marido. Já Ângela representa o contra modelo de esposa, havia se casado para encobrir uma gravidez e assim preservar sua honra e de sua família. Seu gênio insubmisso concorria para que não cumprisse com seu dever de esposa, que constituía em servir e amparar o marido, a casa e os futuros filhos. Ângela representa a mulher da grande cidade, mais fortemente influenciada pela sociedade moderna com suas ruas calçadas e arborizadas, avenidas iluminadas abertas aos passeios nas praças e compras nas lojas ao redor.⁵⁶⁸ Ângela é a típica mulher burguesa com os seus problemas tão extensivamente elencados nos romances realistas-naturalistas.

Um segredo de família (1907) apresenta uma intertextualidade com o romance *Senhora* de José de Alencar, publicado em 1875. Assim como no romance de Alencar, Clodoaldo Freitas representa a sociedade carioca a partir de seus valores e comportamentos e compõe uma crítica à fragilidade dos valores burgueses, desencadeados pelos maus procedimentos femininos na narrativa, ou seja, pelos desregramentos de Ângela. Ao longo do século XIX foi se tornando comum as críticas aos casamentos por interesses financeiros, passando a valer cada vez mais a

⁵⁶⁶ FREITAS, Clodoaldo. Um segredo de família. In: FREITAS, Clodoaldo. *Um segredo de família e outros contos*. Imperatriz: Ética, 2009c. p. 23-44, p. 35.

⁵⁶⁷ SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: SEVCENKO, Nicolau. (org.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, vol. 3, 1998. p. 513-654, p. 514.

⁵⁶⁸ ABRANTES, Elizabeth Sousa. “O dote é a moça educada”: mulher, dote e instrução em São Luís na Primeira República. 2010. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010, p. 66.

máxima de que “um homem que casa com mulher pobre, faz muitas vezes melhor negócio do que aquele que é guiado pelo interesse”, ou “quando o casamento não é um trato do coração, representa o ato mais prosaico e mais triste do mundo, o contrato celebrado não passa de um testamento de morte”.⁵⁶⁹

Na novela *Coisas da vida* (1908-1909), de Clodoaldo Freitas, no primeiro momento da narrativa, a esposa, em segundas núpcias, do senhor de engenho Comendador Herculano tem os modos reservados, resguardando sua intimidade para com os visitantes da casa grande. Camila era uma formosa morena de 20 anos, com uma beleza cativante, cantava nos pequenos saraus na casa grande, acompanhada do bandolim, flauta, violino e violão. Seu comportamento indicava que ela era a dona e modelo da casa.

Próximo do final da narrativa, Plínio volta ao Piauí e pede para que seu tio lhe permita casar com Adélia, a quem estava prometido desde pequeno. Casa-se com ela e vive em feliz abastança, com muitos filhos e tendo encontrado em Adélia a esposa que pedia a Deus. O modelo virtuoso de esposa estava associado à possibilidade de a mulher gerar uma numerosa prole e não ser licenciosa como foram as outras esposas de Plínio, que morreram pouco tempo após o casamento porque permitiram-se “levar pelas ‘leis inflexíveis da carne humana’”.⁵⁷⁰

Ainda que o amor seja um balizador para o enlace matrimonial, o amor paixão é desqualificado para servir de alicerce a um vínculo de tão longa duração como pretende ser a família. O amor profundo, porém, ascético, passivo e resignado é apresentado como o mais sóbrio para a manutenção da harmonia familiar, aliado a outros marcadores que definem as qualidades femininas para a feliz escolha matrimonial.

Defensor da família burguesa, Clodoaldo Freitas inseria em sua prosa ficcional cenas da vida, com seus infortúnios e felicidades, como uma forma de educar os leitores e as leitoras. Com a maior liberdade de escolhas dos filhos e das filhas nas escolhas matrimoniais, e a maiores responsabilidades que a esposa passava a ter em casa, tendo que assumir os encargos com o cuidado da casa e do marido na privacidade do lar e, posteriormente, os cuidados com os filhos, o autor de *Memórias de um velho* (1905-1906) aponta para os problemas que podem advir no casamento, ocasionados pelo gênio irritadiço e desviante da esposa, que deixa de cumprir com seus deveres no lar e compete, assim, para a infelicidade conjugal. Também representa

⁵⁶⁹ ABRANTES, Elizabeth Sousa. “*O dote é a moça educada*”: mulher, dote e instrução em São Luís na Primeira República. 2010. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010, p. 64.

⁵⁷⁰ COSTA, Mara. *A escrita e o desejo*: as relações de gênero na produção literária de Clodoaldo Freitas. 2010. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2010, p. 58.

comportamentos presentes nas mulheres desgostosas dos encargos domésticos e insubmissas por meio do tom dramático da narrativa, sobretudo presente em torno das figuras de Guilhermina e de sua mãe, definida como feia criatura, as quais representam os contra modelos femininos da narrativa.

Por meio das representações das esposas insubmissas, Clodoaldo Freitas expressa um sintoma masculino de seu tempo, o medo das mulheres deixarem de ser amáveis e gentis e partirem em busca de poder através da atuação direta na sociedade fora dos limites do lar,⁵⁷¹ para além do espaço doméstico que já dominavam, apequenando, assim, os seus maridos. Portanto, o engajamento na criação de modelos de feminilidade tornava-se central para a conformação das uniões matrimoniais assentadas no modelo de familiar nuclear. As mulheres deveriam manter-se recatadas, obedientes, dóceis e fieis⁵⁷² aos seus maridos para a manutenção da família, da felicidade doméstica, as quais eram pilares para a construção de uma nação civilizada.⁵⁷³

Todavia, a formação dos ideais burgueses e da família moderna não foram absorvidos instantâneo e ordenadamente a partir do desenvolvimento da sociedade capitalista no mundo ocidental. A construção de uma nova sociedade passava por disputas entre vários grupos que defendiam interesses e ideais os mais distintos e variados, as quais tomaram forma e divulgação nos veículos de imprensa que circulavam nas mais diversas regiões.

Como um homem moderno, atento às transformações pelas quais passava sua sociedade, Clodoaldo Freitas foi um militante liberal e democrata incansável, e por meio de seus poligráficos textos publicados nos veículos impressos piauienses, paraenses, maranhenses, pernambucanos e espaçadamente em outras regiões do país, discutiu a cultura, defendeu a si, seu grupo e seus ideais, representou sua sociedade, buscando interferir, construir um novo mundo diante daquele que parecia ruir sob os seus pés.

3.6 As ciumentas, as adúlteras e as assassinas

Guilhermina, esposa de Milo no romance *Memórias de um velho* (1905-1906), maltratava e injuriava seu marido porque estava enciumada. Afirmava que Milo tinha um

⁵⁷¹ GAY, Peter. Mulheres agressivas e homens defensivos. In: GAY, Peter. *A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud: A educação dos sentidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. P. 128-167. P. 144.

⁵⁷² COSTA, Mara. *A escrita e o desejo: as relações de gênero na produção literária de Clodoaldo Freitas*. 2010. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2010, p. 82.

⁵⁷³ COSTA, Mara. *A escrita e o desejo: as relações de gênero na produção literária de Clodoaldo Freitas*. 2010. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2010, p. 31.

namoro com Blandina, uma moça pobre da vizinhança, que há tempos Milo conhecia e protegia e que de fato se “sujeitou às (...) solicitações desonestas”⁵⁷⁴ dele. A vida de Milo, então, estava repleta de sofrimentos e de amarguras diante das atitudes agressivas da esposa, porque ela não se calava diante das traições do marido, distanciando-se, com tal atitude, do papel de esposa modelo. A solução para tal infelicidade, segundo Milo, encontrava-se ou na morte da esposa ou no seu abandono. O termômetro para o fracasso dos matrimônios, na literatura de Clodoaldo Freitas, encontra-se na presença ou ausência das virtudes da feminilidade nas esposas. E a morte, natural ou provocada, da mulher segue sendo a mais frequente saída – no íntimo dos maridos desgostosos – diante da impossibilidade do divórcio. Como é expresso o desejo de Evaristo em *O divórcio* (1907).

O casamento deve ser um negócio de conveniência e de bom senso. Casei-me e não se passaram dois meses que não me arrependesse do passo errado que dei. Apelei para Deus, esperando que ele corrigisse o meu erro, desfazendo-o no primeiro parto da minha Quinoca. Mas veio o primeiro, o segundo, até o décimo parto sem que Deus olhasse para mim! Durante esse longo tempo, minhas súplicas eram cada vez mais ardentes, porque cada vez mais me tornava desgraçado no meu casamento. Deus fez ouvido de mercador e parece que, em meu castigo, tornava a minha Quinoca cada vez mais atrabiliária e ciumenta. Uma mulher ciumenta é pior do que a lepra. Um casamento infeliz, é, de todas as maldições de Deus, a mais severa, é um mal de todas as horas sem a ventura de uma hora sequer. O lar transformado em inferno!⁵⁷⁵

O duplo padrão de honestidade e honra na hierarquia própria do gênero é apresentada nas manifestações de poder dos cônjuges. O adultério masculino é perdoado se não prejudica os bens e a herança familiar, ou seja, se não há uma teúda e manteúda, como definia o código Filipino e Criminal do Império. O adultério feminino raramente é representado com o perdão ou resignação do homem na ficção de Clodoaldo. O poder manifesto pela esposa diante do adultério do marido é a desobrigação de suas tarefas servis, pacientes e gentis para com o marido. A mulher ciumenta, desconfiada das traições do marido o repreende, tem o poder de transformar sua vida em um inferno, de leva-lo ao infortúnio conjugal, ao inferno no lar.⁵⁷⁶

A família e o ambiente doméstico, na literatura de Clodoaldo Freitas, deve ser o remanso do homem, lugar onde se encontra “um pouso amigo onde pudesse esquecer a realidade

⁵⁷⁴ FREITAS, Clodoaldo. *Memórias de um velho*. Imperatriz: Ética, 2008, p. 68.

⁵⁷⁵ FREITAS, Clodoaldo. O divórcio. In: FREITAS, Clodoaldo. *Os Burgos e outros contos*. Imperatriz: Ética, 2010a. p. 37-47, p. 38.

⁵⁷⁶ COSTA, Mara Lígia Fernandes; CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. O lar transformado em inferno. *História Unisinos*, São Leopoldo, n. 15, p. 256-265, mai./ago. 2011.

dolorosa da existência.”⁵⁷⁷ Contudo, devido aos ciúmes da mulher, essa paz é quebrada. Em *Celuta* (1907), Dr. Ananias é interrompido bruscamente, no silêncio dos seus pensamentos, por Celuta, que indaga grosseiramente se ele está pensando na Prisca. O que gera uma discussão e o término da relação entre os dois. No desenrolar do conto, na segunda crise de ciúmes de Celuta, ela brada contra o Dr. Ananias, afirmando que ele não a respeitava e estava namorando com Margarida, a criada da casa.

Em *Coisas da vida* (1908-1909), Carlota, que era apaixonada por Plínio, decide negar o pedido de casamento que ele lhe faz por tê-lo visto dançando com Rosina. Os comportamentos de Carlota provocados pelo ciúme causam uma espécie de adoecimento e profunda tristeza na moça e geram uma angústia em Plínio, pois o faz ser desmoralizado na frente de todos e o coloca em uma situação de perda de controle da situação, pois o ciúme de Carlota funciona como uma forma de controlar as ações do homem amado, por meio dos caprichos da jovem casadura. D. Camila dissera a Plínio, assim que esse teve seu pedido negado por Carlota, que ele não deveria casar-se com ela, porque ela era uma mulher de gênio infernal, ciumenta e odienta.

Após negar o pedido de casamento de Plínio e depois de ele ter aceitado casar-se com Hortência, Carlota declara o seu amor por ele e pede que seja desfeito o noivado com Hortência e case-se com ela. Caso ele não faça isso ela iria até ele e fingiria ter sido por ele raptada, ao passo que Plínio fala que ela não faria isso, pois é uma mulher que tem “coração e caráter, nobreza da alma e virtude, pudor e temor a Deus.”⁵⁷⁸ O capricho de Carlota é justificado pelo sentimento amoroso que guarda por Plínio. Aqui se apresenta o interesse do indivíduo sobre as convenções, sobre as leis e sobre a família. E esse interesse é balizado pelo desejo. Que deve ser realizado como um ato de exaltação do indivíduo. E, desse modo, aconteciam os encontros furtivos entre Plinio e Carlota.

Deus sabe que a carne humana tem leis inflexíveis e palpites irresistíveis. Em certos momentos há uma verdadeira transfiguração, nós entramos corpo e alma nas delícias do céu. Outras vez Eça de Queiroz forneceu-me a grande receita da felicidade e me fez conseguir que os nervos de Carlota vibrassem notas mais sonoras do que a rebeca [sic] de Paganini. (...) Abandonou-se novamente às minhas carícias. As estrelas no céu cintilavam mais de invejosas, as brisas ciciavam mais com ciúme. Eu e ela nos abismamos no êxtase do gozo. Mocidade, como és bela e sublime!⁵⁷⁹

⁵⁷⁷ FREITAS, Clodoaldo. *Celuta*. In: FREITAS, Clodoaldo. *Os Burgos e outros contos*. Imperatriz: Ética, 2010a. p. 19-35, p. 19.

⁵⁷⁸ FREITAS, Clodoaldo. *Coisas da Vida*. Imperatriz: Ética, 2009a, p. 69.

⁵⁷⁹ FREITAS, Clodoaldo. *Coisas da Vida*. Imperatriz: Ética, 2009a, p. 72.

Em sua literatura, Clodoaldo Freitas representa, por meio dos casamentos fracassados e dos comportamentos femininos, a crescente impotência masculina no casamento diante de mulheres insubmissas. Na segunda metade do século XIX e início do século XX, as mulheres que não se sujeitavam a cumprir os papéis destinados a uma mulher casada são salientadas nas representações literárias, o que apontava para um crescente movimento das mulheres que questionavam e se desviavam dos caminhos prescritos para as esposas, os quais eram provocados, em grande medida, pelas transformações culturais advindas com a modernidade, que abalavam a conformação tradicional de gênero e, portanto, os papéis familiares, sobretudo o papel da mulher na família e na sociedade. Assim como as mulheres ciumentas representavam um antitempo feminino na literatura de Clodoaldo Freitas, as adúlteras e assassinas também foram representadas em sua ficção como modelos desviantes.

As Ordenações Filipinas que regiam o sistema jurídico no período colonial previam a pena de morte para a mulher adúltera e seu amante⁵⁸⁰ e asseguravam ao marido o direito de matar a esposa em flagrante adultério juntamente com o adúltero, se socialmente inferior.⁵⁸¹ Embora sua vigência tenha se dado até 1830 – quando o Código Criminal do Império passa a vigorar e o marido é desautorizado a aplicar a pena capital na esposa adúltera – sua influência e os costumes culturais quanto às relações matrimoniais vigoraram até o período republicano, sendo muito citado nos códigos posteriores vigentes no período Imperial⁵⁸² e salientado pela frequência de crimes em defesa da honra que eram espelhados na ficção de Clodoaldo Freitas. Mesmo não estando mais presente na legislação imperial, o direito do marido sobre a vida da esposa arraigou-se na sociedade brasileira como uma forma de herança moral. Ainda que as Ordenações Filipinas tenham vigorado durante todo o período imperial e em parte do período republicano, apenas parte dela, com o livro IV, permaneceu tanto tempo em voga. O livro quinto, que regulava o crime de adultério, não vigorava desde a formulação do Código Criminal ainda no Primeiro Reinado.⁵⁸³

No século XIX, o adultério, que só provinha da esposa, era tipificado no Código Criminal de 1830, nos Crimes Contra a Segurança do Estado Civil e Doméstico. No artigo duzentos e cinquenta (250) consta que a mulher casada que cometer adultério será punida com

⁵⁸⁰ ALMEIDA, Cândido. *Quinto livro das Ordenações: additamentos*. 14. ed. Rio de Janeiro: Typ. Do Instituto Philomathico, 1870, p. 1175.

⁵⁸¹ ALMEIDA, Cândido. *Quinto livro das Ordenações: additamentos*. 14. ed. Rio de Janeiro: Typ. Do Instituto Philomathico, 1870, p. 1188.

⁵⁸² SAMARA, Eni de Mesquita. Mistérios da “fragilidade humana”: o adultério feminino no Brasil, séculos XVIII e XIX. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 15, n. 29, p. 57-71, 1995, p. 59.

⁵⁸³ SAMARA, Eni de Mesquita. Mistérios da “fragilidade humana”: o adultério feminino no Brasil, séculos XVIII e XIX. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 15, n. 29, p. 57-71, 1995, p. 63.

a pena de prisão com trabalho por um a três anos, sendo aplicada a mesma pena ao adúltero. O homem casado só é tipificado sob as mesmas penas da mulher adúltera se “tiver concubina, teúda, e manteúda.”⁵⁸⁴ Portanto, havia uma clara distinção entre o significado do adultério para a mulher e para o homem. Esse só seria punido se desviasse os recursos de sua família para a manutenção de uma concubina em detrimento da esposa legítima e dos filhos. E a punição só se daria mediante acusação de um dos cônjuges e estaria passível de extinção com o perdão do cônjuge lesado.

O Código Penal de 1830 foi substituído pelo Decreto n. 847, de 11 de outubro de 1890, que promulgou o novo Código Penal da República, sendo mantido o adultério como crime tal como o código antecessor prescrevia. Apesar da existência de uma tipificação criminal para o adultério feminino com prisão celular, há indícios que sua punição não foi conferida na prática, sendo considerada ineficaz. “O artigo do código penal que pune o adultério é letra morta, e nunca foi aplicado... O marido que recorresse a semelhante meio para punir a infidelidade da mulher incorreria no desprezo da sociedade e tornar-se-ia objeto de ridículo...”⁵⁸⁵ Embora fossem raros os processos criminais requerendo a aplicação da pena, a alegação do adultério era mais utilizada para fundamentar pedidos de divórcio. Clóvis Bevilacqua, autor do projeto do Código Civil em 1899, era um dos poucos juristas que defendia a igualdade do crime de adultério entre homens e mulheres.⁵⁸⁶

A intervenção do poder institucional da igreja e do Estado sobre a traição da mulher casada apontava para a grande importância conferida aos deveres matrimoniais da mulher e à sua obediência à moral e aos bons costumes para a manutenção da ordem social. Portanto, embora fosse considerado uma falta grave para ambos os cônjuges, constituindo motivo de divórcio perpétuo na norma eclesiástica, a esposa encontrava-se em posição inferior do ponto de vista jurídico, na colônia, império e república.⁵⁸⁷

Em *Memórias de um velho* (1905-1906), quando Milo reencontra Josefina, depois de ter enterrado Santinha, ela estava casada com Jorge, mas passa a ser seduzido por ela, que “com seus longos cabelos pretos e perfumosos, com a sua beleza, com a sua rija carnação”⁵⁸⁸ o fazia

⁵⁸⁴ BRASIL, Império. *Código Criminal do Império do Brasil*: Primeira parte. Dez. 1830, p. 94. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/221763>. Acesso em: 10 jan. 2019.

⁵⁸⁵ DINIZ, Almachio. *Do divórcio*. Rio de Janeiro: Jacinto Ribeiro Editor, 1916.

⁵⁸⁶ BORELLI, Andrea. Adultério e a mulher: considerações sobre a condição feminina no direito de família. *Caderno Espaço Feminino*. v. 11, n. 14, Jan./Jul. 2004, p. 12-13.

⁵⁸⁷ SAMARA, Eni de Mesquita. Mistérios da “fragilidade humana”: o adultério feminino no Brasil, séculos XVIII e XIX. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 15, n. 29, p. 57-71, 1995, p. 57-58.

⁵⁸⁸ FREITAS, Clodoaldo. *Memórias de um velho*. Imperatriz: Ética, 2008, p. 38.

sentir uma violenta paixão. Não resistindo ao amor que sentia por Josefina, Milo se entrega aos seus braços.

Uma noite fui vencido por um acontecimento inesperado. Jorge e o Dr. Frederico tinham ido a Caxias para o Júri. Eu dormia sossegadamente, sonhando naturalmente com as delícias do paraíso e ouvindo, embevecido a música dos Serafins. A lua, em pleno azul, cuava pelas vidraças uma claridade mole e voluptuosa, e as auras da noite silenciosa ciciavam no arvoredado, quando acordei aos apertos de uns braços macios, aos beijos de uns lábios quentes, ao contato de uma epiderme de veludo. Era Josefina. Sentindo-me entre seus braços, enlouqueci. Era preciso ser estátua para não me abalar com a tentadora fascinação dessa beleza de mulher, que se dava. O mais foi um sonho delicioso.⁵⁸⁹

Josefina traía o seu marido Jorge com Milo porque não casara por amor. Nesse romance, o narrador personagem questiona a validade da lei e da moral diante do sentimento amoroso, que deveria compor o laço do casamento. Além de defender o casamento por amor, ideal burguês por excelência, afirma ser a mulher a grande prejudicada no casamento formado sem o laço do amor e na impossibilidade de dissolução desse por meio do divórcio.

Dessa noite em diante o tempo que Josefina podia roubar ao marido, vinha passar comigo. Algumas vezes narcotizava-o. O nosso amor encrudescia cada vez mais e o gozávamos sem remorsos, perguntando porque Jorge se viera meter entre nós e confessando que não tínhamos nada que ver com a brutalidade social, que pretende impor suas regras ao coração e dizer a uma mulher, que pertença, durante a vida, a um homem sem consultar seu coração conscientemente por esta sentença iníqua e tola. A sociedade impõe um absurdo. Nos revoltamos contra ela. Quem tem razão: a lei? O uso? A moral? Não: o amor. O amor é o laço do casamento, mas torná-lo eterno e aquele temporário, é inverter a essência da própria natureza das coisas. Nessa luta travada entre o amor e a lei, a mulher é a prejudicada. O homem que vende, e infringe a lei, a sociedade perdoa porém [...] parte mais forte, porque representa a feição do direito, que é a força. O casamento devia estar dependente do amor e não pretender ser imorredouro e eterno.⁵⁹⁰

A construção do laço matrimonial pautado no amor opunha-se à visão da Igreja nos séculos XVIII e XIX, a qual, como detentora das regras do sacramento do matrimônio, definia que não era por amor que os cônjuges deveriam unir-se, mas, sim, para pagar o débito conjugal, procriar e para lutar contra a tentação do adultério.⁵⁹¹ A visão burguesa do casamento apresentada por Milo definia a forma romântica presente na literatura desde meados do século XIX que ganha força nos debates jurídicos a respeito do divórcio e da formação da família

⁵⁸⁹ FREITAS, Clodoaldo. *Memórias de um velho*. Imperatriz: Ética, 2008, p. 38-39.

⁵⁹⁰ FREITAS, Clodoaldo. *Memórias de um velho*. Imperatriz: Ética, 2008, p. 39.

⁵⁹¹ PRIORE, Mary Del. O corpo feminino e o amor: um olhar. In: D'INCAO, Maria (org.). *Amor e família no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1989. p. 31-56, p. 33

moderna, sobretudo no final do século XIX e início do século XX no Brasil. A igreja católica vai defender o casamento baseado no amor no avançar do século XX, no entanto, esse sentimento propagado pela igreja difere do amor romântico, o amor cristão é “fundamentado no afeto mútuo, no respeito e na amizade, sentimento mais estável e constante, capaz de fazer da família instituição duradoura.”⁵⁹²

Quando Jorge descobre a traição de sua esposa Josefina, entra em duelo com Milo para lavar sua honra com sangue, o que acaba levando à morte de Jorge. Diante da mulher adúltera agora viúva, Milo perde seu interesse por ela e parte sem destino. “O amor vulgar e banal, marcado pelo desejo intempestivo, lascivo e efêmero”⁵⁹³ não podia sustentar essa relação nem construir um laço matrimonial.

Depois de ter casado com Guilhermina e ter sido abandonado por ela, porque ela não aceitara a autoridade do marido ao proibi-la de se confessar, Milo parte para a cidade com seus filhos e Margarida. Vivendo amasiado com Margarida, ele conseguia diminuir a dor que o abandono da esposa lhe provocava, apesar de sentir bastante a falta do contato dos filhos com a mãe. Certo dia, Milo volta para casa mais cedo e flagra Margarida em delito de adultério com seu escravo José. Por não ter uma relação formal com Margarida e por não amá-la, Milo força Margarida a se casar com José, que seria alforriado, prometendo a ela a morte caso não concordasse em se casar com o “crioulo de uns vinte e cinco anos”.⁵⁹⁴ A vingança de Milo seria rebaixar Margarida ao casamento com um negro forro.

Milo, refletindo sobre o último acontecimento que lhe abatia, afirma que todas as uniões ilícitas, os amasiamentos, tendem a isto, ou seja, ao adultério da esposa. Para ele, se a traição viesse de Santinha, a quem ele amara, ele a teria matado. Porém, como não amava Margarida, não fez cerimônias em lhe entregar ao seu escravo, o qual, tempos depois, flagra Margarida o traindo com o barbeiro, vizinho do casal. José é, na ocasião, tomado por um profundo sentimento de desonra que o impele a assassinar sua esposa adúltera.

O poder do homem na narrativa é inserido e reafirmado pelos comportamentos aceitos e rejeitados dentro da diegese. O homem que ama é o mesmo homem que mata diante do flagrante do adultério. É por amor que o marido lava sua desonra com sangue. José, o ex escravo de Milo, justifica o assassinato de sua esposa Margarida, quando a flagra em adultério com o

⁵⁹² CASTELO BRANCO, Pedro. *Famílias e escritas: a prática dos literatos e as relações familiares em Teresina nas primeiras décadas do século XX*. 2005. Tese (Doutorado em História) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005a.

⁵⁹³ CASTELO BRANCO, Pedro. *Famílias e escritas: a prática dos literatos e as relações familiares em Teresina nas primeiras décadas do século XX*. 2005. Tese (Doutorado em História) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005a, p. 191.

⁵⁹⁴ FREITAS, Clodoaldo. *Memórias de um velho*. Imperatriz: Ética, 2008, p. 83.

seu vizinho, porque a ama. Não há punição aparente para ele e a proteção que Milo lhe confere – por sentir-se responsabilizado por tê-lo colocado nesse enlace com uma mulher não honrada – anuncia a prerrogativa marital sobre a vida da esposa adúltera.

O significado da honra feminina na literatura de Clodoaldo Freitas põe na mulher o destino do casamento, da família, da vida do homem e de sua própria sobrevivência. E a honra do marido é defendida com o assassinato da esposa e/ou do amante. Portanto, escolher a futura esposa conferia em uma tarefa muito difícil para um homem, o que é pedagogicamente ensinada pelo literato por meio das agruras vividas por seu narrador em *Memórias de um velho* (1905-1906).

A escolha de uma mulher sempre me pareceu um problema grave e perigoso na vida. A mulher é a nossa companheira e a depositária da nossa honra. Dela emana a nossa felicidade pública, a nossa paz e a felicidade da nossa prole. O único meio de um homem acertar, noventa por cento, na sua escolha, é procurar uma mulher pela família.⁵⁹⁵

Em *Coisas da vida* (1908-1909), D. Camila é esposa do Comendador Herculano. Ele era um grande homem de cinquenta (50) anos de idade, robusto, inteligente, imensamente conservador e devoto. Ela apaixonou-se por Plínio, o amigo de seu enteado Netário que vai passar as férias no engenho de seu marido. Quando Plínio está absorto em seus pensamentos diante da negativa de Carlota quanto ao seu pedido de casamento, Camila lhe chama e o beija. A partir daí os dois começam a ter um caso. A privacidade do engenho aburguesado permite que Camila vá ao quarto onde Plínio estava instalado sozinho e tenha com ele frequentes encontros noturnos.

Camila amava Plínio e lamentava não poder estar com ele. Mas não há em nenhum momento da narrativa a mínima menção a ela deixar seu marido para ficar com Plínio. Ela apenas chorava a ausência de seu jovem amado. E quando ele se casa com Carlota, Camila quase morre. Plínio e Camila conseguem ficar uma semana juntos sozinhos, porque o Comendador tivera que resolver uma questão de dinheiro quando os três estavam em São Paulo. Ele também chega a passar um mês no engenho do Ingá com Camila, após a morte de Hortência, a terceira esposa de Plínio. Quando ele parte do Ingá para o Piauí, Camila está grávida dele. Dentre todas as mulheres que se envolvem com Plínio em *Coisas da vida* (1908-1909), Camila é a única mulher que se entrega a ele sem ter com ele perdido sua virgindade – antes do casamento – e, também, a única, das que se envolveram sexualmente com Plínio antes do matrimônio, que não perdeu a vida.

⁵⁹⁵ FREITAS, Clodoaldo. *Memórias de um velho*. Imperatriz: Ética, 2008, p. 62.

A sobrevivência de Camila na narrativa indica uma possível anuência em relação ao adultério de uma jovem mulher casada com um homem bem mais velho. Ela tinha apenas vinte (20) anos de idade, pouco mais do que suas enteadas, com quinze (15) anos de idade. Essa grande diferença de idade entre Camila e seu marido, o Comendador Herculano Cavalcante, que já tinha uns cinquenta (50) anos de vida, poderia indicar que o casamento entre eles tenha sido motivado por arranjos sociais e não pela existência de um sentimento amoroso. Portanto, privada do amor no casamento, Camila consuma o amor carnal fora do matrimônio. Era ela, de todas as moças do engenho, a que mais amava Plínio. Sem ocorrer o escândalo da traição, mantendo-se aos olhos de todos como esposa fiel e dedicada, visto que ao longo de toda a narrativa não propôs abandonar o marido, as ligações amorosas entre Camila e Plínio são parcialmente aceitáveis,⁵⁹⁶ embora, no final da narrativa, ela carregue no ventre um filho de Plínio, ou seja, um filho bastardo.

Em *As taras* (1912), depois da morte da irmã e da mãe, Feitosa vai morar com o seu irmão, Chiquinho. Esse tinha uma esposa, Paulina, a qual, com a proximidade com seu cunhado Feitosa, passa a ter-lhe afeição, que logo vira amor e se transforma em paixão. E que culmina com a traição de Paulina a seu marido. A casa de Chiquinho, ao longo da narrativa, passa a ser permeada por ódios e paixões, até que a descoberta do adultério sela o fim dessa família.

Devido às longas ausências de Feitosa – então, marido de Paulina em segundas núpcias após a morte de seu primeiro marido Chiquinho – nas viagens que frequentemente fazia a trabalho, Paulina volta a trair. Desconfiado com a esposa, Feitosa finge partir em viagem para tentar pegá-la em flagrante adultério depois de ter sido avisado, por uma escrava, dos atos de Paulina. Escondido, vê sua esposa o traindo com Lúcio, um rapazinho de dezoito (18) anos, filho de um vaqueiro seu. Feitosa, então, mata o jovem rapaz e foge. Voltando da suposta viagem que dissera ter feito antes do fatídico “incidente” com Lúcio, Feitosa envenena a esposa e antes dela morrer conta-lhe tudo, vingando-se, assim, da infidelidade conjugal de Paulina e de seu irmão, traído e assassinado por ela.

A punição mais uma vez recai sobre a mulher. Detentora da honra e da moral familiar, Paulina pagou com a morte pelos erros que cometera juntamente com Feitosa, que apesar de vicioso na sua aparência e no seu caráter, possuía no final da narrativa a vida, a liberdade e riquezas materiais. As fatalidades, na visão de Armênio, que é o personagem que faz a análise

⁵⁹⁶ COSTA, Mara. *A escrita e o desejo: as relações de gênero na produção literária de Clodoaldo Freitas*. 2010. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2010, p. 85.

científica na diegese, são provenientes da raça, do meio e da educação. Mais uma vez o tom pedagógico se insere na narrativa, desta vez pela representação dos vícios sociais.

No conto *Os Barretos*, de Clodoaldo Freitas publicado na revista *Litericultura* em 1912, o narrador heterodiegético apresenta a história dos Barretos, marcada pela pobreza, amor, obsessão, ciúmes, adultério e morte. Pedro Barreto, D. Inácia e seus três (3) filhos saem do Ceará para Campo Maior, fugidos da seca. Prosperam nessa cidade por conta do trabalho de ambos, ele procurou trabalho fora de casa e ela fazia renda. D. Inácia era uma mulata de vinte (20) anos, alta, robusta e encantadora, andava sempre cheirosa e arrumada.

Desconfiado se algum homem andava em sua casa, Pedro Barreto volta para casa mais cedo do trabalho e o Manezinho aparece em sua casa chamando por Inácia. Quando Pedro vai receber o inoportuno visitante com uma faca, esse foge. Pedro Barreto, abalado pelo ciúme diante da possível traição da esposa, decide ir embora para Barras com ela. No dia de irem embora Inácia foge. Vendo a rede da esposa vazia e a porta aberta, abalado, Pedro murmura: “- Fugiu! Abandonou-me! Desonrada! Onde encontra-la, mato-a.”⁵⁹⁷

Não sabia o que pensar de tudo isto. Não podia acreditar na infâmia da mulher. De mistura com o seu ódio, sentia uma piedade infinita pela desventura dela. Sentia, juntamente com o seu ciúme, a mágoa de vê-la infamada, perdida, trilhando essa escura vereda lamacenta e coberta de urzes.⁵⁹⁸

Pedro estava decidido a ir embora, levar seus filhos e deixar a sua esposa que o abandonara. Mas soube pela preta velha que D. Inácia estava morando com Manezinho. Foi, então, atrás dela, queria perdoá-la e tê-la de volta. Conversando com ela na paupérrima casa onde estava instalada com Manezinho, Pedro pedia que ela voltasse para ele e seus filhos. Quando Inácia disse que não o amava mais porque amava Manezinho, Pedro a agrediu e impôs que ela voltasse com ele ou morreria. Inácia rejeitava as investidas de Pedro, dizia que não voltaria com ele. Entrando em um combate corporal com Inácia, que resistia de todas as formas, Pedro desferiu a faca no coração dela no mesmo instante em que ela disse que cederia. Era tarde, Inácia jazia morta no chão, ensanguentada. O amor manifesto por Pedro Barreto a sua esposa representava um sentimento que estava fora dos limites da razão.⁵⁹⁹

⁵⁹⁷ FREITAS, Clodoaldo. Os Barretos. In: FREITAS, Clodoaldo. *Um segredo de família e outros contos*. Imperatriz: Ética, 2009. p. 85-101, p. 94.

⁵⁹⁸ FREITAS, Clodoaldo. Os Barretos. In: FREITAS, Clodoaldo. *Um segredo de família e outros contos*. Imperatriz: Ética, 2009. p. 85-101, p. 95.

⁵⁹⁹ COSTA, Mara. *A escrita e o desejo: as relações de gênero na produção literária de Clodoaldo Freitas*. 2010. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2010, p. 96.

Manezinho, que ouvira tudo do quintal, deu o alarme para prenderem o assassino. Pedro Barreto foi preso no amanhecer do dia e jurava que não havia assassinado a esposa. Ficou inerte na cela o dia inteiro. Entregou os filhos à uma preta velha conhecida, com ordem de não os levar para vê-lo na cadeia. Não fazia nada, passava os dias deitado em uma rede fumando na cadeia. Lembrava-se de todos os momentos felizes com Inácia até que enlouquecera na cela e cometeu suicídio. Seu corpo foi enterrado em cova rasa fora do cemitério, e acabou sendo comido pelos urubus, bem próximo da cidade, à vista de todos.

No Brasil, morte e honra sempre estiveram relacionados ao adultério feminino. Recurso utilizado até os dias de hoje pelos maridos traídos, “os crimes da paixão” tramitaram pela Justiça com salvo conduto para os homens como gerentes dos bens e da vida das mulheres. As esposas sempre foram ensinadas a agir com cautela, submissão e resignação.⁶⁰⁰

Embora o salvo conduto garantido em grande medida aos homens, a ordenação da sociedade passava por uma regulamentação dos atos violentos. Ainda que Feitosa não tenha sofrido punição pelo assassinato de sua esposa adúltera, Pedro Barreto é dramaticamente punido na narrativa, com a prisão celular, a morte e o aviltamento de seu cadáver, apodrecido e devorado tal como seu cruel ato contra D. Inácia.

A prática do adultério feminino liga-se, nas narrativas, à busca do amor fora do casamento quando esse estava ausente no laço conjugal. A literatura, no século XIX, passa a exaltar o amor acima das convenções sociais. Nas narrativas, a ausência do amor no casamento levava à quebra da harmonia doméstica. Os vícios femininos, além do adultério, também se manifestavam na prosa ficcional de Clodoaldo Freitas nos ímpetus assassinos. Esses são provocados pela loucura ou pelo súbito amor ou violenta paixão.

Em *Memórias de um velho* (1905-1906), passados mais de um ano depois que Guilhermina abandonara seu marido Milo para ser devota do frei Inácio, ela é roubada pelos padres, perdendo, assim, toda a sua fortuna. Sua mãe já havia morrido. Pobre, desamparada e só, Guilhermina se entrega ao vício da embriaguez. Enlouquecida diante de seu infortúnio, Guilhermina entra no quarto de Emílio quando ele não estava e degola seus dois filhos. Ao entrar no quarto, Milo se depara com Guilhermina sentada na cama, devaneando e cantarolando com os dois filhos mortos ao colo.

A pobreza, a solidão, o fanatismo e a embriaguez levaram Guilhermina à loucura. Não bastando o tão ressentido abandono dos filhos, Guilhermina os mata e em seguida é assassinada

⁶⁰⁰ SAMARA, Eni de Mesquita. Mistérios da “fragilidade humana”: o adultério feminino no Brasil, séculos XVIII e XIX. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 15, n. 29, p. 57-71, 1995, p. 62.

por Milo. Tornando a morte o desfecho dramático dessa relação familiar tão conturbada. Com a morte dos filhos e a morte da mulher tem-se o fim da família. O assassinato de Guilhermina ratifica o domínio masculino, que, mais uma vez, nenhuma penalidade sofre. Ele é o detentor da justa vingança diante da morte dos filhos pela esposa ensandecida.

Em *As taras* (1912), a mulher se torna assassina para viver, sem empecilhos, o amor que a arrebatou. Casada com Chiquinho, Paulina apaixonou-se pelo irmão do marido e passa a trai-lo. Vívidos de ódio e de paixão, não conseguem disfarçar os sentimentos que os arrebatam. Paulina, com a anuência de Feitosa, decide, então, matar seu marido envenenado. Com a morte do marido poderia viver com Feitosa livremente. Um ano após a morte desse, os dois amantes se casam. Porém, formado em torno dos vícios do adultério e do assassinato, o casamento fracassa. O vício é punido com o infortúnio dos cônjuges e a morte, mais uma vez, encerra o tom da desarmonia familiar.

3.8 As mães

Em 1841, é publicado em folhetim no jornal *La Presse*, o romance *Memórias de duas jovens esposas*⁶⁰¹ de Balzac, dedicado à George Sand, no qual, sob o formato de cartas trocadas entre duas amigas, representa os costumes franceses da primeira metade do século XIX, onde enfatizava as transformações pelas quais passava a sociedade com o fortalecimento da burguesia. Nesse romance epistolar destinado às mulheres, Balzac afronta a psicologia e a fisiologia da gravidez, do parto e da amamentação, o que lhe rendeu algumas censuras no folhetim e a acusação de imoralidade. No entanto, seu ímpeto vulgar aproximava-o de uma realidade socialmente abafada que se desnudava em sua literatura. A tese que o autor defende nesse romance é que na sociedade moderna a mulher pode escolher o amor carnal ou a maternidade, pondo uma personagem em oposição à outra. Luíza tendo escolhido o amor e Renata a maternidade, ou, dito de outro modo, Luísa escolheu um amor e Renata escolheu um marido. A tese que defende nesse romance é que “a sociedade sacrifica a mulher à família,”⁶⁰² e na trigésima terceira carta, escrita por Renata à Luísa, expõe os pormenores da maternidade.

Olha, minha filha, se algum dia fores mãe, verás se é possível escrever durante os dois primeiros meses de amamentação. Mary, minha criada inglesa, e eu estamos esfalfadas. É verdade que não te disse que eu própria me empenho em fazer tudo. Antes do acontecimento, eu cosi com minhas próprias mãos e bordei o enxoval do bebê, e enfeitei eu mesma as touquinhas. Sou escrava, querida, escrava de dia e de noite. Para começar, Armando mama quando quer,

⁶⁰¹ *Mémoires de deux jeunes mariées*.

⁶⁰² RÓNAI, Paulo. Introdução. In: BALZAC, Honoré de. *A comédia humana: estudos de costumes: cenas da vida privada*. 3. ed. São Paulo: Globo, 2012. p. 200-204, p. 202.

e quer sempre; depois é preciso trocá-lo tão frequentemente, lavá-lo, vesti-lo; a mãe gosta tanto de o ver adormecido, de lhe cantar canções, de levá-lo a passear quando faz bom tempo, carregando-o no braços, que não sobra tempo para cuidar de si mesma. Enfim, tu tinhas a sociedade, eu tinha meu filho, nosso filho! Que vida rica e cheia! Ó, minha querida, eu te espero, verás! Mas tenho medo de que comece o trabalho da dentição e que tu o encontres manhoso e chorão. Ele, por enquanto, não gritou muito ainda, porque eu sempre estou presente. As crianças gritam somente porque têm necessidades que não sabemos adivinhar, e eu vivo sempre na pista das suas.⁶⁰³

Segundo os valores positivistas, em primeiro lugar estava a humanidade, seguida pela pátria e, então, a família. Com a República, a Pátria figurava-se em sua forma ideal. A mulher idealizada compunha um signo para a nova humanidade racional, pois a convivência humana se assentaria sob o altruísmo, sentimento que marcava o protótipo de mulher da sociedade positiva: “uma mulher de trinta anos, sustentando um filho nos braços.”⁶⁰⁴ A mulher é totalmente mãe: o tipo feminino ideal para Comte.⁶⁰⁵ Embora pouco figurada como uma alegoria da República brasileira,⁶⁰⁶ o arquétipo da mulher-mãe é propagado pelos positivistas e demais republicanos por um período que excede os recortes estipulados nestas linhas.

No final do século XIX principiou-se acentuadas mudanças na condição da fêmea humana. A emancipação feminina foi protagonizada por mulheres das camadas médias da sociedade, as quais, apesar de constituírem pequeníssima parcela da população, adentraram em áreas restritas exclusivamente aos homens, destacando-se com louvor, como Rosa Luxemburgo, Marie Curie e Beatrice Webb, sem mencionar as revolucionárias que lutaram pela emancipação política feminina ao longo de todo o século XIX.⁶⁰⁷ Contudo, para a maior parte das mulheres, do mundo não desenvolvido e das áreas rurais, nada tinha mudado até fins do século XIX. As mulheres do mundo desenvolvido começaram a ter menos filhos a partir de meados da década de 1875, e essa diminuição da natalidade representou uma notável mudança na vida das mulheres.⁶⁰⁸

A redução do número de filhos nas famílias urbanas também se devia ao aumento do custo de vida nas cidades, ao prolongamento e valorização da infância e, conseqüentemente, do

⁶⁰³ BALZAC, Honoré de. *A comédia humana: estudos de costumes: cenas da vida privada*. 3. ed. São Paulo: Globo, 2012. p. 199-386, p. 319.

⁶⁰⁴ CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 81.

⁶⁰⁵ CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 81-84.

⁶⁰⁶ CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 81-86.

⁶⁰⁷ HOBBSAWM, Eric. A nova mulher. In: HOBBSAWM, Eric. *A era dos impérios: 1875-1914*. 8.ed. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 2003. p. 271-306.

⁶⁰⁸ HOBBSAWM, Eric. A nova mulher. In: HOBBSAWM, Eric. *A era dos impérios: 1875-1914*. 8.ed. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 2003. p. 271-306.

alargamento do período de dependência desses de seus pais e, também, ao aumento do desejo de consumir os produtos e serviços ofertados em maior número e variedade que no campo. A queda da natalidade aponta para o desenvolvimento de novas estruturas, valores e expectativas para as mulheres trabalhadoras ocidentais. Essas eram formadas, em sua maior parte, por solteiras e viúvas. Apenas um quarto ($\frac{1}{4}$) das mulheres casadas tinham uma ocupação fora do ambiente doméstico em 1890 nos países desenvolvidos na Europa, e pouco mais de 10% delas nos EUA. Enquanto os homens casados com idades entre 18 e 60 anos estavam 95% ocupados nos países desenvolvidos.⁶⁰⁹

A maior parte das mulheres nas sociedades pré-industriais realizavam a dupla função de cuidar da casa e dos filhos e da produtividade do trabalho familiar, seja na fazenda, nas oficinas domésticas, nas pequenas lojas. E eram consideradas inferiores em relação aos homens, diminuídas em suas atividades, também por causa da não remuneração do exaustivo serviço doméstico que faziam em suas próprias casas, colocando-as em dependência econômica em relação aos homens, e sem direitos civis.⁶¹⁰

O trabalho do homem deveria ser o suficiente para manter todos os membros da família. Já o trabalho das mulheres era visto como complementar, sendo percebido como inferior e mal pago em relação às ocupações masculinas, o que reforçava a dependência econômica da esposa para com seu marido. Mas nas famílias mais pobres, a renda complementar da esposa e das crianças era necessária para cobrir as despesas da casa. A grande questão do trabalho feminino fora do ambiente doméstico se encontrava nas famílias de classe média e alta, nas quais a ausência do trabalho feminino remunerado significava a abastança das rendas provenientes do marido, sinalizando não haver necessidade de complementação.⁶¹¹

Entretanto, ao passo que a valorização da maternidade elevava o *status* da mulher na família e na sociedade, as novas sociabilidades do mundo moderno atraíam-na para fora do lar, para o bulício das ruas, para os novos espaços de lazer. Na privacidade do lar, a licenciosidade, a insubmissão, a agressividade e o adultério das mulheres apontavam para o infortúnio doméstico dos modernos homens que se suavizavam ao passarem a exercer o autocontrole dos impulsos violentos outrora exaltados.

⁶⁰⁹ HOBBSAWM, Eric. A nova mulher. In: HOBBSAWM, Eric. *A era dos impérios: 1875-1914*. 8.ed. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 2003. p. 271-306.

⁶¹⁰ HOBBSAWM, Eric. A nova mulher. In: HOBBSAWM, Eric. *A era dos impérios: 1875-1914*. 8.ed. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 2003. p. 271-306.

⁶¹¹ HOBBSAWM, Eric. A nova mulher. In: HOBBSAWM, Eric. *A era dos impérios: 1875-1914*. 8.ed. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 2003. p. 271-306.

A literatura representou exaustivamente as mulheres, os lares, a felicidade e, principalmente, a infelicidade conjugal. Como resumo da vida, servia como escola do gênero, tratavam dos problemas familiares que os códigos não alcançavam devido à natureza de sua formalidade. A literatura naturalista apresentou contundentes críticas à vida burguesa e às fruições femininas. A mulher passa a ser central para os intelectuais que pensam os costumes, a cultura e as transformações na sociedade. A civilização é feminina, e sem a dedicação materna os construtores da ordem se veem confrontados com um problema de ordem nacional. Horrorizado diante das notícias sobre as batalhas que formam a Primeira Guerra Mundial, Clodoaldo compreende a guerra como a negação da civilização, e aponta qual o papel das mulheres na Pátria a partir do exemplo francês.

O que todos nós presenciemos, contristados, é a ruína da nossa civilização, e, com ela, a ruína da França. País de natalidade mínima, a França não poderá, dentro de um século, atingir a população que tinha antes da guerra e ficará sendo, fatalmente, nação de segunda ordem, da classe da Espanha, a menos que a mulher francesa se resolva, deixando a estúpida vaidade da beleza eterna, a ser mãe, como a mulher alemã, que se orgulha da sua grande prole. Meio século depois desta guerra, a Alemanha, a Inglaterra, a Rússia terão a mesma população que tinham antes. Só a França ficará irremissivelmente paralisada no crescimento da sua população que é o único país no mundo em que a mulher tem vergonha de ser mãe!⁶¹²

Clodoaldo Freitas constrói um alarme demográfico em relação à França para corroborar sua tese quanto à primordial importância feminina no exercício da maternidade, à semelhança do que fora feito pelos filósofos em meados do século XVIII nesse mesmo país. Contando a França com 19 milhões de habitantes, sendo o país mais populoso da Europa no início do século XVIII, afora a Rússia, em meados desse século foi criado um alarme com os discursos dos filósofos Montesquieu, Voltaire e Rousseau, os quais afirmavam que o país se despovoava. Embora a estagnação populacional tenha sido um mito da época, explicado posteriormente pela retomada dos dados censitários do início do século sem alterações, a baixa populacional passou a ser um problema para a França resolver. Montesquieu afirmava que a população mundial representava um décimo dos habitantes nos tempos antigos. Segundo Voltaire, de mil (1000) crianças, apenas seiscentas (600) chegavam aos vinte anos. E, para chegar ao cerne da solução quanto à questão populacional, Rousseau afirmava terminantemente que a Europa estava se despovoando porque as mães já não queriam cumprir o seu dever.⁶¹³ Referindo-se à obra de

⁶¹² FREITAS, Clodoaldo. A prova das teorias socialistas. In: FREITAS, Clodoaldo. *Escritos de Clodoaldo Freitas*, Belém, v. 1, p. 57-60, 7 set. 1904, p. 59.

⁶¹³ BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, p. 151-152.

Montesquieu, Rousseau acrescentava que “em todo país que se despovoava o Estado tende para a ruína; e o país que mais se povoa, ainda que o mais pobre, é infalivelmente o mais bem governado.” Sendo a China exceção a essa regra, ainda segundo ele.⁶¹⁴

Tal como Rousseau na França, Clodoaldo Freitas possuía um projeto de sociedade pautado na civilização e no progresso para a construção de sua Nação. Nesse projeto, as mulheres possuíam um importante papel na construção da família burguesa e na educação dos filhos. Para difundir seu ideal de sociedade, utilizava-se da palavra escrita divulgada, sobretudo, na imprensa, construindo tanto sua prosa ficcional como suas crônicas a partir de reflexões sobre a realidade que enxergava, intentando compor um resumo da vida humana para educar os leitores e leitoras por meio de exemplos viciosos e virtuosos, trágicos e felizes.

O escritor Clodoaldo Freitas se apropria dos discursos filosóficos e médicos dos séculos XVIII e XIX para formular sua defesa da maternidade como principal função da mulher. A redefinição do papel da mulher vinculado à maternidade surge do movimento crescente no final do século XVIII e início do século XIX para incitar às mães a cuidarem de seus rebentos, tendo em vista a formação de um povo forte e saudável, pronto a formar uma grande nação civilizada, aos moldes dos Estados modernos. “A maternidade informada por princípios racionais e científicos tornou-se basilar ao desenvolvimento nacional.”⁶¹⁵

Embora a maternidade seja enlevada como o sentimento mais sublime e imperioso da mulher, em sua ficção, Clodoaldo representa, também, as práticas que as distanciam do ideal preconizado de mãe. As mães que não se configuram como boas esposas desviam-se, sobretudo, dos esperados cuidados, carinhos e dedicação com os filhos. Já as mães que são representadas como boas esposas ou as que não possuem marido, por não serem casadas ou por serem viúvas, são representadas como mães dedicadas aos filhos, que se preocupam com a preservação física e moral de sua prole.

Para a formação de mulheres saudáveis e futuras mães de família, percebia-se a necessidade de uma educação moral, intelectual e física para as moças oriundas das classes médias e altas. Acentuada nas últimas décadas do século XIX e início do século XX, como em São Luís, por meio dos colégios femininos voltados para esse tipo de educação e também na literatura, a exemplo de *O Mulato* (1881), do maranhense Aluísio Azevedo, que criticava o costume de manterem as mulheres reclusas nos sobrados, sem a preocupação na formação das

⁶¹⁴ ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Emílio ou da educação*. 3. ed. São Paulo; Rio de Janeiro: DIFEL, 1979, p. 408.

⁶¹⁵ CARDOSO, Elizangela Barbosa. *Identidades de gênero, amor e casamento em Teresina: 1920-1960*. 2010. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010, p. 394.

futuras mães e educadoras da nova geração que, segundo os princípios positivistas em voga, deveriam ter uma educação moral, intelectual e física desvinculadas do fanatismo religioso.⁶¹⁶

Segundo Clodoaldo Freitas, a mãe tem como função ser a primeira educadora dos filhos bem como a única a amamentar, pois nada equivale ao amor materno, e a educação infantil feita por estranhos afasta a criança da família e a torna hipócrita. Para ele, a educação na primeira infância é um dos mais suaves encargos da maternidade.⁶¹⁷ As obrigações das mães com o cuidado e educação dos filhos cresciam em importância e conferiam poder às mulheres diante da valorização da infância pelos governos e pela ciência, que via essa fase da vida como fundamental para o desenvolvimento do Estado.⁶¹⁸

Em *A predestinação* (1896), a mãe de Ernestina tem um papel, implícito na narrativa, de cuidar para que sua filha tenha uma esmerada educação e para que a mantenha afastada das movimentações da cidade. Em *Memórias de um velho* (1905-1906), a mãe do protagonista Milo é representada como uma mulher solícita, carinhosa, empenhada nos cuidados com os filhos e religiosa. A proximidade do momento no qual teria que se distanciar de Milo, então com 14 anos de idade, pois ele iria estudar longe, no Seminário das Mercês, provoca em sua mãe, tanto quanto nele, sentimentos dolorosos, como narra o jovem rapaz:

À noite, quando fui me deitar, contra meus hábitos, custei a conciliar o sono. A ideias de abandonar os meus e ir para tão longe, viver entre estranhos, me agoniava. Minha mãe, solícita e carinhosa, me alentava, procurando, num triste sorriso, abafar as lágrimas, que lhe borbulhavam os olhos. Eu via, com crescente ansiedade, se fazerem os aprestos da minha viagem, que tinha de ser por terra, a cavalo, numa longa travessia de cerca de cem léguas.⁶¹⁹

A família de Milo se caracterizava como uma família moderna, marcada pela ternura e intimidade que unem os pais aos filhos.⁶²⁰ A família moderna, tal como foi preconizada em *Emílio*,⁶²¹ se edifica no amor materno,⁶²² expressado pela dor da mãe diante da aproximação da partida do filho. Esta representação de família e, sobretudo, da mãe como uma figura carinhosa, próxima e preocupada com o filho aponta para uma novidade advinda com a configuração da

⁶¹⁶ ABRANTES, Elizabeth Sousa. “O dote é a moça educada”: mulher, dote e instrução em São Luís na Primeira República. 2010. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010, p. 70.

⁶¹⁷ FREITAS, Clodoaldo. Aos domingos. *Escritos de Clodoaldo Freitas*, Belém, v. 1, p. 173-175, 7 set. 1904.

⁶¹⁸ BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, p. 154.

⁶¹⁹ FREITAS, Clodoaldo. *Memórias de um velho*. Imperatriz: Ética, 2008, p. 9.

⁶²⁰ BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, p. 53.

⁶²¹ Referência ao livro de Rousseau publicado em 1762, do qual o protagonista de *Memórias de um velho* toma emprestado o nome.

⁶²² BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, p. 54.

família moderna, construída em torno do amor, herdada de uma cultura burguesa oriunda das regiões centrais do capitalismo em consolidação que expandia sua influência pelo mundo. Nessa configuração familiar as mulheres desempenham um papel deveras importante, que é o de cuidarem dos filhos por meio da maternidade extremosa. E essa íntima ligação entre os membros da casa, mais particularmente entre Milo e sua mãe, apontam para mudanças no modelo de família percebidos pelo autor.

A família moderna durante muito tempo se limitou aos nobres, aos burgueses, aos artesãos e aos lavradores ricos. Ainda no início do século XIX, uma grande parte da população, a mais pobre e a mais numerosa, vivia como as famílias medievais, com as crianças afastadas da casa dos pais. O sentimento da casa, do *chez soi*, do *home*, não existia para eles. O sentimento da casa é uma outra face do sentimento da família. A partir do século XVIII, e até nossos dias, o sentimento da família modificou-se muito pouco. Ele permaneceu o mesmo que observamos nas burguesias rurais ou urbanas do século XVIII. Por outro lado, ele se estendeu cada vez mais a outras camadas sociais.⁶²³

A forte ligação entre mãe e filho é acentuada também quando, anos depois da partida de Milo ao Seminário, a mãe de Milo, já muito doente, envia uma carta pedindo que ele vá visitá-la. E é o momento que Milo deixa tudo, inclusive a sua amada e futura esposa Santinha, para seguir em direção à mãe que agonizava em febre. Esse cultivo da maternidade aparece pela primeira vez na literatura brasileira em 1848, no romance *Os dois amores* de Joaquim Manoel de Macedo. O amor materno e a falta que a verdadeira mãe faz ao filho é inserida na narrativa, mas a felicidade da mulher, nesse romance, gira em torno do casamento por amor e não da maternidade. A doce família burguesa, calma e equilibrada, vai aparecer com mais ênfase na literatura brasileira na década de 1880,⁶²⁴ em Machado de Assis. Mas somente em sua segunda fase (1880-1908)⁶²⁵ que a santificação da mulher como mãe ganha destaque na literatura brasileira, já no início do século XX. Em *Esau e Jacó* (1904) a domesticidade feminina, os deveres de esposa e mãe, sua fragilidade e fortaleza são sublinhados.⁶²⁶ É nesse mesmo período que Clodoaldo Freitas passa a representar as mulheres na família burguesa. E, ao passo que a família se restringia à esposa, marido e filhos no espaço privado do lar, as novas formas de convivência nos salões, bailes, teatros, cinemas e praças atraíam-nas para fora do “protegido” ambiente doméstico.

⁶²³ ARIÉS, Philippe. História social da criança e da família. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986, p. 271.

⁶²⁴ LEITE, Mirian; MASSAINI, Márcia. Representações do amor e da família. In: D'INCAO, Maria (org.). *Amor e família no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1989. p. 72-87, p. 75.

⁶²⁵ LEITE, Mirian; MASSAINI, Márcia. Representações do amor e da família. In: D'INCAO, Maria (org.). *Amor e família no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1989. p. 72-87, p. 74.

⁶²⁶ D'INCAO, Maria. O amor romântico e a família burguesa D'INCAO, Maria (org.). *Amor e família no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1989. p. 57-71, p. 66-67.

Em *Memórias de um velho* (1905-1906), a mãe de Santinha, D. Rosa Sobreira, era uma viúva rica, devotada à filha. Cuidava de sua educação, regulava seus modos e ainda deveria ter a responsabilidade de escolher o noivo de sua filha. Contudo, não a vigiava constantemente, o que insinuava para uma mudança quanto à escolha marital partir não mais apenas dos pais e das conveniências sociais, mas também nos interesses individuais e amorosos das filhas, como é representada no diálogo entre D. Rosa e Santinha, quando a moça conta para sua mãe a pretensão de casar-se com Milo.

Mamãe me perguntou: “Pois, então, a senhora, nesta idade, já trata de casamento e faz a sua escolha sem me consultar? Sim, senhora! Era só o que me faltava!” “Ora, mamãe, disse corando e quase chorando, “Que eu podia fazer? Quando dei por mim, já estava apaixonada. Se você conhecesse o Emílio, havia de ficar-lhe querendo bem. Era o que me faltava”, disse mamãe rindo-se. E como eu começasse a chorar, ela me disse que te levasse, que desejava te conhecer. “Mamãe, ainda não o conhece?”, perguntei. “Não, nunca o vi”, disse ela. “Pois não se lembra de um rapaz bonito, de bigodinho, alvo, cabelos pretos, olhos castanhos muitos lindos, que todas as tardes passa por aqui e nos tira o chapéu? É Emílio.” “Eu sei lá”, disse mamãe. “Pois há de ver, É muito bonito, muito inteligente, muito...”⁶²⁷

Após os sete (07) anos passados à espera de Milo, Santinha morre nos braços de seu amado, descarnada pelo suplício do longo aguardo, e, D. Rosa, a devotada mãe, sofria diante do infortúnio que se abatia sobre sua vida, agora no isolamento sem sua querida filha. Inconsolável, anos depois, D. Rosa ressurgue na vida do protagonista – onde a narrativa é centrada – como uma mendiga, entregue ao vício da embriaguez. Mesmo considerada por Milo, agora na abastança, como sua segunda mãe, D. Rosa, após um breve restabelecimento, mas ainda melancólica e absorta em seus próprios pensamentos suicida-se atirando-se ao mar. A perda da filha tirou-lhe o sentido da existência. A maternidade era o que lhe restava, apartada dessa função, nada mais restava à D. Rosa se não a morte.

Guilhermina, a primeira esposa de Milo no romance *Memórias de um velho* (1905-1906), teve com ele dois filhos, uma menina e um menino, como novos elos que estreitavam o feliz casamento dos dois. Com as brigas que o casal passou a ter, culmina-se, então, a separação de corpos, na qual Milo fica com seus dois filhos. A preocupação que se apresenta a Milo diz respeito à privação que seus filhos tinham dos carinhos de uma extremosa mãe com o abandono de Guilhermina. Passado um tempo, Guilhermina pede perdão a Milo e por amor a seus filhos, pede que eles voltem. Porém, Milo vingava-se rejeitando Guilhermina, que ainda era, legalmente, sua esposa.

⁶²⁷ FREITAS, Clodoaldo. *Memórias de um velho*. Imperatriz, MA: Ética, 2008, p. 13.

Guilhermina enlouquece e mata seus filhos que estavam na casa paterna. Ao regressar à casa, vendo os filhos mortos, Milo, desesperado, acaba por matar a esposa que o abandonara e que tirara a vida de seus amados filhos. O homicídio não tem consequências judiciais para Milo. O luto toma seus dias, mas a sua liberdade é mantida. O enredo restabelece a autoridade marital. Imposta da forma mais brutal.

No conto *Celuta*, publicado no jornal *Diário do Maranhão*, em São Luís no ano de 1907, sob o pseudônimo W. Einardht, Clodoaldo apresenta as agruras do maculado amor de um homem por uma mulher devido à crise nervosa que ela manifestava por causa da gravidez, que a levava a odiar o seu, até então, amado Dr. Ananias. Com as crises nervosas, Celuta torna-se grosseira, injusta e ciumenta com Ananias, chegando a mandá-lo embora, acabando com o idílio que juntos deleitavam. Ela era uma mulher desejosa por ser mãe e viver a maternidade dedicada e amorosa, porém, fora abandonada por causa do afã causado pela crise gerada pelo estado de gravidez que se encontrava. Fragilizada, Celuta tenta suicídio tomando arsênio, para morrer junto com o bebê. Entretanto, por ser mais frágil, apenas o bebê morre.⁶²⁸

Após a descoberta da morte de seu filho, provocada por Celuta na tentativa de suicídio ao ver-se sem o seu amado e sem um pai para o seu filho, Dr. Ananias passa a entender que o ódio que sua amada por ele sentia era provocado por um fenômeno nervoso provocado pela gravidez, explicado pelo médico Dr. Carvalho nos seguintes termos:

É um fato cientificamente averiguado. A prenhez oferece os casos mais interessantes de caprichos e de volubilidades. O que se chama desejos é um fenômeno inexplicável, dependente unicamente das idiosincrasias da doente. A mulher, nesse período de crise, pode, não só odiar o marido, que até então amava e voltará a amar passada a tormenta, como cometer os atos mais característicos da loucura. O fato, pois, que me perguntas, é real e até muito comum, com mais ou menos intensidade.⁶²⁹

Embora saiba da crise nervosa que possui com a gravidez, Celuta sonha em ser mãe, como meio para a realização segura de seus infinitos sentimentos pelo Dr. Ananias. O sentimento de amor materno passa a ser maior que os tormentos que passa quando carrega consigo o bebê que tanto almeja. Clodoaldo apresenta uma liberdade sexual para o jovem casal apaixonado, Celuta com 18 anos, Dr. Ananias com 25 anos, que não há aparente repreensão social que o amor não sobrepuje, ainda que seu enlace não seja selado pelo matrimônio.

⁶²⁸ FREITAS, Clodoaldo. *Celuta*. In: FREITAS, Clodoaldo. *Os Burgos e outros contos*. Imperatriz: Ética, 2010a. p. 19-35, p. 24-26.

⁶²⁹ FREITAS, Clodoaldo. *Celuta*. In: FREITAS, Clodoaldo. *Os Burgos e outros contos*. Imperatriz: Ética, 2010a. p. 19-35, p. 25.

Nesse conto há a presença, por meio das falas dos personagens, de explicações científicas, vigentes no período, para os comportamentos de Celuta. Por meio desse texto ficcional, Clodoaldo Freitas insere por meio da representação da mulher a reflexão sobre o papel da ciência na formação de uma sociedade suavizada, marcada pela delicadeza e racionalidade no comportamento dos indivíduos. Pretendendo disciplinar o comportamento feminino por meio da domesticação do amor, direcionando o tom elogioso para a expressão do amor maternal em oposição ao amor sensual.⁶³⁰ Essa inserção dos preceitos científicos na literatura é muito comum na escrita dos literatos bacharéis, que buscam inserir na sociedade as formulações científicas que ficariam restritas a pequenos círculos acadêmicos.⁶³¹

Em *O divórcio* (1907), Quinoca, esposa do Dr. Evaristo, contrariava a filha em todos os seus gostos e desejos, maltratava a mocinha para ofender o marido que por ela cultivava um grande amor paterno.⁶³² Devido ao seu fanatismo religioso, Quinoca se afastava do ideal de mãe, direcionada para a educação da filha, que deveria estar pautada nos preceitos científicos do progresso.

Em *Coisas da vida* (1908-1909) vê-se a atuação da mãe voltada para a garantia da reputação social e felicidade da filha, como o exemplo da D. Adelaide, mãe de Rosina, a primeira esposa de Plínio. Tendo o poder de negar ou aprovar a escolha marital da filha ou de seu pretendente, D. Adelaide se impõe diante das explicações dadas por Plínio para sua hesitação em receber a mão de Rosina que fora ofertada pelo pai da moça.

- (...) Minha filha lhe quer muito bem; o senhor a tem namorado, anda com ela por toda a parte, até na sua pensão e não sei o que há por aí. Não admito estas coisas em minha casa. O senhor casa mesmo com Rosina e é já. – A senhora não atende a estas justíssimas ponderações? – Não, só atendo para a reputação e para a felicidade de minha filha. – Mas a senhora não tem motivos para falar-me desta maneira. – Tenho e poderosos.

Plínio não tem saída diante da imposição de D. Adelaide, que, visando o interesse da filha, pressiona o quintanista para proteger os interesses da filha, sua honra e felicidade. O poder⁶³³ de D. Adelaide, como mãe e protetora da filha, é também expresso pelo controle que

⁶³⁰ ABRANTES, Elizabeth Sousa. “*O dote é a moça educada*”: mulher, dote e instrução em São Luís na Primeira República. 2010. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010, p. 65.

⁶³¹ AVELINO, Jarbas. *As escritas dos bacharéis: A ciência e o direito como mediadores para a construção de uma sociedade republicana*. 2010. Dissertação (Mestrado em História) - Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2010, p. 15.

⁶³² FREITAS, Clodoaldo. O divórcio. In: FREITAS, Clodoaldo. *Os Burgos e outros contos*. Imperatriz: Ética, 2010a. p. 37-47, p. 38.

⁶³³ CARDOSO, Elizangela Barbosa. *Identidades de gênero, amor e casamento em Teresina: 1920-1960*. 2010. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010, p. 396.

passa a exercer sobre o genro. Como ainda era um pobre estudante de direito, prestes a se formar, não possuía recursos financeiros para manter sua esposa Rosina, passa, então, a morar com Rosina, sua esposa, e D. Adelaide, sendo sustentado e vigiado por esta.

Tendo em vista a proteção da filha, D. Adelaide e Rosina brigavam por causa de Plínio. D. Adelaide justificava o controle que exercia sobre os horários de saída de Plínio para estabelecer o regime doméstico e evitar problemas futuros no casamento. Buscava fazer de tudo para que sua filha recebesse todo o carinho e ternura que merece de seu marido, por isso controlava seus passos.

Em *O dedo de Deus* (1909), Eleutéria dedica a vida às filhas. Nesse conto Clodoaldo Freitas apresenta a história de Eleutéria, mulher pobre, viúva, com duas filhas bem-criadas, boas moças, e sua infelicidade ao ser enganada pelo Sepúlveda, homem casado e pertencente a uma família poderosa da região. Esse raptara sua filha mais velha, Filoca, levando a moça à desonra e atirada à prostituição. A jovem morre, mesmo com todos os cuidados da mãe. Eleutéria passa a ver a vingança pela desonra e morte de sua filha na desonra de uma das filhas do Sepúlveda. Quando o sonho de vingança de Eleutéria se materializa na desonra de Laurinha, filha de Sepúlveda, esta mãe, após se regozijar com tamanha justiça divina, morre com um sorriso no rosto.

A proteção da honra das filhas era uma das obrigações das mães, sobretudo das que não possuíam um marido para compor essa vigilância e proteção. O ideal de mulher no final do século XIX pautava-se na incorporação feminina do casamento e da maternidade. Para tanto, era preciso que as mulheres fossem ensinadas a escolherem seus futuros maridos e educadas para exercerem as funções no lar, como esposas e mães, a partir das novas exigências da sociedade moderna, podendo acompanhar o homem na trilha da civilização.⁶³⁴

A construção do gênero na literatura ficcional de Clodoaldo Freitas fazia parte de um grande esforço realizado por meio da escrita, sobretudo veiculada na imprensa, que, a partir da década de 1870 no Brasil,⁶³⁵ visava a implementação de um projeto masculino da mulher-mãe, que representava o modelo feminino ideal para a formação da família burguesa com seu sólido ambiente familiar, lar acolhedor, filhos educados e esposa dedicada ao marido, às crianças e desobrigada de qualquer trabalho produtivo.⁶³⁶

⁶³⁴ RECREIO das moças. *Recreio das Moças*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 1. 1 out. 1877.

⁶³⁵ ABRANTES, Elizabeth Sousa. “O dote é a moça educada”: mulher, dote e instrução em São Luís na Primeira República. 2010. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010, p. 71.

⁶³⁶ D’INCAO, Maria. Mulher e família burguesa. In: PRIORE, Mary Del (org.). *História das mulheres no Brasil*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2013. p. 223-240, p. 223.

Em Clodoaldo, há, portanto, uma continuidade da valorização da mulher mãe, que remonta a séculos, mas agora reconfigurada nos moldes da família burguesa, onde a maternidade não se conclui no momento do parto, mas segue todo um processo de cuidado com os filhos.

3.9 As beatas

A crítica anticlerical a partir da figura da mulher que apresenta em si traços de religiosidade foram frequentes na literatura brasileira. As mulheres religiosas, sejam freiras ou beatas, desde os versos satíricos de Gregório de Matos, no século XVII, até a literatura oitocentista, foram largamente representadas como recalcadas, hipócritas, solteironas e fofoqueiras.⁶³⁷

Na literatura oitocentista, as figuras femininas são comumente representadas como seres ingênuos, que são facilmente capturadas pelos desígnios perversos da igreja, instituição coordenada exclusivamente por homens, os quais afastam as mulheres do lar, distanciando-as do casamento e de seu [possível futuro] marido. Ou seja, a Igreja era a responsável por distanciar as mulheres de suas atividades consideradas naturais, a saber, as funções de esposa comprometida, mãe devota e senhora do lar.⁶³⁸ A beata é definida como a mulher obcecada pelas coisas religiosas, cheia de zelo e inquietação espiritual⁶³⁹, distanciando-se de seu sentido original do latim, *beatus*, que significa bem-aventurada, feliz.⁶⁴⁰

Comumente ocupando um espaço marginal nos enredos⁶⁴¹, a beata na literatura de Clodoaldo Freitas ganha destaque devido à necessidade que se impunha sobre o autor de prescrever comportamentos às mulheres diante da religião, tomando para si a missão de conduzir a sociedade a um estado de ordem a partir de uma lógica positivista. Envolvendo-se em diversas contendas com clérigos católicos apresentadas nas páginas dos jornais,⁶⁴² como foi as contendas com o padre de Valença na década de 1880, ou em sua militância anticlerical por

⁶³⁷ SANTOS, Cristian. *Padres, beatas e devotos*. Figuras do anticlericalismo na literatura naturalista brasileira. 2010. Tese (Doutorado em Literatura) - Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2010, p. 15; 17; 19; 144.

⁶³⁸ SANTOS, Cristian. *Padres, beatas e devotos*. Figuras do anticlericalismo na literatura naturalista brasileira. 2010. Tese (Doutorado em Literatura) - Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2010, p. 134.

⁶³⁹ HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa*. Elaborado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de. Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

⁶⁴⁰ SANTOS, Cristian. *Padres, beatas e devotos*. Figuras do anticlericalismo na literatura naturalista brasileira. 2010. Tese (Doutorado em Literatura) - Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2010, p. 134.

⁶⁴¹ SANTOS, Cristian. *Padres, beatas e devotos*. Figuras do anticlericalismo na literatura naturalista brasileira. 2010. Tese (Doutorado em Literatura) - Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2010, p. 134.

⁶⁴² RESPOSTA ao revd' Acyllino Baptista Portella Ferreira. *A Imprensa*. Teresina, ano 18, n. 759, 6 jan. 1883.

meio do jornal *O Reator*, que recebia, com ataques, o Bispo do Maranhão em visita pastoral,⁶⁴³ o livre pensador não se ateve apenas aos embates diretos, compondo uma extensa obra ficcional permeada por figuras emblemáticas para a construção de sua propaganda anticlerical, investindo nas mulheres grande parte de seus argumentos.

Em seus contos e novelas, Clodoaldo Freitas exercita parte de sua crítica anticlerical na figura da beata. Ao representar essas figuras apresenta o debate religioso e põe em evidência, a partir de seu olhar anticlerical, o traço religioso da sociedade nas mulheres, compondo, também, prescrições de comportamentos ideais para elas, que são, segundo o autor, mais propensas às credices e fanatismos religiosos do que os homens. Ao longo de diálogos encenados entre as jovens figuras bacharelescas masculinas, arautos da modernidade e do progresso, como Carlos de *Por um sorriso*⁶⁴⁴, e as moças casadouras, como Teresa desta mesma novela, o escritor tece argumentos em prol de uma sociedade liberta dos desígnios religiosos ao mesmo tempo em que delineia modelos ideais de homens, mulheres e seus enlances.

No conto *A predestinação* (1896), uma das jovens solteiras da narrativa, Dondom, é referenciada pela hipocrisia da sua beatice, que seus “castos me deixes”⁶⁴⁵ não poderiam ser entregues à lascívia do vigário. Compondo já um ensaio de crítica anticlerical em sua ficção, apontando para o descumprimento do celibato religioso dos padres juntamente com a falsa castidade da beata Dondom.

No romance *Memórias de um velho* (1905-1906), Clodoaldo Freitas, por meio do narrador personagem Milo, compõe, talvez, sua mais detalhada crítica anticlerical em sua literatura ficcional, representando comportamentos de um clérigo e de algumas beatas, que são prejudicadas pelos padres e têm suas famílias também maculadas, interpretando esses acontecimentos a partir de seu anticlericalismo.

Após deixar Josefina, Milo segue pela mata. Perdido, encontra uma região habitada, e quando chega para pedir abrigo encontra-se em uma cena de abuso, em que um frade tentava atacar uma moça que desesperadamente tentava sair. Usando de seu poder de representando de Deus, tentava de todos os modos que a moça se entregasse para ele. Com a negativa da moça, o frade salta sobre ela e é impedido por Milo de atacar a fraca moça. Conseguindo escapar, o frade fere Milo no escuro, pouco depois de sair do recinto onde jazia a moça desmaiada e nua, mas também consegue ferir o padre, que é crido e protegido por todos da região.

⁶⁴³ CUNHA, Higino. Clodoaldo Freitas: sua vida e sua obra. *Revista da Academia Piauiense de Letras*, Teresina, ano 7, p. 28-57, dez. 1924, p. 36.

⁶⁴⁴ FREITAS, Clodoaldo. *Por um sorriso*. Imperatriz, MA: Ética, 2009.

⁶⁴⁵ FREITAS, Clodoaldo. *A predestinação*. In: FREITAS, Clodoaldo. *Um segredo de família e outros contos*. Imperatriz: Ética, 2009. p. 7-15, p. 9.

O destino da moça que fora salva do ataque do frade era Margarida, seu destino na narrativa já é conhecido. A sua vida seguiria o caminho da decadência moral na narrativa. Não serviria como amásia, nem como esposa. Adulterando, findaria morta por seu marido em flagrante delito cometido por ela. Em Margarida há um forte peso do determinismo naturalista, onde os eventos a ela relacionados tinham um enorme peso na formação de seu caráter e de suas ações

Guilhermina, como esposa de Milo, passou a ter discussões com o marido e relação aos frades, não permitindo que ele falasse deles, o que avolumou o infortúnio em seu casamento quando ele entrou para a maçonaria e ela queria confessar-se. Desrespeitando a ordem marital de não se confessar, Guilhermina é representada na narrativa de Milo como a responsável pelas desgraças no seu casamento.

-Tu queres me privar de cumprir os preceitos da igreja. – Te enganas. Nunca pensei em tal. Desejo apenas, peço e não imponho, que te não confesses. – É o único caminho do céu. – Dirias melhor da predição. – Prefiro perder-me com Deus a salvar-me contra Deus. – Mal comesas, filha, Já que as coisas vão chegando a este ponto e, para cortar males maiores, desgraças irreparáveis, te proíbo que continues no Coração de Jesus. – Até lá não chega o teu poder. – Chega. – Veremos. – Veremos. Não continuarás como minha mulher em tão indecente associação. – Ora se continuo. – Já te disse a minha última palavra. Agora procede como entenderes. Nada mais tenho a acrescentar. Guilhermina se pôs a chorar. Era a primeira vez que lhe impunha a minha autoridade. Nuvens negras se acumulavam no nosso horizonte. O raio maldito não estava longe de explodir sobre as nossas cabeças. Minha sogra entrou. Era uma velha muito magra, muito alta, ruiva, desdentada, uma verdadeira megera. Encontrou a filha chorando e soube da causa. Interpelou-me. Confessei-lhe francamente tudo. – Mas isto é um horror, compadre. Pois sua mulher é escrava do seu ateísmo? – Chama a senhora ateísmo bradar contra as imoralidades de uma prática torpe, que medra sob o rótulo religioso? – Seu procedimento é mais torpe. – Em minha casa, minha comadre, e em ponto de honra, de dignidade conjugal, eu quero ser unicamente o juiz, como em dados casos, serei unicamente a vítima.⁶⁴⁶

Apesar de não ter sido a única vítima, nem a mais mortal, como o foi Guilhermina, a alegada autoridade marital ferida é posta na narrativa como a causadora das agruras vividas por Milo e Guilhermina. A descrição do corpo da mãe de Guilhermina, outra beata, que não possui nome na narrativa, é apresentada a partir da negação do corpo saudável, distanciada do modelo idealizado de mulher do início do século XX, o qual era marcado pelo olhar da ciência moderna sobre o corpo.⁶⁴⁷

⁶⁴⁶ FREITAS, Clodoaldo. *Memórias de um velho*. Imperatriz: Ética, 2008, p. 72-73.

⁶⁴⁷ SANTOS, Cristian. *Padres, beatas e devotos*. Figuras do anticlericalismo na literatura naturalista brasileira. 2010. Tese (Doutorado em Literatura) - Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2010, p. 151.

Milo evocava que os padres queriam o dinheiro dos homens e a honra das mulheres. E como marido de Guilhermina, deveria proteger a honra de sua esposa que representava a sua própria honra e de sua família. A confissão significava para Milo a prostituição da mulher. Todavia, Guilhermina fora fiel defensora dos padres. Chegando a abandonar os filhos para viver sua vida ligada às atividades da Igreja.

Pouco mais de um ano separados, Guilhermina enviou uma carta a Milo pedindo-lhe o perdão, porque percebera que fora enganada, fanatizada pela mãe, que a aconselhara a proceder contra ele. Vingando-se da desobediência de Guilhermina, Milo não a perdoa. Guilhermina, então, tem um destino funesto. Sozinha no mundo, sem os pais, rejeitada pelo marido, pobre, entregue ao vício do álcool, enlouquece. Mata os filhos e é morta pelo marido.

Clodoaldo Freitas, por meio da história narrada por Milo, representa os desgraçados destinos que o fanatismo religioso e a desobediência da esposa provocam para a família e para a mulher. Prescrevendo comportamentos ideais a partir de antimodelos. No ano seguinte, publica um conto que traz o mesmo embate entre o marido maçom e a esposa beata.

No conto *O divórcio* de Clodoaldo Freitas, publicado no jornal maranhense *Pacotilha* em 1907, sob o pseudônimo de W. Einardht,⁶⁴⁸ no auge das desavenças entre igreja e maçonaria no Piauí, o personagem Evaristo, que era Conselheiro e maçom, faz uma reflexão sobre seu infeliz casamento após receber a notícia do falecimento de sua esposa. Os motivos do insucesso matrimonial giram em torno da insubordinação e agressividade da, então falecida, Quinoca para com seu marido. Relatando os comportamentos dela a seu íntimo amigo Dr. Pedro Caldas, aponta a postura insubmissa e excessivamente religiosa de sua esposa.

Porque, é preciso que eu diga, a Quinoca todos os dias requintava em maldades, em seu ódio, na sua agressão meditada, furiosa, injusta, que me fazia a sua presença um suplício e a vida doméstica um verdadeiro inferno. Uma causa de sofrimento para mim foi inventada por Quinoca, que se aprazia, como disse, em apoiar tudo quanto me podia desgostar. Agora já não queria somente me desgostar, procurava ofender-me, atacar-me de frente, ferindo-me nas minhas mais caras convicções, nos meus mais íntimos afetos. A Quinoca declarou-se beata. Se eu falava no nome de qualquer padre, mesmo sem ofensa, ela caía sobre mim com uma fúria e me cobria de baixos doestos, de descomposturas em que eram envolvidos meus pais, já falecidos, e a minha honra pessoal. Se eu saía para alguma sessão maçônica, era o mesmo tormento, o mesmo desespero da Quinoca, insultando-me, dizendo que todo maçom era perverso, infame, ateu, libidinoso, e não sei o que mais. Gritava, praguejava, chorava, ameaçava tomar veneno para se ver livre de um debochado como eu, que era maçom e escrevia contra os padres! - Quinoca, que tens tu com esses padres? Que te importa que eu ou quem quer que seja os ataque? - Me importa muito, porque os padres são representantes de Deus na terra e atacar os padres é atacar a Deus. Importa muito porque quem não é

⁶⁴⁸ O DIVÓRCIO. *Pacotilha*. Maranhão, ano 27, n. 211, 5 set. 1907.

pelos padres é contra a religião e quem é contra a religião é um perdido, não tem moral, é maçom, um bandido. - Mas este teu ardor em defenderes a esses padres torna-se escandaloso. - Queres dizer que eu namoro com algum padre? - Não sei e não quero saber, mas é preciso que acabes com isto, porque já não posso tolerar que, em minha casa, me veja coacto a externar-me porque tu, uma mulher sem critério, te pões em oposição a todos os meus pensamentos e desejos. Que há de comum entre tu e os padres? - Há de comum que eles são os chefes da religião. - E que tens tu com isso? A primeira religião de uma honesta mãe de família são o marido, os filhos, a paz doméstica. Tu, uma esposa má, como queres ser uma boa devota? Tu és uma amaldiçoada de Deus porque procedes assim. - Eu procedo assim mal porque não me tenho confessado. - E nem te confessarás. - Isto lá, não. Eu vou me confessar agora pela Semana Santa. - Não te confessarás, a menos que deixes de ser minha mulher. A confissão é uma imoralidade e a mulher que se confessa é escrava do confessor. Tu, que sem te confessares, estás tão fanatizada, o que não serás dominada pela confissão? Não, não te confessarás porque não admito semelhante bandalheira. Desde a hora em que te confessares não serás mais minha mulher.⁶⁴⁹

As denominações ofensivas aos maçons indicam a forma como a pia sociedade via esses sujeitos críticos da cultura vigente, atalhada pelas explicações metafísicas, e de seu proponente, representado pelo clero católico. A definição do maçom como ateu revelava uma recorrente confusão que se fazia das várias posições anticlericais existentes⁶⁵⁰. Até a irrupção da Questão Religiosa, alguns padres eram maçons e grande parte dos maçons eram bons católicos.⁶⁵¹ O entendimento que se fazia sobre a crítica anticlerical dos maçons parecia ser, à época, formulado como uma postura contra a moral, como se fossem bandidos, escamoteando “conceitos como de igualdade, liberdade, fraternidade, ordem, harmonia, luz, [que] também foram veiculados através da Maçonaria, que alimentou muitas das utopias liberais do período, pelo menos no seu discurso público”⁶⁵² e a atuação da “maçonaria pregando a caridade, a justiça, [onde] a liberdade dirige-se ao gênero humano, fala a todos os homens, chamando-os todos à confraternização universal”⁶⁵³. A crítica anticlerical nos oitocentos surgiu, também, dentro do próprio clero, como uma crítica do baixo clero à determinadas posturas do alto clero.⁶⁵⁴

Diante dos questionamentos da virilidade do padre católico, os anticlericais do século XIX, nos quais Clodoaldo Freitas se insere, percebem os clérigos como hipersexualizados,

⁶⁴⁹ FREITAS, Clodoaldo. O divórcio. In: FREITAS, Clodoaldo. *Os Burgos e outros contos*. Imperatriz: Ética, 2010a. p. 37-47, p. 39-40.

⁶⁵⁰ SANTOS, Cristian. *Padres, beatas e devotos*. Figuras do anticlericalismo na literatura naturalista brasileira. 2010. Tese (Doutorado em Literatura) - Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2010, p. 53.

⁶⁵¹ MATTOSO, Kátia. *Bahia, século XIX*. Uma Província no Império. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1992, p. 321.

⁶⁵² QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República*. Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2011, p. 227.

⁶⁵³ FREITAS, Clodoaldo. A Maçonaria e seus fins. *Pará-Maçom*, Belém, ano 1, n. 2, 1904.

⁶⁵⁴ SANTOS, Cristian. *Padres, beatas e devotos*. Figuras do anticlericalismo na literatura naturalista brasileira. 2010. Tese (Doutorado em Literatura) - Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2010, p. 50.

censurando, assim, a confissão auricular. Compreendendo o homem a partir da ciência, a continência sexual pode trazer malefícios físicos e psicológicos aos homens, daí decorre a necessidade do padre de aliviar suas pulsões, e de onde surge a preocupação dos anticlericais com o controle da sexualidade de suas esposas e filhas.

O padre se torna a face obscura do homem burguês e o *alter ego* da prostituta, cuja face luminosa é a mulher casada. Os padres são “os homens de tolerância das mulheres do mundo” segundo o anônimo *Messe d’amour* (missa de amor) (1889), em que uma duquesa, abandonada por seu marido, entrega-se a um jovem e belo vigário no confessionário e em seguida no chão de uma capela, a fim de ser engravidada. O padre executa em sua penitência, antes de penetrá-la, um ataque de língua e um *cunilingus* que a fazem proferir obscenidades de prazer.⁶⁵⁵

A confissão auricular se torna uma arma da igreja contra os esposos e pais, na visão dos maçons, “interferindo no âmbito do próprio lar e na harmonia da família, a Igreja se colocando, pois, como um outro poder e como fator de desestabilização do pátrio poder doméstico.”⁶⁵⁶ Diante do possível adultério das esposas insubmissas, Clodoaldo Freitas defende o divórcio assim como alguns destacados juristas da escola positiva, que viam na possibilidade da dissolução do matrimônio a solução para o adultério e para a infelicidade conjugal.⁶⁵⁷

Em 1909, Clodoaldo Freitas publica, em folhetim no jornal *Diário do Maranhão* de São Luís, o conto *A beata*, sob o pseudônimo W. Einardht. A partir da intertextualidade com a obra *Amor de perdição* de Camilo Castelo Branco, Clodoaldo vai compor uma rede de diálogos entre os personagens da narrativa, que discutem sobre a escolha do casamento pelos próprios nubentes, em destaque para a questão da importância da escolha da filha em detrimento da indicação paterna para o enlace matrimonial, revestida por sua defesa dos ideais modernos de racionalidade e valorização das leis. Porém, ratifica a lei e a autoridade paterna, embora suavizadas e diminuídas em prol da figura do jovem marido como chefe da nova família e da felicidade conjugal no lar burguês construído pelo amor dos esposados.

Utilizando-se da figura do jovem bacharel e livre pensador do conto como seu alter ego, dispondo de sua voz na narrativa, defende a livre escolha matrimonial e formula enérgica crítica

⁶⁵⁵ AIRIAU, Paul. A virilidade do padre católico: certa ou problemática? In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (org.). *História da virilidade. O triunfo da virilidade. O século XIX*. v. 2. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. P. 302-320, p. 314-315.

⁶⁵⁶ QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República*. Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2011, p. 265.

⁶⁵⁷ AVELINO, Jarbas. *As escritas dos bacharéis: A ciência e o direito como mediadores para a construção de uma sociedade republicana*. 2010. Dissertação (Mestrado em História) - Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2010, p. 178.

anticlerical aos mosteiros. No diálogo entre o jovem bacharel Dr. Armando e o conservador Comendador Lemos, esse indaga

- Também nega ao pai o direito de enclausurar as filhas desobedientes na sua teimosia de amar a indivíduos indignos?
- Nego, em absoluto, semelhante direito, mesmo porque não admito a vida monacal.
- O senhor é também dos que acreditam que o convento é um antro de perdição?
- Decerto. O convento é um antro de perdição no sentido genuíno e *lato* da palavra. Aquela cena das freiras no convento de Vizeu, ébrias, maldizentes, hipócritas, manchadas de vícios próprios dos ímpares, tenho como um retrato fiel da vida real dos conventos. Dizem que nos homens há muitos desses vícios e dessa intrigas e traições. Olhe que só me refiro aos conventos de freiras, porque, aos de frade, não podia referir-me convenientemente perante senhoras.⁶⁵⁸

Diante da impossibilidade de conciliação entre o sentimento amoroso do liberal e anticlerical Armando e o sentimento religioso proveniente da educação conventual de Naninha, filha do desembargador, esta vê-se num violento conflito interno, assomando-se em desonestas conclusões. Temeroso que sua filha se dirija à vida conventual, o desembargador pede que o Dr. Armando se case com Naninha. Diante da possibilidade de a jovem beata ceder e casar-se com seu ímpio amado, esse argumenta que

- Será um casamento desgraçado, porque reinará sempre, entre nós, a desconfiança, o ódio religioso, o mais violento e brutal de todos. A mulher católica só é boa esposa quando o marido, condescendente, dá-lhe plena liberdade de ação na sua faina religiosa, às voltas com os padres. O marido que reage, está perdido. Seria uma grande desgraça, para mim e para Naninha, um casamento debaixo de semelhantes auspícios! Depois, esse pedido feito por Naninha da mão da Dorinha... Que hei de dizer para convencer o comendador de que não a autorizei a fazer semelhante pedido, obra sua, obra insensata de sua imaginação, que não estou longe de considerar aguçada pelo histerismo?⁶⁵⁹

Clodoaldo Freitas, por meio de uso narrativo da voz do jovem liberal, defende a harmonia doméstica possibilitada pelo consentimento do marido em relação aos interesses religiosos da mulher ou pela confirmação feminina da religião do marido ou de sua falta de religião. Apesar do possível consenso, é clara a relação que o autor faz entre a insensatez da imaginação de Naninha e sua ligação com a religião, figurada como responsável pelo histerismo na jovem beata.

⁶⁵⁸ FREITAS, Clodoaldo. A beata. In: FREITAS, Clodoaldo. *Os Burgos e outros contos*. Imperatriz: Ética, 2010a. p. 89-105. p. 90.

⁶⁵⁹ FREITAS, Clodoaldo. A beata. In: FREITAS, Clodoaldo. *Os Burgos e outros contos*. Imperatriz: Ética, 2010a. p. 89-105, p. 95.

Em *Por um sorriso*, novela publicada em folhetim no jornal *Correio do Piauí* na primavera de 1921, Clodoaldo apresenta o triângulo amoroso-conflituoso entre o protagonista Carlos, jovem advogado e, também, alter ego de Clodoaldo Freitas, sua amada Teresa e o belo e arrogante Alarico, inspirado no triângulo amoroso vivido por Lorde Byron⁶⁶⁰, Teresa (condessa Guicioli), e seu marido⁶⁶¹. A intertextualidade na novela é evidente. Enquanto estava tomada pelos fulgores de amor por Teresa, Carlos lia sobre os amores entre Byron e a condessa Guicioli, homônima da amada do jovem bacharel, e podia, naquele momento, entender todos os poetas e a felicidade de encontrar “na terra a alma bendita irmã da sua!”⁶⁶² E, assim como o amor de Byron por sua Teresa, o amor de Carlos não estava restrito apenas aos dois amantes.⁶⁶³ Alarico, o arquirrival do jovem protagonista, comporia o triângulo desta relação. Mas recairia sobre a ingênua Teresa todas as agruras desse lancinante triângulo amoroso.

O tom anticlerical da novela aparece na forma pedagógica como Carlos instrui Teresa quanto à relação que deveria ter com a religião. Apesar desta não ser representada como uma legítima beata, alguns comportamentos da jovem se distanciavam do ideal preconizado pelo autor e seu *alter ego*, abrindo espaço para a construção, *intra-literatura*, de um modelo ideal para as moças que se guiassem por sua leitura. Teresa usava bentinhos, comportamento que Carlos assinalava com “um ato de baixa superstição, que um homem, como [ele], não pratica nunca”⁶⁶⁴ e completava argumentando que ela deveria

evitar tudo quanto é superstição e fanatismo. Uma senhora que se preza não deve andar com esses bentinhos pendurados ao pescoço. Essas devoções da plebe ignara e pagã não são atos da religião. A religião é o ideal do amor pelo desprendimento da personalidade. Ser religioso é pospor seu eu à humanidade e ceder aos outros sua própria existência. Que significa essa tola exibição religiosa, que não é cristã e vem evidentemente do paganismo? Por meu gosto, Teresa, não andarias com esses bentinhos ao pescoço, ao menos por higiene. Quando Teresa voltou, já não trazia os tais bentinhos ao pescoço.

– Estás satisfeito? – Perguntou.

– Satisfeito por mim e, mais, por ti, minha boa amiga. Desejo que mantendas tuas crenças religiosas sem a mínima superstição, sem fanatismo. A superstição é indigna de uma pessoa educada cristãmente. Podes ser religiosa sem beatice, crente, sem fanatismo.⁶⁶⁵

⁶⁶⁰ George Gordon Byron ou, como ficou conhecido, Lord Byron foi um dos maiores poetas românticos do século XIX. Nascido em Londres em 1788, viveu e escreveu como um romântico, produzindo uma obra riquíssima e cheia de elementos autobiográficos. Sua literatura chega ao Brasil na obra de célebres escritores nacionais como Álvares de Azevedo.

⁶⁶¹ LORD GEORGE GORDON BYRON. Disponível em

<<http://www.letras.ufrj.br/veralima/romantismo/poetas/byron.html#bio>> Acesso em: 1 dez. 2017.

⁶⁶² FREITAS, Clodoaldo. *Por um sorriso*. Imperatriz, MA: Ética, 2009b, p. 15.

⁶⁶³ Embora a relação entre Byron, Teresa e seu marido fosse mútua e consensual, na novela de Clodoaldo não há relação amorosa entre Carlos e Alarico.

⁶⁶⁴ FREITAS, Clodoaldo. *Por um sorriso*. Imperatriz, MA: Ética, 2009b, p. 23.

⁶⁶⁵ FREITAS, Clodoaldo. *Por um sorriso*. Imperatriz, MA: Ética, 2009b, p. 23-24.

O arrefecido anticlericalismo do velho senhor Dr. Clodoaldo Freitas em 1921 já não é tão ferino como o foi nos tumultuosos tempos de contenda entre maçonaria e Igreja nos primeiros anos do século. Sem atacar o cristianismo, Clodoaldo Freitas critica os atos pagãos da sociedade em prol de um Cristianismo puro, associando esta religião à humildade, benevolência e temperança.

Clodoaldo Freitas, a partir de sua prosa ficcional, disputa com a Igreja Católica o poder de tutela sobre as mulheres. Aliando à sua constante crítica anticlerical a formatação de modelos ideais de homens e mulheres, de casamento e família, por meio das críticas a esses malsucedidos enlances, compondo reflexões sobre o amor e suas vicissitudes.

O século XIX foi marcado por acentuadas mudanças na sociedade brasileira que abalaram as organizações familiares e os modos de enlances matrimoniais das famílias de elite, que visavam a manutenção da classe social⁶⁶⁶ e a preservação de uma suposta pureza étnica. As novas formas de conceber o casamento, baseadas no ideal do amor romântico, passaram a criticar esses arranjos matrimoniais das elites, defendendo a livre escolha dos cônjuges e enfrentando as resistências dos setores mais conservadores da sociedade. No conto *A beata*, Clodoaldo Freitas põe em destaque estas mudanças que estão ocorrendo em relação ao olhar sobre o casamento, as críticas que introduz e as resistências que enfrentam, recheadas por sua crítica anticlerical.

A realização dos casamentos arranjados, visando vantagens financeiras, vigorou como principal forma de enlace matrimonial das famílias de elite, apesar das críticas que obtinha e da difusão da livre escolha marital como ideal de felicidade conjugal.⁶⁶⁷ N'A *beata*, Clodoaldo tenta instituir uma prática pelo discurso, militando em prol da liberdade da mulher e do homem escolherem seus futuros cônjuges e os orientando em relação aos possíveis percalços desta escolha. As novas relações sociais burguesas que se insurgiam sobre a velha sociedade escravista e as práticas econômicas capitalistas afetavam a formação das famílias e conseqüentemente o casamento. Gerando conflitos entre o velho e o novo, tão enfaticamente representadas nesse conto. A literatura voltada ao público feminino constituiu-se como local

⁶⁶⁶ ABRANTES, Elizabeth Sousa. "O dote é a moça educada": mulher, dote e instrução em São Luís na Primeira República. 2010. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010, p. 63.

⁶⁶⁷ ABRANTES, Elizabeth Sousa. "O dote é a moça educada": mulher, dote e instrução em São Luís na Primeira República. 2010. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010, p. 63.

privilegiado para os debates acerca das mudanças de costumes que esses literatos vivenciavam.⁶⁶⁸

3.10 As sáficas

Francisco José de Viveiros de Castro, que fora presidente da Província do Piauí de julho de 1887 a julho de 1888, tinha, segundo Clodoaldo Freitas, uma conduta imoral para um político, pois não apresentava a ponderação moral necessária para um chefe do governo. Posturas indecorosas, estas, que irradiavam para as suas condutas propriamente políticas. Assim o descreve quando apresenta o embate entre ele e Coelho de Rezende.

O presidente da província Francisco José Viveiros de Castro, rapazola imoral, de vida airada, corrompido até a medula pelas orgias, pela crápula a que se entregava corpo e alma, era um títere movido desapiadadamente por aqueles que, aqui, mais de perto, representavam as vistas compressoras do futuro republicano federal. O presidente, que não tinha vontade própria e passava as noites pelos batuques e saramboques com mulheres de má vida, prestou-se a tudo e tudo fez contra o dr. Coelho de Resende na luta que com este abriram os seus correligionários.⁶⁶⁹

A evidente e constante associação entre a conduta moral e a função política e social, tanto de homens quanto de mulheres, levava Clodoaldo a prescrever modelos ideais de posturas na vida privada e a censurar práticas desonrosas, como as elencadas acima. Se, por um lado, criticava a conduta moral e consequentes atos políticos de Viveiros de Castro, por outro lado, concordava com alguns pontos de seu estudo sobre as “aberrações do instinto sexual”, especificamente quanto às relações antinaturais entre mulheres apresentadas pelo político e professor de direito criminal em seu *Atentados ao pudor* de 1894⁶⁷⁰.

Em seu romance *Memórias de um velho*, publicado em formato de folhetim no Jornal *Pátria*, de Teresina, nos anos de 1905 e 1906⁶⁷¹, Clodoaldo relaciona a política brasileira e seus ideais de sociedade com os caminhos percorridos por seu protagonista, e também seu alter-ego, introduzindo prescrições e críticas morais e políticas à sociedade da época. Nesse romance, a personagem Guilhermina é apresentada inicialmente como uma mulher modesta, econômica,

⁶⁶⁸ ABRANTES, Elizabeth Sousa. “O dote é a moça educada”: mulher, dote e instrução em São Luís na Primeira República. 2010. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010, p. 64.

⁶⁶⁹ FREITAS, Clodoaldo. *Os fatores do coelhado*. Teresina: Tipografia do Democrata, 1892, p. 41.

⁶⁷⁰ CASTRO, Viveiros. *Atentados ao pudor: estudos sobre as aberrações do instinto sexual*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Freitas Bastos, 1934.

⁶⁷¹ QUEIROZ, Teresinha. Orelha do livro. In: FREITAS, Clodoaldo. *Memórias de um velho*. Imperatriz, MA: Ética, 2008.

simples e trabalhadora, “notável pela beleza e pela bondade”.⁶⁷² Ou seja, constituía-se como um modelo ideal de mulher para casar-se com o protagonista Milo.

Além de elencar traços da personalidade das personagens femininas em sua literatura, as descrições das características físicas femininas são constantes, tendo em vista a configuração dos atributos sedutores, que atraem o homem para a mulher. Em seu texto, o corpo sensualizado é predominantemente feminino e o corpo vigoroso é predominantemente masculino. Tanto que a aniquilação corporal de suas personagens ficcionais femininas são um dos artifícios de prescrição dos papéis ideais para as mulheres, ou melhor, de punição diante da má conduta feminina. Se não se enquadram nos modelos prescritos são, por vezes, mortas.

Seguindo com a descrição de Guilhermina, ela é retratada fisicamente como uma mulher morena de estatura média, esbelta, com cabelos pretos, dentadura esplêndida (referindo-se aos seus dentes naturais), um pouco cheia de corpo e de carnação divinal.⁶⁷³ A vida conjugal de Milo e Guilhermina era um mar de rosas. Com ela, Milo teve dois filhos. Contudo, à medida que o tempo passava, o protagonista foi notando que sua, então, esposa era geniosa e autoritária. Censurava-o na frente dos outros, não lhe agradava na mesa e tinha ciúmes exagerado. Segundo o narrador-protagonista Milo, ele passou a ter uma “vida doméstica repleta de sofrimentos e amarguras”.⁶⁷⁴

As justificativas apresentadas pelo autor, através da voz do narrador-personagem, para tal comportamento agressivo de Guilhermina para com o seu marido Milo estava no ódio que ela nutria por ele devido às discordâncias que tinham no lar. Guilhermina e Milo seguiam caminhos opostos. Ela era católica, ele maçom. Ele fazia “solicitações desonestas” a uma vizinha, ela se enciumava e não se calava diante de tal situação. Guilhermina mantinha uma amizade com sua prima Lilinha que “enviuvava”⁶⁷⁵ Milo, assim descrita:

A amizade de Guilhermina e de Lilinha tinha uma feição íntima, que todos os livros de medicina doméstica classificam. Viviam se beijando e se abraçando, só dormiam juntas, só se banhavam juntas e sozinhas, só andavam juntas, só comiam juntas, não se separavam um instante, dia e noite, num aconchego amoroso de lua de mel.⁶⁷⁶

Guilhermina retrucava as definições apresentadas por Milo para sua amizade com sua Lilinha atacando-o como imoral, que em tudo enxergava vício. E seguia afirmando que sua

⁶⁷² FREITAS, Clodoaldo. *Memórias de um velho*. Imperatriz, MA: Ética, 2008, p. 63.

⁶⁷³ Carnação divinal refere-se à extraordinária beleza de seu corpo. FREITAS, Clodoaldo. *Memórias de um velho*. Imperatriz, MA: Ética, 2008, p. 63.

⁶⁷⁴ FREITAS, Clodoaldo. *Memórias de um velho*. Imperatriz, MA: Ética, 2008, p. 65.

⁶⁷⁵ FREITAS, Clodoaldo. *Memórias de um velho*. Imperatriz, MA: Ética, 2008, p. 64-68.

⁶⁷⁶ FREITAS, Clodoaldo. *Memórias de um velho*. Imperatriz, MA: Ética, 2008, p. 65.

prima era uma moça boa e que a ajudava nos seus trabalhos de costura. As explicações apresentadas pelo narrador-personagem Milo sobre a relação entre Guilhermina e Lilha se aproximavam, em parte, das explicações de Viveiros de Castro para os amores “da mulher pela mulher”. Denominadas de tríbades, sáficas ou lésbicas⁶⁷⁷, segundo o professor de direito criminal, essas mulheres praticam amores antifísicos⁶⁷⁸ que podem ter como causa o desequilíbrio mental, uma inversão congênita ou o vício (segundo o que foi posto pelo psiquiatra austríaco Krafft-Ebing⁶⁷⁹), onde a fácil irritabilidade de uma mulher, em um estudo de caso apresentado, - semelhante à constante irritação de Guilhermina narrada por Milo - é relacionada à sua inclinação sexual por outra mulher.⁶⁸⁰

Clodoaldo, ainda por meio da voz do narrador-personagem, atribui o gênio, as alterações e irritações das mulheres ao útero, local onde se alojam os afetos femininos. E atribui os “desregramentos” de Guilhermina à uma desintegração moral e intelectual. Ou seja, à sua natureza. Para Clodoaldo ser mulher está intrinsecamente ligado à natureza, ao corpo, ao sexo. Mais especificamente, ao útero.⁶⁸¹

Eu tenho buscado, nos meus estudos, uma notícia exata sobre a mulher, e não a encontrei, nunca. A mulher é um ser impressionável por excelência, e, daí a sua singularidade e daí as incertezas do seu caráter. A natureza fê-la uma porção de carne sem nervos, e colocou, no centro do seu sistema, no útero, a caixa dos seus afetos, a mola dos seus sentimentos. O órgão central irrita-se e a irritação se propaga pelo organismo inteiro. E essa irritação, além da regularidade mensal, pode ser produzida por causas traumáticas, por alteração do regime cataminal, por tudo. Daí a versatilidade do gênio feminino. As alterações da mulher são sempre mórbidas. Ninguém pode tirar de uma, conclusões para outra. Cada mulher tem as suas idiossincrasias. Estas idiossincrasias cada dia tomam uma feição diferente. É por isto que o homem não conhece nunca a mulher com quem vive anos na maior intimidade. Por isto eu não conhecia, não podia conhecer Guilhermina. Os seus desregramentos eram a resultante de uma desintegração moral e intelectual. Era o mais natural.⁶⁸²

Guilhermina não era representada como uma mulher adúltera na narrativa porque o adultério consistia na quebra da fidelidade conjugal por meio de relações sexuais com pessoa de sexo oposto que não fosse seu cônjuge. Como Lilha não pertencia ao sexo masculino, a

⁶⁷⁷ CASTRO, Viveiros. *Atentados ao pudor*. Estudos sobre as aberrações do instinto sexual. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Freitas Bastos, 1934, p. 187.

⁶⁷⁸ CASTRO, Viveiros. *Atentados ao pudor*. Estudos sobre as aberrações do instinto sexual. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Freitas Bastos, 1934, p. 191.

⁶⁷⁹ KRAFFT-EBING, R. Von. *Psychopathia Sexualis*. London: Forgotten Books, 2012.

⁶⁸⁰ CASTRO, Viveiros. *Atentados ao pudor*. Estudos sobre as aberrações do instinto sexual. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Freitas Bastos, 1934, p. 195.

⁶⁸¹ FREITAS, Clodoaldo. *Memórias de um velho*. Imperatriz, MA: Ética, 2008, p. 69.

⁶⁸² FREITAS, Clodoaldo. *Memórias de um velho*. Imperatriz, MA: Ética, 2008, p. 69.

relação entre as duas enquadrava-se em práticas contra a moral provocadas por um desequilíbrio mental. A solução apresentada pelo protagonista-narrador para livrar-se do mau casamento era bater na esposa, matá-la ou abandoná-la. Mas já que não tinha “energia suficiente” para bater em sua esposa ou, antes, tinha “medo do escândalo” que provocaria tal violência,⁶⁸³ chega à conclusão que o melhor seria abandoná-la e, acrescenta, que “o casamento por amor é sempre infeliz. De mil, um é menos infeliz”. “Deste modo, a harmonia familiar desejada deveria ser construída, a partir de um relacionamento mediado pelo sentimento e pela razão, sendo necessário considerar também as qualidades morais dos cônjuges”.⁶⁸⁴

Não só na relação entre literatura e sociedade, mas as questões filosóficas também são entremeadas pela presença do privado, sobretudo em relação às mulheres, que ecoa nas reflexões filosóficas de Kierkegaard (o qual rompe seu noivado ostensivamente), de Schopenhauer (que se intriga com sua mãe após a morte de seu pai) e de Comte (que compõe o conjunto de seu sistema filosófico influenciado por sua relação com sua esposa, Clotilde de Vaux, e sua criada), os quais inserem em suas indagações filosóficas a relação entre os sexos.⁶⁸⁵ Assim como nestes filósofos, os elementos biográficos de Clodoaldo quanto às relações conflituosas com as mulheres afetam seu olhar e, conseqüentemente, sua construção estética da realidade via literatura. A quantidade de textos de Clodoaldo sobre o amor, o casamento, o divórcio, indicam a existência dessas experiências. Tornando-se ainda mais evidente esta conexão quando as reflexões literárias são construídas em torno de indivíduos que se enquadram no seu perfil ou no perfil de seus colegas e amigos.

Desrespeitando a autoridade marital, entregue aos padres, Guilhermina perde sua fortuna e se entrega ao vício da embriaguez. Enlouquecida, mata os dois filhos que tinha com Milo, o qual, no furor, ao encontra-los mortos, degolados, no colo de sua mãe, acaba por matá-la ao atirá-la ao chão, onde sua cabeça chega a bater em um ferro devido à violência do arremesso que sofre.⁶⁸⁶ No velório, a dor que Milo sente é a dor de um pai que perdeu os filhos. A morte de Guilhermina é, como uma tragédia, inevitável na literatura de Clodoaldo Freitas. Não há remorso, pois, a morte é o caminho certo para grande parte das mulheres que não se enquadram nas prescrições a elas impostas.

⁶⁸³ FREITAS, Clodoaldo. *Memórias de um velho*. Imperatriz, MA: Ética, 2008, p. 70.

⁶⁸⁴ COSTA, Mara. *A escrita e o desejo: as relações de gênero na produção literária de Clodoaldo Freitas*. 2010. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina, p. 82.

⁶⁸⁵ FRAISSE, Geneviève. Da destinação ao destino. História filosófica da diferença entre os sexos. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. *História das mulheres no Ocidente*. v. 4. Porto: Edições Afrontamento, 1998. p. 58-95, p. 68.

⁶⁸⁶ FREITAS, Clodoaldo. *Memórias de um velho*. Imperatriz, MA: Ética, 2008, p. 86.

O romance tem um marcante tom pedagógico, por meio do qual Clodoaldo une aspectos de suas experiências aos traços da ficção para materializar escriturísticamente suas lições sobre o amor, natureza humana, moral, política, agruras nas lutas perdidas e vencidas, e exalta a figura masculina que é o seu *alter ego*, prescrevendo modelos femininos e masculinos ideais e admoestando os comportamentos que considera inadequados.

3.11 As incestuosas

Em *As taras* (1912), Feitosa conta para o seu amigo de infância, Armênio, a sua trágica história. Depois que saiu do interno e voltou para casa, apaixonou-se por sua irmã Mimi. Sendo correspondido por ela, a relação incestuosa dos dois custou a vida dela, que morreu em decorrência de um aborto, fruto desta relação. Não bastando ter levado a vida de Mimi, a mãe deles, abalada pelo infortúnio familiar, também vem a falecer.

Neste conto, a relação incestuosa é uma relação viciosa, marcada pelas características negativas da representação de Mimi, a irmã incestuosa da narrativa, por meio de sua fealdade de corpo, caráter, sua morte em consequência dessa relação e a desestruturação familiar.

Em 1912, Clodoaldo Freitas publica o conto *Os Burgos*, em três número da revista teresinense *Litericultura* (de janeiro a abril) sob o pseudônimo C. F. Neste conto narrado em *média res*, o narrador heterodiegético apresenta a história do Burgos, um senhor velho, alvo, formoso que tivera uma mocidade brilhante, mas tormentosa, marcada pelos infortúnios gerados por um amor proibido. Ambientada no Maranhão do Segundo Reinado, a narrativa é atravessada por um acentuado lirismo romântico.

Trinta anos antes na diegese, o Burgos vivia com sua irmã, Cristina Burgos, na casa que fora de seus pais. Eles eram ricos, aparentados com as melhores famílias do Maranhão e eram muito bem frequentados e relacionados na sociedade maranhense, costumavam organizar novenas e festas, tanto religiosas quanto profanas. Contudo, foram diminuindo as festas aos poucos, tornando-se reservados, isolando-se no casarão em que viviam. Os dois se amavam e para viver este amor incestuoso, fecharam-se para os parentes.

O Burgos, então, era um rapaz bonito, de estatura regular, corpo um pouco cheio, cabelos pretos e de uma bondade infinita. Havia estudado na Europa, onde obteve uma educação literária e artística aprimorada, falava diversas línguas, era músico e pintor. Depois que ele voltou da Europa, Cristina passou a sentir por seu irmão um estranho afeto, que foi crescendo e não se conteve dentro dos limites do amor fraterno. Cristina Burgos, tinha por volta de vinte e cinco anos, era uma mulher de elevados dotes morais e intelectuais, prendada, alva, esbelta,

alta, tinha a boca pequena, dentes admiráveis, muito formosa. Possuía, em seu semblante, a mesma bondade angélica que seu irmão. Em toda a narrativa há em torno de Cristina uma aura de benevolência e pureza.

Depois de ter tido pudor e sentido medo de afrontar as iras e maldições do mundo, Cristina não mais se importava com o crime, a vergonha, a desonra que esse amor incestuoso trazia. E amou o Burgos com todas as paixões da carne, como a esposa ama o marido. O amor verdadeiro que os dois irmãos sentiam um pelo outro triunfou sobre tudo, rompeu todos os embaraços. Cristina não se importava que falassem deles, que vivessem isolados. Ela queria apenas viver do amor de seu irmão. Apesar de isolados, os Burgos recebiam e conversavam com algumas pessoas que passavam pelo casarão onde moravam.

Cristina Burgos, temendo levar adiante uma gravidez proveniente de uma relação amorosa ilícita, tomava purgante e ergotina. Ela chega a cogitar tirar a própria vida devido à vergonha que teria ao gerar um filho de seu irmão. Ao que o Burgos argumenta em defesa do incesto e da possibilidade de gerar os frutos deste amor proibido. Ele cita Abraão que foi casado com sua própria irmã Sara. Fala de homens ilustres que foram amantes de suas irmãs e afirma que o preconceito social há de acabar porque essa relação já foi legal e há de ser novamente. E dá também o exemplo de Lucrecia Borge, que viveu no período do renascimento e foi considerada amante de seu irmão e de seu pai, o Papa Alexandre VI. Sua história foi dramatizada por Victor Hugo na peça *Lucrecia Borgia* (1833), assistida e exaltada, em Paris no ano de 1870, por George Sand em carta que escreveu para o autor do texto da peça.⁶⁸⁷ A intertextualidade na literatura de Clodoaldo Freitas aponta para a forte relação existente entre sua construção literária e a influência da literatura na sua percepção de mundo e na sociedade em que vive, ainda que restrita à elite.

O Burgos pensava que a responsabilidade sobre essa relação ilícita cairia sobre si, e afirmava que não se acovardaria, porque o amor o redimiria, já que, para ele, o amor tudo santifica. Ele, então, recita alguns versos de uma poesia de Barros Falcão.

Da razão é lei sublime / O que manda a natureza / Não se pode chamar crime
/ O céu mesmo é quem imprime / Em nosso peito esse almo ardor / Longe o
fanático horror / Que a tantos povos ilude / Não é crime, antes virtude / O
crime que causa amor.⁶⁸⁸

⁶⁸⁷ CECCHINI, Giselle. *Lucrecia Borgia: um drama no oceano de Vitor Hugo*. 2009. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009, p. 67.

⁶⁸⁸ FREITAS, Clodoaldo. Os Burgos. In: FREITAS, Clodoaldo. *Os Burgos e outros contos*. Imperatriz: Ética, 2010a. p. 119-156, p. 136.

A poesia, com fortes notas de lirismo romântico, é de João de Barros Falcão (1807-1881), poeta pernambucano, bacharel em ciências jurídicas pela Faculdade de Direito de Olinda (1837), foi um republicano de ideias ultraliberais e por causa de suas fortes posições ideológicas viveu repellido de todas as posições na sociedade. Faleceu em completo estado de loucura na cidade de Recife, em 1881, no ano seguinte após a formatura de Clodoaldo Freitas em Direito nesta mesma capital.⁶⁸⁹

Então, os dois irmãos decidem enfrentar o mundo juntos e deixar o fruto dessa relação nascer. Quando Cristina fica grávida de seu irmão, eles resolvem se mudar para a quinta que possuíam que ficava para os lados do Gavião. Entregue a uma vida rural, passavam os dias a ler, tocar piano, davam comida aos animais. Entretanto, o fruto deste amor incestuoso morre ao nascer. Durante quatro anos tiveram quatro filhos e todos morreram ao nascer, até que no parto deste último, Cristina Burgos tem uma febre puerperal e o médico é solicitado. Até, então, os únicos testemunhos destes partos eram o casal de irmãos e uma escrava velha que a acompanhava nestes momentos.

Os murmurinhos se espalharam sobre este filho morto dos irmãos, onde as causas da mortalidade desta e das outras crianças era o infanticídio materno para encobrir sua desonra. Quem mais censurava e pedia a punição dos culpados diante da inação policial era o vizinho dos irmãos Burgos, o Moura. Este, figurado como um mau pai, mau marido e mau cidadão, acusado de ter uma amásia, é o que brada contra a infame Cristina Burgos, que, em sua visão, afrontava a moral, os bons costumes, a família e a religião.

A opinião pública pedia justiça com a punição dos irmãos criminosos. Falavam que eles haviam matado 5 filhos para encobrir a desonra da relação ilícita. A punição se voltava para o infanticídio e não necessariamente para o incesto. O incesto aviltava a moral e aumentava o fervor moral da punição na população. Deviam ser castigados por desafiantes a sociedade e a moral e para isso pediam a força para eles.

Fingindo apoiar o casal de irmãos, o Moura vai à casa dos Burgos com sua esposa, D. Briolange, mulher gorda, corada, de grossas sobranceiras, desdentada, olhos azulados, rosto pintado de sardas. Chegando lá, o Moura e D. Briolange os encontram abalados, tristes, a família havia feito uma varredura em sua casa. Cristina chora abraçada à D. Briolange, e nega ter tido algum filho. Afirma que o filho era de uma escrava com o seu irmão, que como nascera morto, ela mandou enterrar no jardim. O Moura, então, propõe fazer a defesa deles no jornal,

⁶⁸⁹ PARANHOS, Haroldo. *História do romantismo no Brasil*. São Paulo: Edições Cultura Brasileira, 1937.

para influenciar na opinião pública e direcionar todo esse clamor contra a polícia, afigurada como violenta. Moura, então, cobra uma boa quantia para publicar estes artigos no *Diário*.

Os irmãos Burgos acertam entre si que caso ele vá preso sozinho, ela trabalharia pela absolvição dele, e se caso ela vá presa, sozinha ou com seu irmão, os dois se matariam, pois não poderiam aguentar o aviltamento deste julgamento sobre ela.

- A razão é que não tenho coragem de ver-te encarcerada, exposta às brutalidades desses sicofantas policiais, e depois, posta em exibição pública, sentada no banco maldito, só com o amparo de minhas lágrimas, sozinha, a lutar contra as argúcias dos miseráveis, que procurarão abrir teu coração para ler nele o segredo do nosso amor e te farão corar perguntando-te coisas hediondas com relação ao teu crime. Não consentirei nisto. Mil vezes a morte. Eles que vão interrogar, enxovalhar nossos cadáveres. – É preferível morrer. – Mil vezes. Se eu for preso, tu ficarás trabalhando pela minha libertação, ou pela fuga. Venderemos tudo quanto possuímos e as possibilidades da fuga aparecerão mais dias, menos dias. Eu sou homem e sei suportar e repelir as injúrias e em mim não pega a lama como em ti.⁶⁹⁰

A representação da fragilidade da mulher e a rigidez de controle sobre o seu comportamento sexual colocava Cristina em uma condição mais vulnerável que a de seu irmão. Onde a morte seria a solução diante da iminente desonra feminina. Fora isso, Cristina Burgos é representada como a mulher mais inteligente de toda a ficção analisada de Clodoaldo Freitas. Sua perspicácia diante da análise do artigo que Moura escrevera revela altos dotes intelectuais e, na narrativa, serve mais uma vez para desmoralizar o vizinho sicofanta e enaltecer a figura dos dois irmãos.

A polícia, então, chega na casa dos Burgos para prender somente D. Cristina. As provas pesavam somente sobre ela. Justificando a necessidade de trocar de roupa antes de ser levada pela polícia, Cristina Burgos adentra seu quarto e toma o veneno que lhe tira a vida, não sem antes pedir ao seu irmão que sobreviva e enfrentar o policial no seu injusto ato. É neste ponto que a narrativa apresenta seu tom mais enternecedor. Antes de Cristina morrer, os dois irmãos se beijam, com o chefe de polícia assistindo à última despedida, estarrecido.

O que motivou a prisão de Cristina foi o testemunho do Moura e sua esposa, que disseram à polícia que D. Cristina confessara a eles ter estrangulado os filhos. D. Cristina suicidou-se para proteger-se da desonra da prisão. A infâmia de um ato inexistente, o infanticídio, revelava um crime moral, o incesto dos dois irmãos, onde a irmã incestuosa pagou com a vida, e o irmão definhou na loucura e na pobreza. “A morte é a necessária interrupção de

⁶⁹⁰ FREITAS, Clodoaldo. Os Burgos. In: FREITAS, Clodoaldo. *Os Burgos e outros contos*. Imperatriz: Ética, 2010a. p. 119-156, p. 147.

um amor sem consequência. Afinal, o matrimônio visa estabelecer uma família produtiva. Se não há filhos e não pode havê-los, o casamento perde sua função ética e social.”⁶⁹¹

Embora os dois irmãos vivessem maritalmente e o tom romântico tenha perpassado toda a narrativa, com o enaltecimento dos irmãos por meio da acentuação de suas virtudes, como a bondade, a beleza e a inteligência, não foi possível para eles construírem uma família, de acordo com os padrões da época, com pai, mãe e filhos, pois a morte dos bebês representava a impossibilidade desta formação familiar baseada no incesto. E por causa das tentativas frustradas de formarem uma família que eles são invadidos e punidos em seu ilícito amor, encoberto pelas roseiras do jardim que abrigava os corpos dos bebês que não sobreviviam, com a morte de D. Cristina e a loucura de seu irmão. Há uma visão romântica na impossibilidade do amor entre os irmãos Burgos. O sentimento amoroso que Burgos e Cristina nutre um pelo outro é representado na narrativa como um sentimento maior, que transcende o seu tempo, é trágico por não se ajustar às leis e aos costumes de uma sociedade retrógrada.

A temática do incesto em *Os Burgos* de Clodoaldo Freitas, centralizada nas figuras dos ilustrados e bondosos irmãos e seu amor proibido, compõe-se de uma superposição do incesto em *Os Maias* (1888) do escritor português Eça de Queirós, a partir da apropriação da leitura feita pelo literato brasileiro, em seu conto. O romance *Os Maias*, assim como o conto *Os Burgos* apresentam em suas titulações os sobrenomes dos personagens principais de suas narrativas. Carlos da Maia e Maria Eduarda no romance português e Burgos e Cristina Burgos no conto piauiense situado na Província do Maranhão nas últimas décadas do Império.

Enquanto no romance eciano os irmãos incestuosos não sabiam do parentesco que os uniam como irmãos, pois Maria Monforte, a mãe do casal, ao abandonar o seu marido Pedro da Maia, leva consigo apenas a filha, deixando o filho sob os cuidados paternos, no conto de Clodoaldo Freitas os irmãos incestuosos possuem ciência de todos os seus atos. O suicídio em *Os Maias* aparece em Pedro da Maia, o marido abandonado. A separação dos irmãos apaixonados se dá após a descoberta da ilicitude da relação, sem punições narrativas para o casal como ocorre em *Os Burgos*. As temporalidades das narrativas também se distanciam, enquanto o conto novecentista narra uma história que se apresenta nos idos do Império, referenciada como arcaica, marcada pela imprecisão, o romance oitocentista apresenta os eventos em uma sociedade moderna.

Ega recomeçou a passear lentamente pelo meio do largo. E agora, pouco a pouco, subiu nele uma incredulidade contra esta catástrofe de dramalhão. Era

⁶⁹¹ RIBEIRO, Luis. *Mulheres de Papel*: um estudo do imaginário em José de Alencar e Machado de Assis. Niterói: EDUFF, 1996, p. 100.

acaso verosímil que tal se passasse, com um amigo seu, numa rua de Lisboa, numa casa alugada à mãe Cruges?... Não podia ser! Esses horrores só se produziam na confusão social, no tumulto da Meia-Idade! Mas numa sociedade burguesa, bem policiada, bem escriturada, garantida por tantas leis, documentada por tantos papéis, com tanto registo de baptismo, com tanta certidão de casamento, não podia ser! Não! Não estava no feitio da vida contemporânea que duas crianças separadas por uma loucura da mãe, depois de dormirem um instante no mesmo berço, cresçam em terras distantes, se eduquem, descrevam as parábolas remotas dos seus destinos - para quê? Para virem tornar a dormir juntas no mesmo ponto, num leito de concubinação! Não era possível. Tais coisas pertencem só aos livros, onde vêm, como invenções subtis da arte, para dar, à alma humana um terror novo...⁶⁹²

Por fim, as representações da mulher tanto em *Eça* quanto em Clodoaldo se aproximam. A exaltação de suas figuras marca o tom de ambas as narrativas. O tom das representações das mulheres incestuosas é onde se dá o zênite da intertextualidade de *Os Maias* em *Os Burgos*.

Sim, tudo isso era provável no fundo! Essa criança, filha duma senhora que a levara consigo, cresce, é amante dum brasileiro, vem a Lisboa, habita Lisboa. Num bairro vizinho vive outro filho dessa mulher, por ela deixado, que cresceu, é um homem. Pela sua figura, o seu luxo, ele destaca nesta cidade provinciana e pelintra. Ela por seu lado, loura, alta, esplêndida, vestida pela Laferrière, flor duma civilização superior, faz relevo nesta multidão de mulheres miudinhas e morenas. Na pequenez da Baixa e do Aterro, onde todos se acotovelavam, os dois fatalmente se cruzam: e com o seu brilho pessoal, muito fatalmente se atraem! Há nada mais natural? Se ela fosse feia e trouxesse aos ombros uma confecção barata da loja da América, se ele fosse um mocinho encolhido de chapéu côco, nunca se notariam e seguiriam diversamente nos seus destinos diversos. Assim, o conhecerem-se era certo, o amarem-se era provável...⁶⁹³

O ideal estético da mulher civilizada se apresenta em Maria Eduarda, causa do encanto que provoca no desconhecido irmão. A estatura, cor dos cabelos, as roupas que usava apresentavam-na com distinção na sociedade que se consolidava burguesa. A beleza da mulher é o atrativo para o homem, e seu conjunto se forma na união da beleza física, dos modos e da riqueza, evidenciada pelo consumo de roupas de alto padrão, demarcada pela famosa grife parisiense Laferrière, que vestia a aristocracia e demais ricos no final do século XIX.

3.12 As escritoras

No século XIX, as mulheres burguesas passam a fazer parte da crescente massa de leitores e também de escritores nas regiões centrais do capitalismo.⁶⁹⁴ Ao passo que na

⁶⁹² QUEIRÓS, Eça de. *Os Maias*: episódios da vida romântica. RocketEdition, 2006, p. 449.

⁶⁹³ QUEIRÓS, Eça de. *Os Maias*: episódios da vida romântica. RocketEdition, 2006, p. 449.

⁶⁹⁴ TELLES, Norma. Escritoras, escritas e escrituras. In: PRIORE, Mary Del. (org.). *História das mulheres no Brasil*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2013. p. 401-442, p. 402. QUEIROZ, Teresinha. Amélia Bevilacqua e a escrita feminina no Brasil. In: BORRALHO, José Henrique de Paula. *Pontos, contrapontos não desvendados: os*

sociedade burguesa o indivíduo ganha proeminência, as mulheres têm sua nova definição. São as ajudantes dos homens, educadoras de seus filhos, seres de virtude, anjos do lar por um lado, ou, por outro lado, o oposto daquelas. São as mulheres fatais e as decaídas. São relacionadas à natureza, que deve ser domada ou guiada pela razão superior e cultura masculina, e mais, devem ser analisadas, examinadas, entendidas, definidas ou taxadas. Quando maternais e delicadas, eram bem vistas, mas quando “usurpadoras” das atividades que não lhes eram culturalmente atribuídas, que Clodoaldo Freitas definia como *viragos*,⁶⁹⁵ eram, comumente, mal vistas, execradas. As mulheres representavam o outro, o sexo misterioso, sedutor e inconstante, confrontado com veneração e temor.⁶⁹⁶

As mulheres oitocentistas participavam da vida política, porém, de modo diverso da convencional eleição e decisões nas câmaras legislativas. Opinavam sobre os assuntos políticos, se manifestavam publicamente e participavam de revoltas, motins e guerras. O pequeno número dessas mulheres participativas em comparação com o dos homens não invalidava seus esforços e suas lutas. Se a história sempre desprezou tais mulheres e suas ações, não significa que elas não participassem. Tanto que no ano após a independência do Brasil, cento e vinte (120) mulheres paraibanas declararam apoio ao movimento de independência por meio de um manifesto impresso, no qual, como “metade da sociedade humana”, desejavam reassumir os direitos que lhes tinham sido usurpado e buscavam quebrar os grilhões que as mantinham escravizadas. Em meio às convulsões sociais, as mulheres buscavam alterar ou quebrar com a hierarquia do gênero. Estas mulheres estavam em consonância com as ideias europeias que reivindicavam a emancipação feminina.⁶⁹⁷

A escrita feminina passa a existir com autoria identificável ao dealbar do século XIX e, entre os ofícios públicos, foi uma prática facilitada para as mulheres devido à possibilidade de sua execução se dar no recôndito do lar, sem que as mulheres precisassem quebrar os grilhões que as mantinham distanciadas do mundo público.⁶⁹⁸

vários tecidos sociais de um Brasil oitocentista. São Luís: Café & Lápis; Editora UEMA, 2011. p. 203-218, p. 205-209.

⁶⁹⁵ FREITAS, Clodoaldo. O feminismo. In: FREITAS, Clodoaldo. *Em roda dos fatos*. 3. ed. Brasília; Teresina: Senado Federal; Academia Piauiense de Letras, 2011. p. 77-81, p. 77. FREITAS, Clodoaldo. *Em roda dos fatos. Escritos de Clodoaldo Freitas*, Belém, v. 1, 7 set. 1904.

⁶⁹⁶ TELLES, Norma. Escritoras, escritas e escrituras. In: PRIORE, Mary del. (org.). *História das mulheres no Brasil*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2013. p. 401-442, p. 402-403.

⁶⁹⁷ TELLES, Norma. Escritoras, escritas e escrituras. In: PRIORE, Mary del. (org.). *História das mulheres no Brasil*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2013. p. 401-442, p. 404-405.

⁶⁹⁸ QUEIROZ, Teresinha. Amélia Bevilacqua e a escrita feminina no Brasil. In: BORRALHO, José Henrique de Paula. *Pontos, contrapontos não desvendados: os vários tecidos sociais de um Brasil oitocentista*. São Luís: Café & Lápis; Editora UEMA, 2011. p. 203-218, p. 204.

A sociedade teresinense de final dos oitocentos definia muito distintamente as funções femininas e masculinas. O espaço de atuação política, jurídica, médica, comercial, artística, na imprensa eram de exclusividade masculina, o mundo público pertencia aos homens brancos e alguns mestiços das classes médias e altas. As mulheres das classes médias e altas ficavam resguardadas na “santidade do lar, tratando da família”⁶⁹⁹ e podiam frequentar a igreja e as festividades religiosas. Apesar da rígida espacialização dos indivíduos pelo gênero, as mulheres se movimentavam para além dos espaços a elas destinados. Assim como D. Antônia Rosa, mãe de Clodoaldo Freitas, usou dos códigos patriarcais para desafiar a própria autoridade marital, alegando ser servil e submissa ao marido para conseguir legalmente livrar-se do matrimônio que a mantinha em estado de submissão, muitas outras mulheres não se conformaram “com os deveres do seu sexo”,⁷⁰⁰ e o afrouxamento da rigidez patriarcal quanto ao papel das mulheres na sociedade ocorria em meio às lutas entre homens e mulheres pela flexibilização, ou mesmo a quebra, da hierarquia ou pela clara distinção dos papéis femininos e masculinos da sociedade formados por um amplo espectro de correntes divergentes e congruentes em inúmeros pontos.

As reivindicações feministas na Europa que ressoavam no Brasil atingiram Dionísia Gonçalves Pinto (1809/1810-1885) ainda na primeira metade do século XIX, pouco após o manifesto das paraibanas. Nísia Floresta Brasileira Augusta, pseudônimo pelo qual Dionísia ficou conhecida, pertencia a uma família de elite, filha de um advogado e de uma moça de família rica, casou-se aos treze (13) anos de idade e deixou o marido no ano seguinte ao casamento, homem representado como rude, de pouca instrução e possuir de terras. Devido ao abandono do lar sofreu perseguições do marido, foi tachada de adúltera e rejeitada por toda sua família, com exceção de sua mãe. Neste período, os casamentos nos seios das elites realizavam-se sem a necessidade de consentimento por parte dos nubentes, cabendo aos familiares os arranjos matrimoniais, vinculados aos interesses do grupo familiar, que envolviam a preservação racial, econômica, alianças políticas e sociais.

Os casamentos realizados à revelia dos pais eram punidos pelos familiares, chegando à deserção dos filhos do espólio familiar. Com a morte precoce do pai, passa a ter que sustentar a família, formada por sua mãe e seus três irmãos. Torna-se professora, profissão honrada para as mulheres das altas classes empobrecidas. Vive em concubinato com Manoel Augusto de Faria Rocha, estudante de direito, com quem teve dois filhos. Em 1831, adentra no mundo das

⁶⁹⁹ FREITAS, Clodoaldo. O feminismo. In: FREITAS, Clodoaldo. *Em roda dos fatos*. 3. ed. Brasília; Teresina: Senado Federal; Academia Piauiense de Letras, 2011. p. 77-81, p. 77.

⁷⁰⁰ FREITAS, Clodoaldo. O feminismo. In: FREITAS, Clodoaldo. *Em roda dos fatos*. 3. ed. Brasília; Teresina: Senado Federal; Academia Piauiense de Letras, 2011. p. 77-81, p. 77.

letras colaborando no jornal pernambucano *Espelho das Brasileiras*, periódico do tipógrafo francês Adolphe Émile de Bois Garin, com artigos que tratavam da posição social feminina em diversas sociedades. E no ano de 1832 publica o seu primeiro livro,⁷⁰¹ uma tradução livre do manifesto de Mary Wollstonecraft de 1792, *Direito das mulheres e injustiça dos homens*. Escreveu também em jornais do Rio de Janeiro, defendendo ideias abolicionistas e republicanas,⁷⁰² mas não viveu o suficiente para ver a “concretização” dos seus ideais. Parte de sua luta por instrução às mulheres é influência pela Filosofia Positiva de Auguste Comte, com quem manteve contato até a morte deste, em 1857.⁷⁰³

Antes deste contato com o pai do positivismo, ao tomar de empréstimo ideias propaladas por Wollstonecraft durante os movimentos revolucionários da França em fins do século XVIII, Nísia, possivelmente a primeira feminista no Brasil, reivindica igualdade e educação para as mulheres em 1832.

Se cada homem, em particular, fosse obrigado a declarar o que sente a respeito de nosso sexo, encontraríamos todos de acordo em dizer que nós nascemos para seu uso, que não somos próprias senão para procriar e nutrir nossos filhos na infância, reger uma casa, servir, obedecer, e aprazer a nossos amos, isto é, a eles homens. [...] Entretanto, eu não posso considerar esse raciocínio senão como grandes palavras, expressões ridículas e empoladas, que é mais fácil dizer do que provar.⁷⁰⁴

Mesmo com todas as dificuldades de distribuição e divulgação de obras no período, este livro de Nísia teve grande repercussão, sendo comentado ao longo de todo o século XIX por outras escritoras brasileiras. Com ideias semelhantes a de Nísia, a gaúcha Ana Eurídice Eufrosina de Barandas, autora de *Ramallete ou flores escolhidas no jardim da imaginação* (1845), advogou pela participação das mulheres na política e nas lutas.⁷⁰⁵

Um ano antes da publicação da obra de Barandas a primeira grande obra romântica brasileira é publicada por Joaquim Manuel de Macedo (1820-1882), *A moreninha*. Neste romance que introduz na literatura brasileira o novo lugar ocupado pelo amor na nascente sociedade burguesa brasileira há a menção ao livro da feminista autora inglesa. Ao apresentar

⁷⁰¹ DIAS, Luma Pinheiro. Nísia Floresta e a escrita em defesa da educação feminina nos oitocentos. 2017. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2017, p. 38-40.

⁷⁰² TELLES, Norma. Escritoras, escritas e escrituras. In: PRIORE, Mary del. (org.). *História das mulheres no Brasil*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2013. p. 401-442, p. 405.

⁷⁰³ DIAS, Luma Pinheiro. Nísia Floresta e a escrita em defesa da educação feminina nos oitocentos. 2017. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2017, p. 53; 58.

⁷⁰⁴ DUARTE, Constância Lima. *Nísia Floresta*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010, p. 81.

⁷⁰⁵ TELLES, Norma. Escritoras, escritas e escrituras. In: PRIORE, Mary del. (org.). *História das mulheres no Brasil*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2013. p. 401-442, p. 406.

as “travessuras de D. Carolina”, um dos rapazes que faz a corte à jovem troça dela e de seu feminismo ao ironizar diante da impossibilidade de uma mulher chegar à política ou ao exército e seus altos cargos, e apresenta como pouco importante os direitos das mulheres em relação às questões envolvendo o desenvolvimento urbano para o legislativo:

O meu lindo par se levanta do banco de relva, em que descansava; vou tomar-lhe o braço: tenho-me singularmente divertido; a bela Sra. é filósofa... faz ideia!... já leu Mary de Wollstonecraft; e como esta defende os direitos das mulheres, agastou-se comigo porque lhe pedi uma comenda, para quando fosse Ministra de Estado, e a patente de Cirurgião do exército, no caso de chegar ela a ser General; mas enfim fez as pazes; pois lhe prometi que, apenas me formasse, trabalharia para encartar-me na Assembleia Provincial, e lá, em lugar das maçadas de pontes, estradas e canais, promoveria a discussão de uma mensagem ao Governo Geral em prol dos tais direitos das mulheres.⁷⁰⁶

O temperamento da moça de gênio inquieto e as ideias feministas cedem quando se apaixonava, tornando-se o modelo de sinhazinha. Para se chegar ao final feliz, o casamento, é necessário que incorpore o decoro. Deixando o livro feminista de lado, Carolina, a moreninha, “torna-se o modelo romântico por excelência.”⁷⁰⁷

Embora o romance fosse considerado um gênero literário malvisto, perigoso para as moças ao longo do século XIX,⁷⁰⁸ apenas os romances sentimentais eram considerados leituras pervertedoras que desviavam a educação das mulheres para mãe de família por Clodoaldo Freitas.⁷⁰⁹ Composto o tipo de livro considerado não sério, os romances serviam para a educação das moças, como atesta Gastão, o conde d’Eu, ao enumerar suas atividades diárias no Paço Isabel: “Lemos muito, geralmente em voz alta, alternando livros em francês e em português, sérios e... romances (pois temos de instruir a moça [D. Isabel]).”⁷¹⁰ E com este propósito pedagógico Clodoaldo Freitas se empenhou na divulgação de suas prosas ficcionais na imprensa ao longo das primeiras décadas do século XX, tendo como alvo de leitura, sobretudo, as moças de classe média e alta.

No Maranhão oitocentista, Maria Firmina dos Reis (1822-1917) ocupou o cenário das belas-letas ao publicar o seu romance *Úrsula* pela Tipografia do Progresso, em 1859. Narrativa

⁷⁰⁶ MACEDO, Joaquim Manuel de. *A moreninha*. 2. ed. Rio de Janeiro: Tipografia Americana de I. P. da Costa, 1845, p. 112.

⁷⁰⁷ TELLES, Norma. Escritoras, escritas e escrituras. In: PRIORE, Mary del. (org.). *História das mulheres no Brasil*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2013. p. 401-442, p. 407.

⁷⁰⁸ TELLES, Norma. Escritoras, escritas e escrituras. In: PRIORE, Mary del. (org.). *História das mulheres no Brasil*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2013. p. 401-442, p. 410.

⁷⁰⁹ FREITAS, Clodoaldo. O feminismo. In: FREITAS, Clodoaldo. *Em roda dos fatos*. 3. ed. Brasília; Teresina: Senado Federal; Academia Piauiense de Letras, 2011. p. 77-81, p. 77.

⁷¹⁰ De Gartão, conde d’Eu, à Mme. Bernard de Lagrave, Laranjeiras, 5 ago. 1866. apud BARMAN, Roderick. *Princesa Isabel do Brasil: gênero e poder no século XIX*. São Paulo: Editora UNESP, 2005, p. 130.

romântica que trata do amor, dor, incesto e morte, temas comuns aos romances oitocentistas, e que dá destaque para a questão do escravo, personalizando-o. Assim como Dona Antônia Rosa Dias de Freitas, mãe de Clodoaldo Freitas, Maria Firmina foi professora primária no Império, em meados do século XIX, ministrando as aulas em sua própria casa. Era filha ilegítima e descendente de brancos e negros e viveu em uma família extensa, com a avó, a mãe, uma tia e suas irmãs, em médias condições de vida.

Maria Firmina lecionava na Vila de Guimarães, distante cerca de 60km, por via marítima, de São Luís, capital da província do Maranhão.⁷¹¹ Fez-se presente no jornal *Eco da Juventude* (1864-1865), que em suas oito (08) laudas semanais abordava temas relacionados à literatura, filosofia, religião, geografia, história, instrução pública, no qual publicou alguns poemas e a versão final de *Gupeva*, seu romance brasiliense, em 4 partes, assim preludiado:

Começamos hoje a estampar o romance *Gupeva*, trabalho da talentosa maranhense, Maria Firmina dos Reis, cuja tenacidade nos labores literários, e amor ao estudo são bem conhecidos do público. Essa composição ligeira, porém onde revela-se o talento de sua hábil autora, foi-nos ofertada por a mesma, que cuidadosamente a corrigiu para ser publicada neste jornal. Seja a publicação do *Gupeva* um estímulo às mais senhoras, que cultivam as letras, porém uma modéstia condenável as tem conservado no silêncio e obscuridade. Aos ilustrados leitores recomendamos que o leiam, e sejam indulgentes para as lacunas, que por ventura encontrem.⁷¹²

Também publicou poesias no *Semanário Maranhense*, *Meditação*⁷¹³ em 1867 e *A lua brasileira*⁷¹⁴ em 1868. A imprensa maranhense oitocentista mantinha uma certa abertura com as intelectuais, possibilitando às mulheres contribuírem para a materialização de uma cultura letrada no Maranhão,⁷¹⁵ embora a instrução feminina alcançasse uma pequeníssima parte da população maranhense.

No ano de 1857, havia uma (01) menina para cinco (05) meninos entres os alunos de aulas públicas e particulares cursando o primário na província do Maranhão. No final da década de 1870, Maria Firmina fundou uma aula mista e gratuita para quem não pudesse pagar em Maçaricó, próxima de Guimarães. Era uma mulher estimada pelos alunos e por toda a vila.⁷¹⁶

⁷¹¹ TELLES, Norma. Escritoras, escritas e escrituras. In: PRIORE, Mary del. (org.). *História das mulheres no Brasil*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2013. p. 401-442, p. 410.

⁷¹² COMEÇAMOS hoje. *Echos da Juventude*. São Luís, vol. 1, n. 14, p. 107, 12 mar. 1865.

⁷¹³ REIS, Maria Firmina. Meditação. In: *Semanário Maranhense*, ano 1, n. 10, p. 7, 3 nov. 1867.

⁷¹⁴ REIS, Maria Firmina. A lua brasileira. In: *Semanário Maranhense*, ano 1, n. 27, p. 7-8, 1 mar. 1868.

⁷¹⁵ ZIN, Rafael. Maria Firmina dos Reis e a imprensa literária no Maranhão do século XIX. *Rev. Interd. em Cult. e Soc.* (RICS), São Luís, v. 4, n. especial - dossiê temático, p. 15-27. 2018.

⁷¹⁶ TELLES, Norma. Escritoras, escritas e escrituras. In: PRIORE, Mary del. (org.). *História das mulheres no Brasil*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2013. p. 401-442, p. 411-412.

Assim como Antônia Rosa, que afirmava ser submissa ao marido para poder não o ser, enfrentando-o com um pedido de divórcio, Maria Firmina se entendia como tímida e frágil⁷¹⁷ quando era expressiva e aguerrida diante das adversidades da vida. O uso de expressões de resignação pelas próprias mulheres parecia funcionar como código para que elas mesmas pudessem extrapolar a narrativa hegemônica sobre elas diante de seus feitos com certa aceitação social. Pois a fragilidade dessas mulheres estava muito mais nas restrições que as fragilizavam do que na sua natureza, embora as limitações do meio tenham tolhido os sonhos dessa escritora, como de outras mulheres, que almejavam voos maiores.⁷¹⁸

Excluídas de participarem efetivamente da vida na cidade, sem poderem ocupar cargos públicos, destinadas às profissões mais mal remuneradas, impedidas do acesso à educação superior⁷¹⁹ até 1879, as mulheres brancas das classes médias e altas dos oitocentos ficaram, praticamente, restritas aos espaços domésticos. Mas a medida que o século XIX avançava, os restritos espaços permitidos às mulheres passam a se esgarçar nas novas malhas das sociedades brasileiras que se modernizavam.

Entre os românticos da segunda geração brasileira, com forte apelo social e abolicionistas, destaca-se a escritora e jornalista Narcisa Amália.⁷²⁰ Nascida em 1852, escreveu um livro de poesias na década de 1870, intitulado *Nebulosas*. Escreveu em jornais como *O Rezendense*, *Diário Mercantil de São Paulo*, *A Família*, fez parte do corpo de redatores do *Guaratuja*, outro jornal da cidade de Rezende, no Rio de Janeiro. É muito ativa politicamente, principalmente via jornais, que percebia ser o melhor meio de ação política onde se conseguia “afeiçoar as mais endurecidas camadas intelectuais”.⁷²¹

Nascisa Amália sofreu retaliações na imprensa por se envolver em questões políticas, onde um jornalista, C. Ferreira, declarou no *Correio do Brasil* que ela não tinha a “virilidade necessária para a poesia social”, que ficasse na “sua esfera perfumada de sentimento e singeleza”.⁷²² E um crítico sob o pseudônimo Sylvio reafirmou a ideia em 1873, imperando que suspendesse seus passos na direção política. Guimarães Rosa também salientou que é coisa bem

⁷¹⁷ TELLES, Norma. Escritoras, escritas e escrituras. In: PRIORE, Mary del. (org.). *História das mulheres no Brasil*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2013. p. 401-442, p. 412.

⁷¹⁸ TELLES, Norma. Escritoras, escritas e escrituras. In: PRIORE, Mary del. (org.). *História das mulheres no Brasil*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2013. p. 401-442, p. 412.

⁷¹⁹ TELLES, Norma. Escritoras, escritas e escrituras. In: PRIORE, Mary del. (org.). *História das mulheres no Brasil*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2013. p. 401-442, p. 408.

⁷²⁰ TELLES, Norma. Escritoras, escritas e escrituras. In: PRIORE, Mary del. (org.). *História das mulheres no Brasil*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2013. p. 401-442, p. 418-419.

⁷²¹ TELLES, Norma. Escritoras, escritas e escrituras. In: PRIORE, Mary del. (org.). *História das mulheres no Brasil*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2013. p. 401-442, p. 419-420.

⁷²² TELLES, Norma. Escritoras, escritas e escrituras. In: PRIORE, Mary del. (org.). *História das mulheres no Brasil*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2013. p. 401-442, p. 422.

pouco feminina “deixar de lado a alma para tomar a baioneta”.⁷²³ Assim como também concordava Silvio Romero, alegando que mulher não deveria tratar de assuntos de cunho social.⁷²⁴ O livro de Narcisa Amália *Nebulosas*, publicado pela editora Garnier em 1872, contendo 44 poemas, foi muito bem recebido à época, contando com a leitura comentada de Machado de Assis no jornal carioca *Semana Ilustrada* que revela a feliz surpresa diante do talento da jovem poetisa.⁷²⁵ Com *Nebulosas*

Narcisa Amália rompe com as expectativas relacionadas à literatura escrita por uma mulher. A poeta transcende o “balbuciar insignificante das frases convencionais”, trazendo à tona em seus poemas o comprometimento com a crítica social e a denúncia de injustiças da sociedade escravocrata e monarquista.”⁷²⁶

Com considerável espaço no campo das letras, ainda que, em boa parte, sob o uso de pseudônimos, quanto às questões econômicas, as mulheres se empenhavam, na segunda metade do século XIX para galgar espaço nas profissões mais lucrativas e respeitáveis com maiores esperanças de sucesso do que na conquista de direitos políticos no Brasil e no mundo.⁷²⁷

No início do século XX era raro encontrar mulheres publicando livros no Piauí. Apesar de existirem periódicos, sobretudo literários e noticiosos, voltados para as mulheres desde a década de 1870 no Piauí, a sua redação não era, necessariamente, composta por mulheres. Tais como os periódicos editados em Teresina *A Aurora* (1875), *A Rosa* (1875), *Jornal das Moças* (1880), *A Flor* (1883), *A Borboleta* (1888), e o periódico parnaibano *A Violeta* (1863), que em seu título indicava ser o primeiro jornal voltado para as senhoras no Piauí.⁷²⁸ Enquanto no final do século XIX as mulheres adentram nos jornais, versando sobretudo nas colunas sociais e na moda, é no início do século XX que as mulheres começam a participar com mais ênfase na produção literária piauiense, dedicando-se ao jornal, ainda o melhor veículo de difusão da palavra escrita.

⁷²³ TELLES, Norma. Escritoras, escritas e escrituras. In: PRIORE, Mary del. (org.). *História das mulheres no Brasil*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2013. p. 401-442, p. 423.

⁷²⁴ TELLES, Norma. Escritoras, escritas e escrituras. In: PRIORE, Mary del. (org.). *História das mulheres no Brasil*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2013. p. 401-442, p. 422.

⁷²⁵ FAEDRICH, Anna. Apresentação. In: AMÁLIA, Narcisa. *Nebulosas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Gradiva, 2017. p. 7-13, p. 7.

⁷²⁶ FAEDRICH, Anna. Apresentação. In: AMÁLIA, Narcisa. *Nebulosas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Gradiva, 2017. p. 7-13, p. 7.

⁷²⁷ GAY, Peter. Mulheres agressivas e homens defensivos. In: GAY, Peter. *A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud: A educação dos sentidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 128-167, p. 134-135.

⁷²⁸ ROCHA, Olívia. Mulheres e Imprensa no Piauí no Final do Século XIX e Início do Século XX. *II Encontro Nordeste de História da Mídia*. Identidade, memória e convergência midiática. Teresina, p. 1-15, 20-21 jun. 2012, p. 4-5.

Com o aumento do número de escolas, a expansão do ensino secundário e o crescente número de mulheres alfabetizadas no início do século XX no Piauí,⁷²⁹ um crescente número de mulheres passa a figurar nos jornais como redatoras, onde se vê periódicos com redação exclusivamente feminina, como o jornal *Borboleta* (1904-1906), onde suas redatoras, Helena M. Burlamaqui, Alaide M. Burlamaqui e Maria Amélia Rubim⁷³⁰, contavam com colaborações tanto femininas quanto masculinas, publicando, principalmente, literatura em prosa e em verso, notícias de coluna social, festividades e necrológicos.⁷³¹ Em 1909, Maria Amélia Rubim passa a colaborar para a revista *Alvorada*, ao lado de Clodoaldo Freitas e outras mulheres, como Alba Valdez e Antonieta Clotilde.

No primeiro número da revista *Alvorada*, em julho de 1909, entre prosas e poesias, é publicado o artigo *Os seis mandamentos da mulher*, sem assinatura de autoria. O primeiro preceito é não casar por dinheiro nem por *status*, o segundo é aceitar o marido tal como ele é, o terceiro aconselha que a mulher escolha bem o marido, pois deverá ser cega para ele, o quarto mandamento é que a esposa deve proclamar o marido como senhor e amo da casa, para ela ser a senhora e dona do lar, o penúltimo manda que a mulher sempre fale bem do marido, e nunca apresente os defeitos dele para sua mãe nem para sua melhor amiga, o sexto e último manda que a mulher não faça reclamações para o seu marido.

Na literatura de Clodoaldo Freitas, as escritoras aparecem em sua biografia e em suas crônicas. E representam o seu olhar sobre três personalidades reais de seu tempo, duas com as quais teve contato direto e uma que só conheceu por suas obras literárias e acompanhando sua vida pelos jornais.

A primeira foi Luísa Amélia de Queiroz, “a primeira piauiense (...) que se desviou da vulgaridade de seu sexo, exibindo um suculento atestado da sua proeminência intelectual.”⁷³² Representada como uma mulher virtuosa, Clodoaldo admirava a escritora por seu talento. Luísa Amélia nasceu em 1838 em Piracuruca no Piauí, casou-se duas vezes, em 1859 e, ficando viúva, casou-se novamente em 1888. Mulher abastada, pode viver sem experimentar as agruras da existência, sem possuir filhos, D. Luísa teve uma vida serena, no suave aconchego do lar, feliz

⁷²⁹ QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República*. Clodoaldo Freitas, Higinio Cunha e as tiranias do tempo. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2011, p. 86-91.

⁷³⁰ Filha do capitão Arthur de Souza Rubim, funcionário federal, foi colaboradora da revista de letras *Alvorada* em 1909, primeira oradora da diretoria honorária do Clube Recreativo Teresinense em 1912, ao lado do segundo orador da diretoria, Lucídio Freitas. Foi também diretora de uma escola para filhos de praças e oficiais em Teresina em 1915, e entre os anos de 1909 e 1915 foi acadêmica do curso de direito no Ceará.

⁷³¹ ROCHA, Olívia. Mulheres e Imprensa no Piauí no Final do Século XIX e Início do Século XX. *II Encontro Nordeste de História da Mídia*. Identidade, memória e convergência midiática. Teresina, p. 1-15, 20-21 jun. 2012, p. 5.

⁷³² FREITAS, Clodoaldo. D. Luísa Amélia de Queiroz Brandão. In: FREITAS, Clodoaldo. *Vultos piauienses*. 3. ed. Teresina: Academia Piauiense de Letras/ EDUFPI, 2012. p. 91-100, p. 91.

e descuidosa. Sua educação não passou dos primeiros rudimentos da escrita e, vocacionada, conseguiu alcançar um grau elevado de instrução e escrever poesias.

Sua escrita é oriunda de uma alma ingênua e casta onde canta mágoas e alegrias. Como uma mulher virtuosa, não experimentou os atritos das grandes paixões mundanas, nem teve momentos tormentosos na vida. Por isso possui a escrita suave, a harmonia predomina em sua poesia. Ressalvando-se os momentos de ciúmes, quando briga com o marido, em que “arremessa maldições ferozes contra os homens”⁷³³, logo são abrandados pela mulher apaixonada que sente saudade do marido ausente.

Escreveu dois livros de poesias, *Flores incultas* publicado em 1875 e *Georgina ou Efeitos do amor* publicado em 1899, um ano após sua morte. Como escritora, Luísa Amélia apresenta o estilo de escrita que Clodoaldo define como feminina, doce, suave, sem carregar as tintas de sua escrita com os assombros humanos. E a dor que escorre em suas letras é a da saudade, como uma lágrima consoladora.

A segunda foi Amélia de Freitas, que nasceu no ano de 1860, na fazenda Formosa, localizada na cidade de Jerumenha, na Província do Piauí.⁷³⁴ Prima de segundo grau de Clodoaldo, Amélia de Freitas Beviláqua⁷³⁵ era filha do Desembargador Freitas, por quem Clodoaldo nutria uma profunda admiração, e casada com Clóvis Bevilacqua, de quem Clodoaldo fora colega na Faculdade de Direito de Recife, e mãe de duas meninas, Florisa e Doris. Amélia foi escritora, publicou mais de 20 volumes⁷³⁶ de crônicas, novelas, artigos e romances pelas maiores editoras do país,⁷³⁷ como *Alcione* (1902), *Através da vida* (1906) e *Angústia* (1913).

Amélia é exaltada pela sua dedicação como escritora, dona de casa, esposa e mãe amorosa. O modelo familiar de Amélia e Clóvis é representado por Clodoaldo como a verdadeira felicidade terrena. Onde a escritora concilia estudo e trabalho com os deveres maternos, cuidando para que as filhas tenham uma aprimorada educação. Alia os deveres de

⁷³³ FREITAS, Clodoaldo. D. Luísa Amélia de Queiroz Brandão. In: FREITAS, Clodoaldo. *Vultos piauienses*. 3. ed. Teresina: Academia Piauiense de Letras/ EDUFPI, 2012. p. 91-100, p. 98.

⁷³⁴ LIMA, Miridan. *Aos encantos do lar: amor e companheirismo entre Amélia Bevilacqua e Clóvis Bevilacqua*. 2016. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2016, p. 29

⁷³⁵ COSTA FILHO, Alcebíades. Circulação de livros no Piauí oitocentista. *III Simpósio de História do Maranhão Oitocentista*. UEMA, p. 1-8, jul. 2013, p. 4.

⁷³⁶ QUEIROZ, Teresinha. Amélia Bevilacqua e a escrita feminina no Brasil. In: BORRALHO, José Henrique de Paula. *Pontos, contrapontos não desvendados: os vários tecidos sociais de um Brasil oitocentista*. São Luís: Café & Lápis; Editora UEMA, 2011. p. 203-218, p. 213.

⁷³⁷ LIMA, Miridan Rejane Soares. *Aos encantos do lar: amor e companheirismo entre Amélia Bevilacqua e Clóvis Bevilacqua*. 2016. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2016, p. 103.

esposa sendo o encanto da casa, animando e inspirando o marido, e o acompanhando à Câmara dos Deputados no período dos debates para a implementação do Código Civil,⁷³⁸ que em seu texto original de 1899, redigido por Clóvis Bevilacqua, haviam disposições para a ampliação de direitos civis para as mulheres. Contudo, a valorização do modelo de familiar nuclear burguesa manteve a limitação dos direitos da esposa em favor da tutela legal do marido sobre os entes da família.⁷³⁹

A terceira é George Sand, que aparece em um artigo de Clodoaldo Freitas em 1914, revivida a partir de uma discussão que o articulista faz a respeito de um processo que a filha de Aurora Dupin, verdadeiro nome de George Sand, movia contra uma peça teatral sobre sua mãe, com o argumento de que a peça encenada sobre os amores de Dupin e o poeta Musset era injuriosa à imagem de Sand. Clodoaldo, então, apresenta quem foi ela, a baronesa de Dudevant, para argumentar que a encenação desses amores não competiria para degradá-la já que foi uma mulher despudorada em vida.

Amantine Aurore Lucile Dupin nasceu no início do século XIX, em 1804 em Paris, vindo a falecer no campo, na vila (comuna) de Nohant na França, em 1876. Oriunda de uma família aristocrática francesa, seu preceptor costumava vesti-la, quando criança, com roupas masculinas para que ela pudesse correr pelos campos e caçar. Estudou dança, escrita e desenho em Paris, interessando-se também por literatura e música. Apesar das imposições maternas para que não tivesse contato com leituras, não convive muito tempo com sua mãe e começa a publicar em 1831, sob o pseudônimo G. Sand. Frequentando os círculos literários da Europa, fez parceria com diversos literatos, tradutores. Em 1833 já é autora da moda na França e assina um contrato de exclusividade com a revista literária francesa *Revue des Deux Mondes*.

Obrigada a se casar com Baron Casimir Dudevant, em 1822, para herdar a herança deixada por sua avó, Amantine teve dois filhos com ele. Contudo, a vida de dona de casa a entediava, preferindo os ambientes onde circulavam artistas, intelectuais e políticos em Paris, e envolve-se amorosamente com personalidades francesas antes de se separar do marido em 1831 (divorciando-se dele em 1836), entre os mais célebres estão Alfred de Musset e Chopin.

Como escritora, produziu diversos gêneros literários entre os anos de 1830 a 1876, entre eles romances, contos, peças de teatro, artigos críticos, ensaios políticos, textos autobiográficos e suas cartas. Vestia-se com roupas masculinas para poder adentrar nas reuniões literárias,

⁷³⁸ FREITAS, Clodoaldo. Aos domingos. *Escritos de Clodoaldo Freitas*, Belém, v. 1, p. 173-175, 7 set. 1904.

⁷³⁹ COSTA, Mara. *A escrita e o desejo: as relações de gênero na produção literária de Clodoaldo Freitas*. 2010. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2010, p. 31.

exclusivas para homens à época. A disseminação de seus romances no Brasil se deu, sobretudo, pelo advento das traduções e publicações em folhetim nos jornais nacionais, principal meio de divulgação das obras estrangeiras. Sendo publicada no Brasil desde 1841 no *Jornal do Comércio*, sendo um de seus leitores o Imperador do Brasil, D. Pedro II, com quem manteve contato nos anos de 1871 e 1872 quando esteve na Europa.⁷⁴⁰ No que foi admoestado pela filha, a princesa Isabel. Pois, segundo a criação recebida por Isabel, Amantine era tudo o que uma mulher não deveria ser.⁷⁴¹

Diferente dos irmãos Goncourt, os quais afirmavam que “as mulheres jamais fizeram coisa alguma de notável, exceto dormir com muitos homens e sugar-lhes o tutano intelectual: Mme. Sand, Mme. de Staël” e que “não há uma única mulher virtuosa cuja inteligência valha dois tostões furados. Uma virgem jamais produziu coisa alguma”,⁷⁴² Clodoaldo Freitas, em seu artigo, refere-se à George Sand como grande escritora, mulher extraordinária, o maior gênio entre as mulheres de todos os séculos. Escritora de linguagem cativante, com romances cheios de paradoxos, por meio dos quais discutia teses sociais e o amor livre, causando reações de extremos opostos no público. Foi uma mulher que viveu muitos amores efêmeros, seduzindo e espezinhando os homens que conquistava, como o maior poeta da França contemporânea (ao texto de 1914), Alfredo de Musset, Laménais e Chopin.

Foi uma “mulher desabusada, que se vestia de homem, usava cartola e cabelos curtos; frequentava os cafés e afrontava impudentemente as regras da moral social, que prescreve aos sexos uma linha intransponível de conduta”.⁷⁴³ Ela bebia, fumava, andava livremente e se divertia pela Itália, Espanha, Suíça e deixava Paris, a terra dos escândalos, escandalizava. Possuía “tendências brutais”, “paixões desenfreadas pela liberdade”, e, por isso, tinha amores breves, nunca levando a sério a honra feminina. Abandonou o marido, guiada pelos desejos carniais. Esteve sempre em exposições teatrais, produzindo dramas de seus amores. Considerava-a “uma mulher despudoradamente rebelde a tudo quanto a sociedade tem de santo na família”.⁷⁴⁴ O modo como George Sand se relacionava amorosamente com os homens era desregrado, segundo o articulista. O poder da conquista é apontado como um dom que a escritora possuía. E esquecer os amantes constituía no mais fatal dos tristes dons, que torturava

⁷⁴⁰ COSTA, Patrícia; SOUSA, Germana. George Sand no Brasil. *Belas Infieis*, v. 4, n. 1, p. 257-288, 2015.

⁷⁴¹ BARMAN, Roderick. *Princesa Isabel do Brasil: gênero e poder no século XIX*. São Paulo: Editora UNESP, 2005, p. 173.

⁷⁴² GONCOURT, Edmond; Jules. *Journal; mémoires de la vie littéraire*. vol. 5. Robert Ricarte, 1956-1958. apud GAY, Peter. Mulheres agressivas e homens defensivos. In: GAY, Peter. *A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud: A educação dos sentidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 128-167, p. 144.

⁷⁴³ FREITAS, Clodoaldo. George Sand no teatro. *Diário Oficial*, São Luís, ano 9, n. 43, p. 1, 21 fev. 1914.

⁷⁴⁴ FREITAS, Clodoaldo. George Sand no teatro. *Diário Oficial*, São Luís, ano 9, n. 43, p. 1, 21 fev. 1914.

estes homens apaixonados a vida inteira. O que era considerada uma atitude funesta se provinha de uma mulher. Porém, a conquista e o abandono dos amores marcavam a ação de alguns personagens masculinos na prosa ficcional de Clodoaldo Freitas, como Plínio de *Coisas da vida* (1908-1909), Anastácio de *Um segredo de família* e Milo de *Memórias de um velho* (1905-1906). Portanto, para Clodoaldo, possuir o controle sobre as relações amorosas deveria ser um apanágio masculino. A exuberante e notável George Sand era um modelo extremamente perturbador não apenas para as outras mulheres,⁷⁴⁵ era-o também para Clodoaldo, embora fosse fascinado por sua literatura.

George Sand foi definida por alguns críticos como uma aberração, homem-mulher, pois não estava atenta às obrigações femininas, ligadas à maternidade e não à escrita. Sand fez um enorme sucesso como escritora nos oitocentos, e, como experimentando espaços masculinos e femininos da sociedade por meio de sua prática de escrita simbolizada em seu pseudônimo, Sand se infiltra nas rachaduras que provocava no gênero, deslizando entre os papéis masculinos e femininos impostos na sociedade, tanto por meio de suas práticas de escrita, seu nome e pseudônimo, como por meio dos modos, das vestimentas⁷⁴⁶ e das expressões de sua sexualidade.

Em sua prosa ficcional *Por um sorriso* (1921), Clodoaldo Freitas apresenta Teresa, o idílico objeto amoroso de Carlos, cantado tanto em prosa e em verso pelo literato em outros textos. Como escritora, Teresa compôs uma poesia, inspirada no amor que sentia por Carlos. “Teresa era uma grande poetisa sem arte”.⁷⁴⁷ A escritora na ficção de Clodoaldo Freitas é limitada à única poesia que escreveu, pois não conseguia expressar com outras belas palavras o sentimento que emanava por Carlos e não entendia as obras literárias que lia, só compreendia as palavras que saíam da boca de seu amado.⁷⁴⁸

Clodoaldo Freitas não manifestava-se contra a escrita feminina, como ocorria com frequência ao longo de todo o século XIX,⁷⁴⁹ era um defensor da mulher ilustrada, apreciava a escrita feminina, mas esta escrita deveria se aliar às funções da mulher na sociedade, as quais revelariam os limites da escrita feminina, restrita, assim como os espaços destinados às

⁷⁴⁵ GAY, Peter. Mulheres agressivas e homens defensivos. In: GAY, Peter. *A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud: A educação dos sentidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. P. 128-167. P. 142.

⁷⁴⁶ QUEIROZ, Teresinha. Amélia Bevilacqua e a escrita feminina no Brasil. In: BORRALHO, José Henrique de Paula. *Pontos, contrapontos não desvendados: os vários tecidos sociais de um Brasil oitocentista*. São Luís: Café & Lápis; Editora UEMA, 2011. p. 203-218, p. 206.

⁷⁴⁷ FREITAS, Clodoaldo. *Por um sorriso*. Imperatriz, MA: Ética, 2009b, p. 27.

⁷⁴⁸ FREITAS, Clodoaldo. *Por um sorriso*. Imperatriz, MA: Ética, 2009b, p. 28-29.

⁷⁴⁹ QUEIROZ, Teresinha. Amélia Bevilacqua e a escrita feminina no Brasil. In: BORRALHO, José Henrique de Paula. *Pontos, contrapontos não desvendados: os vários tecidos sociais de um Brasil oitocentista*. São Luís: Café & Lápis; Editora UEMA, 2011. p. 203-218, p. 208.

mulheres. Desde o final do século XIX a rejeição às escritoras diminuía em relação às obstinadas críticas à inserção da mulher no mundo da escrita, sobretudo por meio dos romances, que foram intensas ao longo de todo o século nas regiões centrais do capitalismo, onde a publicação de livros era realizada com mais facilidades. Nomes como os de George Eliot, pseudônimo de Maria Evans (1819-1880); Emily Brontë (1811-1848); Jane Austen (1775-1817); Johanna Schopenhauer (1766-1838); George Sand (1804-1876) figuraram profusamente como autoras de romances no século XIX.⁷⁵⁰

Amélia Bevilacqua encarna em si o modelo de mulher por excelência, possui as virtudes da pureza, da modéstia, do recato, da singeleza, da simplicidade, da frugalidade, do pudor, da bondade, da alegria, do bom humor, é voltada para o amor, o casamento, a maternidade, a felicidade, é uma mulher instruída, harmônica, amiga e companheira de seu cônjuge. Amélia é o oposto de George Sand.⁷⁵¹ As mulheres escritoras que conquistaram um espaço nas belas letras, mas não deixaram suas atividades no seio da família serem suplantadas pelo mundo da escrita são exaltadas como figuras ideais femininas, como Luísa Amélia e Amélia de Freitas Bevilacqua.

3.13 As feministas

“Nas últimas décadas do século XIX, avançava a ideia da nova mulher”.⁷⁵² Esta nova mulher buscava ser sexualmente independente, o casamento não constituía sua única opção de vida e criticava-se esta insistência social no casamento, privilegiando as carreiras profissionais. Estes ideais estavam difundidos por todas as regiões centrais do capitalismo. A nova mulher, educada e sexualmente livre acordou as vozes conservadoras que afirmavam que estes comportamentos femininos levariam à degeneração da espécie⁷⁵³ ou, como expressava Clodoaldo, geravam o feminismo, que representava a última fase de sua civilização. “O lar era, afinal de contas, o castelo da mulher. Se uma mocinha o deixasse, temporariamente ou talvez para sempre, ofendia [...] o ordenamento social”.⁷⁵⁴ Pois, “quando a mulher sair do lar e se

⁷⁵⁰ QUEIROZ, Teresinha. Amélia Bevilacqua e a escrita feminina no Brasil. In: BORRALHO, José Henrique de Paula. *Pontos, contrapontos não desvendados: os vários tecidos sociais de um Brasil oitocentista*. São Luís: Café & Lápis; Editora UEMA, 2011. p. 203-218, p. 205-209.

⁷⁵¹ QUEIROZ, Teresinha. Amélia Bevilacqua e a escrita feminina no Brasil. In: BORRALHO, José Henrique de Paula. *Pontos, contrapontos não desvendados: os vários tecidos sociais de um Brasil oitocentista*. São Luís: Café & Lápis; Editora UEMA, 2011. p. 203-218, p. 208.

⁷⁵² TELLES, Norma. Escritoras, escritas e escrituras. In: PRIORE, Mary del. (org.). *História das mulheres no Brasil*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2013. p. 401-442, p. 432.

⁷⁵³ TELLES, Norma. Escritoras, escritas e escrituras. In: PRIORE, Mary del. (org.). *História das mulheres no Brasil*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2013. p. 401-442, p. 432.

⁷⁵⁴ GAY, Peter. Mulheres agressivas e homens defensivos. In: GAY, Peter. *A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud: A educação dos sentidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 128-167, p. 166.

transformar em virago, o ciclo da era moderna está encerrado e teremos em perspectiva o advento de uma outra civilização, de uma outra religião.”⁷⁵⁵ Comumente confundida com a lésbia, a virago é uma mulher masculinizada⁷⁵⁶ que não se atém ao lar, aos cuidados com a família, que adentra, junto do homem, “na grande peleja da vida”, frequentando os espaços da política, das artes, do direito, do comércio, é a mulher que não guarda o pudor, que não se mantém reclusa na santidade do lar,⁷⁵⁷ mas não significa necessariamente que ela seja uma mulher não-heterossexual. A mulher que abandonasse sua esfera de atuação era vista como uma anomalia, uma mulher macho no século XIX.⁷⁵⁸

O feminismo, tanto nas regiões centrais do ocidente quanto na periferia, surgiu, como movimento, visando a reformulação do gênero, ou seja, buscava a modificação dos papéis das mulheres na sociedade por meio, principalmente, do acesso à educação. Por ser um movimento multifacetado que surgiu em várias regiões do mundo com demandas distintas e divergências internas, o marcador que define o feminismo para a compreensão do discurso do escritor Clodoaldo Freitas refere-se à inserção das mulheres na sociedade moderna para além de suas funções no espaço privado, desviando-as da função de esposa e mãe instruída e dedicada no lar burguês.

No alvorecer do século XX, Clodoaldo Freitas escreve uma crônica intitulada “O feminismo” para a sua coluna *Em roda dos fatos*, que compunha a seção de jornais de Belém, São Luís e Teresina, a qual foi posteriormente selecionada entre as melhores por ele produzidas e compiladas no livro homônimo de 1911. O autor inicia apresentando, não sem grande incômodo, as novidades de seu tempo, onde as mulheres participam, junto aos homens, dos trabalhos nos tribunais, nas artes, nos hospitais, no comércio e na política. E acrescenta que “a mulher só tem, hoje, vergonha de ser mãe, ou, pelo menos, a maternidade é a coisa que menos a preocupa, desde que pode alugar amas de leite e amas secas”.⁷⁵⁹ O cronista põe em evidência que as mulheres de classe média e alta ocupando os espaços fora de casa ao lado dos homens constituía um fenômeno recente em seu meio, e demonstra clara desaprovação diante desse deslocamento feminino porque as mulheres, segundo ele, deixavam se envolver-se com a maternidade, ou seja, com os cuidados com os filhos.

⁷⁵⁵ FREITAS, Clodoaldo. Em roda dos fatos. *Escritos de Clodoaldo Freitas*, Belém, v. 1, 7 set. 1904.

⁷⁵⁶ BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo: a experiência vivida*. 2. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, vol. 2, 1967, p. 144.

⁷⁵⁷ FREITAS, Clodoaldo. O feminismo. In: FREITAS, Clodoaldo. *Em roda dos fatos*. 3. ed. Brasília; Teresina: Senado Federal; Academia Piauiense de Letras, 2011. p. 77-81, p. 77.

⁷⁵⁸ GAY, Peter. Mulheres agressivas e homens defensivos. In: GAY, Peter. *A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud: A educação dos sentidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 128-167, p. 128.

⁷⁵⁹ FREITAS, Clodoaldo. O feminismo. In: FREITAS, Clodoaldo. *Em roda dos fatos*. 3. ed. Brasília; Teresina: Senado Federal; Academia Piauiense de Letras, 2011. p. 77-81, p. 77.

No jornal *Pacotilha* de 1888, do qual Clodoaldo Freitas foi colaborador, pelo menos, desde 1907, foi transcrito o texto de Manuel Pinheiro Chagas⁷⁶⁰ sobre Luiza Michel⁷⁶¹, militante anarquista da Comuna de Paris de 1871, desqualificando-a como mulher.

Confesso que não conheço personagens mais antipáticos do que estas Luizas Michel, estas *viragos* da revolução, meio doidas meio pedantes, criaturas sem sexo, que quando são novas e bonitas como Hubertino Amlen [sic]⁷⁶², arranjam uma mistura de anjo e de cabo de esquadra, e, quando são feias e velhas como Luiza Michel, realizam o hermafroditismo estranho da bruxa e do revolucionário.⁷⁶³

Pouco mais de uma década depois, Clodoaldo confirmaria as palavras odiosas e cheias de ansiedade de Pinheiro Chagas sobre as mulheres direcionadas para a política, as quais eram por eles consideradas masculinas e denominadas de *virago*, como Luiza Michel.

Tenho, a propósito, teorias antigas e profundamente radicadas no meu espírito. Eu não posso entender a mulher fora do lar. Quando encontro um virago, suponho tratar com um homem como eu, ou, pelo menos, um ser epiceno e desclassificado. Uma Luiza Michel me faz mal aos nervos. Por quê? Não sei.⁷⁶⁴

Em uma convenção feminista no estado de Nova York em 1852, Mandeville, um pastor protestante, definiu as ativistas como uma “espécie híbrida, meio homem e meio mulher, pertencente nem a um nem ao outro sexo”.⁷⁶⁵ Os discursos masculinos que rejeitavam peremptoriamente a confluência de comportamentos entre homens e mulheres eram bastante incisivos e possuíam uma mesma terminologia e base em comum. O desagrado de muitos homens em partilhar com as mulheres papéis semelhantes na sociedade explica-se pela característica básica das sociedades patriarcais, da qual estes sujeitos eram exímios defensores, que é “o homem fazer da mulher uma criatura tão diferente dele quanto possível. Ele, o sexo forte, ela o fraco; ele o sexo nobre, ela o belo”.⁷⁶⁶ Mas a beleza que se quer da mulher nada tem

⁷⁶⁰ Manuel Pinheiro Chagas (1842-1895) foi um escritor português, romancista histórico, polemista, que discutia sobre questões políticas, estéticas e miudezas com a geração de 1870 na literatura e na imprensa. Após discussões com Eça de Queirós, a imagem de Chagas ficou associada a uma posição reacionária e conservadora, o que contribuiu para o apagamento de sua figura literária.

⁷⁶¹ Louise Michel foi uma das mais simbólicas figuras femininas, representante do anarquismo na França na segunda metade do século XIX. AUZIAS, Claire. Louise Michel. *Verve*. São Paulo, 2006, n. 10, p. 101-108, jul. 2006.

⁷⁶² Texto transcrito incorretamente. Referia-se à sufragista francesa Hubertine Auclert (1848-1918).

⁷⁶³ PINHEIRO Chagas. *Pacotilha*. Maranhão, ano 8, n. 68, 9 mar. 1888.

⁷⁶⁴ FREITAS, Clodoaldo. O feminismo. In: FREITAS, Clodoaldo. *Em roda dos fatos*. 3. ed. Brasília; Teresina: Senado Federal; Academia Piauiense de Letras, 2011. p. 77-81, p. 77.

⁷⁶⁵ GAY, Peter. Mulheres agressivas e homens defensivos. In: GAY, Peter. *A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud: A educação dos sentidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 128-167, p. 143.

⁷⁶⁶ FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. 15. ed. São Paulo: Global, 2004, p. 207.

a ver com o tipo vigoroso e ágil. E exige-se a máxima diferenciação entre as vestimentas dos dois sexos e o afastamento da “possível competição da mulher no domínio, econômico e político, exercido pelo homem sobre as sociedades de estrutura patriarcal”.⁷⁶⁷ Assim argumentava o escritor português ao definir a mulher na sociedade oitocentista:

Para se ser uma mulher, não basta possuir os vestuários e quaisquer outros atributos do sexo feminino. É necessário restringir-se também ao papel social que se destina a esse sexo. Não sou de modo algum exclusivista, e não pretendo que o sexo forte possua o privilégio do talento e da energia. Não me incomoda em nada uma revolucionária ou uma jornalista, com a condição de que a ei de tratar como um revolucionário e como um jornalista. Mas usar da pena ou da palavra para me descompor, como me descomporia qualquer colega, ou me insultar, como me insultaria qualquer republicano, e refugiar-se depois quando eu vou tirar a desforra, detrás da inviolabilidade do seu sexo, lá isso parece-me um pouco forte.⁷⁶⁸

Neste ponto, Pinheiro Chagas põe em evidência que para ser mulher não basta vestir-se como uma, deve submeter-se aos papéis sociais determinados ao seu sexo. Caso contrário, estará sujeita aos embates violentos do mundo masculino da imprensa, da política, ou seja, terá que lidar com a violência dos embates viris. E, contrariando o que diz sobre tratar igualmente a mulher que não se submete aos papéis sociais que lhe são determinados, revela o seu profundo incômodo ao propor que a referida revolucionária Luiza Michel deveria ter sido despida e açoitada como forma de castigo por sua agitação política, tal como foi feito, durante a Revolução Francesa, com Théroigne de Méricourt. Impondo, assim, um claro limite às ações permitidas a seu sexo, evidenciando, pela ausência de seus trajes, a qual grupo pertence e quais papéis deveria conservar. Ao que Clodoaldo Freitas iria completar, mais de uma década depois, apresentando quais são os papéis destinados às mulheres. Os quais reiteradamente exalta em sua vasta literatura.

Eu só admiro a mulher na santidade do lar, tratando da família. Quanto maior é o número de filhos que uma senhora cria com desvelo e solicitude, mais a considero sábia e santa. Adoro a esposa, a mãe, a irmã, a filha, mas olho sempre com prevenção invencível para essa espécie de macho, que não quer se conformar com os deveres do seu sexo.⁷⁶⁹

Para Clodoaldo Freitas e também para Pinheiro Chagas, as mulheres estavam destinadas, devido ao seu sexo, a se manterem no lar, cuidando da família, resignadas, sempre

⁷⁶⁷ FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. 15. ed. São Paulo: Global, 2004, p. 207.

⁷⁶⁸ PINHEIRO Chagas. *Pacotilha*. Maranhão, ano 8, n. 68, 9 mar. 1888.

⁷⁶⁹ FREITAS, Clodoaldo. O feminismo. In: FREITAS, Clodoaldo. *Em roda dos fatos*. 3. ed. Brasília; Teresina: Senado Federal; Academia Piauiense de Letras, 2011. p. 77-81, p. 77.

vinculadas a um homem, seja o marido, o filho, o irmão ou o pai. A mulher que não se conformava com os papéis que lhe eram impostos era vista como uma aberração da natureza, que rejeitava o seu sexo, atalhada em um hermafroditismo, ou seja, presa à confluência dos dois sexos⁷⁷⁰, não podendo ser definida como uma mulher, mas, sim, como uma *virago*. A mulher macho, no último quarto do século XIX, aterrorizou os homens. Representava o “supremo inimigo da família, que arruinava a confiança do homem e destruía a verdadeira vocação da mulher.”⁷⁷¹ Em *O inimigo da família* de 1874, o conde Agénor de Gasparin argumentava não ser necessário “que a emancipação política das mulheres se aplique em toda a sua extensão para que sejam causados consideráveis danos. A ideia em si já é suficiente para desestruturar a família; esse falso ideal corrompe as posições, os relacionamentos, os afetos”.⁷⁷²

O século XIX se apresenta aqui como o século de ascensão da ciência. A biologia, constituída como ciência na década de 1840, “afirma definitivamente a hierarquia dos sexos”.⁷⁷³ As questões filosóficas no século XIX se assentam na diferença sexual, onde a alteridade revela a complementaridade, dividindo a personalidade em masculina e feminina. A ciência exaltada pelo positivismo vai ratificar a complementaridade dos papéis sexuais, onde o intelecto é dado aos homens e o afeto às mulheres⁷⁷⁴, no qual a elas está destinada a função de manutenção da ordem familiar por meio do cuidado com os filhos, lar e marido. E aos homens está reservada a função de governar e prover sua família.

Não era, necessariamente, em nome de um ideal civilizatório que Clodoaldo defendia a mulher como mãe, esposa e dona de casa⁷⁷⁵, mas diante das incertezas advindas com a modernidade em expansão, buscava interferir no social, construindo para as mulheres, via literatura, o ideal de maternidade voltada para o lar, pois receava a desfiguração dos gêneros diante dos novos papéis que as mulheres tomavam para si na sociedade, que as distanciavam do que ele entendia como função natural para o sexo feminino. No final de sua crônica, rejeita

⁷⁷⁰ LAQUEUR, Thomas. Destino é anatomia. In: LAQUEUR, Thomas. *Inventando o sexo: Corpo e gênero dos gregos à Freud*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001. p. 41-87.

⁷⁷¹ GAY, Peter. Mulheres agressivas e homens defensivos. In: GAY, Peter. *A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud: A educação dos sentidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 128-167, p. 145.

⁷⁷² GASPARIN, Agénor. La femme-homme. In: GASPARIN, Agénor. *L'Ennemie de la famille*. Paris: Michel Lévy Frères Éditeurs, 1874.

⁷⁷³ FRAISSE, Geneviève. Da destinação ao destino. História filosófica da diferença entre os sexos. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. *História das mulheres no Ocidente*. v. 4. Porto: Edições Afrontamento, 1998. p. 58-95, p. 73.

⁷⁷⁴ FRAISSE, Geneviève. Da destinação ao destino. História filosófica da diferença entre os sexos. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. *História das mulheres no Ocidente*. v. 4. Porto: Edições Afrontamento, 1998. p. 58-95, p. 73-74.

⁷⁷⁵ CARDOSO, Elizangela Barbosa. *Identidades de gênero, amor e casamento em Teresina: 1920-1960*. 2010. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010, p. 26.

a civilização e defende o isolamento social, tendo em vista assegurar a manutenção da hierarquia de gênero. E argumenta que, diante do compartilhamento das funções públicas com as mulheres, definidas como rivais “na faina da vida diária,” estas perderam o encanto de seu sexo.⁷⁷⁶

Contra esse desastre da família, contra a imolação da mulher, que deserta do lar, é que eu protesto. Se a civilização é isto, se os nossos costumes, para nos darem foros de sábios, devem ser, assim, alterados, prefiro que nos isolemos como a China e vivamos na santidade cristã dos nossos antepassados, tolos mas honrados, no lar feliz, junto da esposa analfabeta mas pura, rodeado da prole nédua. Salvemos a família, embora se arruíne essa falsa civilização paganizada e imoral.⁷⁷⁷

“O modelo republicado da mulher é o de uma mãe.”⁷⁷⁸ As competências, via educação, que lhe são garantidas devem ser postas à serviço de sua família e não de interesses pessoais ou de emancipação política feminina. Educar os filhos para serem bons cidadãos e as filhas boas futuras esposas constitui o seu dever político.

Clodoaldo Freitas “apresenta em seu texto relações cognitivas com o passado a partir de uma visão do presente”⁷⁷⁹, ou seja, articula passado e presente para abordar as mudanças que percebe na sociedade e desenvolver suas críticas e o seu modelo ideal de mulher. A narrativa histórica de Clodoaldo Freitas foca no sujeito universal, ou seja, no homem, mas sua escrita ficcional, no geral, está enfaticamente direcionada para as mulheres e intenta esquadrihá-las e deliberar sobre o gênero, ou seja, sobre o que esses sujeitos do sexo feminino e do sexo masculino devem ser culturalmente a partir das representações que se lhes afiguram por meio da taxonomia social a partir dos gêneros que elenca em sua escrita.

Até o século XVIII, o Ocidente percebia a hierarquia própria do gênero, que coloca a mulher como inferior ao homem, a partir de uma lógica metafísica. Opositor ferrenho dessa epistemologia, Clodoaldo Freitas vai compreender o gênero a partir de uma anatomia e fisiologia da diferença. Ou seja, é a base material que explica, para o escritor, a diferença entre homens e mulheres na sociedade. As bases epistemológicas metafísicas e materialistas são diferentes quanto à compreensão do sexo e do gênero, mas as explicações e estruturas hierárquicas se assemelham.

⁷⁷⁶ FREITAS, Clodoaldo. O feminismo. In: FREITAS, Clodoaldo. *Em roda dos fatos*. 3. ed. Brasília; Teresina: Senado Federal; Academia Piauiense de Letras, 2011. p. 77-81, p. 80.

⁷⁷⁷ FREITAS, Clodoaldo. O feminismo. In: FREITAS, Clodoaldo. *Em roda dos fatos*. 3. ed. Brasília; Teresina: Senado Federal; Academia Piauiense de Letras, 2011. p. 77-81, p. 81.

⁷⁷⁸ GODINEAU, Dominique. Filhas da liberdade e cidadãs revolucionárias. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. *História das mulheres no Ocidente*. v. 4. Porto: Edições Afrontamento, 1998, p. 36.

⁷⁷⁹ GUTEMBERG, Paulo. História e identidade. As narrativas da piauiensidade. 2008. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2008, p. 115.

A visão dominante desde o século XVIII, embora de forma alguma universal, era que há dois sexos estáveis, incomensuráveis e opostos, e que a vida política, econômica e cultural dos homens e das mulheres, seus papéis no gênero, são de certa forma baseados nesses ‘fatos’. A biologia – o corpo estável, não-histórico e sexuado – é compreendida como o fundamento epistêmico das afirmações consagradas sobre a ordem social.⁷⁸⁰

O que ocorre é que no século XIX, os corpos masculino e feminino, que eram, antes, lidos como “versões hierárquica e verticalmente ordenadas de um sexo” vão ser percebidos como “opostos horizontalmente ordenados e incomensuráveis”, formulados como dois sexos opostos.⁷⁸¹ É devido a este olhar sobre os sexos que Clodoaldo defende, veementemente, funções para as mulheres que estão culturalmente articuladas ao seu sexo e diametralmente opostas ao dos homens, ou, como queira, complementares. Seu papel na sociedade está diretamente ligado a características percebidas como exclusivas de seu sexo.

A ciência que formulava e ratificava diferenças anatômicas e fisiológicas concretas entre o homem e a mulher se constituía com bases em interesses políticos. E esses interesses políticos eram atravessados pelo gênero. Ou seja, os olhares científicos sobre as diferenças sexuais eram profundamente marcados pela “política de poder do gênero”.⁷⁸² As buscas pelas diferenças fundamentais entre os sexos emergiram precisamente quando a velha ordem metafísica foi profundamente abalada pelas formulações científicas oitocentistas e novecentistas.⁷⁸³ E estas formulações científicas estavam profundamente agarradas à ordem hierárquica estabelecida, onde os homens se constituíam como sujeito universal – não exatamente todos os homens⁷⁸⁴. Ou seja, as relações de poder estavam tensionadas nessas novas formulações epistemológicas, bem como nas demais mudanças exacerbadas nos séculos XVIII e XIX.⁷⁸⁵

Clodoaldo Freitas não se apartava dessas tensões de gênero. Seus textos emanam essas relações de poder, e em sua escrita aparecem tanto a força de suas idealizações como os movimentos de oposição ao modelo que propaga. E é neste embate que a sua literatura se mostra

⁷⁸⁰ LAQUEUR, Thomas Walter. *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001, p. 18.

⁷⁸¹ LAQUEUR, Thomas Walter. *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001, p. 21.

⁷⁸² LAQUEUR, Thomas Walter. *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001, p. 21-22.

⁷⁸³ LAQUEUR, Thomas Walter. *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001, p. 21-22.

⁷⁸⁴ O sujeito universal era constituído por um grupo específico de homens, que possuíam demarcadores culturais do modelo padronizados pelas sociedades ocidentais centrais, como ser branco, letrado, das camadas médias. Um pequeníssimo grupo que encerrava em si os poderes políticos, sociais e culturais.

⁷⁸⁵ LAQUEUR, Thomas Walter. *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001, p. 22.

punitiva como prática escriturística, ou seja, seu intento de intervir sobre a realidade que enxerga se formula pela rigorosa admoestação das infratoras.

Apesar de o movimento feminista não existir de forma organizada em Teresina até a primeira década do século XX⁷⁸⁶, as movimentações femininas que o feminismo impulsionava mundo afora, e também em Teresina, gerava um profundo desconforto em Clodoaldo Freitas, provocando tensões, ódios e medos diante da entrada das mulheres no mercado de trabalho, que as distanciavam do ideal de mãe devota ao lar, também, delineado por ele.

No ano seguinte à publicação do livro de crônicas *Em roda dos fatos* de Clodoaldo Freitas onde se encontra a referida crônica sobre o feminismo, Clóvis Bevilacqua, a quem Clodoaldo dedica sua obra,⁷⁸⁷ escreve uma recepção elogiosa ao literato piauiense e seu livro, destacando-o como proeminente homem de letras, envolvido nas mais variadas estirpes literárias. E, diante de um pensador liberal e de uma inteligência emancipada como Clodoaldo Freitas, Clóvis Bevilacqua se surpreende com o antifeminismo daquele.⁷⁸⁸

Clóvis contra argumenta o fundamento antifeminista de Clodoaldo de que a mulher não tem o vigor intelectual nem o vigor muscular do homem afirmando que, hoje, a preponderância da vida não depende da força física, da qual a mulher permutou pela elegância das formas mantendo a resistência física. E acrescenta que “a superioridade intelectual do homem é uma ilusão,”⁷⁸⁹ pois as mulheres só não se destacam no rol dos grandes gênios criadores devido à situação imposta a elas pela sociedade. Se Newton ou Descartes tivessem sido educados em sociedade menos desenvolvidas não teriam produzido os princípios matemáticos da filosofia natural nem o discurso sobre o método, respectivamente. No momento em que facilitam o desenvolvimento intelectual das mulheres surgem as Hipátias, as Clemences Royer, as Sofias Kawalewski, as Curie. Clóvis defende que os cérebros de homens e mulheres têm as mesmas capacidades mentais. No entanto, não nega as diferenças entre os dois sexos, mas defende a igualdade de direitos para ambos como ato de justiça.⁷⁹⁰

Porém, é importante salientar que Clodoaldo Freitas não se manifestava apenas como saudosos da sociedade tradicional com suas mulheres voltadas para a maternidade e o lar. Ele

⁷⁸⁶ CARDOSO, Elizangela Barbosa. *Identidades de gênero, amor e casamento em Teresina: 1920-1960*. 2010. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010, p. 14-15.

⁷⁸⁷ Dedicou seu livro também à sua prima e esposa de Clóvis Bevilacqua, Amélia de Freitas Bevilacqua. FREITAS, Clodoaldo. *Em roda dos fatos*. 3. ed. Brasília; Teresina: Senado Federal; Academia Piauiense de Letras, 2011. P. 5.

⁷⁸⁸ DR. Clodoaldo Freitas. *Diário do Piauí*. Teresina, Ano 2, n. 111, 30 maio 2012.

⁷⁸⁹ DR. Clodoaldo Freitas. *Diário do Piauí*. Teresina, Ano 2, n. 111, 30 maio 2012.

⁷⁹⁰ DR. Clodoaldo Freitas. *Diário do Piauí*. Teresina, Ano 2, n. 111, 30 maio 2012.

saudava de forma pungente as novidades do amor, das novas relações no casamento burguês, do direito ao divórcio e da emancipação civil feminina.

Neste momento de crescente circulação de livros, nota-se uma preocupação do escritor com o que as mulheres iriam ler, bem como das diversões que se expandiam na cidade, protagonizadas pelos bailes e teatros. O romance, desde o século XIX, funcionava como um meio de difundir uma cultura desejada, principalmente para as mulheres. A inserção da leitura no mundo moderno possibilitava uma forma de educação desses sujeitos via palavra escrita, difundida com enorme rapidez devido às modernizações tipográficas.

Devo acrescentar, para evitar dúvidas, não sou contra a educação da mulher. Quero-a com a exata noção das coisas, com conhecimentos positivos, suficientes para saber, por si, dirigir-se e viver. Quero-a música, pintora, costureira, cozinheira, gomadeira, modista, uma perfeita dona de casa, entendendo um pouco de tudo, principalmente das línguas, da música e das matemáticas elementares. A mulher deve ser educada para mãe de família. Só deve aprender o que se relacionar com esse grande objetivo. Nada de cria-la na leitura pervertedora dos romances sentimentais e dos ripanços idiotas. Nada de cria-la na vida airada e preguiçosa de andar rezando de manhã pelas igrejas, de tarde se mostrando enfeitada à janela e à noite nos bailes e teatros. De tudo um pouco. A natureza preparou a mulher para o lar, onde é bela, grande, incomparável. Fora daí, é como qualquer de nós.⁷⁹¹

Este controle sobre a leitura aponta para uma acentuada importância dos livros na subjetivação dos indivíduos, que passavam a fazer cada vez mais uma leitura solitária, o que, para Clodoaldo, indicava a possibilidade de desvio na formação da mãe de família. Quanto ao teatro em Belém, segundo ele, configurava-se como uma escola de perdição quando encenavam apenas revistas com piadas pesadas, torpes, ditos picantes, frases “prostibulares” e gestos desonestos, os quais endureciam o pudor feminino. “O teatro, pois, não educa, não moraliza, não serve para coisa alguma, a não ser para fazer graças e dizer imoralidades. Faz rir e já não é pouco mas faz rir molestando o pudor, desnudando as carnes”.⁷⁹² Outro produto da civilização, o baile público, é visto por Clodoaldo como outra diversão impura e inútil, tal qual o teatro tem sido.

Ainda não compreendi qual a vantagem que tem uma moça de frequentar um baile, sobretudo esses bailes públicos de clubes. Salvante o contato do par, não vejo nenhuma sedução nessa mascarada, em que a promiscuidade de sexos, a efusão acre dos suores, o perfume e as luzes geram alucinações, produzem vertigens e fazem os anjos se lembrarem que tem carnes, que palpitam ao contato de outras carnes. Uma donzela ao sair de um baile fica sabendo o que

⁷⁹¹ FREITAS, Clodoaldo. O feminismo. In: FREITAS, Clodoaldo. *Em roda dos fatos*. 3. ed. Brasília; Teresina: Senado Federal; Academia Piauiense de Letras, 2011. p. 77-81, p. 77-78.

⁷⁹² FREITAS, Clodoaldo. *Em roda dos fatos*. *Escritos de Clodoaldo Freitas*, Belém, v. 1, 7 set. 1904.

é o homem com o seu fartum e com a sua filúcia, com o seu cheiro enjoativo de cigarros, com seu hálito tresandando a conhaque.⁷⁹³

Clodoaldo Freitas defende a família, local sagrado da moralidade e apela para que os pais de família não levem suas mulheres e filhas para o teatro imoral, sendo este de exclusividade masculina, pois para os homens nada disso é novo, mas as moças aprendiam o despudor no teatro. O teatro e o baile desviavam as mulheres do ideal de gênero vislumbrado por Clodoaldo, onde a moralidade feminina, a mulher voltada para a maternidade e o apanágio da liberdade sexual exclusiva para os homens davam o tom desta organização social. E, por meio de sua ironia habitual nas crônicas da coluna *Em roda dos fatos*, aponta para a quebra dessa ordem do gênero provocada por estes instrumentos de diversão do mundo moderno como geradoras do feminismo.

Tudo isto é necessariamente belo e vai gerando o feminismo, a derradeira fase da nossa atual civilização. Quando a mulher sair do lar e se transformar em virago, o ciclo da era moderna está encerrado e teremos em perspectiva o advento de uma outra civilização, de uma outra religião, bastante forte para lavarem as máculas imensas dos tempos presentes.⁷⁹⁴

Para Clodoaldo Freitas, o feminismo desestruturaria toda a organização social, pois esta está assentada no gênero, ou seja, nos papéis hierárquicos destinados aos sujeitos sexuados a partir das diferenças percebidas. Onde, no caso acima, a moralidade feminina, o pudor e o recato constituíam-se elementos fundamentais para a formação de boas mães e esposas, restritas ao espaço doméstico, alinhadas ao modelo familiar burguês e sob o comando masculino.

É no início do século XX que Clodoaldo Freitas se direciona de forma mais veemente para a produção literária ficcional e sua publicação, tanto em formato de folhetim, no rodapé dos jornais, como em outras partes dos periódicos reservadas à literatura, pois, os jornais do século XIX e início do século XX eram, sobretudo, espaço para a divulgação literária.

Em sua visão, o drama ou o teatro deve ter como função ensinar os bons costumes pela representação da vida humana, ensinando que a virtude é preferível ao vício. O tom prescritivo em sua representação do mundo via literatura é composto por uma taxonomia feminina que surge por meio de sua variedade de personagens femininas, onde o vício é deflagrador de agruras e sofrimentos, tendo como punição simbólica, sobretudo, a morte da mulher viciosa e é, quase sempre, contraposto pela virtude.

O teatro é um resumo da vida humana com suas lutas, suas tempestades, suas fraquezas, suas dúvidas, esperanças, desesperos, paixões, misérias, virtudes,

⁷⁹³ FREITAS, Clodoaldo. Em roda dos fatos. *Escritos de Clodoaldo Freitas*, Belém, v. 1, 7 set. 1904.

⁷⁹⁴ FREITAS, Clodoaldo. Em roda dos fatos. *Escritos de Clodoaldo Freitas*, Belém, v. 1, 7 set. 1904.

vícios, crimes e grandezas. Nós vemos tudo isto todos os dias pelas ruas e pelos jornais. O teatro que, no drama, nos apresentasse o resumo disto e nos apresentasse o homem, seria uma escola, porque nos ensinaria a sofrer, a lutar e a vencer ou a ser vencidos dignamente, resignados com a vontade de deus ou com a fatalidade das coisas, vendo o vício que é horrendo, ao lado da virtude, que é bela. Compreenderíamos isto, embora o vício trinfasse, o crime fosse o premiado como as mais das vezes acontece. Ficaríamos sabendo que a virtude, mesmo perseguida, é sublime e preferível ao vício triunfante. Mas fazendo do prosclênio a escola do vício e do escândalo, sem o contraste da virtude e tomar a vida humana pelo seu lado imundo e fazer dela o exemplo, e meio e o termo da existência, é pregar uma moral barata, capaz de prejudicar as almas juvenis, sobretudo das moças.⁷⁹⁵

Em fins da primeira década do século XX, Clodoaldo Freitas é atingido pela notícia de uma proposição sobre o casamento feita por uma feminista no Primeiro Congresso de Mulheres em São Petersburgo, Rússia, realizado no dia 28 de fevereiro de 1909. Em crônica da coluna *Em roda dos fatos* publicada na primeira página do jornal *Diário do Maranhão*, menos de um mês após o referido congresso feminista, Clodoaldo Freitas refere-se ao projeto do casamento experimental apresentado e defendido por “uma das ardorosas e belas oradoras” que participaram desta reunião feminista.

A oradora que defende a legalização do casamento experimental, no qual este deveria existir somente enquanto agrada aos cônjuges, podendo ser desfeito para se contrair um outro até que ambos estejam satisfeitos, é criticada por Clodoaldo Freitas. Pintando o cenário da “bela assembleia” como uma mixórdia, porquanto composta por mulheres, afirma ser impraticável e constituir-se de um atentado contra a moral a legalização deste tipo de casamento extralegal, criado pelo capricho, o qual existe às centenas por todo o mundo, sendo socialmente tolerado, porém, por ele condenável.

Clodoaldo defende a família e a honra burguesa. Expressa em sua crônica que, em seu tempo, nada está de pé, que tudo precisa passar por uma reforma, inclusive o próprio casamento. Ao lado do pobre que pede a equivalência do trabalho e do capital, do cidadão que exige a distribuição do poder público aparece a mulher reclamando seus direitos na família e na sociedade, buscando afrouxar o máximo possível seus laços e encargos matrimoniais. A mulher luta por sua liberdade e pelo amor livre nas grandes capitais europeias, onde o feminismo se agita, assim como predominam também as ânsias por reformas socialistas radicais. Diante de tantas tempestades, as mulheres põem no mundo mais essas exigências anárquicas, mais essas amarguras. Clodoaldo defende, então, que as mulheres tenham sua honra preservada pela

⁷⁹⁵ FREITAS, Clodoaldo. Em roda dos fatos. *Escritos de Clodoaldo Freitas*, Belém, v. 1, 7 set. 1904.

família nuclear, por meio do casamento e, conseqüente, tutela masculina. A política avilta os sujeitos, e as belas e perfumadas senhoras devem ser preservadas de tais arbítrios.⁷⁹⁶

Na semana seguinte, na mesma coluna, Clodoaldo afirma que a família e a sociedade capitalista estão à deriva. Compreende como justa a luta do proletariado pelo fim das classes sociais. Apresenta as tiranias sociais por meio de um paralelo entre a opressão do pobre na sociedade e da opressão da mulher na família, que correm risco de serem transformadas diante do triunfo do socialismo que se avizinha com o crescimento da onda socialista.

Afirma ser evidente a força que o socialismo tem para realizar a democratização dos governos, alterando a distribuição da riqueza e a organização da família. Aponta que em seu tempo pais casam as filhas sem formalidades legais, escritores defendem o amor livre. Assegura que o casamento como é atualmente não é uma instituição perfeita e necessita de reformas, e não só por meio da legalização do divórcio, mas em sua base, assim como também carecem de melhorias o regime social e econômico. Então, usa o caso de Marguerite Steinheil (1869-1954), suspeita de ter matado seu marido e sua mãe em 31 de maio de 1908, para tratar sobre a condição da mulher na família.

Marguerite era uma mulher influente, enquanto casada envolveu-se amorosamente com vários homens ricos, tinha uma vida bastante luxuosa, bancada por seus amantes, seu salão era muito frequentado e vivia afastada dos deveres familiares que lhe eram esperados. O assassinato era explicado pelo desejo de casar-se com um rico industrial e receber a herança de sua mãe para cobrir os custos de sua vida luxuosa, que, no declínio de sua mocidade, diminuía-se o número de amantes dispostos a custear seu luxo principesco. A senhora de Steinheil era, para o cronista, o exemplo da esposa indigna, da filha perversa, “uma criminosa vulgar, na mais baixa e torpe significação da palavra,”⁷⁹⁷ só restava para ela a pena capital, a morte na forca.

Clodoaldo apresenta uma clara relação entre literatura e sociedade, ficção e realidade ao relacionar a vida conjugal conturbada de Marguerite e seu marido com os romances franceses e aponta brevemente para a existência de um outro provável motivo para o assassinato do marido. Pois, segundo o cronista, o divórcio era legalizado na França no período, podendo ela casar-se novamente e viver seus sonhos de riqueza, portanto, o marido não constituía um obstáculo diante da possibilidade de dissolução do casamento, e não havia amor por parte dela que a impedisse de pedir o divórcio, pois Clodoaldo afirma que o adultério só é possível quando a mulher não ama o marido.

⁷⁹⁶ FREITAS, Clodoaldo. Em roda dos fatos. Maranhão, *Diário do Maranhão*, ano 40, n. 10710, 23 mar. 1909.

⁷⁹⁷ FREITAS, Clodoaldo. Em roda dos fatos. Maranhão, *Diário do Maranhão*, ano 40, n. 10715, 29 mar. 1909.

O marido, o conhecido pintor Steinheil, sabia da sua vergonhosa vida de adúlteros? Sabia e, ultimamente, queixava-se a um amigo. Soube de pouco ou soube de muito tempo? Não sei. O que me parece mais natural é que Steinheil não podia ignorar os fins desonestos das ausências da esposa, principalmente vendo-a luxar, andar coberta de joias e sedas, que ele não dava. Tudo isto é um capítulo real da vida parisiense, que nós vemos deslizar através das páginas dos romances franceses. Steinheil não podia ignorar a vida licenciosa da esposa, e esta não podia considerar o marido um embaraço sério para sua vida. a lei do divórcio facilitava a dissolução do laço matrimonial, e a senhora Steinheil podia contrair novo casamento com Borderel, mesmo em vida do marido.⁷⁹⁸

As principais preocupações de Clodoaldo, em relação às mulheres, estão ligadas ao casamento, à maternidade e a formação da família nuclear burguesa. E sua literatura é um espaço onde pode refletir sobre a sociedade e as mulheres a partir de suas construções narrativas e das representações femininas, tematizadas, sobretudo, a partir destes três principais eixos que giram em torno do sentimento do amor, que se faz cada vez mais presente.

3.14 A morte da mulher na literatura

Para Clodoaldo Freitas, o drama na literatura, como resumo da vida humana, das lutas, tempestades, fraquezas, dúvidas, esperanças, desesperos, paixões, misérias, virtudes, vícios, crimes e grandezas ensina a viver, vendo o vício como horrendo e a virtude como bela. A literatura tem a função educadora de ensinar que a virtude é preferível ao vício. Assim, o vício na mulher raramente triunfa em sua literatura. Quando o vício é representado em sua literatura é, na maior parte das vezes, posto em contraste com a virtude.

Porém, não só a virtude vitoriosa se impõe para desqualificar o vício. A punição diegética se dá com a morte das mulheres viciosas. Por meio da novela *Coisas da vida* (1908-1909), Clodoaldo Freitas representa novos valores e comportamentos que se insurgiam na sociedade. A diegese se passa no período Imperial em franca decadência do patriarcado rural. Há uma sensível desvalorização do dote, uma incessante exaltação do amor como propulsor dos enlances matrimoniais e na suavização da autoridade paterna e materna sobre as filhas. A valorização da beleza feminina ganha cada vez mais destaque na valorização destas no mercado matrimonial. Apesar da acentuada fruição dos sentidos fornecida pela narrativa, há uma reiterada valorização da honra feminina. Na narrativa o modelo de família patriarcal rural está em franca decadência, e isso é apontado pelos comportamentos das mocinhas.

A licenciosidade feminina na novela aponta para a decadência deste modelo familiar, que não consegue mais controlar suas filhas e as perde, desonradas, mesmo que sem grande

⁷⁹⁸ FREITAS, Clodoaldo. Em roda dos fatos. Maranhão, *Diário do Maranhão*, ano 40, n. 10715, 29 mar. 1909.

alarde quanto à desonra. Todos os genros de Plínio já sabiam da desonra de suas filhas, por isso forçam o casamento de suas filhas com ele, que se procedem de modo infeliz, sem nenhuma festa. Se tudo era pretexto para festa, por que o casamento da filha do barão, do comendador e do coronel com Plínio não seria motivo de uma festa? Porque era para encobrir a desonra de suas filhas. É, também, por meio do comportamento feminino que aquele regime familiar decaía. A definição dos comportamentos femininos constituía-se de uma missão literária para Clodoaldo Freitas e tantos outros literatos defensores da moral, da família, da própria civilização.

O gênero constitui-se de elemento fundamental na manutenção ou reordenação dos poderes na sociedade. E é justamente pela representação do vício feminino que o escritor compunha sua crítica social e ensinava, pelo caráter horrendo de tais práticas, culminadas na morte, quais comportamentos eram desaconselhados para as mulheres. Todos esses elementos indicam movimentos que esta sociedade oitocentista percorria na segunda metade do século XIX em direção à modernidade.

Portanto, dentre todos esses pontos, na narrativa, o elemento da diegese que perpassa seu início até o fim são os comportamentos femininos, apresentados a partir do olhar do narrador autodiegético, ou seja, o narrador protagonista, que é uma espécie de *alter ego* de Clodoaldo Freitas, um quintanista de direito, pobre, porém fidalgo em seus modos e com um nobre caráter. Ao passo que o autor apresenta a licenciosidade feminina na sua maior exuberância de gozos infinitos, protagonizados pela potência masculina de Plínio, durante a maior parte da narrativa, impõe como castigo pela honra perdida, sem a reputação socialmente ferida, a morte de todas as mulheres que caíram, ou seja, que se entregaram a ele, perdendo, assim, sua virgindade.

Interessa analisar o tom dado ao casamento na diegese e seus significados. Os dias e as noites nos engenhos do Calhau e do Ingá, onde as moças conhecem Plínio e com ele se deleitam, são sempre animados, com música, jogos, passeios, banhos e mais festas. Já os três casamentos de Plínio se realizam sem a menor animação ou festa, já dando o tom da infelicidade que perpassaria os três matrimônios. O primeiro casamento de Plínio realiza-se com Rosina. “Foi um casamento frio e triste, sem o menor aparato.”⁷⁹⁹ Pouco tempo depois de casados, Rosina é assassinada por seu primo Antônio Cândido, de quem era noiva e havia rompido a promessa de casamento.

⁷⁹⁹ FREITAS, Clodoaldo. *Coisas da Vida*. Imperatriz: Ética, 2009a, p. 92.

O segundo casamento de Plínio ocorre pouco mais de dois meses depois de sua viuvez do primeiro casamento com Rosina. Passando a morar na casa alugada, em São Paulo, pelo comendador, pai de Carlota, esta passa a frequentar o quarto de Plínio à noite. Não tardou para que os primeiros sintomas da gravidez aparecessem e o casamento entre eles foi feito apressadamente, para evitar o escândalo. Logo depois de casada, Carlota parte para Poços de Caldas para acompanhar seu pai e Camila, sua madrastra, que necessitava de cuidados com sua saúde. Assim que desembarcaram na estação, Carlota foi atropelada por um carro e morreu.

Viúvo pela segunda vez, Plínio conclui o curso de direito. À sua formatura vai o barão, seu próximo sogro, o terceiro, pai de Hortência. Seguiu para o Ingá com o barão e lá casou-se com Hortência, “sem a menor festa”.⁸⁰⁰ O casamento mais duradouro de Plínio, até então, durava seis meses. Porém, em um dos passeios matutinos que fazia com sua esposa grávida, tiveram de correr para se protegerem no engenho de um boi que avançava ameaçadoramente. Hortência teve que ser conduzida para casa nos braços por causa do susto que sentiu. Devido a este evento sofreu um aborto à noite que provocou uma hemorragia que lhe tirou a vida pela madrugada.

O trágico destino dessas mulheres era interpretado por Plínio como um castigo divino por ele não ter se casado com Adélia, sua prometida de infância, que tristemente se resignava. Contudo, a queda dessas mulheres, protegidas pelos matrimônios impostos à Plínio, figurava como a punição, não para ele, que saiu ileso na diegese, para as mulheres que não protegeram suas honras.

A conformação de gênero a partir da representação de mulheres licenciosas como geradores de tristes matrimônios que culminam com a morte delas, buscava interferir nas práticas femininas quanto à valorização da honra, da castidade, para a manutenção da ordem familiar pautada no controle dos corpos femininos, da moralidade feminina para além da manutenção do patrimônio e controle da bastardia, visto que Camila, esposa do comendador, engravidou de Plínio e não recebeu a punição da morte por seus vícios nem a desonra.

Em *Coisas da vida* (1908-1909) há um evidente triunfo do prazer individual acima dos interesses do grupo social, porém, este se configurava como apanágio masculino e da mulher que não perdera a virgindade fora do casamento, representada por meio da personagem Camila, a esposa do Comendador Herculano. Clodoaldo Freitas, nessa novela, representa as jovens mulheres dotadas de uma personalidade sexual, são seres que buscam o prazer, advento

⁸⁰⁰ FREITAS, Clodoaldo. *Coisas da Vida*. Imperatriz: Ética, 2009a, p. 99.

produzido pela descristianização da carne⁸⁰¹ e de uma crescente ligação entre amor, desejo e casamento, muito presente nas mulheres da narrativa.

Enquanto o medo da morte em decorrência da gravidez compunha uma realidade constante na vida das mulheres nos oitocentos,⁸⁰² na literatura de Clodoaldo Freitas, apenas três (03) mulheres morrem no parto ou em decorrência deles. Entretanto, essas mortes em decorrência da gravidez acontecem como forma de punição para a mulher viciosa e não como um temor diante de um mal que a gravidez poderia trazer. Hortência de *Coisas da vida* (1908-1909) foi comentada acima. Ângela, de *Um segredo de família*, morre no parto de seu segundo filho como uma punição diegética pelo seu comportamento, casara para encobrir uma gravidez com um homem casado, saía à rua sozinha, não se submetia ao marido, engravidou novamente do mesmo homem, mentiu para o marido. Sua morte representa um alívio para Anastácio, seu marido bígamo, que assim poderia construir sua família sem o peso da bigamia, proibida por lei.

Mimi, do conto *As taras* (1912), morre em decorrência de um aborto de um filho que teve com o seu irmão. A relação infrutífera e a mulher viciosa não tinham lugar neste mundo. As mortes em decorrência da gravidez na literatura de Clodoaldo Freitas mais se relacionam com a impossibilidade literária dessas relações ilícitas, viciosas e forçadas, como uma punição às mulheres perante seus comportamentos desregrados. Então, em sua literatura, Clodoaldo protege a maternidade. Abafa a ansiedade do medo da morte que as mulheres grávidas sentem. A morte na gravidez só poderia decorrer de um erro moral em sua ficção.

Outro tipo de morte da mulher bastante recorrente na prosa ficcional de Clodoaldo Freitas é o assassinato de mulheres pelos homens. Esse tipo de morte é proveniente, em todos os casos, talvez, com exceção de um – o assassinato de Guilhermina por Milo que, fora de suas faculdades mentais, mata os filhos e é assassinada pelo marido, assemelhando-se às representações das mulheres loucas na literatura do século XIX, onde este estado alienado nas mulheres configurou-se como um estágio preparatório para a morte⁸⁰³ –, da relação amorosa ou do desejo amoroso ou sexual que os homens têm por essas mulheres. Essas mortes podem ser divididas em duas categorias. No assassinato da mulher adúltera por seu marido traído e no assassinato da mulher que rejeita o homem.

⁸⁰¹ HOUBRE, Gabrielle. O corpo e a sexualidade das mulheres: do século XVIII ao período entre guerras. *Pro-Posições*, v. 14, n. 2 (41), p. 103-119. maio/ago. 2003.

⁸⁰² BARMAN, Roderick. *Princesa Isabel do Brasil: gênero e poder no século XIX*. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

⁸⁰³ TIBURI, Márcia. Ofélia morta: do discurso à imagem. *Estudos feministas*, Florianópolis, n. 18, p. 301-318, maio/ago. 2010, p. 302.

Rosina de *Coisas da vida* (1908-1909) e Etelvina de *A besta humana* são ambas assassinadas pelos homens que queriam um enlace conjugal e sexual com elas. Rosina rejeita Antônio Cândido ao se casar com Milo. Não aceitando ser dispensado, Antônio Cândido mata a mulher que almejava. Etelvina é assassinada por seu patrão, homem casado que quisera ter com ela relações sexuais. Preservando sua honra, Etelvina morre diante da paixão violenta e incontrolável de Bernardinho. Em *A besta humana* a imagem da mulher morta alia-se ao gozo masculino.

Os assassinatos das mulheres adúlteras são todos realizados pelos maridos traídos, que lavam sua honra com o sangue de suas esposas. Margarida, em *Memórias de um velho* (1905-1906), foi assassinada por seu marido José, pega em flagrante adultério. Paulina, em *As taras* (1912), foi envenenada por Feitosa, seu marido, alguns dias após matar Lúcio, o jovem amante da esposa. Antes de Paulina morrer sob efeito do veneno, Feitosa explica as motivações que o levaram a matá-la, quase como se direcionasse a punição para a leitora, como uma ameaça velada. E, em *Os Barretos* (1912), Inácia abandona sua casa e é assassinada por Pedro Barreto, seu marido, por ter quebrado a harmonia conjugal.

Ainda que a violência masculina que culmina na morte da mulher na narrativa seja depreciada, apontada como uma falha humana, com exceção de Milo, a narrativa encerra uma moral da história, um passo vicioso trazendo uma punição. Provavelmente, um dos possíveis efeitos das consequências fatais para as mulheres viciosas nas narrativas fosse conduzir as leitoras a acreditarem na inevitabilidade da punição e considerarem como verdadeira a ficção que lhes é dirigida.

Na representação dessas mulheres há uma espécie de culto da mulher cadáver, amplamente difundido no romantismo oitocentista, período em que a representação da mulher morta existiu em profusão na literatura.⁸⁰⁴ Edgar Allan Poe, teorizando sobre a boa escrita masculina, afirmava que, em meados do século XIX, a morte era o tema mais melancólico e “a morte, pois, de uma bela mulher é, inquestionavelmente, o tema mais poético do mundo e, igualmente, a boca mais capaz de desenvolver tal tema é a de um amante despojado de seu amor”.⁸⁰⁵ As imagens das mulheres mortas por homens abandonados, traídos e rejeitados, tão recorrentes tanto na literatura de Clodoaldo Freitas quanto na literatura oitocentista ocidental, apontam para uma constante nas sociedades, compondo uma forma de reforço dramático de uma prática corriqueira.

⁸⁰⁴ TIBURI, Márcia. Ofélia morta: do discurso à imagem. *Estudos feministas*, Florianópolis, n. 18, p. 301-318, maio/ago. 2010, p. 302-303.

⁸⁰⁵ POE, Edgar. *Poemas e ensaios*. 3. ed. São Paulo: Globo, 1999, p. 4.

3.15 Literatura e gênero

Os produtos culturais, como os romances e demais textos veiculados pela imprensa, desempenham um papel fundamental na construção das sociedades e de suas hierarquias.⁸⁰⁶ A literatura, como expressão de uma escrita, de um saber e de um poder nas sociedades modernas, concorreu para a construção de socializações, papéis sociais, sentimentos e, dentro de tudo isso, para a definição da mulher no mundo moderno.⁸⁰⁷

O romance surge no século XVIII junto com a ascensão da sociedade burguesa. “Enquanto as formas de ficção anteriores tinham um direcionamento coletivo, o romance substitui essa tradição por uma orientação individualista e original.” Com o romance há a difusão da prosa da vida doméstica cotidiana, onde há a construção da hegemonia do ideário burguês.⁸⁰⁸

Clodoaldo Freitas demonstra, por meio de seus textos, uma forte preocupação com a política, com as questões econômicas, com a sociedade, com a cultura de sua época também por meio da análise dos costumes. Por meio da qual compõe uma acentuada investigação quanto à degeneração moral e física dos indivíduos, relacionando a fealdade dos sujeitos aos seus comportamentos, sobretudo no seio da família, centralizando a análise, em grande medida, nos comportamentos femininos.

Os ideais modernos atrelados à capacidade individual de enriquecimento, ou, pelo menos, de sair de um estado de miséria, as explicações científicas acima das explicações religiosas e o autocontrole do indivíduo são defendidos por Clodoaldo Freitas em extensa parte de sua literatura ficcional. No conto *As taras* (1912), Clodoaldo Freitas apresenta sua interpretação do mundo a partir da fala do dr. Armênio, que é uma espécie de seu *alter ego*, quando questionado por Feitosa sobre o infortúnio de sua vida tormentosa ser uma sina que ele teria que cumprir neste mundo.

Que sei eu desses temerosos problemas da vida? Fora dos limites da ciência, nada podemos saber. O que o vulgo chama destino é o que herdamos dos nossos antepassados. Trazemos no nosso sangue todas as profecias de nosso destino através da existência. Nascemos com todos os estigmas do crime gravados dentro de nós. Nossos nervos possuem, em maior ou menor escala, a carga elétrica que domina todos os homens, faz de nós um sábio, um virtuoso, um escravo, um bandido, um herói, um louco. Nós não fazemos mais

⁸⁰⁶ CHARTIER, Roger. A construção estética da realidade: vagabundos e pícaros na idade moderna. *Tempo*. Rio de Janeiro, 17, p. 33-51. 2004, p. 33.

⁸⁰⁷ TELLES, Norma. Escritoras, escritas e escrituras. In: PRIORE, Mary del. (org.). *História das mulheres no Brasil*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2013. p. 401-442, p. 401-402.

⁸⁰⁸ TELLES, Norma. Escritoras, escritas e escrituras. In: PRIORE, Mary del. (org.). *História das mulheres no Brasil*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2013. p. 401-442, p. 402.

do que aproveitar e desenvolver essas tendências orgânicas. As causas misteriosas de tudo isto, o que herdamos, em uma insignificante vesícula, todas as taras dos nossos antepassados, ninguém sabe, porque ninguém sabe o porquê das coisas.⁸⁰⁹

As argumentações de Clodoaldo Freitas são pautadas em princípios racionais, pondo abaixo as explicações sobrenaturais para os eventos do mundo e da sociedade, à semelhança de seu personagem Armênio, o inteligente bacharel em direito da narrativa. Defende que a realidade só pode ser entendida por meio dos conhecimentos científicos. “Fora da esfera das verdades científicas, o espírito humano doudeja num mar de incertezas e desalentos.”⁸¹⁰

Clodoaldo Freitas evidencia, também, em sua literatura, sobretudo em sua prosa ficcional, a constrangedora confrontação⁸¹¹ entre os sexos dentro do ambiente doméstico, na relação conjugal, na construção e manutenção da família burguesa. A representação da autoridade masculina diminuída no seio da família atestava uma desconformidade do gênero, acentuada nos comportamentos femininos, causadores da quebra da hierárquica harmonia do lar, que são representados em larga medida em sua ficção.

Os comportamentos femininos inconstantes, representados na literatura de Clodoaldo e em grande parte da literatura oitocentista, ajudou na construção de uma das definições das mulheres como imagem da falsidade.⁸¹² Definindo a mulher e tratando sobre a volubilidade feminina, o médico americano Nicholas Francis Cooke, em seu exaustivo estudo sobre gênero e sexualidade, *Satã na sociedade* (1870),⁸¹³ escreveu que

O temperamento da mulher a expõe às mais singulares inconveniências e inconsistências. Extremada no bem, ela é igualmente extremada no mal. É inconstante e mutável; ‘quer’ e ‘não quer’. Ela facilmente se enfastia com aquilo que perseguiu com o maior ardor. Passa do amor ao ódio com prodigiosa facilidade. É cheia de contradições e mistérios. Capaz das ações mais heroicas, ela não recua diante dos crimes mais atrozos. O ciúme pode transformar este anjo da paz em uma verdadeira fúria. Ela envenena seu rival tão prontamente como sacrificaria sua vida por aquele que ama. Ela é terrível

⁸⁰⁹ FREITAS, Clodoaldo. As taras. *Litericultura*, ano 1, n. 6, p. 34-43, 01 jun. 1912, p. 36.

⁸¹⁰ FREITAS, Clodoaldo. A natureza contra a religião. In: FREITAS, Clodoaldo. *Em roda dos fatos*. 3. ed. Brasília; Teresina: Senado Federal; Academia Piauiense de Letras, 2011. p. 197-200, p. 200.

⁸¹¹ GAY, Peter. Mulheres agressivas e homens defensivos. In: GAY, Peter. *A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud: A educação dos sentidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 128-167, p. 128.

⁸¹² TIBURI, Márcia. Ofélia morta: do discurso à imagem. *Estudos feministas*, Florianópolis, n. 18, p. 301-318, maio/ago. 2010, p. 303.

⁸¹³ *Satan in Society*. Satã na sociedade, livro publicado anonimamente, tratava sobre educação e instrução de meninos, homens, meninas e mulheres, masturbação masculina e feminina, aborto, casamento, religião, diferenças sexuais, papéis das mulheres no mundo, prostituição e felicidade matrimonial. Temáticas que intrigavam os intelectuais dos oitocentos diante das convulsivas mudanças pelas quais as sociedades modernas passavam. COOKE, Nicholas Francis. *Satan in Society*. [?ed.] Chicago: C. F. Vent Company, 1890, p. 6-14.

na vingança. Por vezes gentil e imperiosa, tímida e apreensiva pela percepção de sua própria fraqueza, ela é capaz de uma coragem sobre-humana.⁸¹⁴

Estas definições da mulher abrangem em grande medida as representações femininas compostas por Clodoaldo Freitas em sua literatura. As mulheres volúveis como Ernestina em *A predestinação* (1896), que apresenta uma inconstância em seus sentimentos por Alberto, Clarinha em *Um coração de mulher*, Naninha em *A beata*, e Guilhermina em *Memórias de um velho* (1905-1906) são alguns exemplos de representação da inconstância feminina e apontam para a dificuldade que os homens têm em distinguir a mulher volúvel da mulher menos grosseira, inclinada a comportamentos simpáticos e servil.

Clodoaldo também representa as mulheres ciumentas, como Celuta em *Celuta* (1907) que se transformava em uma mulher furiosa. A mulher heroica ao proteger sua honra e de uma coragem sobre-humana com Etelvina, de *A besta humana*. Assim como Paulina, em *As taras* (1912), envenenando seu marido para livrar-se do obstáculo que representava ao seu relacionamento com Feitosa. As definições de Cooke para a mulher aparecem nas diversas representações femininas na literatura de Clodoaldo, confirmando uma convergência de olhares sobre as mulheres no final dos oitocentos com o médico americano e início dos novecentos com o literato piauiense.

Clodoaldo Freitas representava em sua ficção um traço da guerra entre os sexos que se apresentava cada vez mais evidente com o transcorrer do século XIX. O clamor das mulheres por reformas e o avanço delas no lar, nas leis, nas escolas e no trabalho chocavam-se com resistências cada vez maiores.⁸¹⁵ A literatura compõe um espaço de vazão das tendências da época, forjadas nas transformações sociais, nas ansiedades, nos anseios, nos desejos e no empenho de interferir sobre a realidade da qual se aparta.⁸¹⁶ “Se é verdadeiro que as obras estéticas não são jamais meros documentos do passado, é verdadeiro também que, a seu modo, entre verdades e deboches, elas organizam as experiências compartilhadas ou singulares que constroem o que podemos considerar como real.”⁸¹⁷

⁸¹⁴ COOKE, Nicholas Francis. *Satan in Society*. [?ed.] Chicago: C. F. Vent Company, 1890, p. 275-176.

⁸¹⁵ GAY, Peter. Mulheres agressivas e homens defensivos. In: GAY, Peter. *A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud: A educação dos sentidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 128-167, p. 130.

⁸¹⁶ GAY, Peter. Mulheres agressivas e homens defensivos. In: GAY, Peter. *A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud: A educação dos sentidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 128-167, p. 154.

CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 3. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998, p. 224-226.

⁸¹⁷ CHARTIER, Roger. A construção estética da realidade: vagabundos e pícaros na idade moderna. *Tempo*. Rio de Janeiro, 17, p. 33-51. 2004, p. 51.

As representações femininas na literatura de Clodoaldo Freitas são sistemáticas,⁸¹⁸ servem a uma ordem taxinômica, que prevaleceu no século XIX, na literatura, nas artes plásticas, nos tratados científicos. Segue por uma busca para compreender essa “metade da humanidade” que se movimentava diante do destino “natural” que lhe conferia seu sexo. E move-se para conduzi-las para a natureza, compreendida a partir das explicações biológicas.

Na ficção de Clodoaldo Freitas o foco narrativo não se fixa na consciência das personagens do sexo feminino, elas são sempre apresentadas por meio de seus discursos, dos seus modos de agir nas narrativas e através dos personagens do sexo masculino ou do olhar do narrador observador, que é sempre masculino. O ponto de vista dominante é claramente o masculino. As mulheres são vistas somente de fora.

A promoção do indivíduo à categoria de sujeito moral e psicológico, ou seja, a libertação do indivíduo do grupo social, cria novas demandas aos sujeitos, que passam a ser conduzidos para a busca da felicidade, discurso que vai nortear o ordenamento social, em especial o gênero. As relações afetivas passam a ser mediadoras das disputas por poder na sociedade, nas quais se inserem a valorização do amor maternal, conjugal e filial, que passam a demandar, sobretudo das mulheres, a renúncia, a dedicação e a submissão a fim de desempenharem seu papel na sociedade.⁸¹⁹

A literatura de Clodoaldo é marcada pela tentativa de superar os conflitos entre a ordem familiar burguesa e as aspirações individuais em ascensão⁸²⁰ por meio do encontro harmônico entre o sentimento amoroso e a razão formando a felicidade conjugal, possível a partir da conformação do gênero. As mudanças na sensibilidade amorosa são evocadas na literatura de Clodoaldo Freitas em meio a inquietantes dúvidas quanto ao tipo de amor ideal. Rejeitando o amor platônico, defendia o amor materializado no beijo,⁸²¹ que passa a se fazer cada vez mais presente, sobretudo, no início do século XX.⁸²²

Clodoaldo Freitas segue uma linha conservadora – que conciliava o progresso com a ordem necessária para o restabelecimento normal da sociedade na visão comtiana⁸²³ – em

⁸¹⁸ GAY, Peter. Mulheres agressivas e homens defensivos. In: GAY, Peter. *A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud: A educação dos sentidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 128-167, p. 154.

⁸¹⁹ TRIGO, Maria. Amor e casamento no século XX. In: D’INCAO, Maria (org.). *Amor e família no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1989. p. 88-94, p. 89-90.

⁸²⁰ TRIGO, Maria. Amor e casamento no século XX. In: D’INCAO, Maria (org.). *Amor e família no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1989. p. 88-94, p. 88.

⁸²¹ FREITAS, Clodoaldo. Um caso chinês. In: FREITAS, Clodoaldo. *Em roda dos fatos*. 3. ed. Brasília; Teresina: Senado Federal; Academia Piauiense de Letras, 2011. p. 37-40, p. 40.

⁸²² LEITE, Mírian; MASSAINI, Márcia. Representações do amor e da família. In: D’INCAO, Maria (org.). *Amor e família no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1989. p. 72-87, p. 84.

⁸²³ CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 20-21.

relação às mulheres, porém, por se ater em seu exame diligente, acaba por representar muitos tipos femininos que põe em evidência uma diversidade de mulheres que se distanciam do modelo tradicional, e dá a ver um sexualidade feminina que vai muito além dos códigos de moralidade propagados para as moças das classes médias e altas.

“A maioria das representações femininas, à época da proclamação, já tinha traços *fin-de-siècle*. Salientava a sensualidade, a beleza, a fragilidade da mulher.” “A mulher que os melhores pintores da época representavam não tinha lugar no mundo da política, não tinha lugar fora de casa, a não ser nos salões e nos teatros elegantes, ou nas butiques da rua do Ouvidor.”⁸²⁴ Em sua literatura, as mulheres de classe média e alta estão apartadas dos trabalhos fora do lar, e este discurso contra a inserção das mulheres no mercado de trabalho está localizado no receio que Clodoaldo tinha em relação às mudanças provenientes do mundo capitalista em franca expansão, onde as mulheres se integravam às forças produtivas e se subjetivavam em outros campos que não os de mães e esposas devotas no lar, mas como médicas, enfermeiras, advogadas, sindicalistas.

Clodoaldo Freitas percebia uma desestabilização na sociedade porque as formas tradicionais de domínio estavam em crise e, portanto, se fazia necessário salvaguardar o gênero de uma possível inversão, na qual a mulher se masculinizaria e o homem tenderia a afeminar-se, para se evitar a inversão dos costumes e da moral, e da quebra da hegemonia heterossexual,⁸²⁵ base da formação da família burguesa, que compunha o alicerce do edifício da Nação.

O desmanchar das políticas tradicionais de dominação ocorriam quando Clodoaldo adentrava nas hostes intelectuais do Liceu e da Faculdade de Direito de Recife. Os impactos causados pela transformação no mundo político e social e as consequentes mudanças culturais no mundo moderno em intensa e rápida expansão e mutação reconfiguraram os sujeitos que se formavam em meio a tantas incertezas e tantas novidades. E eram as incertezas que impulsionavam Clodoaldo na construção de uma certeza sobre a mulher, por mais misteriosa e incerta que elas lhe parecessem, o destino da mulher deveria ser circunscrito ao lar, direcionado para a ordenação de um mundo que se encontrava à deriva.

A literatura de Clodoaldo Freitas é perpassada quase toda pela destituição do paternalismo na sociedade e na família. A deposição do paternalismo, como “uma política de

⁸²⁴ CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 95.

⁸²⁵ FREITAS, Clodoaldo. O feminismo. In: FREITAS, Clodoaldo. *Em roda dos fatos*. 3. ed. Brasília; Teresina: Senado Federal; Academia Piauiense de Letras, 2011. p. 77-81, p. 78-79.

domínio na qual a vontade senhorial é inviolável, e na qual os trabalhadores e os subordinados em geral só podem se posicionar como dependentes em relação a essa vontade soberana”,⁸²⁶ na sociedade moderna assinala para o enfraquecimento do poder marital e para a fragilização da família nuclear enquanto ponto irradiador do poder masculino na sociedade.

A família que Clodoaldo Freitas representa em sua ficção é o tipo de família burguesa, caracterizada pelo amor entre os cônjuges, pela valorização da maternidade dedicada, pelo cultivo da mãe como um ser especial e do pai como provedor da família, pelo distanciamento da casa, como ambiente privado, do espaço da rua, como ambiente público. Contudo, essa família não se apresenta, necessariamente, de acordo com o modelo burguês idealizado. O estilo literário de Clodoaldo Freitas explora a crueza da sociedade burguesa e escrutina as mulheres por meio das representações das mais variadas extirpes femininas, compondo valores e modelos para elas, buscando interferir na sociedade do início do século XIX, que percebia em profundas e rápidas transformações, construindo, assim, o gênero.

É por meio da literatura, no caso específico, de Clodoaldo Freitas, que podemos analisar as representações de mulheres que não se enquadram no modelo ideal de feminilidade preconizado a elas. Como as mulheres licenciosas, que não preservam a aclamada castidade e se permitem viver a sexualidade em relações não consumadas pelo casamento, como a norma prescrevia. Possibilitando, assim, perceber as sensibilidades, as práticas e os costumes que se modificavam, traçando um paralelo com as práticas de mulheres reais consideradas singulares, como a senhora de Steinheil e George Sand.

As esposas autoritárias, geniosas e insubmissas representadas nas figuras de Guilhermina, Quinoca, Ângela somam-se às mulheres que rejeitavam a autoridade marital, legalmente assegurada, mas desviada nos costumes e na privacidade do lar. A expansão da educação das moças conferia a muitas delas uma confiança para cuidarem de suas próprias vidas sem a necessidade de um marido, as quais não foram representadas na literatura de Clodoaldo Freitas, mas que permitiram a elas se destacarem em relação aos homens na sociedade, e a se imporem sobre autoridade masculina, que perdia força diante do questionamento das autoridades tradicionais.

O esforço de Clodoaldo Freitas em controlar os desígnios femininos via literatura apresentava-se na mesma medida que o poder masculino parecia se esvaír diante do crescimento das demandas feministas pela reconfiguração da sociedade a partir do gênero, que se não

⁸²⁶ CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 29.

passava pela abolição deste, como acentuou Scott em sua *Cidadã Paradoxal*,⁸²⁷ diante da afirmação da mulher como o diferente do homem, passavam por uma profunda modificação ou suavização da hierarquia que lhe é inerente.

O ideal romano é revisitado em Clodoaldo Freitas com as representações de mulheres volúveis. Em Virgílio “a mulher é algo mutável e inconstante”⁸²⁸ e ganha acentuada reverberação no século XIX, com Victor Hugo em *Le roi s'amuse* (1832), onde o duque fala que “muitas vezes a mulher varia, / bem, o tolo é quem confia! / Uma mulher muitas vezes / é apenas uma pena no vento”.⁸²⁹ Obra que inspirou a criação do melodrama em três atos, de Francesco Maria, Piave *Rigoletto* (1851), musicado por Giuseppe Verdi e representado inúmeras vezes no Brasil desde meados do século XIX, no qual o duque canta

A mulher é volúvel como pluma ao vento / Muda de tom e de pensamento /
Sempre um amável, gracioso rosto / Em pranto ou em riso, é mentiroso / A
mulher é volúvel como pluma ao vento / Muda de tom e de pensamento, e de
pensamento / E... E de pensamento / É sempre um infeliz quem a ela se entrega
/ Quem lhe confia incautamente o coração! / Também nunca se sente feliz em
cheio / Quem naquele seio não saboreia amor! / A mulher é móvel como pluma
ao vento / Muda de tom e de pensamento, e de pensamento / E... E de
pensamento.⁸³⁰

⁸²⁷ SCOTT, Joan. *A cidadã paradoxal: as femininas francesas e os direitos do homem*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2002.

⁸²⁸ *Varium et mutabile semper femina*. VIRGILIO. *Eneida*. Clássicos Jackson, vol. 3, 2005, p. 569-570.

⁸²⁹ *Souvent femme varie, / Bien fol est qui s'y fie! / Une femme souvent / N'est qu'une plume au vent!* HUGO, Victor. *Le roi s'amuse*. France: Hachette, 2008, p. 163-164.

⁸³⁰ *La donna è mobile / qual piuma al vento, / muta d'accento ~ e di pensier. / Sempre un amabile / leggiadro viso, / in pianto o in riso, ~ è menzogner. / È sempre misero / chi a lei s'affida, / chi le confida ~ mal cauto il cor! / Pur mai non sentesi / felice appieno / chi su quel seno ~ non liba amor!* PIAVE, Francesco. *Rigoletto*. Libretto n. 14, ott. 2002, p. 30. A ópera melodramática de Verdi foi representada pela primeira vez no Rio de Janeiro em 17 de janeiro de 1856 no teatro. LYRICO Fluminense. *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, ano 31, n. 16, p. 4, 16 jan. 1856.

CONCLUSÃO

Oriundo de famílias de elite, urbanizadas e letradas, no Piauí dos oitocentos, Clodoaldo Freitas foi inserido desde muito cedo no seletto mundo da escrita. Sendo suas famílias associadas ao Partido Liberal, a atuação política de Clodoaldo foi tributária do envolvimento de seus familiares nos cargos de direção do Império. Bastante influenciado pelas ideias iluministas, ele se autoafirmava como livre-pensador, republicano, anticlericalista, racionalista e defensor do cientificismo.

Devido a esses posicionamentos, transitou por diversas regiões em busca de colocações nos espaços públicos de poder. Suas opiniões diante da sociedade foram expostas em seus textos publicados, sobretudo, em periódicos de Teresina, São Luís e Belém, nos quais escreveu artigos jornalísticos, crônicas, prosa ficcional, entre outras produções. Excluído dos quadros políticos na nascente República, debruça-se na produção de contos, novelas e romances, no alvorecer do século XX, por meio da qual busca influir sobre o seu meio.

Representou profusamente as figuras femininas articuladas às figuras masculinas em sua literatura, pela qual buscava compor um ordenamento da sociedade com base na construção do modelo familiar burguês e da representação da mulher voltada para o lar e para a família. Nesse contexto, a maternidade seria o ideal de vida feminino e o pudor, o comportamento dócil, amoroso e abnegado seriam cultivados nas mulheres, compondo o alicerce para a harmonia do lar e da família burguesa em consolidação.

As representações femininas e a necessária construção do gênero, nesse mundo que se civilizava, compuseram, ao lado da crítica anticlerical, as marcas da prosa ficcional de Clodoaldo Freitas, as quais foram organizadas narrativamente em torno do drama romântico e do naturalismo em voga no final do século XIX e início do século XX. Essas representações das mulheres em sua ficção são elaboradas a partir das apropriações do escritor de sua realidade e dos textos que representava a sociedade moderna do período.

A formação da geração de Clodoaldo Freitas forjou seu empenho literário como atividade política, na mais larga acepção do termo, extrapolando a política institucional. Ele instituiu a prática política em sua literatura também na conformação do gênero, ou seja, intervindo na organização da sociedade a partir das definições e atribuições direcionadas aos indivíduos distinguidos pelas diferenças sexuais em homens e mulheres, tomados assim a partir das explicações tradicionais patriarcais apoiadas na natureza e reatualizadas cientificamente.

O período vivido por Clodoaldo Freitas foi marcado por um refreamento da violência, canalizada, em grande parte, para a literatura. Os embates diretos cedem lugar às lutas de

representação. E no mundo das representações, das letras, reside a rejeição ou a aceitação, e, portanto, a existência social desses indivíduos, que forjam a si mesmos e seu mundo.

Clodoaldo Freitas, embora represente uma pluralidade de mulheres, busca uma unidade de sentido para elas. A maternidade é a unidade de sentido positivada em sua literatura: toda mulher deve ser mãe. A mulher indecifrável é a definição que abrange a todas as mulheres e tem sentido negativo nas elucubrações de Clodoaldo. Essa é a mulher que, talvez, antes de tudo, atrai ou repugna. A que desperta desejo ou asco. A beleza ou o horror. Ou aquela que produz todos esses sentimentos concomitantemente.

O receio das mulheres tomarem o controle sobre os relacionamentos, do namoro ao casamento, gera uma ansiedade em Clodoaldo. A marca desse temor se encontra na intensa tematização das mulheres poderosas, insubmissas e desdenhosas em seus contos e crônicas dos anos de 1907 a 1909, sinalizadas já desde 1905 e 1906 com *Memórias de um velho*. A família como base da sociedade burguesa passa a ter cada vez mais importância. Para a sua consolidação é necessário que o sentimento amoroso cultivado nas mulheres seja disciplinado. É a partir da família nuclear burguesa e do amor disciplinado que Clodoaldo Freitas intenta construir o gênero, pedagogizando os comportamentos desviados que são representados com certa cruza em sua literatura.

Os atos femininos viciosos, punidos diegeticamente, marcam o tom prescritivo da literatura de Clodoaldo, que, pelo resumo da vida humana centralizado nas representações femininas, forja uma prática que constrói culturalmente a realidade social a partir de seu olhar sobre as mulheres reais, comunicando-se com elas. O eterno feminino, formado por qualidades abstratas como maternidade, beleza, suavidade, doçura, ou seja, um ser marcado pela imobilidade, apresenta-se, na literatura de Clodoaldo Freitas e em grande parte da literatura oitocentista, em franca decadência, sacudido por rápidas e profundas mudanças que se apresentavam no mundo moderno. A mulher representada surge, então, como um ser histórico.

REFERÊNCIAS

- ABRANTES, Elizabeth. “*O dote é a moça educada*”: mulher, dote e instrução em São Luís na Primeira República. 2010. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.
- ACADEMIA PIAUIENSE DE LETRAS. *Cristino, vida exemplar*. Teresina: Ed. Junior, 1992.
- ALMEIDA, Cândido. *Quinto livro das Ordenações*: additamentos. 14. ed. Rio de Janeiro: Typ. Do Instituto Philomathico, 1870.
- AMÁLIA, Narcisa. *Nebulosas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Gradiva, 2017.
- AMATO, Rita. O piano no Brasil: uma perspectiva histórico-sociológica. XVII Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música, 2007, São Paulo. *Anais do XVII congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Música*. São Paulo, Unesp, p. 1-11, set. 2007.
- APMA, Arquivo da Arquidiocese – São Luís / MA, caixa: 135, maço: 628, documento: 4486, 1863.
- ARAÚJO, Johny. *Bravos do Piauí! Orgulhai-vos. Sois dos mais bravos batalhões do Império: a propaganda nos jornais piauienses e a mobilização para a guerra do Paraguai (1865-1866)*. 2009. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.
- ARIÉS, Philippe. *História social da criança e da família*. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- ARISTÓTELES. *Os econômicos*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2004.
- AUZIAS, Claire. Louise Michel. *Verve*. São Paulo, 2006, n. 10, p. 101-108, jul. 2006.
- AVELINO, Jarbas. *As escritas dos bacharéis: A ciência e o direito como mediadores para a construção de uma sociedade republicana*. 2010. Dissertação (Mestrado em História) - Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2010.
- BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BALZAC, Honoré de. *A comédia humana: estudos de costumes: cenas da vida privada*. 3. ed. São Paulo: Globo, 2012.
- BARMAN, Roderick J. *Princesa Isabel do Brasil: gênero e poder no século XIX*. São Paulo: Editora UNESP, 2005.
- BARROS, Nino. *Benedito Pestana: o pai do jornalismo altoense*. Teresina: Graficon, 2017.
- BATISTA, Jônatas. *Poesia e prosa*. Teresina: Projeto Petrônio Portella, 1985.

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo: a experiência vivida*. 2. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, vol. 2, 1967.

BÉJAR, Helena Merino. *El ámbito íntimo: Privacidad, individualismo y modernidade*. Madri: Alianzam 1988, p. 189.

BEVILACQUA, Clóvis. *História da Faculdade de Direito do Recife*. 3. ed. Recife: UFPE, 2016.

BORELLI, Andrea. Adultério e a mulher: considerações sobre a condição feminina no direito de família. *Caderno Espaço Feminino*. v. 11, n. 14, Jan./Jul. 2004.

BRANDÃO, Tanya Maria Pires. *A elite colonial piauiense: família e poder*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1995.

BRASIL. *Código civil* quadro comparativo 1916/2002. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2003.

BRITO, Nercinda. *O experienciar da morte: comportamentos frente à finitude em Teresina de 1900 a 1930*. 2012. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2012.

BULFINCH, Thomas. *O livro de ouro da mitologia: (a idade da fábula): histórias de deuses e heróis*. 26. ed. Rio de Janeiro, 2002.

CARDOSO, Elizangela Barbosa. *Identidades de gênero, amor e casamento em Teresina: 1920-1960*. 2010. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CASSIRER, Ernst. *A filosofia do iluminismo*. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 1992.

CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. *História e masculinidades*. Teresina: EDUFPI, 2008.

CASTELO BRANCO, Pedro. (org.). *História e ficção*. Imperatriz: Ética, 2009.

CASTELO BRANCO, Pedro. *Famílias e escritas: a prática dos literatos e as relações familiares em Teresina nas primeiras décadas do século XX*. 2005. Tese (Doutorado em História) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005a.

CASTRO, Viveiros. *Atentados ao pudor: estudos sobre as aberrações do instinto sexual*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Freitas Bastos, 1934.

CAULFIELD, Sueann. *Em defesa da honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940)*. Campinas: Editora da Unicamp, 2000.

- CECCHINI, Giselle. *Lucrecia Borgia: um drama no oceano de Vitor Hugo*. 2009. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 3. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.
- CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- CHARTIER, Roger. A construção estética da realidade: vagabundos e pícaros na idade moderna. *Tempo*. Rio de Janeiro, 17, p. 33-51. 2004.
- CHARTIER, Roger. *História cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 2002.
- CHARTIER, Roger. Textos, impressão, leituras. In: HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 211-238.
- CHAVES, Monsenhor. *Obra completa*. Teresina: Fundação Municipal de Cultura Mons. Chaves, 2013.
- COOKE, Nicholas Francis. *Satan in Society*. [?ed.] Chicago: C. F. Vent Company, 1890.
- CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (org.). *História da virilidade. O triunfo da virilidade. O século XIX. v. 2*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- COSTA FILHO, Alcebiades. Circulação de livros no Piauí oitocentista. *III Simpósio de História do Maranhão Oitocentista*. UEMA, p. 1-8, jul. 2013.
- COSTA, Mara Lígia Fernandes; CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. O lar transformado em inferno. *História Unisinos*, São Leopoldo, n. 15, p. 256-265, mai./ago. 2011.
- COSTA, Mara. *A escrita e o desejo: as relações de gênero na produção literária de Clodoaldo Freitas*. 2010. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2010.
- COSTA, Patrícia; SOUSA, Germana. George Sand no Brasil. *Belas Infiéis*, v. 4, n. 1, p. 257-288, 2015.
- COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil: preliminares*. São Paulo: Global, 2004.
- CUNHA, Higino. Clodoaldo Freitas: sua vida e sua obra. *Revista da Academia Piauiense de Letras*, Teresina, ano 7, p. 28-57, dez. 1924.
- CUNHA, Higino. *Memórias: Traços autobiográficos*. 2. ed. Brasília; Teresina: Senado Federal; Academia Piauiense de Letras, 2011.
- D'INCAO, Maria (org.). *Amor e família no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1989.

DIAS, Luma Pinheiro. Nísia Floresta e a escrita em defesa da educação feminina nos oitocentos. 2017. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2017.

DINIZ, Almachio. *Do divórcio*. Rio de Janeiro: Jacinto Ribeiro Editor, 1916.

DUARTE, Constância Lima. *Nísia Floresta*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

DUBY, Georges; PERROT, Michelle. *História das mulheres no Ocidente*. Porto: Edições Afrontamento, vol. 4, 1998.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2011.

FERREIRA, Antônio Celso. *Literatura*. A fonte fecunda. In: LUCA, Tania Regina de;

PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *O Historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 61-92.

FREITAS, Clodoaldo. *Coisas da Vida*. Imperatriz: Ética, 2009a.

FREITAS, Clodoaldo. *Em roda dos fatos*. 3. ed. Brasília; Teresina: Senado Federal; Academia Piauiense de Letras, 2011.

FREITAS, Clodoaldo. *Escritos de Clodoaldo Freitas, Alcides Freitas e Lucídio Freitas*, [São Luís], v. 2, 1908.

FREITAS, Clodoaldo. *Escritos de Clodoaldo Freitas*, Belém, v. 1, 1904.

FREITAS, Clodoaldo. *Escritos de Clodoaldo Freitas*. [São Luís], v. 3, 1908.

FREITAS, Clodoaldo. George Sand no teatro. *Diário Oficial*, São Luís, ano 9, n. 43, p. 1, 21 fev. 1914.

FREITAS, Clodoaldo. *História de Teresina*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1988.

FREITAS, Clodoaldo. *Memórias de um velho*. Imperatriz: Ética, 2008.

FREITAS, Clodoaldo. *O Bequimão*: Esquisso de um romance. São Paulo: Siciliano, 2001.

FREITAS, Clodoaldo. *Os Burgos e outros contos*. Imperatriz: Ética, 2010a.

FREITAS, Clodoaldo. *Os fatores do coelhado*. Teresina: Tipografia do Democrata, 1892.

FREITAS, Clodoaldo. *Por um sorriso*. Imperatriz: Ética, 2009b.

FREITAS, Clodoaldo. *Um segredo de família e outros contos*. Imperatriz: Ética, 2009c.

FREITAS, Clodoaldo. *Vultos piauienses*. 3. ed. Teresina: Academia Piauiense de Letras/EDUFPI, 2012.

FREITAS, Lucídio. *Poesia completa*. 2. ed. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 2016.

FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. 15. ed. São Paulo: Global, 2004.

GASPARIN, Agénor. La femme-homme. In: GASPARIN, Agénor. *L'Ennemie de la famille*. Paris: Michel Lévy Frères Éditeurs, 1874.

GAY, Peter. *A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud: A educação dos sentidos*. São Paulo: Companhia das Letras, vol. 1, 1988.

GAY, Peter. *A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud: O cultivo do ódio*. São Paulo: Companhia das Letras, vol. 3, 1993.

GAY, Peter. *Represálias selvagens: realidade e ficção na literatura de Charles Dickens, Gustave Flaubert e Thomas Mann*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GOMES, João. *Vigiando e reprimindo: o papel da imprensa no cotidiano dos moradores de Belém (1897-1910)*. 2017. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2017.

GONÇALVES, Wilson Carvalho. *Antologia da academia piauiense de letras*. Teresina: Halley, 2007.

GUTEMBERG, Paulo. *História e identidade. As narrativas da piauiensidade*. 2008. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2008.

HESÍODO. *Os trabalhos e os dias*. Curitiba: Segesta, 2012.

HOBSBAWM, Eric. *A era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOBSBAWM, Eric. *A era dos impérios: 1875-1914*. 8ª Edição. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 2003.

HOUBRE, Gabrielle. O corpo e a sexualidade das mulheres: do século XVIII ao período entre guerras. *Pro-Posições*, v. 14, n. 2 (41), p. 103-119. maio/ago. 2003.

HUGO, Victor. *Le roi s'amuse*. France: Hachette, 2008.

HUNT, Lynn (org.). *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ISER, Wolfgang. Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional. In: LIMA, Luiz Costa (org.). *Teoria da literatura em suas fontes*. Vol. 2. 3.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. p. 955-985.

KEHL, Maria. *Deslocamentos do feminino*. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 2008.

- KRAFFT-EBING, R. Von. *Psychopathia Sexualis*. London: Forgotten Books, 2012.
- LAQUEUR, Thomas. *Inventando o sexo: Corpo e gênero dos gregos à Freud*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- LIMA, Miridan. *Aos encantos do lar: amor e companheirismo entre Amélia Bevilacqua e Clóvis Bevilacqua*. 2016. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2016.
- LIVIO, Tito. *Ab vrbe condita: Historia de Roma desde su fundación. Libros 1 a 10*. Madrid: Imprenta Real de Madrid, 2011.
- LOBATO, Josefina Pimenta. *Amor, desejo e escolha*. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- LUCA, Tania Regina de; PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *O Historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2013.
- MACEDO, Joaquim Manuel de. *A moreninha*. 2. ed. Rio de Janeiro: Tipografia Americana de I. P. da Costa, 1845.
- MAGALHÃES, Maria do Socorro Rios. *Horizontes de leitura e crítica literária: A recepção da literatura piauiense (1900-1930)*. 1997. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras e Artes, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1997.
- MAGALHÃES, Maria do Socorro Rios. *Literatura piauiense. Horizontes de leitura & crítica literária (1900-1930)*. 2. ed. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 2016.
- MARTINS, Francisco de Sousa. Progresso do jornalismo no Brasil. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, p. 262-275, abr. 1846.
- MATTOSO, Kátia. *Bahia, século XIX. Uma Província no Império*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1992.
- MORAIS, Francilene. *Sociedade e Família: um estudo dos casamentos em Barras (PI) de 1889 a 1930*. 2017. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2017.
- NERIS, Wheriston Silva. A produção do corpo sacerdotal no Bispado do Maranhão (XIX): Formação seminarística e introdução de novos modelos disciplinares. *Outros Tempos*, São Luís, v. 8, n. 12, p. 17-43, dez. 2011.
- NEVES, Abdias. *Um manicaca*. 4. ed. Teresina: Fundação Quixote, 2010.
- PARANHOS, Haroldo. *História do romantismo no Brasil*. São Paulo: Edições Cultura Brasileira, 1937.
- PIAVE, Francesco. *Rigoletto*. Libretto n. 14, ott. 2002.
- PINHEIRO FILHO, Celso. *História da Imprensa no Piauí*. 3. ed. Teresina: Zodíaco Editora, 1997.

- PINHEIRO, Áurea da Paz. *O desmoronar das utopias: Abdias Neves (1876-1928): anticlericalismo e política no Piauí nas três primeiras décadas do século XX*. 2003. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.
- POE, Edgar. *Poemas e ensaios*. 3. ed. São Paulo: Globo, 1999.
- PRÉVOST, Marcel. *La princesse d'Erminge*. Paris: Alphonse Lemerre Editeur, ?.
- PRIORE, Mary Del (org.). *História das mulheres no Brasil*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2013.
- PRIORE, MARY DEL. *Condessa de Barral: a paixão do Imperador*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.
- PRIORE, Mary Del; AMANTINO, Márcia. (org.). *História dos homens no Brasil*. São Paulo: Editora Unesp, 2013.
- QUEIRÓS, Eça de. *Os Maias: episódios da vida romântica*. RocketEdition, 2006.
- QUEIROZ, Teresinha. *A importância da borracha de maniçoba na economia do Piauí: 1900-1920*. Dissertação (Mestrado em História) – Ciências Humanas Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1984.
- QUEIROZ, Teresinha. Amélia Bevilacqua e a escrita feminina no Brasil. In: BORRALHO, José Henrique de Paula. *Pontos, contrapontos não desvendados: os vários tecidos sociais de um Brasil oitocentista*. São Luís: Café & Lápis; Editora UEMA, 2011. p. 203-218.
- QUEIROZ, Teresinha. *Economia piauiense: da pecuária ao extrativismo*. Teresina: APeCH/UFPI, 1993.
- QUEIROZ, Teresinha. *História da educação no Piauí*. 2. Ed. Teresina, Academia Piauiense de Letras, 2017.
- QUEIROZ, Teresinha. Homo sum. In: FREITAS, Clodoaldo. *Em roda dos fatos*. Teresina: Fundação Cultural Mons. Chaves, 1996. P. 5-16.
- QUEIROZ, Teresinha. Lucídio Freitas: juventude, cultura e história. In: CASTELO BRANCO, Pedro. *História e ficção*. Imperatriz: Ética, 2009. p. 171-191.
- QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República: Clodoaldo Freitas, Higinio Cunha e as tiranias do tempo*. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2011.
- RIBEIRO, Luis. *Mulheres de Papel: um estudo do imaginário em José de Alencar e Machado de Assis*. Niterói: EDUFF, 1996.
- ROCHA, Olívia. Mulheres e Imprensa no Piauí no Final do Século XIX e Início do Século XX. *II Encontro Nordeste de História da Mídia*. Identidade, memória e convergência midiática. Teresina, p. 1-15, 20-21 jun. 2012.

- ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Emílio ou da educação*. 3. ed. São Paulo; Rio de Janeiro: DIFEL, 1979.
- SAMARA, Eni de Mesquita. Mistérios da “fragilidade humana”: o adultério feminino no Brasil, séculos XVIII e XIX. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 15, n. 29, p. 57-71, 1995.
- SANTOS, Cristian. *Padres, beatas e devotos*. Figuras do anticlericalismo na literatura naturalista brasileira. 2010. Tese (Doutorado em Literatura) - Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2010.
- SANTOS, Ellen. A prosa romântico-realista de Clodoaldo Freitas em “Os bandoleiros”. *Artigo produzido na disciplina Literatura nacional: autores piauienses*, ministrada na UFPI, em 2011/1, pelo prof. Airton Sampaio
- SANTOS, Gervásio; KRUEL, Kenard. *História do Piauí*. Teresina: Halley/Zodíaco, 2009.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 5-22, jul./dez. 1990.
- SCOTT, Joan. *A cidadã paradoxal: as femininas francesas e os direitos do homem*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2002.
- SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: SEVCENKO, Nicolau. (org.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, vol. 3, 1998. p. 513-654.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- SILVA, Camila. “*Ser elegante*”: mulher, moda, corpo e sociabilidade em São Luís/MA (1890-1920). 2016. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2016.
- SOARES, Angélica. *Gêneros literários*. 7. ed. São Paulo: Editora Ática, 2007.
- TIBURI, Márcia. Ofélia morta: do discurso à imagem. *Estudos feministas*, Florianópolis, n. 18, p. 301-318, maio/ago. 2010.
- TITO FILHO, A. *Governadores do Piauí: capitania, província, estado*. 3. ed. Rio de Janeiro: Artenova, 1975.
- TOLSTÓI, Leon. *Contos de Sebastopol*. São Paulo: Hedra, 2011.
- TOLSTÓI, Leon. *Guerra e paz*. São Paulo: Cosac & Naify, 2012.
- VIDE, Sebastião Monteiro da. *Constituições primeiras do Arcebispado da Bahia*. São Paulo: Tipografia 2 de Dezembro de Antônio Louzada Antunes, 1853.

VIEIRA, Maria Alveni Barros; SOARES, Norma Patrycia Lopes. *A professora e o inspetor: disputas de poder no magistério piauiense na década de 1860*. IV Encontro de Pesquisa em Educação da UFPI: a pesquisa como mediação de práticas socioeducativas. Teresina: UFPI, 2006.

VIRGILIO. *Eneida*. Clássicos Jackson, vol. 3, 2005.

WEBER, Max. *A gênese do capitalismo moderno*. São Paulo: Ática, 2006.

ZIN, Rafael. Maria Firmina dos Reis e a imprensa literária no Maranhão do século XIX. *Rev. Interd. em Cult. e Soc. (RICS)*, São Luís, v. 4, n. especial - dossiê temático, p. 15-27. 2018.

ZOLA, Emile. *A besta humana*. Coleção Clássicos Zahar - edição comentada e ilustrada. Tradução, Apresentação e Notas: Jorge Bastos. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

FONTES

Hemerográficas

A Imprensa. Teresina, ano 1, n. 23, 30 dez. 1865.

A Imprensa, Teresina, ano 2, n. 67, 3 nov. 1866.

A Imprensa, Teresina, ano 3, n. 138, 14 mar. 1868.

A Imprensa. Teresina, ano 3, n. 146, 9 maio 1868.

A Imprensa. Teresina, ano 3, n. 150, 6 jun. 1868.

A imprensa. Teresina, ano 4, n. 170, 24 out. 1868.

A Imprensa, Teresina, ano 4, n. 172, 7 nov. 1868.

A Imprensa. Teresina, ano 4, n. 180, 06 jan. 1869.

A Imprensa, Teresina, ano 4, n. 181, 13 jan. 1869.

A Imprensa. Teresina, ano 4, n. 186, 17 fev. 1869.

A imprensa. Teresina, ano 5, n. 248, 18 maio 1870.

A imprensa. Teresina, ano 6, n. 286, 2 fev. 1871.

A Imprensa. Teresina, ano 7, n. 314, 27 jul. 1871.

A Imprensa. Teresina, ano 15, n. 614, 18 out. 1879.

A Imprensa. Teresina, ano 16, n. 690, 30 jun. 1881.

- A Imprensa. Teresina, ano 17, n. 716, 16 jan. 1882.
- A Imprensa. Teresina, ano 18, n. 759, 6 jan. 1883.
- A Imprensa. Teresina, ano 19, n. 818, 26 abr. 1884.
- A Imprensa. Teresina, ano 19, n. 828, 10 jul. 1884.
- A Imprensa, Teresina, ano 20, n. 847, 17 dez. 1884.
- Almanaque administrativo, mercantil e industrial do Estado do Pará e indicador para 1904-1905. Ano 1.
- Alvorada. Teresina, ano 1, n.1, 15 jul. 1909.
- Alvorada. Ano 1, n. 4, Teresina, 30 ago. 1909, p. 17.
- A Mocidade. São Luís, ano 1, n. 3, 20 ago. 1875.
- Chapada do Corisco. Teresina, ano 1, n. 2, 25 maio 1918.
- Diário de Pernambuco, Recife, ano 34, n. 290, 18 dez. 1858.
- Diário do Maranhão, São Luís, ano 6, n. 611, 18 ago. 1875.
- Diário do Maranhão, São Luís, ano 31, n. 7924, 30 jan. 1900.
- Diário do Maranhão, ano 34, n. 9033, p. 2, 21 set. 1903.
- Diário do Maranhão. Maranhão, ano 37, n. 9792, p. 1, 24 mar. 1906.
- Diário do Maranhão. Maranhão, ano 37, n. 9827, p. 2, 8 maio 1906.
- Diário do Maranhão. Maranhão, ano 37, n. 9839, p. 2, 22 maio 1906.
- Diário do Maranhão. Maranhão, ano 37, n. 9930, p. 2 7 set. 1906.
- Diário do Maranhão. Maranhão, ano 37, n. 9982, p. 2, 8 nov. 1906.
- Diário do Maranhão, São Luís, ano 39, n. 10362, p. 2, 5 fev. 1908.
- Diário do Maranhão, São Luís, ano 39, n. 10434, p. 2, 30 abr. 1908.
- Diário do Maranhão, São Luís, ano 39, n. 10586, 26 out. 1908.
- Diário do Maranhão, São Luís, ano 39, n. 10.629, 16 dez. 1908.
- Maranhão, Diário do Maranhão, ano 40, n. 10710, 23 mar. 1909.

Diário do Maranhão, São Luís, ano 40, n. 10732, p. 1, 20 abr. 1909.

Diário do Maranhão. São Luís, ano 40, n. 10741, 30 abr. 1909.

Diário do Maranhão, São Luís, ano 40, n. 10791, p. 1, 29 jun. 1909.

Diário do Piauí, Teresina, Ano 2, n. 53, 10 mar. 1912.

Diário do Piauí, Teresina, ano 2, n. 82, 19 abr. 1912.

Diário do Piauí. Teresina, ano 2, n. 111, 30 maio 1912.

Echos da Juventude. São Luís, vol. 1, n. 14, p. 107, 12 mar. 1865.

Folha do Norte. Pará, ano 2, n. 375, 10 jan. 1897.

Jornal de Recife. Recife, ano 19, n. 68, 23 mar. 1876.

Litericultura. Teresina, ano 1, n. 1, 1 jan. 1912.

Litericultura. Teresina, ano 1, n. 6, 1 jun. 1912.

O Cherubim, Rio de Janeiro, ano 2, n. 47, 1 ago. 1886.

O Dia, p. 6, 10 nov. 1966.

O Dia, p. 3, 11 nov. 1966.

O dia. Teresina, 30 dez. 1987.

O Norte, Teresina, ano 9, n. 347, 19 nov. 1907.

O Piauí. Teresina, ano 5, n. 210, 15 mar. 1872.

O Piauí. Teresina, ano 5, n. 211, 23 mar. 1872.

Pacotilha. Maranhão, ano 8, n. 68, 9 mar. 1888.

Pacotilha, Maranhão, Ano 25, n. 89, 14 abr. 1905.

Pacotilha. Maranhão, Ano 26, n. 110, 10 maio 1906.

Pacotilha, Maranhão, ano 27, n. 21, p. 2, 24 jan. 1907.

Pacotilha, Maranhão, ano 27, n. 124, p. 2, 25 maio 1907.

Pacotilha. Maranhão, ano 27, n. 211, 5 set. 1907.

Pacotilha, Maranhão, ano 27, n. 213, p. 2, 7 set. 1907.

Pacotilha. Maranhão, ano 28, n. 56, 6 mar. 1908.

Pará-Maçom, Belém, ano 1, n. 5, 1904.

Pátria, Teresina, ano 1, n. 9. 28 dez. 1902.

Pátria, Teresina, ano 2, n. 57. 22 nov. 1903.

PIAUI. Câmara Legislativa do Piauí. Mensagem apresentada á Câmara Legislativa do Piauí pelo Exmo. Sr. Governador do Estado Dr. Miguel de Paiva Rosa no dia 1º de junho de 1913.

Teresina: Typographia Paz, 1913.

Publicador Maranhense. São Luís, ano 33, n. 24, 30 jan. 1874.

Publicador Maranhense. São Luís, ano 33, n. 52, 5 mar. 1874.

Publicador Maranhense. São Luís, ano 33, n. 268, 25 nov. 1874.

Publicador Maranhense. São Luís, ano 33, n. 291, 21 dez. 1874.

PIAUI. Câmara Legislativa do Piauí. Mensagem apresentada à Câmara Legislativa do Piauí pelo Exmo. Sr. Governador do Estado Dr. Miguel de Paiva Rosa no dia 1º de junho de 1914.

Rio de Janeiro: Liga Marítima Brasileira, 1914

PIAUI. Câmara Legislativa do Piauí. Mensagem apresentada à Câmara Legislativa do Piauí pelo Exmo. Sr. Governador do Estado Dr. Miguel de Paiva Rosa no dia 1º de junho de 1917.

Teresina: Imprensa Oficial, 1918, p. 12.

PIAUI. Câmara Legislativa do Piauí. Mensagem apresentada à Câmara Legislativa do Piauí pelo Exmo. Snr. Dr. Euripedes Clementino de Aguiar, Governador do Estado em 1º de junho de 1919. Teresina, 1919.

Recreio das moças, Rio de Janeiro, ano 1, n. 1. 1 out. 1877.